

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO

ARIANE CORRÊA PACHECO

TALENTO ESPORTIVO:

Uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física

Porto Alegre
2017

ARIANE CORRÊA PACHECO

TALENTO ESPORTIVO:

Uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de doutora em Ciências do Movimento Humano.

Orientador: Dr. Marco Paulo Stigger

Porto Alegre
2017

CIP - Catalogação na Publicação

PACHECO, ARIANE CORREA

TALENTO ESPORTIVO: uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física / ARIANE CORREA PACHECO. -- 2017.

177 f.

Orientador: MARCO PAULO STIGGER.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Escola de Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Esporte. 2. Talento Esportivo. 3. Etnografia.
4. Alto rendimento. I. STIGGER, MARCO PAULO, orient.
II. Título.

ARIANE CORRÊA PACHECO

TALENTO ESPORTIVO:

Uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física

Conceito Final: A

Aprovado em 16 de outubro de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Jorge Gonçalves Soares
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Mauro Myskiw
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prod. Dr. Leandro Forell
Universidade do Estado do Rio Grande do Sul
(Suplente)

Dr. Marco Paulo Stigger
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
(Orientador)

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é fruto de um processo coletivo. No decorrer da minha trajetória de doutoramento tive o privilégio de fazer parte de discussões, instituições e, principalmente, de conviver com pessoas que instigaram reflexões, compartilharam saberes, mobilizaram sonhos, animaram paixões e demonstraram que eu não estava sozinha nesse longo percurso.

Inicialmente, agradeço aos meus pais, José Carlos e Ilda, por viabilizarem uma trajetória que envolveu distâncias, ausências e diferentes formas de investimento. Muito obrigada! À Shana, minha querida irmã, por compartilhar a vida comigo de uma forma tão doce e acolhedora. És o meu abrigo, obrigada! À Melissa, minha sobrinha, por fazer parte da minha vida. Agradeço ao meu avó Waldemar, às minhas avós Amália e Leyla. Apesar de não estarem mais por aqui, são as minhas referências de amor, cuidado e carinho.

Agradeço à Mariana Pessini, minha companheira e minha alegria. Escolhemos, todos os dias, construir uma família alicerçada no amor, na compreensão e na alegria, inclusive quando os dias são daqueles mais difíceis. Obrigada por todo amparo, cuidado e incentivo. À Rute e ao Paulo pela generosidade e pelo carinho com o qual me acolheram em sua família. Estendo os agradecimentos à equipe de meninas da Casa Rima, Bárbara, Ana Paula e Tânia. Obrigada pela alegria e apoio.

Aos meus queridos alunos e colegas das escolas em que trabalhei nestes últimos quatro anos. À escola Assis Brasil, vinculada à Prefeitura Municipal de Canoas/RS, por me ensinar que o processo de ensino-aprendizagem se faz com diferentes saberes e também com amor, apesar dos dias atribulados. Ao Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul por animar sonhos e expectativas de uma educação preocupada com a qualidade de seus projetos. À Escola Municipal de Educação Infantil Miguel Granato Velasquez, vinculada à Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Não tenho dúvidas que trabalhar com crianças de zero a seis anos foi uma das melhores coisas que me aconteceu.

Ao Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física. Dentre discussões coletivas, análises, escritas e diálogos fui aprendendo não somente sobre teorias, métodos e processos acadêmicos, mas sobre comprometimento, dedicação e engajamento na Educação Física. Agradeço ao Luís Ignácio Moreira e Eduardo Baptista pela cuidadosa transcrição das entrevistas.

Ao Marco Paulo Stigger, meu incansável orientador. Stigger, obrigada pelos debates, conversas, sugestões, críticas e, principalmente, pela confiança ao me dar liberdade para produzir esse trabalho. És uma das minhas principais referências e tenho orgulho em ser tua orientanda.

À Raquel da Silveira pela generosidade, carinho e dedicação com as inúmeras leituras, conversas, debates e sugestões. Raquel, obrigada por fazer parte desse processo e deixo aqui registrada a minha admiração por ti. Estendo os agradecimentos à Paula Bolsan Jardim e ao pequeno grupo que formamos para leituras coletivas, saibam que a generosidade de vocês ao compartilhar análises e referências foi fundamental para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao Grêmio Náutico União que viabilizou o desenvolvimento desse trabalho. Agradeço, de forma especial, aos professores, atletas e familiares da Esgrima, Ginástica Artística e Natação. Deixo aqui registrada a minha admiração por esses profissionais, acompanhados de suas famílias, que não mediram esforços para me auxiliar durante a pesquisa, compartilharam comigo parte de seus dias e generosamente me ensinaram sobre o árduo trabalho que faz parte da produção do esporte de alto rendimento.

Aos professores da banca pela disponibilidade e generosidade na leitura desse trabalho. As sugestões, críticas e problematizações me fizeram avançar e, além disso, acreditar em um caminho a percorrer ao qual se soma mais este passo. Obrigada!

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano pelo apoio durante meu processo de formação. Foi uma honra fazer parte dessa Instituição e trabalhar com profissionais de excelência.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior pelo auxílio financeiro durante o desenvolvimento da pesquisa.

*“Quanto mais cordões as marionetes possuem,
mais articuladas elas se tornam”
(LATOIR, 2012, p. 311).*

RESUMO

TALENTO ESPORTIVO:

Uma etnografia sobre as produções de talentos em práticas na Educação Física

Colocar a noção de ‘talento esportivo’ em pauta nos debates tende a resultar em um rol de argumentações que tangenciam, de um lado, elementos da natureza, de outro, concepções ligadas à cultura ou, por uma terceira via, aborda-se esse objeto por meio da construção de um quadro interpretativo que engloba essas duas dimensões. Nesta pesquisa, o ponto de partida foi colocar o talento esportivo ‘em movimento’, isto é, observá-lo procurando o distanciar de explicações referentes a demarcações biológicas ou socioculturais que encerrariam seus significados. Essa escolha foi construída na medida em que me aproximei da esteira de debates de Bruno Latour, cuja proposta nos ajuda a compreender processos mediados por associações entre humanos e não humanos. Conduzindo-me por essa perspectiva, passei a operar com uma noção de talento ‘em aberto’, procurando acompanhar seus processos de produção e suas concepções que, a partir de então, poderiam se ‘deslocar’ dependendo da articulação entre elementos heterogêneos. Esse percurso foi orientado pela seguinte questão: **como a ‘noção’ de talento vem sendo produzida, de que maneira se mantém e o que produz a partir de sua consolidação em determinados coletivos ligados à Educação Física?** Para ‘seguir’ esse objeto passei a explorar os seus rastros na produção bibliográfica na Educação Física brasileira, entre leis e decretos, dentre projetos governamentais e, no período de outubro de 2015 até dezembro de 2016, no Clube Grêmio Náutico União (GNU), localizado na cidade de Porto Alegre, especificamente, nos treinamentos e competições da Esgrima, Ginástica Artística e Natação. Somada a produção do diário de campo, no qual descrevia cada dia vivido no GNU e as leituras em que fui buscando o uso e as mobilizações da ‘noção’ de talento, realizei 16 entrevistas com atletas, treinadores e coordenadores de cada uma dessas modalidades. Nesse processo, fui percebendo que abordar a noção de ‘talento esportivo’ era ter como elemento central um objeto amplo, multifacetado e polissêmico. Sendo assim, estabeleci dois caminhos para segui-lo: o primeiro se refere aos vínculos entre o esporte e o Estado; o segundo está relacionado ao dia a dia do esporte vivido nas modalidades observadas. Por meio da análise do material produzido nesses caminhos formulei um primeiro capítulo em que proponho uma problematização direcionada a ‘poluir’ a noção de talento esportivo, mostrando suas diferentes possibilidades de conexões e os trajetos que percorri para desenvolver esta pesquisa. No segundo capítulo abordo às ‘flutuações’ do talento esportivo nas relações entre esporte e Estado e a sua mobilização que se desloca por entre discursos e protocolos de medidas desenvolvidos em laboratórios. Por fim, detive-me aos relatos de trajetórias em que a noção de ‘talento esportivo’ vai sendo produzida através da atuação de mediadores no processo de formação de atletas de alto rendimento, o que foi descrito no terceiro capítulo. Por meio dessa linha de discussões passei a sustentar que o ‘talento esportivo’ vem sendo coproduzido por um conjunto de conexões heterogêneas que são particularizadas em determinados coletivos, sendo, portanto, um híbrido que passa a agir como um ‘ator’, na produção de ‘novas’ conexões, na medida em que a ‘noção’ vai sendo purificada em argumentos naturalizantes.

Palavras-chave: Esporte; talento esportivo; etnografia; alto rendimento.

ABSTRACT

SPORTS TALENT:

An ethnographic study on the productions of talents in Physical Education practices

The inclusion of the notion of 'sports talent' in the agenda tends to result in a list of arguments that touch elements of nature on the one hand and conceptions linked to culture on the other. Or, as a third possibility, this object is addressed through the construction of an interpretive framework that encompasses those two dimensions. In this study, the starting point was to set sports talent 'in movement', that is, to observe it and try to drive it away from explanations referring to biological or sociocultural boundaries that would bear its meanings. This choice was built as I approached Bruno Latour's discussion thread, whose proposal helps us understand processes mediated by human-nonhuman associations. Working under this perspective, I began to operate with a notion of 'open' talent, trying to follow its production processes and its conceptions that, from then on, could 'move depending on the interconnections established between heterogeneous elements. This route was guided by the following questions: **How is the 'notion' of talent being produced; in what way is it maintained; and what does it produce after its consolidation in certain groups linked to Physical Education?** In order to 'follow' this object, I began to explore its tracks in Brazilian Physical Education's bibliographic production, among laws and decrees, governmental projects and, in October 2015-December 2016, at Porto Alegre's Club Grêmio Náutico União (GNU), specifically in Fencing, Artistic Gymnastics and Swimming training sessions and competitions. In addition to producing the field diary in which I described each day at GNU and the readings in which I sought the use and mobilizations of the notion of talent, I conducted 16 interviews with athletes, coaches and heads of so-called coordinators for these sports. In this process, I came to realize that addressing the notion of 'sports talent' meant to have a broad, multifaceted and polysemous object as a central element. Therefore, I established two ways of following it: the first refers to the links between sport and the State while the second is related to daily life in the sports observed. By analyzing the material produced in these procedures I wrote a first chapter proposing a debate intended to 'pollute' the notion of sports talent, showing its various possibilities of connections and the paths I went through to develop this study. In the second chapter I address the 'fluctuations' of sports talent in relations between sport and the State, and their mobilization, which moves through discourses and measure protocols developed in laboratories. Finally, I looked into reports of life histories in which the notion of 'sports talent' is being produced through the work of mediators in the process of training high-performance athletes, which was described in the third chapter. Through this line of discussion, I began to sustain that 'sports talent' has been coproduced by a set of heterogeneous connections that are particularized in certain groups, being therefore a hybrid that works as an 'actor' in producing 'new' connections as the 'notion' is being purified in naturalizing arguments.

Keywords: sport; sports talent; ethnography; high performance.

RESUMEN

TALENTO DEPORTIVO:

Una etnografía sobre las producciones del talento en prácticas en la Educación Física

Colocar la noción de “talento deportivo” en pauta en los debates tiende a resultar en una serie de argumentos que tocan, por un lado, elementos de la naturaleza, por otro, concepciones ligadas a la cultura o, por una tercera vía, donde se aborda ese objeto a través de la construcción de un cuadro interpretativo que engloba esas dos dimensiones. En esta investigación, el punto de partida fue colocar el talento deportivo “en movimiento”, es decir, observarlo buscando cierta distancia de explicaciones referentes a demarcaciones biológicas o socioculturales que restringirían sus significados. Esa elección fue construida en la medida en que me aproximé a los debates de Bruno Latour, cuya propuesta nos ayuda a comprender procesos mediados por asociaciones entre humanos y no humanos. Guiándome por esa perspectiva, pasé a operar con una noción de talento “en abierto”, intentando acompañar sus procesos de producción y sus concepciones que, a partir de entonces, podrían “desplazarse” dependiendo de la articulación entre elementos heterogéneos. Ese recorrido fue orientado por la siguiente interrogante: **¿cómo la “noción” de talento se viene produciendo, de qué manera se mantiene y qué produce a partir de su consolidación en determinados colectivos ligados a la Educación Física?** Para “seguir” ese objeto pasé a explorar sus rastros en la producción bibliográfica de la Educación Física brasileña, entre leyes y decretos, entre proyectos gubernamentales y, en el período de octubre de 2015 a diciembre de 2016, en el Club Gremio Náutico Unión (GNU), localizado en la ciudad de Porto Alegre, específicamente en los entrenamientos y competiciones de Esgrima, Gimnasia Artística y Natación. Sumando la producción del diario de campo, en el cual describía cada día vivido en el GNU y las lecturas en que fui buscando el uso y las movilizaciones de la “noción” de talento, realicé 16 entrevistas con atletas, entrenadores y coordinadores de cada una de esas modalidades. En ese proceso, fui percibiendo que abordar la noción de “talento deportivo” era tener como elemento central un objeto amplio, multifacético y polisémico. Así, establecí dos caminos para seguirlo: el primero se refiere a los vínculos entre el deporte y el Estado; el segundo está relacionado con el día a día del deporte vivido en las modalidades observadas. A través del análisis del material producido en esos caminos formulé un primer capítulo donde propongo una problematización dirigida a “contaminar” la noción de talento deportivo, mostrando sus diferentes posibilidades de conexiones y los trayectos que recorrí para desarrollar esta investigación. En el segundo capítulo, abordo las “fluctuaciones” del talento deportivo en las relaciones entre deporte y Estado y su movilización, que se desplaza entre discursos y protocolos de medidas desarrollados en laboratorios. Por fin, me detuve en los relatos de trayectorias donde la noción de “talento deportivo” se va produciendo a través de la actuación de mediadores en el proceso de formación de atletas de alto rendimiento, lo que fue descrito en el tercer capítulo. A través de esa línea de discusiones pasé a sustentar que el “talento deportivo” se viene coproduciendo por un conjunto de conexiones heterogéneas que son particularizadas en determinados colectivos y es, por lo tanto, un híbrido que pasa a ejercer como un “actor” en la producción de “nuevas” conexiones, en la medida en que la “noción” se va purificando en argumentos naturalizantes.

Palabras clave: Deporte; talento deportivo; etnografía; alto rendimiento.

SUMÁRIO

<u>CAPÍTULO I</u>	12
ABRINDO A CAIXA	12
1.1 O TALENTO SOB UMA PERSPECTIVA HÍBRIDA	30
1.2 PROCESSOS DA PESQUISA	39
<u>CAPÍTULO II</u>	48
SEGUINDO O TALENTO NAS RELAÇÕES ENTRE ESPORTE E ESTADO	48
2.1 ‘ACABOU A BRINCADEIRA’: A ESTABILIZAÇÃO DO MODELO SELETIVO E DO TALENTO COMO ALIADO	52
2.2 ‘ONDE ESTÃO OS TALENTOS?’: A EFERVESCÊNCIA DE CONTROVÉRSIAS	72
<u>CAPÍTULO III</u>	99
A PRODUÇÃO E O ‘MANEJO’ DO TALENTO NO GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	99
3.1 O TALENTO, A ESGRIMA E O GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO	102
3.1.1 ANTÔNIO, O TREINADOR QUE ‘GERENCIAVA’ O MODELO SELETIVO	112
3.1.2 HENRIQUE, DO ÚLTIMO LUGAR DO CAMPEONATO AO ‘MELHOR JUVENIL’	121
<u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	143
A PRODUÇÃO DO TALENTO DENTRE COLETIVOS	143
MANTENDO A CAIXA ABERTA: A PRODUÇÃO DO TALENTO EM ‘OUTRAS’ PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA	150
<u>REFERÊNCIAS</u>	155
<u>APÊNDICES</u>	163
<u>ANEXOS</u>	172

CAPÍTULO I

ABRINDO A CAIXA

[Sexta feira, treino de Ginástica Artística] No ginásio, dividia-me entre três ações: tentar ajudar ao Matheus no treino, buscando executar as informações sobre os exercícios que ele me passava; ajudar os meninos, com idades entre os 08 e 10 anos, que solicitavam um auxílio que nem sempre correspondia ao que o treinador havia me passado; e, ao mesmo tempo, observar as outras categorias que treinavam no mesmo horário. Enquanto mediava tais intervenções, de um instante para o outro, percebi que o local ficou em absoluto silêncio, interrompido apenas pela fala de Paulo. Sua voz, projetada em um volume que não era baixo, pareceu retumbar nas paredes e repercutir em mim que, naquele exato momento, estava mais preocupada em tentar entender ‘onde segurar’ (no corpo, literalmente) para ajudar nas ‘paradas de mão’, ‘flicks’ e ‘saltos mortais’. Miguel, atleta da equipe principal, estava tentando sua série na barra fixa e, mais uma vez, não completou o movimento. Esse era o motivo do silêncio e da intervenção que viria na sequência. Paulo ‘gritou’ do outro lado do ginásio que já havia mexido em sua série, já ‘retirou’ tudo o que podia para deixá-la mais fácil, mas não iria retirar mais elementos, pois se assim fizesse o atleta retornaria ao que estava no ano anterior e ele já havia avançado, seria um retrocesso. Na sequência, Paulo diz ao Miguel que ele estava pensando no erro, que subia na paralela e apresentava algo muito ruim, complementou dizendo: “se eu estou fazendo isso é porque acredito que você pode fazer. Foi você que deu a vida para isso, então vai lá e faz”. Paulo repete mais uma vez: “esquece o erro e faz porque foi você que deu a vida para isso”. Neste momento, procuro o Miguel no ginásio e o que encontro é um menino, um guri, com marcas de espinha no rosto e 13 anos dedicados à ginástica artística” (Diário de campo, 07 de outubro de 2016).

Matheus, Paulo, Miguel¹ e os meninos que treinavam naquele horário dedicaram uma boa parte de suas vidas para a constituição de um esporte que comumente identificamos como ‘alto rendimento’. Naquele dia de treino, e em tantos outros que acompanhei durante esta pesquisa etnográfica, cujo trabalho de campo foi realizado no período de outubro de 2015 até dezembro de 2016, junto ao setor da Esgrima, Ginástica Artística e Natação do Clube Grêmio Náutico União – localizado na cidade de Porto Alegre/RS –, as ‘performances’ extraordinárias exibidas em saltos, ataques, defesas e mergulhos me deslumbravam.

Esse mesmo encanto fez parte da euforia de assistir ao Usain Bolt conquistar, pela terceira vez consecutiva, as provas de 100m, 200m e 4x100m em Jogos Olímpicos e Michael Phelps deixar o Rio de Janeiro carregando o ‘título’ de maior atleta olímpico, com 28 medalhas conquistadas dentre os quatro Jogos que participou (Atenas em 2004, Pequim em 2008, Londres em 2012 e Rio de Janeiro em 2016). Ao buscar informações sobre estes atletas, não é difícil

¹ Os nomes de meus interlocutores foram substituídos por pseudônimos.

encontrar conteúdos em suas trajetórias que nos mostram que suas carreiras também demandaram uma vida de investimentos e arranjos. Como espectadora, a satisfação de ver atletas, sejam aqueles já consagrados ou os que não estão tão perto dos holofotes de grandes eventos, materializando suas ações em ‘performances’, recordes e medalhas se engendram à ‘dramatização esportiva’ e, nesse sentido, mexem com as emoções.

Difícilmente deixaríamos de reconhecer os atletas que trago como exemplo, principalmente os últimos, como talentosos – no mínimo, podemos dizer que há um evidente destaque de suas performances dentro dos padrões produzidos em suas modalidades. No decorrer do processo de doutoramento e, especialmente, nas páginas que virão a seguir, busquei me distanciar das comprovações sobre a ‘existência’ de ‘talentos esportivos’ ou de buscar compreender se tal ‘chancela’ poderia ser explicada por fatores biológicos, ligados à natureza, ou estaria condicionada por questões contextuais, ligadas a determinações socioculturais.

Se puxarmos um dos fios que amarram as histórias que compõem uma área que identificamos como Educação Física, encontraremos a noção de ‘talento esportivo’ presente, no mínimo, desde a década de 70 e desde então engajada na mobilização de ações. Sobre essa afirmação, eu trago para o debate o texto de Valter Bracht (2003), que ao reconstruir uma narrativa sobre os caminhos e problemáticas advindas do processo de conformação da área, nos mostra que nesse período o esporte ganhou a centralidade nas discussões e, mais do que isso, foi envolvido como um objeto ‘da’ Educação Física sob o ponto de vista do desenvolvimento das ‘performances’ para o alto rendimento e na busca por talentos esportivos, consolidando-a sobre essas bases no cenário de investimentos relacionados à política da época.

Cabe destacar que a crítica de Bracht (2003, p. 18) sobre a trajetória desse projeto de estabilizar a Educação Física como uma ‘ciência’ e definir seu lócus dentro das universidades, o qual se fez por meio da associação com o esporte, acabou culminando no que o autor chamou de “despedagogização” da área. Isso significou, segundo Bracht (2003, p. 23), que “[...] o discurso pedagógico na Educação Física foi quase que sufocado pelo discurso da ‘performance’ esportiva; literalmente afogado pela importância sociopolítica das medalhas olímpicas, ou pelo ‘desejo’, tornado político, por medalhas”.

Ainda na década de 70 podemos encontrar um forte investimento no âmbito legislativo e executivo, nesse período foi publicado o primeiro Diagnóstico de Educação Física/Desportos no Brasil (DA COSTA, 1971) que tinha como objetivo determinar políticas para o setor. Logo depois, foi lançado o Plano de Educação Física e Desporto, vinculado ao Departamento de Educação Física e Desportos (DED), na época uma pasta do Ministério da Educação e Cultura (MEC), sob a gerência do Coronel Otávio Teixeira. Esse projeto, para Linhales (1996),

significou mais uma ação de controle do que a um incentivo ao desenvolvimento do esporte sob uma perspectiva democrática, pois estaria sendo associado à intenção de garantir a ordem e os valores formativos almejados pelo governo militar daquele período marcado pela ditadura.

Não podemos esquecer que em 1970 a seleção masculina de futebol foi tricampeã da Copa do Mundo realizada no México e que o Brasil era governado por coronéis e generais com uma proposta de consolidar o projeto ‘Brasil Grande Potência’. Esses dois pontos ganham notoriedade e se encontram no governo de Emílio Médici (1969-1974), um militar que associa o plano desenvolvimentista nacional da época às paixões pelo futebol e ao ufanismo alimentado por diferentes elementos – títulos, propagandas, imposições militares, televisores já em cores transmitindo o que era designado pelo governo, a camisa verde e amarela sendo campeã mundial, decretos, policiamento ostensivo nas ruas, inclusive a música ‘Pra frente Brasil’ que foi lançada naquela época, mas ainda persiste nas propagandas e na memória. Dentre as associações entre políticos e esporte que podem ser reconstituídas sobre os anos 70, foi no governo Médici que o projeto Brasil Grande Potência ganhou força em termos de abertura ao mercado internacional e a sua extensão ao esporte acabou redirecionando os olhares, tornando-o um ‘lugar’ de investimentos e um dos caminhos para dissolver as manifestações contrárias ao regime militar (GUTERMAN, 2004; MACARINI, 2005).

O trabalho de Meily Linhales (1996, p.148), o qual nos mostra um longo processo em que o esporte foi sendo colocado dentre as ocupações do Estado, nos ajuda a compreender que na primeira metade da década de 70 construía-se caminhos para se fortalecer a ideia de que “[...] era necessário praticar esportes, produzir talentos esportivos e apostar no futuro do Brasil”. Nesse mesmo trabalho, Linhales (1996) evidencia outro movimento que foi se colocando na segunda metade dos anos 70, um período marcado por uma abertura política e por novas relações que passaram a acontecer em um movimento mais próximo da participação popular característica dos anos 80, cujo objetivo seria oportunizar o acesso do esporte a toda população.

Cabe considerar, ainda, que a associação do esporte com uma ideia de ‘direito social’ já tinha sido colocada no cenário de movimentações políticas e mobilizado interesses em um período anterior ao golpe militar de 64, conforme mostrou a pesquisa de Linhales (1996), mas que parece ter ficado em estado latente com a efervescência do projeto ‘Brasil Grande Potência’. Um exemplo de ‘retomada’ das preocupações em garantir o esporte como um ‘direito’, agora vinculando-o aos anos 70, também estava presente no movimento Esporte Para Todos (EPT) e depois foi instituído pela Constituição de 1988. Essa ‘nova’ campanha nacional, cujo objetivo era mobilizar a prática de atividade física e oferecer caminhos para a utilização do tempo livre, gerenciada por Lamartine Pereira da Costa, aparecia como uma possibilidade

de atender uma posição intermediária, o ‘esporte de massa’ que estava colocado entre o ‘esporte escolar’ e o ‘esporte de alto rendimento’.

Por um lado, uma crítica aguda ao EPT foi colocada no trabalho de Nailze Pazin (2014) que analisou o material produzido durante a implementação e execução deste programa numa esteira de debates vinculados às perspectivas críticas. Para a autora, o EPT foi mais um esforço de massificar a prática esportiva e que estaria mais próximo de um projeto governamental de condução das pessoas do que da garantia de direitos, entrelaçando, para esse fim, interesses presentes no governo militar, no processo de industrialização e na alienação das classes trabalhadoras. Sob outra interpretação, também próxima a uma análise crítica das relações políticas, mas considerando os movimentos de múltiplos sujeitos e interesses, Linhales (1996, p. 159) coloca que apesar dos “limites e equívocos que o acompanham, o EPT também se apresentou como possibilidade de uma ação alternativa – e até de resistência – à forte tendência do esporte de alto nível, seletivo e excludente”.

Cabe aqui destacar que foi no ano de 1975 que a Lei 6.251 foi sancionada e instituiu as normas legais para o esporte no Brasil. Nesse movimento, ao colocar o esporte como uma “atividade predominantemente física, com finalidade competitiva, exercida segundo as regras preestabelecidas” já em seu segundo artigo nos mostra que o olhar para o rendimento estaria mantido na pauta e o talento esportivo permaneceria sendo um potencial a ser encontrado/apreciado (BRASIL, 1975). Além disso, nessa mesma lei estava colocado o desenvolvimento do esporte de massa, o qual ganhou destaque em um segundo Plano Nacional de Educação Física e Desportos, que corresponderia ao período entre 1976-1979, e foi alicerce para a formulação do EPT. Na leitura desses materiais que alistem um movimento destinado à ‘participação popular’, além das preocupações com a melhora da aptidão física e da ocupação ‘qualificada’ do tempo livre, colocadas de maneira explícita, a intenção de detectar os grandes potenciais para o esporte e encaminhá-los ao alto rendimento também estavam presentes, mesmo que de uma maneira implícita. Retomar esses pontos que fizeram parte de uma trajetória de investimentos com o esporte e que também envolveram a noção de talento esportivo foram se somando aos questionamentos que me conduziram no processo de elaboração da pesquisa, inclusive na minha participação dentre as modalidades esportivas do Clube Grêmio Náutico União.

Considerando esses diferentes elementos, participações e temáticas que busquei envolver ao olhar para o talento esportivo, resalto algumas de minhas colocações: o que apresentei na epígrafe deste primeiro capítulo, na qual trouxe o relato de uma experiência vivida durante a pesquisa no treinamento da ginástica artística, está relacionado a um clube que se

coloca como “celeiro de atletas”²; na sequência, tece alguns comentários sobre ‘performances’ e sobre dois atletas que se consagraram em suas modalidades, os quais, enquanto estiveram no pódio, foram alvo dos holofotes e de explicações sobre o seus desempenhos – nessas situações, pareceu ganhar destaque o talento como algo inato e que foi desenvolvido com o treinamento; posteriormente, passei a apresentar a década de 70 como um ponto de inflexão em que a Educação Física, o esporte e as mobilizações no cenário político são conectados e mobilizam ações que passam a construir um ‘lugar’ com maior estabilidade para cada um desses pontos.

Nessas colocações que fui apresentando, a ideia de talento está presente, ora de maneira explícita, em que o termo é claramente colocado na pauta, mas, em outras situações, é preciso um olhar minucioso para encontrá-lo sob as narrativas. Como exemplo, posso me referir a sua presença no ‘desenvolvimento do esporte de massa’ ou na possibilidade dessa ideia de talento cruzar a trajetória do Miguel, atleta da ginástica artística, que faz parte da equipe adulta do GNU. Considerando esses pontos, questiono: o que faz a ideia de talento ganhar destaque numa pauta específica e o que acontece para que seja colocado com algo subentendido? Como a trajetória de um atleta pode ser marcada pela chancela da ideia de ‘talento’? O que acontece quando a noção de talento não se colocada sobre um atleta, mas atravessa a sua trajetória por meio de outras conexões? Como a ideia de talento se movimenta e se mantém nessa trajetória – histórica – que parece superar noções de tempo e de contexto? Essas perguntas foram sendo elaboradas no decorrer da pesquisa ao cruzar diferentes informações obtidas com o material empírico e serão elas que conduzirão os capítulos subsequentes.

Nesse debate que permeia a noção de talento, quando passamos a olhar para a formação de pesquisas, o encontramos também entrelaçado com o projeto de consolidar a Educação Física e de colocar o esporte de alto rendimento como forte aliado para essa estabilização, o que segue a mesma esteira de debates que apresentei a partir do texto de Valter Bracht (2003) sobre o início da década de 70. Segundo o autor, naquele momento abriu-se espaço para a construção de laboratórios de pesquisa vinculados ao estudo da aptidão física, da melhora do rendimento e da construção de modelos para detecção de talentos esportivos. Isso aparece em uma entrevista concedida à professora Janice Mazo (2000), na qual Eduardo de Rose narra o processo de desenvolvimento do Laboratório de Pesquisa do Exercício (LAPEX) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em seu relato, De Rose evidencia as negociações que

² Essa definição fez parte de uma matéria veiculada por uma revista produzida pelo Clube (GNU, 2016a). Cabe destacar que diferentes atletas do GNU, assim como alguns de seus treinadores, faziam parte das equipes nacionais de diversas modalidades esportivas – os detalhes sobre a ‘trajetória’ do Clube vinculado ao esporte de alto rendimento serão aprofundadas no decorrer do texto.

amarraram os interesses da Academia Internacional Militar, do coronel Teixeira – o mesmo a quem fiz referência anteriormente como coordenador à frente da DED no MEC – que encaminhava um plano de governo que via no desenvolvimento da ‘ciência do esporte’ e da ‘medicina do esporte’ um significativo caminho para alavancar o ‘esporte competitivo’.

Na entrevista realizada por Mazo (2000), podemos encontrar a formação de um laboratório de fisiologia do exercício com seu início durante um evento do qual participaram poucas pessoas e entre elas estava De Rose, na época médico da Escola de Educação Física da UFRGS. Segundo o seu depoimento, foi a partir dessa situação que as negociações e arranjos se iniciaram para a elaboração de um projeto, o qual concorreria com iniciativas de outras universidades, para a captação de financiamento governamental que geraria a sua materialização. Durante a trajetória – que vai da montagem do projeto, perpassa o ganho de recursos e culmina na iniciativa de produção de conhecimentos e tecnologias para o esporte de alto rendimento –, podemos encontrar uma série de conexões que se constroem a partir de negociações entre algumas pessoas, da compra de materiais, da seleção de indivíduos para se tornarem pesquisadores, da busca de conhecimentos sobre como ‘funcionavam’ outros laboratórios de fisiologia, da ‘seleção’ de disciplinas específicas a compor um quadro conceitual ‘legítimo’ e a ser ‘legitimado’. Encontramos também as políticas nacionais e a apreensão pela confirmação de que a verba destinada ao laboratório seria renovada de dois em dois anos.

Ao fazer referência a essas questões, tenho a intenção de chamar a atenção para a ação de pessoas e de diferentes elementos que quando são reunidos nos mostram certa complexidade e parecem indicar que a construção e a estabilidade desse laboratório também se fez junto da consolidação da referida Escola de Educação Física, de uma área que passou a estar vinculada a uma ideia de ciência, do plano governamental da época, dos profissionais ligados à tais pesquisas, do esporte como ponto de investimento e, dentre o foco específico dessa pesquisa, da própria ideia de talento esportivo como objeto de pesquisa e de domínio/interesse da Educação Física.

Outro laboratório que foi construído nesse mesmo período e dentre a mesma perspectiva foi o Laboratório de Fisiologia do Exercício (LAFISE) da Universidade Federal de Minas Gerais. O trabalho de Gomes, Viana e Rodrigues (2007) propõe uma breve análise da trajetória do LAFISE e, nesse caminho, apresenta algum diálogo com a esteira de debates dos estudos da ciência, especificamente com o trabalho de Bruno Latour. Nesse movimento proposto pelos autores, encontramos também a referência a pessoas, equipamentos, programas federais, a fisiologia como disciplina incorporada pela Educação Física, a proposta de detecção de talentos

e a tentativa de construção de um laboratório que, ao mesmo tempo em que recebe uma verba para o investimento em pesquisa, procura os caminhos para concretizá-las.

Um ponto em comum entre esses dois laboratórios, o LAPEX/UFRGS e o LAFISE/UFMG, é que em 1997 ambos passam a fazer parte do Projeto Esporte Brasil vinculado a uma Rede de Centros de Excelência em Esporte – a Rede CENESP – cujo objetivo era o investimento em pesquisas ligadas ao alto rendimento, ao desenvolvimento de tecnologias e a elaboração de programas de detecção de talentos, uma proposta que será analisada com maior profundidade na sequência desse trabalho, mas que já é possível evidenciar a sua relação com as propostas fomentadas desde o início da década de 70. Inclusive, essa relação fez parte da narrativa de De Rose quando foi questionado sobre os vínculos entre os laboratórios de pesquisa ‘daquela época’ e a proposta da Rede CENESP. Sobre isso, ele enfatizou que “é a mesma coisa: detecção de talentos e esporte de rendimento” (MAZO, 2000, p. 29). Isso me leva a destacar que nessa trajetória de aproximadamente 30 anos o talento se manteve como objeto de pesquisas e como ponto de investimento. Partindo dessa primeira análise, eu passo a questionar como o talento se manteve em pauta e como mobilizou ações em projetos relacionados à Educação Física?

Ao construir essas relações entre investimentos de diferentes direções e indicar a continuidade de propostas de pesquisas, minha intenção não é colocar um traçado linear, tanto no que se refere a uma perspectiva de tempo ou de contextos, mas, pelo contrário, evidenciar que o ‘tempo’ se torna impreciso e que da mesma maneira que o esporte foi associado no projeto de formação da Educação Física, o talento esportivo também parece ter feito – e ainda fazer – parte desse caminho. Nas páginas anteriores, apresentei o final da década de 70 e início dos anos 80 como um momento em que as contraposições parecem ter ganho espaço e a coexistir no universo de relações entre pessoas, instituições, objetos e ações, seja no cenário da política nacional, por exemplo com a implementação da campanha EPT, e, delimitando ao que se faz possível tangenciar nessa pesquisa, na própria área que já se reconhecia como Educação Física com a retomada das propostas pedagógicas, principalmente as que estavam vinculadas ao debate sobre a cultura corporal de movimento humano (BRACHT, 2003; CASTELLANI FILHO, 2013; SOARES *et al.*, 1992).

Apesar das movimentações que compõem esse momento em que oposições começam ganhar espaço em uma pauta de discussões e a conviver, dentre uma lógica de disputas, na produção de pesquisas na Educação Física, o trabalho de Linhales (1996) nos mostra que o investimento no esporte, no discurso, parece abarcar uma iniciativa de democratização e a questionar um modelo piramidal de organização esportiva, mesmo que essas intenções, segundo

a autora, acabem não se concretizando. Anterior a este trabalho, a análise de Manhães (1986, p. 189) sobre a Lei 6.251 de 1975 coloca que embora possa ser considerado um avanço em termos legislativos para o esporte, esse momento se caracterizou como mais uma “política continuísta” – essa noção de continuidade parece ganhar vida na análise de Linhales (1996) que se estende aos períodos subsequentes.

Sob as lentes de uma abordagem ligada à esteira de debates do Pierre Bourdieu (1983; 1990; 1996), especialmente no que se refere às disputas simbólicas ligadas ao posicionamento hierárquico entre pessoas, grupos e instituições em campos relativamente autônomos, Myskiw (2016) se soma aos trabalhos que propõem uma análise sobre as produções acadêmicas relacionadas à gestão e as políticas públicas de esporte e lazer no Brasil. Ao seguir os rastros deixados pelas questões que estão em debate nessa ‘arena de discussões’, a qual se constrói e se sustenta por meio de periódicos, congressos, livros, capítulos, dissertações e teses, Myskiw (2016, p. 1) passa a analisar o que está ‘em disputa’ no âmbito das políticas públicas de esporte e de lazer e como se materializa em práticas de gestão.

Nesse trabalho, o qual Myskiw (2016, p. 2) chamou de um ensaio didático, a leitura de 154 publicações (artigos em periódicos, anais de eventos, capítulos de livros, livros, dissertações e teses), produzidos entre 1980 e 2014, foram orientadas pela seguinte questão: “que disputas têm historicamente atravessado a constituição das políticas públicas no campo do esporte e do lazer no Brasil e como elas se materializam nos modelos e práticas de gestão?”. Na análise do material, mediada por essa interrogação, o autor coloca que três questões estão em evidência quando estamos falando em políticas públicas de esporte e lazer no Brasil e que cada uma delas pode ser compreendida a partir de dois posicionamentos relacionais entre ‘crenças’ e propostas de gestão antagônicas. Quando olhamos para a primeira questão encontramos as expectativas de intervenção social marcadas pela disputa entre conservadores e progressistas. Na segunda questão, as coalisões que procuram sustentar suas crenças que envolvem os significados para o esporte, esses, por sua vez, são materializados em ‘políticas de rendimento’ e ‘políticas de manifestações’, sendo que na primeira o rendimento esportivo passa a ganhar legitimidade e as outras manifestações são condicionadas a partir dessa lógica. Nesse âmbito, o modelo de gestão piramidal ganha destaque e um dos investimentos passa a ser no ‘esporte de base’ e na ‘detecção de talentos’. A terceira questão se refere aos regimes de valor na produção, circulação e consumo em que o debate se constrói entre ‘políticas de cidadania’, que buscam considerar a participação popular, e a ‘política de serviços’, ligadas a gestão de negócios e produtos.

O intuito de trazer esse debate ao texto se refere, em primeiro lugar, para mostrar que ao ‘seguir’ o talento esportivo foi possível identificar os arranjos que estão colocados nas políticas públicas e, a partir do ajuste desse foco, questionar como o talento se mantém como pauta em projetos governamentais e como motivo de investimento no ‘esporte de base’? Se uma primeira resposta para essa questão poderia ser que o talento faz parte da própria base da pirâmide esportiva, então questiono como ele se sustenta nela com tantas disputas em cena e por tanto tempo? Além disso, questiono como os próprios debates, que são sistematizados no texto de Myskiw (2016), podem fazer parte da consolidação/cristalização da noção de talento? Outro ponto a destacar está nas oposições que, em alguma medida, convivem e nessa coexistência passam a gerar ações, as quais são materializadas em modelos de gestão que vão se conectando a elementos diferentes, sejam eles crenças, papéis, pessoas, mercados, marcas, imprensa enquanto são produzidos por esses mesmos vínculos.

No movimento de políticas nacionais ‘recentes’ e com os olhos voltados aos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016, a partir da III Conferência Nacional de Esporte, realizada em 2010, o Plano Brasil Medalhas (PBM) foi lançado nos anos seguintes e com ele o programa Bolsa Atleta ganhou força. A dissertação de Mosiah Rodrigues (2016), coordenador desse programa desde 2014, nos mostra que em 2005 o Bolsa Atleta³ foi lançado e com o PBM foi ampliado com o objetivo de colocar o Brasil entre os dez primeiros países no quadro de medalhas dos Jogos Olímpicos do Rio 2016 e entre os cinco primeiros nos Jogos Paralímpicos.

Nessa pesquisa, Rodrigues (2016) obteve informações de 2.027 questionários que retornaram entre os 6.132 que foram enviados aos atletas contemplados com a bolsa no edital número 04, de 23 de abril de 2015, e de dez entrevistas com pessoas que no momento da pesquisa estavam vinculadas ao Sistema Nacional do Desporto, especificamente aqueles que eram representantes do Ministério do Esporte, das Entidades Nacionais de Administração do Desporto, do Comitê Olímpico e Paralímpico.

Ao analisar as repostas dos atletas, o autor coloca que o programa acabou cumprindo um de seus objetivos iniciais, o de fazer o dinheiro chegar diretamente ao atleta e, com isso, viabilizar a autonomia dos gastos. Dentre os documentos analisados, uma das informações pertinentes para problematizar e ‘seguir’ o talento em planos governamentais, é que na

³ O Bolsa Atleta é uma política governamental, instituída pela Lei nº 10.891 de 09 de julho de 2004, destinada ao incentivo financeiro para atletas de alto rendimento. O repasse de recursos corresponde a diferentes ‘categorias’: ‘Bolsa Atleta Estudantil’, destinada aos estudantes que participem com destaque dos Jogos Escolares e Universitários Brasileiros; ‘Bolsa Atleta Nacional’, relativa aos atletas que tenham participado de competição esportiva em âmbito nacional; ‘Bolsa Atleta Internacional’, relativa aos atletas que tenham participado de competição esportiva no exterior; ‘Bolsa Atleta Olímpico e Paraolímpico’, relativa aos atletas que tenham participado de Jogos Olímpicos e Paraolímpicos (BRASIL, 2004).

modalidade de bolsas denominada Atleta Estudantil houve uma redução de 18% entre 2010 e 2013, mostrando um direcionamento do investimento para o topo da pirâmide – para as modalidades Atleta Nacional e Atleta Internacional – e, conseqüentemente, para aqueles que já são medalhistas em competições nacionais e/ou internacionais. Além dessa informação, um dos relatórios analisados mostra que as modalidades de bolsas na base da pirâmide contemplam atletas que também são finalistas em competições escolares, segundo o relatório citado por Rodrigues (2016, p. 74) isso acabaria “alijando diversos talentos potenciais que não têm oportunidade de participar da fase nacional das Olimpíadas Escolares”.

Nessa colocação, no primeiro momento, o talento se mostra associado às ‘medalhas conquistadas’ em uma determinada competição escolar, a qual reúne pessoas de diferentes localidades do país, e no seu processo seletivo evidencia aqueles atletas que efetivaram seus potenciais subindo ao pódio e se destacam diante dos outros, justificando o recebimento de uma bolsa destinada aos ‘jovens talentos’. Por outro lado, a ‘noção’ de talento parece flutuar de uma ‘chancela’ que se confirma com o ‘resultado’ para uma ideia de ‘potencial’, a qual não supera a imprevisibilidade da competição, mas se associa à ideia de que se trata de alguém que mereceria a ‘oportunidade’. Ao problematizar a formação de projetos que atravessam o alto rendimento, questiono: o que faz com que a ‘noção’ de talento se modifique de acordo com as narrativas em pauta?

Inserido na mesma iniciativa colocada para o PBM e procurando direcionar recursos para a ‘base da pirâmide’, estava o Programa de Formação Esportiva Atleta na Escola e uma ‘retomada’, em 2013, da concepção da escola como o lugar de fortalecer os ideais olímpicos, formar atletas e identificar talentos esportivos, colocando tais intenções associadas à concepção de democratização das práticas esportivas. Novamente o talento foi colocado em destaque. Nessa ação, em linhas gerais, foi mobilizado o Ministério do Esporte, secretarias municipais, estaduais, escolas públicas, Comitê Olímpico e Paralímpico, as Confederações Brasileiras de Atletismo, Judô e Voleibol, e o financiamento chegaria através do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), atualmente vinculado ao Ministério da Educação. Nesse contexto, os professores de Educação Física se encarregariam de organizar competições em suas escolas e, de acordo com os resultados dos seus alunos, participariam das competições municipais, estaduais e nacionais, cadastrando os resultados e informações de cada escola em um banco de dados disponível na página do PDDE Interativo (BRASIL, 2013).

Dois anos depois do lançamento do Atleta na Escola, a Revista Motrivivência já publicava um artigo de Reis *et al.* (2015) contendo uma análise sobre o Programa. No texto em pauta, a crítica dos autores foi construída a partir dos três pilares estruturais da proposta, o que

denominaram de eixos de ação, e que estão relacionados aos seus objetivos: a democratização das práticas esportivas; a difusão dos valores olímpicos e paralímpicos na educação básica; e, por fim, a identificação e orientação de talentos. No que se refere à democratização, Reis *et al* (2015) colocam o que seria um descompasso entre uma intenção de incentivar práticas esportivas por meio da realização de competições – que privilegiam uma lógica de rendimento - e o conhecimento já concretizado entre pesquisadores mais próximos de referências ligadas às ciências humanas e sociais que o envolvimento com essas mesmas práticas depende de um processo de apropriação que envolve recursos corporais e simbólicos. No segundo eixo, novamente os autores indicam uma divergência entre as intenções do programa e a possibilidade efetiva de difusão de valores, nesse caso relacionado aos ideais olímpicos, mostrando, por meio de outras pesquisas, que valores dependem de estratégias e processos de socialização contínuos e não somente de ações pautadas por eventos.

O terceiro eixo, relacionado à identificação e orientação de talentos, foi demarcado por Reis *et al* (2015) como ponto que determina as diretrizes e confere a identidade ao Atleta na Escola, tornando-o o objetivo central do programa. Segundo os autores, na ação de selecionar os destaques em competições escolares que se materializam os objetivos e se alcançam as metas propostas no próprio PBM lançado em 2012. A partir dessa análise, uma das considerações indicadas é que a “identificação de novos talentos esportivos, portanto, constitui a diretriz normativa e operacional do Estado brasileiro para formular ações como o ‘Atleta na Escola’” (REIS *et al*, 2015, p. 11). Essa análise, acaba por deslocar a noção de talento esportivo de um plano nacional para compor uma outra afirmação que o coloca como base de uma ‘diretriz normativa’ que estaria enraizada para o Estado brasileiro, onde o ponto da crítica se torna o sistema piramidal que implica na organização de competições e seleção dos que apresentam melhores resultados. Nesse sentido, quais ‘crenças’ e argumentações estão presentes em coletivos (pessoas, grupos, pesquisadores, gestores) que, de alguma maneira, olham para o talento esportivo?

Cabe considerar que a crítica ao programa Atleta na Escola proposta por Reis *et al*. (2015) pode ser observada a partir das disputas que anteriormente fiz referência por meio das categorias elaboradas por Myskiw (2016). Nesse sentido, a problematização não está relacionada a própria noção de ‘talento’, mas colocada sob sistemas de crenças e sobre as propostas de gestão que estão em disputa. O que passei a problematizar nesta pesquisa e que discorrerei nas páginas ulteriores se refere não somente à materialização de objetivos e metas e como estão relacionadas à intenções governamentais, mas a analisar como a própria noção de

talento parece ir se materializando e se sustentando a partir do caminho de constituição das metas e maneiras para obtê-las.

Nessas ações reconhecidas como propostas governamentais vinculadas ao esporte de alto rendimento – e que estão conectadas aos grandes eventos esportivos, como Copa do Mundo de Futebol masculino e os Jogos Olímpicos –, a minha intenção vem sendo a de colocar o talento esportivo como um ponto de destaque e, a partir disso, segui-lo nas entrelinhas dessas propostas. Sendo assim, escolho retomar essas movimentações que, embora pontuais e, por vezes, fragmentadas, vão se engendrando às raízes da Educação Física e indicam uma sustentação da própria noção de talento esportivo dentre suas ramificações, as quais parecem conectar mais elementos do que a intenção de projeção internacional a partir de grandes eventos esportivos e de manutenção de ‘políticas continuístas’. Não há dúvidas que tais grandes eventos influenciam diretamente no direcionamento de recursos para a formação de ‘novos’ programas. Bracht e Almeida (2003; 2013) são precisos ao mostrar o seu reflexo na Educação Física escolar, pois a cada ciclo olímpico a escola se torna o foco das análises e o esporte, na lógica do rendimento na Educação Física, a pauta das discussões.

Apensar disso, Edriane Nascimento (2015) consegue mostrar, a partir de uma pesquisa sobre o Programa Atleta na Escola, que os professores de Educação Física do Distrito Federal não são mais capturados por iniciativas como essa e as suas preocupações estão relacionadas com a formação continuada a partir de uma concepção heterogênea de esporte, com a falta de estrutura para o seu desenvolvimento e com as políticas educacionais que estão em discussão. Com esses trabalhos, evidencio que a noção de talento ‘está no jogo’ e entre as disputadas, de um lado, encontro profissionais empenhados e baseados em referências específicas para mostrar que o ‘lugar’ dele não é na escola, o que é feito sem contestá-lo em suas próprias amarras. De outro lado, encontro argumentações que colocam o talento como questão significativa, inclusive para a Educação Física enquanto componente curricular.

Em um artigo publicado em 2009, um ano depois dos Jogos Olímpicos de Pequim, Go Tani *et al.* (2009, p. 2), se propõem a colocar o “papel da universidade” no que se refere ao desenvolvimento do esporte de rendimento no país e com relação aos ‘fracassos’ em tais eventos. Dentre as propostas dos autores, eu encontro a produção e a disseminação de conhecimento vinculado ao esporte de alto rendimento como fator significativo para o desenvolvimento do esporte e aplicação desse conhecimento em programas relacionados a formação, ao treinamento de atletas e a detecção de talentos esportivos. Embora Go Tani *et al.* (2009) aponte que o treinamento à longo prazo se faz central em uma ‘carreira’ no esporte, ele destaca que seriam necessários programas de detecção de talentos.

O texto desenvolvido por Go Tani *et al.* (2009) está localizado na esteira de debates vinculados aos saberes das ciências biológicas que, por vezes, se colocam em diálogo com produções mais próximas das ciências sociais e humanas. Cabe destacar que esta indicação de Go Tani *et al.* (2009) já está contida nas propostas para o ‘day after’, expressão usada pelos autores, de cada edição dos Jogos Olímpicos e vem se materializando em políticas estatais que parecem encontrar conexões, de longa data, com publicações, pesquisas, laboratórios e nas universidades.

O que parecia estar consolidado nesse âmbito de discussões, isto é, que o talento esportivo está relacionado ao desenvolvimento do esporte de alto rendimento e faz parte da base de uma pirâmide esportiva, seja dentre os saberes ligados à natureza que o reafirmam ou dos saberes ligados a cultura que não o contestam, desestabiliza-se a partir de uma revisão de literatura sobre o talento esportivo realizada por Gaya *et al.* (2015). Nesse texto, os autores analisam 57 artigos (selecionados a partir de buscas no Google Acadêmico, Pubmed, Portal da CAPES, Science Direct, SPORTDiscus) que correspondiam aos critérios de inclusão que foram estabelecidos para o trabalho, dentre os quais os textos de autores recorrentemente citados e que se referiam a pontos e propostas conceituais sobre ‘termo’ talento.

Nessa revisão da literatura, Gaya *et al.* (2015) apontam três correntes que procuram indicar uma definição de talento esportivo. A primeira delas, associa a noção de talento a uma perspectiva inata, colocando a ‘definição genética’ como base para formação de processos de detecção – nessa perspectiva, por exemplo, o mapeamento do DNA de uma pessoa poderia não só indicar seu potencial, mas também o seu sucesso, para determinadas modalidades. A segunda corrente estaria mais próxima de definições relacionadas à cultura, a qual contradiz que o talento estaria relacionado somente a elementos biológicos – sendo assim, o talento esportivo estaria condicionado pelas condições socioculturais e pela qualidade dos programas de treinamento. A último eixo de discussões identificado pelos autores corresponde ao que definiram como uma corrente “construcionista”, cuja proposta de definição sobre o talento se faz no diálogo entre natureza e cultura e que considera tanto os fatores genéticos como os culturais na “formação de um talento esportivo” (GAYA *et al.*, 2015, p. 419).

Uma das conclusões deste trabalho desenvolvido por Gaya *et al.* (2015, p. 413), que analisou as propostas teóricas de conceituação e os modelos de detecção de talentos esportivos, indicam que “as definições de talento esportivo se tornam abstrações teóricas sem sentido prático e, portanto, sem validade operacional”, complementando ao final do texto que a “detecção, seleção, promoção, desenvolvimento, identificação de talentos esportivos e outros

termos afins não são operacionais. Pouco servem para subsidiar uma teoria científica do talento esportivo” (GAYA *et al.*, 2015, p. 428).

Nesse mesmo trabalho, Gaya *et al* (2015) afirmam que o talento está associado a uma concepção de sucesso já demarcado pelas conquistas, ou seja, o termo corresponderia a um ‘ponto de chegada’ e não mais a um ‘ponto de partida’ para o investimento de pesquisas e programas relacionados ao esporte de alto rendimento. As afirmações indicadas pelos autores – pesquisadores que estão vinculados e receberam investimentos da Rede CENESP desde sua formação no final da década de 90, a qual tinha como uma das propostas desenvolver conhecimentos e programas de detecção de talentos esportivos – mostram que a própria definição de talento ‘está em debate’ e que, apesar de sua ‘indefinição’, foi e ainda parece ser colocada como argumento para a mobilização de ações. Considerando tais contradições, pergunto: como o talento passa a perder força em determinados debates e como se mantém como ponto de investimento em outros?

O Centro de Estudos do Laboratório de Aptidão Física de São Caetano do Sul (CELAFISCS), cidade da região do ABC paulista, vem dedicando-se a pesquisas e cursos de formação sobre a detecção de talentos esportivos. Segundo Matsudo, Araújo e Oliveira (2007), por meio de projetos construídos por gerações do CELAFISCS, um banco de dados foi sendo produzido a partir da avaliação de crianças em idade escolar e atletas de equipes nacionais e internacionais. Esse banco de dados elaborado pelos pesquisadores, que recebe a intervenção da estatística, constitui um dos pilares para estabelecer os ‘padrões de referência’ para performances e servem como subsídio ao desenvolvimento da Estratégia Z, um modelo biológico de detecção, prescrição e prognóstico sobre talentos esportivos. Cabe aqui destacar que o desenvolvimento dessa estratégia conta com a chancela de premiações internacionais como, por exemplo, o Grande Prêmio de Medicina Desportiva dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, tendo sido também publicado na Enciclopédia do Comitê Olímpico Internacional.

A intenção de trazer o trabalho desenvolvido no CELAFISCS para o debate desta pesquisa, se refere a sua conexão com distintos meios de divulgação de informações e com a proposta de seguir o ‘talento esportivo’ quando ele parece ser colocado em uma retórica⁴ potente o suficiente para se estender a diferentes lugares e tempo. No ano de 1993 a Folha de

⁴ Ao utilizar o conceito de ‘retórica’ estou me referindo a uma questão que foi colocada por Latour (2011) ao seguir cientistas e engenheiros ‘em ação’. Nesse debate, a ‘retórica’ passa a ser considerada também uma ‘linguagem da ciência’ que se utiliza de diferentes recursos (textos, arquivos, documentos e artigos) para a produção de um ‘fato científico’.

São Paulo publica uma reportagem sobre a pesquisa que originou a Estratégia Z, salientando o seu destaque a partir da sua premiação internacional e transformando o modelo biológico de detecção na efetiva conquista de medalhas com o título do artigo “Brasil já sabe como descobrir campeões” (ALVES, 1993, p. Especial B-5). Recentemente, a Revista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) trouxe uma reportagem de Marcos Pivetta (2016) sobre a utilização da Estratégia Z pelo ‘iSports’, um sistema virtual que contém um banco de dados sobre o desempenho e características de meninos candidatos à jogador de futebol. O iSports foi uma ferramenta desenvolvida pelo Centro de Ciências Matemáticas Aplicadas à Indústria, um dos 17 Centros de Pesquisa e Inovação e Difusão financiados pela FAPESP, que por meio da análise estatística obtidas a partir de um banco de dados, oferece informações numéricas para identificar meninos com um desempenho acima da média em comparação com outros indivíduos na mesma idade e sexo – isto é, trata-se de detectar talentos para o futebol através de uma ‘peneira virtual’ conforme o título da reportagem. Esse ‘uso’ e ‘definição’ de talento que está presente na base do iSports advém da Estratégia Z, criada no final da década de 80 e que foi conectada a uma iniciativa atual de formar padrões de referência a, dessa maneira, construir ‘outliers’.

Os processos de seleção de atletas, comumente conhecidos como ‘peneiras’, também estão presentes em pesquisas orientadas a partir de referências ligadas às ciências humanas e sociais e acabam colocando no debate a noção de talento por meio de diferentes afirmações quando comparado àquelas que fazem parte dos trabalhos que relacionam o talento a marcadores biológicos. O trabalho de Paoli *et al.* (2010) procurou estabelecer relações entre as representações do futebol brasileiro, como, por exemplo, a ideia de ‘jogar bonito’ e ‘futebol arte’, com os processos de detecção e seleção de talentos em sete clubes da primeira divisão do futebol brasileiro. A partir das informações obtidas de entrevistas com treinadores, coordenadores e observadores técnicos de clubes que possuem centros de formação de atletas, os autores concluíram que o discurso identitário atrelado ao futebol brasileiro não é colocado como marco orientador no processo de seleção de talentos para o futebol, mas a noção de ‘futebol-arte’ faz parte da comercialização desses jogadores. Uma significativa informação colocada por Paoli (2007) e Paoli *et al.* (2010) está na formação de ações que possibilitem a identificação de ‘potenciais o quanto antes’, na construção de uma ‘necessidade’ que dialoga com o mercado relacionado ao esporte e que um de seus elementos parece estar colocado na chancela do ‘talento’. Além dessas questões, estes trabalhos associam a noção de talento a determinados projetos familiares, à lógica financeira de manutenção dos clubes, ao

entretenimento, chegando aos vínculos com o mercado exterior e a noção de globalização construídos, por vezes, a partir da demarcações de jogadores como talentosos.

Assim, nesses debates que vão colocando a noção de talento ‘no jogo’ sob as lentes de referências ligadas a interpretações no âmbito da cultura outros elementos passam a entrar a cena e a oferecer outros contornos para a noção de talento. A pesquisa de Arlei Damo (2007) apresentou uma densa discussão entre a noção de ‘talento’, ‘dom’ e ‘dádiva’ como um dos elementos na transformação de alguns meninos em jogadores profissionais de futebol – um processo social complexo em que a própria noção de ‘talento’ poderia assumir significados, argumentações e ações diferentes na trajetória dos jogadores, tanto em ascensão como aqueles estabelecidos como profissionais.

Ao olhar para as pesquisas que procuram formar inúmeros bancos de dados, protocolos de detecção e seleção de talentos, padrões para diferentes modalidades esportivas e que captam recursos com a intenção de gerar estratégias para encontrar pessoas aptas ao esporte de alto rendimento, ou que pelo menos se comprove que estão com alguma vantagem em relação a maior parte dos ‘outros’ indivíduos, encontro uma série de afirmações e contradições que mostram que a noção de talento ainda ‘está em debate’. Quando me aproximo de pesquisas que se abordam as relações que fazem parte do cotidiano das pessoas e consideram o dia a dia do esporte de alto rendimento, o que chamo atenção é que a noção de talento passa a ser reafirmada e as falas e associações oferecem suporte à sua existência e são capazes de mobilizar ações. Apesar de fazer referência somente às pesquisas no futebol, o que poderia ser considerado um caso particular, o que eu gostaria de chamar atenção é que dependendo da referência assumida como ponto de partida, o ‘talento’ passa a ser relacionado com questões diferentes e, nessa linha de estudos, não entram em discussão com elementos que são colocados ‘do lado da natureza’. Nesse sentido, passo a colocar que existem duas⁵ correntes de debates sobre o talento na Educação Física, entrelaçadas nas raízes de formação da área, mas que não dialogam, embora tenham um mesmo objeto nas mãos. Uma significativa diferença a considerar é que ‘no lado’ dos debates sobre o talento mais próximos das ciências humanas e sociais, a diversidade de significados e as flutuações no ‘uso’ da expressão não se constituem como um ‘problema’ dentro das pesquisas e sim como uma ‘descoberta’ que parece retirar das suas considerações os elementos que fariam parte de um domínio da natureza, como, por exemplo, o DNA.

⁵ No meu projeto de tese, que foi submetido ao exame de qualificação, fiz um primeiro movimento de ‘mapear’ trabalhos que abordavam o ‘talento esportivo’. Naquele exercício de ‘reconhecimento do campo’, percebi que as análises sobre o tema eram realizadas a partir de bases teóricas distintas e fortemente relacionadas às divisões ‘biológica’, ‘sociocultural’ e ‘pedagógica’, as quais foram identificadas por Manoel e Carvalho (2011) como características acadêmicas da Educação Física.

A polarização entre questões ligadas às ciências biológicas ou, por outro lado, relacionadas às ciências sociais faz parte de uma lógica de dualidades que nos ensina a separar constantemente natureza e cultura. Sendo assim, dentro de cada uma dessas categorias vão se formando particularidades e objetos de pesquisa no contexto acadêmicos tão específicos que se tornam irreconhecíveis para quem pertence a ‘outra área’. Durante a pesquisa fui buscando o desafio de construir um objeto sem recorrer, de antemão, a um desses lados, mas assumindo, *a priori*, outro caminho: o de pensar no talento esportivo ‘em movimento’ e que nesse percurso a natureza e a cultura poderiam não estar colocadas como demarcadores iniciais das problematizações.

A partir dessa iniciativa, no decorrer da pesquisa, da qual falarei com maiores detalhes durante o texto, a proposta foi ‘seguir’ uma noção de talento esportivo como um ‘ator’, isto é, como um elemento que pode ser colocado em movimento, associar pessoas, objetos, instituições, engendrar projetos e, dessa maneira, abrir a possibilidade de rastreá-lo em diferentes processos ligados à Educação Física, inclusive no que se refere ao ‘esporte de alto rendimento’. Esta definição de ‘ator’, e especialmente a intenção de pensar a ideia de ‘talento esportivo’ a partir dela, partiu da esteira de debates de Bruno Latour, sociólogo francês posicionado dentre os Estudos Sociais da Ciência e Tecnologia (ESCT)⁶.

As leituras colocadas dentro de uma perspectiva de questionar, no limite, a dualidade entre natureza e cultura foram significativas para buscar um olhar para o talento sem recorrer, de antemão, às explicações em que as ‘causas’ e os seus ‘efeitos’ estariam condicionados por explicações já consolidadas em uma espécie de ‘matrizes’, sejam aquelas ligadas ao que comumente chamaríamos de ‘perspectivas acadêmicas’ – biodinâmicas ou socioculturais – ou, por outro lado, ao ‘senso comum’.

Nesses caminhos de leituras, o trabalho de Bruno Latour foi assumindo a centralidade das discussões e os conceitos produzidos pelo autor foram sendo colocados no traçado da pesquisa. Podendo ser situado em um coletivo de pesquisadores com preocupações ligadas ao debate sobre a ciência, Latour (2001, p. 15) coloca que os ‘estudos científicos’ estão interessados no funcionamento/produção de fatos científicos e o que se alcançou com eles foi a própria divulgação desses fatos, máquinas e teorias com “todas as suas raízes”. São exatamente essas ‘raízes’ que evidenciam um processo de construção de fatos, os quais são

⁶ No decorrer do processo de doutoramento fui me aproximando de leituras que faziam parte de um coletivo de pesquisadores, publicações e referências destinados a estudar a ciência e a tecnologia. Foram essas leituras que me ‘levaram a pensar’ sobre a ‘noção de talento’ para além das dicotomias que já identificava. Dentre as leituras que realizei nesse âmbito de discussões, os trabalhos de Bruno Latour foram se tornando as minhas referências centrais.

produzidos a partir de arranjos, associações, negociações e ‘ações’ que ‘limpam’ o seu próprio processo de formação e o mantém estabilizado enquanto ‘verdade’ até que novamente seja questionado. Nesse sentido, passo a compreender que procurar e olhar para as raízes oferece a possibilidade de movimentar ‘enunciados’⁷ e retirá-los de uma condição de inquestionáveis, sejam aqueles que foram sendo colocados no domínio da natureza ou da cultura.

Ao pesquisar sobre a construção de fatos científicos, tensionando uma ideia ‘purificada’ de ciência e procurando mostrar as questões e incertezas que fazem parte das pesquisas, Latour (2011) apresenta uma ideia de ‘caixa-preta’ que foi se tornando uma expressão significativa durante a pesquisa na medida em fui tentando colocar a ideia de talento como uma dessas caixas (noções) que vão sendo estabilizadas e vão se tornando inquestionáveis. Para explicar a utilização dessa expressão, o autor coloca que “a caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar é desenhada uma caixinha-preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai” (LATOURE, 2011, p. 04).

Colocar o talento como uma ‘caixa-preta’ seria considerar que, dentre as ações que estão relacionadas com a Educação Física, nela entram pesquisas, projetos, políticas governamentais, crenças, dias de treinos, seleção de atletas, padrões, referências e ideias que, sem questionar a própria noção, vão construindo informações que a sustentam e a mantêm fechada. Ao mesmo tempo, se utiliza essa tal caixinha para sustentar outras propostas, projetos e, até mesmo, consolidar críticas que a colocam sobre domínio e enfoque para ‘outras’ crenças.

Com essa pesquisa, minha intenção foi a de ‘abrir a caixa’, isto é, colocar o talento novamente ‘sob suspeita’. Isso não significa que estou duvidando de sua existência, pois se está na pauta e venho tentando mostrar que ele mobiliza ações no âmbito das políticas nacionais, em laboratórios, dentre pesquisas – inclusive como esta que realizei – e no dia a dia do treinamento de alto rendimento sua presença já está comprovada. O trabalho de campo, e nele coloco as leituras e vivências com as pessoas, foi se tornando um caminho para problematizar a noção de talento esportivo e construir as perguntas que fui apresentando como parte da abertura de uma caixa, as quais retomarei em cada capítulo deste trabalho.

No entanto, ao abrir essa caixa precisei selecionar o que ‘olharia’ para dentro dela, pois ao usar a expressão ‘talento’ uma enxurrada de representações ativam a nossa memória e as

⁷ Ao olhar para as publicações em artigos, Latour e Woolgar (1997) propõem uma noção de ‘enunciado’ para designar uma inscrição literária que comporta um ‘fato científico’ – isto é, uma ‘caixa-preta’. Em suas explicações, Latour e Woolgar (1997, p. 77) colocam que um enunciado contém um fato “quando os leitores têm a convicção de que não há debate a esse respeito e de que os processos de inscrição foram esquecidos”.

informações encontradas, sejam elas nos periódicos, em publicações em diferentes meios, narrativas da imprensa, conversas informais sobre o tema apresentam uma série de possibilidades para a pesquisa. Os fios que procurei puxar dessa caixa estão orientados por uma série de questões que parecem estar ‘em debate’ e que me ofereceram a possibilidade de pensar sobre pontos que cotidianamente se conectam à ideia de talento esportivo: as relação entre esporte e Estado e o treinamento cotidiano no alto rendimento. Esses dois pilares estou compreendendo como práticas ligadas à Educação Física que, embora se conectem em alguns pontos, possuem um ‘coletivo de pensamento’⁸ com debates e ações relativamente particulares. Essa formulação parte da questão central da pesquisa: **como a ‘noção’ de talento esportivo vem sendo produzida, de que maneira se mantém e o que produz nessas práticas a partir de sua estabilização?**

1.1 O TALENTO SOB UMA PERSPECTIVA HÍBRIDA

O objetivo deste tópico de discussões é apresentar alguns pontos sobre uma perspectiva teórica da qual me aproximei durante a pesquisa. Cabe considerar que esse meu vínculo aconteceu também por intermédio de trabalhos que, dentre essa linha de debates, exploraram temas que transpassam a Educação Física e que me ajudaram a construir um objeto de estudo e, principalmente, os caminhos para segui-lo. Assim, nas páginas que seguem, mostrarei um pequeno (e simplificado) relato sobre uma linha de discussões, mas procurando enfatizar os trabalhos empíricos que abordaram conceitos que foram se tornando chaves para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Um dos primeiros pontos a considerar se refere ao debate, do qual me aproximei e proponho como caminho para pensar o talento, está na direção de investir na dissolução de fronteiras, ou, ao menos, o questionamento da concepção de cultura e natureza como categorias que contém explicações nelas mesmas (ficando o pesquisador com a ‘tarefa’ de apreender seus conteúdos) ou que estariam em sentidos opostos, ou, em algumas hipóteses, seriam complementares. Uma das possibilidades de tensionar esse quadro interpretativo está na esteira de debates que Latour (1994), cujas discussões colocam essa interpretação dualista (ou

⁸ A ideia de ‘coletivo de pensamento’, colocada por Fleck (2010), foi me ajudando a olhar para determinados saberes produzidos dentre um grupo de pessoas que estabelecem uma influência recíproca. De acordo com Fleck (2010), esse processo de produção de conhecimento pode sofrer inúmeras variações de acordo com o tempo, processos sociais e diferentes associações construídas pelas pessoas.

complementar) como uma perspectiva ‘moderna’, com a qual irá debater e viabilizar uma análise ‘não-moderna’ para as práticas cotidianas.

Uma crítica à noção de modernidade foi colocada por Latour (1994, p. 16) por meio de um caminho que sugere que essa própria definição (que somos modernos) está inserida em dois conjuntos de práticas que desenrolam-se conectadas: um desses conjuntos se torna capaz de criar misturas entre elementos de diferentes domínios, ou seja, “híbridos de natureza e cultura”, através de um processo de “tradução”; o segundo conjunto de práticas, cria duas zonas ontológicas inteiramente distintas através de um processo de “purificação”, que acaba mantendo humanos e não humanos, sociedade e natureza, mente e matéria – e tantos outros pares de oposição – separados. A partir dessa colocação, torna-se possível olhar pela via de uma análise considerando que ‘jamais fomos modernos’, pois o que entendemos como modernidade, algo que nos permitiria um mundo estratificado, limpo, organizado, trata-se de uma produção que ‘purificou’, ou seja, que apagou os processos de uma outra prática que constrói híbridos, esses que são impuros, misturados, interessados, emaranhados, pela via de um trabalho de ‘tradução’.

Cabe reiterar que essa definição de modernidade está marcada por uma situação paradoxal, pois a purificação, enquanto uma prática, acontece porque há uma outra prática em andamento, essa última se refere a formação de híbridos a partir do próprio processo de tradução. Para Latour “enquanto considerarmos separadamente estas práticas, seremos realmente modernos, ou seja, estaremos aderindo sinceramente ao projeto da purificação crítica, ainda que este se desenvolva somente através da proliferação dos híbridos” (LATOUR, 1994, p. 16).

Um dos trabalhos que nos abre a possibilidade de olhar para tal paradoxo na Educação Física foi colocado pela análise de Myskiw (2012) ao seguir o futebol na cidade de Porto Alegre, especialmente no que se refere à várzea. Na densidade da análise com o material empírico produzido no decorrer de uma pesquisa etnográfica, torna-se possível perceber que ‘quem’ circula na cidade ‘pela vida do futebol de várzea’, em alguma medida, estará lidando com um movimento paradoxal que, de uma lado, produz uma noção purificada sobre a ‘organização’, ‘times’, ‘torcedores’ e ‘disciplina’ e, de outro, com práticas que nas tramas e trajetórias de vida acabam por poluir, por hibridizar, essas categorias tão presentes na análise do futebol. Cabe considerar, ainda, que questões quando à ‘organização’, aos ‘times’, aos ‘torcedores’ e à ‘disciplina’ são ‘controvérsias’, elementos em disputa que ao serem seguidas passam a evidenciar possibilidades de vivências com o futebol em práticas cotidianas.

A partir dessas considerações, ao olhar para o talento esportivo a partir do ‘projeto da modernidade’, com a intenção de encontrar as suas ‘causas’ e os seus ‘efeitos’ e sem considerar esses dois movimentos, por um lado, seria rastreá-lo no âmbito de concepções já purificadas no domínio da natureza. Nesse sentido, por exemplo, passaria a olhar para questões já estabilizadas na área da genética, nos protocolos de medidas de capacidades físicas, nas amostras populacionais e na conseqüente formação e procura de sujeitos ‘*outliers*’. Por outro lado, a purificação também pode ser construída no âmbito da sociedade. Nesse espectro de soluções, olharia para o talento esportivo procurando as condições sociais que levaram um determinado sujeito a se tornar um ‘diferenciado’ a partir de condições contextuais, como, por exemplo, formação familiar, vivências em determinados espaços de treinamento, relações sociais que construíram oportunidades para explorar potencialidades biológicas ou que abriram espaço para a formação de uma trajetória esportiva.

Escolher, *a priori*, um desses lados me ofereceria a possibilidade de buscar regularidades em determinados contextos ou, por outro lado, procurar as ‘causas’ e criar hipóteses sobre seus ‘efeitos’ e, quem sabe até, direcionar o olhar para prescrições de treinamentos, protocolos de medidas ou construir bases de dados para políticas de detecção dessas pessoas. No entanto, esses dois caminhos foram sendo problematizados a partir do momento em que passei a me arriscar em olhar para o talento esportivo dentro desse quadro teórico “não moderno” (LATOURE, 1994, p. 137).

O conceito de ‘tradução’, já citado anteriormente, assume um lugar significativo nessa perspectiva e foi se tornando fundamental para pensar o talento esportivo na esteira desses debates. O processo de tradução carrega consigo uma ideia de movimento, a qual implica em alguma mudança. Esse conceito pode ser compreendido como uma prática capaz de associar interesses, objetivos e elementos heterogêneos. Nesse sentido, a ‘tradução’ envolve um processo no qual há ‘mediações’ e, nesse percurso, produzem-se híbridos que se tornam rastreáveis na medida em que ‘entram em ação’. Latour (2012, p. 159-160, grifos do autor) utiliza a palavra ‘tradução’ para designar “[...] uma conexão que transporta, por assim dizer, transformações, [e] a complicada palavra *rede* [...] como aquilo que é *traçado* pelas traduções nas explicações dos pesquisadores”.

A definição de tradução que apresento no excerto acima está conectada com outro conceito, o de rede, mais precisamente, ao de ‘ator-rede’. Falar em Teoria Ator Rede (TAR) é recorrer, ao mesmo tempo, a um posicionamento epistemológico, que superficialmente venho colocando no decorrer do texto, e um caminho metodológico a ser pensado e construído.

Um primeiro ponto para nos aproximarmos da noção de rede é levar em consideração que a “rede é um conceito, não coisa” (LATOURE, 2012, p. 192). Essa definição ajuda a nos distanciarmos de uma ‘rede’ como um desenho com pontos conectados, de algo que pertence à sociedade e que seria compreendido pelo pesquisador ou construído como um processo planejado pelas pessoas. Nesse sentido, podemos considerar que a ideia de rede também está ligada com uma noção de movimento, de algo fluído, um ‘traçado’ construído e que se materializa na forma de um relato. Cabe destacar que a ‘rede’ é anterior ao próprio relato, “é uma ferramenta que nos ajuda a descrever algo, não algo que esteja sendo descrito” (LATOURE, 2012, p. 192).

Seguindo essa maneira de compreender a ideia de ‘rede’, podemos entrar em outro ponto: ela é formada a partir dos rastros demarcados pelos “fluxos de translações⁹” (LATOURE, 2012, p. 193), isto é, a rede “é o traço deixado por um agente em movimento” (LATOURE, 2012, p. 194). Esses agentes ‘em movimento’ (humanos e não humanos) que na sua ação são capazes de levar outros agentes a agir, produzindo uma modificação, são chamados de ‘mediadores’ – uma definição também central na TAR e que me ajudou a tornar o talento esportivo um ‘objeto’ – um ator – a ser rastreado.

Através dessa proposta que nos sugere caminhos de olhar para as movimentações, oferecendo conceitos e ações metodológicas, podemos nos distanciar de uma ideia de rede como algo composto por pessoas, objetos e estruturas conectadas na sociedade. Essa proposta nos leva para uma perspectiva de rede como “um fio” (LATOURE, 1994, p. 9) capaz de costurar diferentes domínios, levando em consideração um traçado produzido a partir de processos de traduções, direcionando o olhar para ‘os atores’ que estão ‘em ação’, ou seja, produzindo transformações e mantendo interesses associados.

Cabe considerar, ainda, que esses ‘agentes em ação’, os mediadores, são considerados dessa maneira porque “transformam, traduzem, distorcem e modificam o significado ou os elementos que supostamente veiculam” (LATOURE, 2012, p. 65). Um dos caminhos para compreender essa definição é que ela se opõe a noção de ‘intermediários’, os quais apenas transportam significados, mas sem provocar nenhum tipo de transformação. Os intermediários são o que Latour denominou de “caixa-preta” (LATOURE, 2011, p. 4).

O conceito de mediação está vinculado à ideia de ‘actante’. Com essa definição, Latour (2012) busca se distanciar de uma concepção de ator dentro de uma perspectiva de análise

⁹ No decorrer do trabalho, utilizar-me-ei do termo ‘tradução’ como sinônimo de ‘translação’, pois de acordo com a resenha para o livro *Ciência em Ação* (LATOURE, 2011), elaborada por Márcia Teixeira (2001), os dois termos fazem parte de traduções, mas a ideia de ‘tradução’ corresponde, com maior consistência, à proposta original.

sociológica por ele considerada ‘tradicional’, em que o ator estaria fixo e vinculado a uma unidade, e passa a usar a noção de actante, ligada à semiótica, referindo-se a um elemento híbrido, uma conexão, que em ação ‘faz fazer’, que transforma e que está agindo no coletivo no qual está inserido.

No trabalho de Tarcísio Cardoso (2015), dedicado em aprofundar a análise do conceito de mediação – colocado em diferentes obras do Latour –, o autor passa a sustentar que esse conceito se torna uma ‘chave’ para fomentar um pensamento não dualista e oferece uma análise para pensar nas diferenças entre a ideia de ‘mediação’ e ‘actante’. Nas interpretação de Cardoso (2015):

[...] **a ideia de mediação coloca a ênfase na ação (do actante), ao passo que actante diz respeito mais ao elemento responsável por aquela ação** (que é, por sua vez, sempre mediada). A mediação, a ação do meio, que interessa é aquela capaz de alterar a configuração dos polos, engendrando entidades e classes novas. Essa abordagem nos interessa de modo especial, pois permitirá entender todo **actante como um elemento que opera mediações**, isto é, opera modificações em certa medida irreversíveis na rede em que atua. Dito de outro modo, o conceito de actante está sendo entendido como um elemento mínimo de um processo chamado mediação, que, por sua vez, expressa sempre um efeito no exame do funcionamento de outros elementos de uma rede (CARDOSO, 2015, p. 239, grifos meus).

Esse excerto nos mostra que o conceito de mediação e actante além de estarem intimamente relacionados, ambos oferecem a possibilidade de deslocar a compreensão de sujeitos, instituições, objetos, conceitos de uma constituição precisa e/ou definida em si mesmo e passam a ser pensadas de maneira fluída, em transformação e fortemente vinculadas a quem está construindo e descrevendo determinada rede. Nesse mesmo trabalho, Cardoso (2015, p. 43) coloca que “[...] o conceito de actante mereceu destaque, pois é a partir dele que Latour propõe um achatamento funcional dos papéis do sujeito e do objeto, tomando-os como híbrido, [...] cujo papel operacional só pode ser dado no próprio tecido em que aparece”.

Ao falar sobre a própria formação de um sujeito dentro dessa perspectiva em que a construção se faz através de múltiplas associações, Latour (2012, p. 300) coloca que mesmo um corpo anônimo e genérico depende de um “dilúvio de entidades que lhes permitem existir. Agora, enfim, o ‘ator’ é um reagrupamento totalmente artificial e totalmente rastreável”. Cabe destacar uma diferença dessa maneira de pensar na construção de um sujeito formado por múltiplas associações heterogêneas, as quais não estão sendo compreendidas a partir de significações de elementos concretos que pertencentes à sociedade/contexto – o que seria uma interpretação muito próxima do conceito de cultura definido por Geertz (1989) e amplamente

difundido dentre pesquisadores/profissionais da Educação Física¹⁰ – ou dentro de uma constituição biológica que conduziria as ações.

A intenção de trazer, mesmo que de forma breve, conceitos como ator-rede, actante, mediação, híbrido, tradução, purificação, associações e intermediários está na direção de elaborar uma linguagem ‘em comum’. Isto é, nas páginas que seguem, serão esses termos que farão parte dos relatos da pesquisa. Além disso, ao colocá-los nesse eixo de discussões estou salientando que, além de termos, há um posicionamento teórico contido em cada um deles, os quais me ajudaram a elaborar o próprio processo da pesquisa, e, especificamente, a transformação do talento em objeto ‘em movimento’ e, por isso, rastreável.

Posso dizer, ainda, que nessa matriz interpretativa estou lidando com a diferenciação entre uma noção de ‘sociologia do social’ – centrada no conceito de sociedade e nas ‘explicações sociais’ para determinados fenômenos – e o que Latour (2012) chamou de ‘sociologia das associações’, a qual substitui uma concepção de contexto em que sujeitos humanos se posicionam em torno de códigos comuns, por uma ideia de seguir os rastros de associações heterogêneas em determinados coletivos.

Nesse debate, quando falamos em uma sociologia das associações, a ideia de ‘social’ passa a ser compreendida como associações entre elementos de diferentes domínios e é exatamente a conexão que os torna social. Nesse sentido, Latour (2012, p. 23, grifos do autor) coloca que “o adjetivo ‘social’ não designa uma coisa entre outras [uma explicação que complementaria ‘fatores naturais’, por exemplo], como um carneiro negro entre carneiros brancos, e sim um *tipo de conexão* entre coisas que não são, em si mesmas, sociais”.

A proposta de direcionar a análise de um objeto a partir da sociologia das associações implica, necessariamente, olhar para todo tipo de arranjo que pode ser estabelecido entre humanos e/ou não-humanos sob um princípio de simetria (LATOUR, 1994; 2012). Se a noção de sociedade se referia a olhar para as relações entre pessoas, instituições e compartilhamento de códigos, o conceito de coletivo nos leva a englobar elementos diversos que atores (actantes) podem mobilizar para manter seus interesses em pauta.

No livro *Reagregando o Social*, Latour (2012, p. 18-19) salienta que a própria multiplicação dos produtos da ciência e da tecnologia nos impede de “precisar os ingredientes que entram na composição do domínio social” e complementa dizendo que “já não se sabe ao

¹⁰ Cabe fazer referência a análise de Jocimar Daólio (2004) sobre a trajetória do conceito de ‘cultura’ na Educação Física. Além disso, essa perspectiva da cultura como ‘contexto’, como uma ‘teia de significados’ relacionada à proposta de Geertz (1989), fez parte de uma experiência etnográfica anterior que eu desenvolvi ‘no contexto’ de uma equipe máster de voleibol feminino (PACHECO, 2012).

certo se existem relações específicas o bastante para serem chamadas de ‘sociais’ e agrupadas num domínio especial capaz de funcionar como uma ‘sociedade’. O social parece diluído por toda parte e por nenhuma em particular”. Cabe destacar que não se trata de substituir o quadro interpretativo ligado à sociologia do social, mas se deixar conduzir por vínculos inesperados que associam elementos considerados de diferentes domínios e que podem ajudar a compreender como determinados coletivos conseguem se manter existindo.

Na etnografia realizada por Latour e Woolgar (1997) em um laboratório de endocrinologia da Califórnia, ao longo de dois anos, entre as diferentes análises empreendidas pelo autor e os diferentes conceitos que são propostos nesse trabalho, a construção e a estabilização de fatos científicos não estava ligada somente ao trabalho dos pesquisadores em construir métodos e manipular dados, mas em arranjos que conectavam formas específicas de publicação dos resultados, contava com uma história de sucesso do laboratório, estava acompanhando da atuação de hormônios, aparelhos e animais, havia disputas com outros laboratórios, volumosos financiamentos e tantas outras conexões estabelecidas naquele coletivo. Ao relatar sobre a vida daquele laboratório, Latour e Woolgar (1997) mostraram que nas suas ‘raízes’ estavam decisões tomadas nem sempre a partir de dados controlados, mas por arranjos momentâneos que associavam diferentes interesses que lá sobreviviam e que uma multiplicidade de elementos estavam conectados naquele dia a dia.

Em outro relato de uma rede, Latour (2001) nos mostra o caso de Frédéric Joliot, um cientista francês que tinha o objetivo de ser o primeiro a conseguir produzir uma reação nuclear artificial em cadeia e com isso abrir caminho para novas descobertas na ciência. Para construir seu laboratório e chegar à fissão nuclear, Joliot ‘agiu’ e estabeleceu uma conexão com empresários que ofereceriam os materiais necessários, com grandes indústrias, com países interessados em dificultar que os alemães chegassem ao mesmo resultado antes dos franceses – considerando que se tratava do período da Segunda Guerra Mundial –, mobilizou outros cientistas a trabalharem com ele, associou nêutrons e micropartículas, contou com materiais e máquinas e chegou ao ministro de Armamentos da França. Esse, por sua vez, tinha como objetivo garantir a segurança e o poder militar nacional.

Essa ação de Joliot nos mostra que há uma translação de interesses, pois o seu objetivo inicial de ‘produzir a fissão nuclear’ foi combinado ao interesse do ministro francês, formando assim um único objetivo composto: “um laboratório para a reação em cadeia e futura independência nacional” (LATOUR, 2001, p. 106). Ao apresentar seu objetivo ao ministro, Joliot não altera sua ideia inicial, mas o convence de que investir no laboratório é alcançar também o seus interesses e, a partir dessa translação, a fissão nuclear ganha a possibilidade

existir, pois sem o financiamento Joliot não poderia dar continuidade ao seu projeto. Nesse relato apresentado por Latour, o laboratório e a defesa do país não podem mais ser compreendidos/analizados como uma questão puramente ‘científica’, nem como ‘política’, pois é exatamente a imprecisão dos domínios que permite que os dois objetivos sejam alcançados. Além disso, cabe colocar que o trabalho de Joliot – um mediador porque ‘faz fazer’ – é o que conecta o ministro dos Armamentos e os nêutrons em seu projeto de fissão nuclear, são essas negociações e as conexões que deixam os rastros que foram seguidos por Latour (2001).

Nos debates vinculados à ciência, o trabalho de Silveira (2016), localizado nessa esteira de discussões dos ESCT, nos ajuda a olhar sobre o fazer de pesquisadores na Educação Física. Por meio de uma densa pesquisa etnográfica, na qual a autora ‘viveu’ o dia a dia de dois grupos de pesquisas, além de estabelecer um debate sobre a ciência na Educação Física produzida a partir de diferentes ontologias, a pesquisa evidencia como essas práticas são produzidas no seu dia a dia. Nesse percurso de ‘seguir’ cientistas ‘em ação’, Silveira (2016) evidencia que – ‘na prática’ – a ciência desenvolvida na Educação Física era desenvolvida ‘com’ pessoas que possuem interesses pelas áreas exatas, com a dedicação exclusiva ao laboratório, com aparatos tecnológicos, com empresas privadas, com protocolos de medidas, com ‘softwares’, com a estatística e com inúmeros processos de purificação. Além dessa ‘prática’ científica, a ciência também é desenvolvida na Educação Física com pesquisadores que também são professores da escola, com referências sobre ‘educação’, com experiências adquiridas ‘na escola’, com metodologias qualitativas, com a perspectiva de ‘dar voz’ aos professores, com ‘categorias de análises’, com textos descritivos e hermenêuticos, com posicionamentos que se colocam ‘em tensão’ com outras práticas científicas na Educação Física.

Outro ponto que gostaria de destacar nesse amplo universo de conceitos colocados por Bruno Latour, está na ‘atuação’ dos não-humanos como atores que fazem fazer dentro determinado coletivo. Além do trabalho de Silveira (2016), o qual nos mostra ‘softwares’, livros, textos, números, atuando na medida em que colocam outros elementos ‘em ação’, um exemplo pode ser encontrado no relato sobre o ‘kit de odores’ (*‘melette à odeurs’*) utilizado para o treinamento de pessoas que farão parte da ‘identificação’ e ‘composição de fragrâncias’ para o mercado de perfumaria abordado por Latour (2008). Ao provocar o debate sobre ‘corpo’, Latour (2008, p. 40) evidencia um processo cuidadosamente planejado que acaba por ‘produzir um nariz’ e que permitiria “habitar um mundo odorífero amplamente diversificado”, do qual faz parte a própria indústria de perfumes.

Ao relatar esse processo, Latour (2008) chama atenção para as discussões sobre o corpo, buscando oferecer uma referência para a análise em contraste com a perspectiva da

modernidade, a qual colocaria as fragrâncias no mundo dos objetos, o corpo em um mundo dos sujeitos e o ‘kit de odores’ passaria a ser um intermediário que estabeleceria uma relação entre os dois mundos, mas sem afetá-los. Nesse quadro interpretativo – moderno – a aprendizagem permanece distante de um processo dinâmico, pois cada elemento seria posicionado em um lugar de origem e fim. Essa análise ainda nos levaria para uma ‘qualificação’ dessa relação, pois passaríamos a considerar que existem alguns odores que podem não ser percebidos por todos os ‘narizes’ ou que os contrastes podem ser percebidos de maneiras diferentes.

A partir da descrição desse caso, Latour (2008, p. 40) propõe o investimento em “‘conversas do corpo’, isto é, sobre as diversas formas como o corpo é envolvido nos relatos daquilo que faz”. A partir dessa análise, o corpo passa a ser compreendido como uma trajetória dinâmica na qual outros elementos, humanos e não-humanos, o colocam em movimento na direção de ‘aprender a ser afetado’, passando a registrar, perceber diferenças e nos tornando sensíveis ao que está ao redor. Nesse rastro deixado pelo movimento, Latour (2008) coloca a noção de ‘articulação’ para conectar – numa mesma trajetória de ‘obter um corpo’ – o aluno que está aprendendo a ser um ‘nariz’¹¹, o professor que cuidadosamente coloca em uma determinada ordem os frascos dos ‘kits de odores’ e os químicos que estão dedicados em construir instrumentos para registrar diferenças químicas para a indústria de criação de perfumes. Nesse sentido, Latour (2008, p. 42) coloca que “‘todos estes atores podem ser definidos como corpos que aprendem a ser afetados por diferenças que anteriormente não podiam registrar, através da mediação de um arranjo artificial’”.

Por meio dessa perspectiva, não me parece um exagero considerar que os não-humanos – fragrâncias, kits, instrumentos – provocam modificações e colocam outros atores em movimento. Latour (2008, p. 41) ainda evidencia que “‘no que diz respeito à sensação progressiva, o kit é coextensivo ao corpo’”, pois foi a partir dele e do arranjo específico montado pelo professor que permitiu que pessoas fossem sensibilizadas e alcançassem um desenvolvimento sensorial – adquirindo, nesse sentido, maiores possibilidades de conexões com fragrâncias imperceptíveis aos ‘não treinados’.

No âmbito de temas referentes à Educação Física, Marcos Silbermann (2016) nos mostra a variedade de processos de aprendizagem que estão colocados na produção de um ‘corpo hidrodinâmico’ na natação. Nessa pesquisa, o autor se insere no debate sobre a produção de um atleta de alto rendimento e nos mostra que a cada nova tecnologia (por exemplo, filmagens,

¹¹ Nesse texto, Latour (2008) mostra que ‘o nariz’ se refere a pessoa que possui uma formação na identificação e produção de fragrâncias. Como comparação, podemos fazer referência ao ‘barista’ habilitado à prova do café e o ‘enólogo’ como o ‘especialista’ em vinhos.

análises biomecânicas, recursos sintéticos) integrada ao coletivo acaba por instaurar novos limites e possibilidades ao corpo. Além disso, o autor nos relata que esse processo de formação de atletas de alto rendimento na natação, simultaneamente, formulam e articulam corpos capazes de atuarem (performar) nas arenas do esporte de alto rendimento.

Trazer ao texto o relato da pesquisa realizada por Latour e Woolgar (1997) no laboratório de neuroendócrinologia me ajuda a mostrar uma rede de associações entre elementos absolutamente heterogêneos. Era essa rede que mantinha e estabilizava não só os fatos que eram produzidos, mas um laboratório em um coletivo de pesquisadores que trabalhavam para se manter em funcionamento. Além disso, ao dar vida à prática científica daqueles pesquisadores, Latour e Woolgar (1997) colocaram as incertezas e as controvérsias em pauta para mostrar uma trajetória de purificação também necessária a existência naquele coletivo da ciência. No caso do Joliot, Latour (2001) mostra um mediador ‘em ação’ e relata como processos de tradução vão sendo conduzidos e mantém os projetos de cada mediador em andamento. Ao falar sobre o corpo, Latour (2008) nos coloca diante de um objeto – tão caro à Educação Física – que pode ser pensado também a partir de seu vínculo com não-humanos, os quais se tornam coextensivos ao corpo.

No decorrer desse eixo de discussões fui apresentando conceitos e buscando oferecer elementos evidenciados a partir de análises empíricas que me ajudaram a compreender debates envolvidos com a noção de ‘ação’, ‘seguir’, ‘rastrear’, ‘humanos’, ‘não-humanos’, ‘mediação’, ‘atores’, ‘rede’, ‘vínculos’. Cabe ressaltar que esses termos, que se referem a conceitos, estão implicados também na ação do pesquisador e são eles que mediam um processo de formação de relatos. Assim, esse percurso metodológico que segui será descrito no tópico seguinte.

1.2 PROCESSOS DA PESQUISA

Neste tópico apresentarei os processos, as escolhas e as movimentações que fiz durante a pesquisa. Nesse sentido, mostrarei uma trajetória atravessada por experiências com teorias, observações, análises e percalços que, de alguma maneira, foram conduzindo a minha prática¹² e a minha experiência etnográfica. Trata-se, então, de apresentar um relato sobre as minhas

¹² Ao me referir às noções de ‘experiência’ e ‘prática’ etnográfica estou considerando os debates colocados por Magnani (2009), nos quais a ‘prática’ se refere a uma lógica programada, contínua, sistematizada que faz parte da produção de uma pesquisa etnográfica e, não distante dessa primeira consideração, mas diferente, a ‘experiência etnográfica’ é descontínua, imprevisível, afeta-nos e estaria aberta ao inesperado quando se compartilha, de maneira harmoniosa ou não, visões de mundo.

vivências com pessoas, instituições, textos e debates que me ajudaram a produzir um determinado percurso de análises no decorrer de um processo de pesquisa.

Se, por um lado, minha intenção inicial era analisar o talento buscando retirá-lo de interpretações ligadas à cultura e à natureza, por outro, foi por meio da aproximação com a noção de ator-rede que passei a perceber que uma ‘terceira via’, cuja proposta seria colocá-lo na intersecção entre esses dois domínios, era oferecer uma saída rápida, mas que permanecia reproduzindo tais categorias. A soma dessas duas escolhas – a primeira de problematizar a polarização entre natureza e cultura e a segunda iniciada a partir de uma perspectiva teórica – levou-me a considerar que o talento poderia atuar como um ‘mediador’. Foi logo nos primeiros passos da pesquisa, por meio do ajuste dessa ‘lente’, que procurei olhar para as mobilizações que me pareciam ser produzidas a partir da utilização da noção de talento.

Essa análise não partiu de uma definição teórica desconectada de minhas observações, mas, pelo contrário, percebia que o talento estava em pauta na Educação Física e, se assim continuava, era porque se mostrava ‘potente’ na mobilização de outros elementos. Foi dessa maneira que eu coloquei o talento ‘em movimento’, buscando seguir as suas conexões. Cabe complementar, ainda, que “o vínculo designa [...] o que afeta, o que coloca em movimento”¹³ (LATOUR, 2016, p. 87). Assim, a natureza, a cultura e a intersecção pareciam ‘imobilizar’ a análise sobre o talento e passaram se ser consideradas, dentre uma mesma perspectiva teórica, como uma produção de múltiplas associações que nos levam a um processo de purificação.

Cabe aqui abrir um parênteses para esclarecer que no decorrer da pesquisa era o talento que estava em movimento, em ‘circulação’. Nesse sentido, a ideia de ‘deslocamento’ estaria atrelada ao meu objeto de pesquisa e aos outros mediadores que fui conseguindo acompanhar. Trata-se, então, de um deslocamento do talento dentre vínculos, ou seja, a circulação era realizada por uma expressão que poderia estar presente e atuar em falas, textos, negociações, projetos, documentos, discursos e o que eu buscava era segui-la por esses lugares, procurar o que a ela estava conectado e, simultaneamente, como tais elementos a produziam. Serão essas movimentações do talento, nas quais percebia que ele era produzido de diferentes maneiras e formava vínculos distintos, que serão descritas nos próximos capítulos e na forma de redes. Assim, quero ressaltar que estou apresentando as escolhas teórico-metodológicas – isto é, no momento em que me utilizo de uma perspectiva teórica, a qual me permitiu olhar para o talento

¹³ Inclusive, ao fazer essa consideração, Latour (2016, p. 79) propõe uma substituição da noção de ‘ator-rede’ pela denominação ‘rede de vínculos’, pois está última conservaria a ideia de ‘ação’ enquanto a anterior traria resquícios de uma análise estrutural.

‘em movimento’, também decidi me colocar, o quando foi possível, dentre os seus caminhos metodológicos.

Essa perspectiva do seguir foi se mostrando distinta de outra concepção que atravessou a própria elaboração inicial da pesquisa, momento em que me aproximava de trabalhos etnográficos desenvolvidos por meio de uma perspectiva de circulação, o que se considerava era o deslocamento ‘geográfico’ do pesquisador, elementos e, nesse processo, de significados. Nesse âmbito de discussões, através do trabalho de George Marcus (2001), compreendi as definições de um desenho de pesquisa etnográfica multilocal, o qual indicava uma elaboração de análises a partir dos rastros de conexões, associações e relações estabelecidas dentre os deslocamentos. No entanto, foi uma análise sobre os trabalhos de Thomassim (2010), Myskiw (2012) e Silveira (2016) que me mobilizaram a olhar para possibilidades de deslocamentos e processos de análises sobre temas da/na Educação Física – com essas pesquisa aprendi sobre o cotidiano de ‘pessoas comuns’¹⁴ e entrei em contato com saberes produzidos por meio de trajetórias, controvérsias e práticas científicas, respectivamente.

Assim, considero que as definições de ‘contexto’ e ‘loais de pesquisa’ vão sendo rearranjadas pelas próprias práticas cotidianas e pelas implicações dos objetos escolhidos. Se, por meio dessas análises, a noção de talento foi entrando em movimento, seria preciso definir por quais caminhos eu me deteria para acompanhar os seus rastros. Somada a essa demanda do objeto, agora um híbrido em constante formação, percebia a sua recorrente ênfase dentre a política pública nacional de esporte, nas produções acadêmicas e no esporte de alto rendimento. Assim, considerava que essas três ‘práticas’ ofereceriam caminhos profícuos para eu elaborar as ‘redes’ de vínculos em que o talento era produzido e fazia fazer. Além disso, realizar uma pesquisa etnográfica com o esporte de alto rendimento seria a construção de uma ‘oportunidade’ para observar o talento de dentro¹⁵ da pirâmide.

A partir dessas escolhas passei a elaborar um banco de dados que pudesse me permitir obter informações sobre o talento, o esporte, e as relações com o Estado. Assim, parte do material empírico desta pesquisa foi produzido por meio do garimpo de publicações que estavam indexadas ao Redalyc, Scielo, WoS, Scopus, Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico, Pubmed, Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital

¹⁴ Refiro-me aos debates colocados por Stigger (2002), cuja proposta inicial estava na direção de compreender práticas cotidianas de pessoas que escolhem e produzem diferentes maneiras de vivenciar o esporte.

¹⁵ Ao utilizar a expressão ‘de dentro’, estou me referindo ao debate proposto por Magnani (2002) na diferenciação entre ‘de perto e de dentro’ e ‘de fora e de longe’. Embora o autor refira-se a uma análise simbólica, essas categorias me ‘ajudaram a pensar’ na possibilidade de olhar para um noção de ‘pirâmide esportiva’ e, principalmente, de problematiza-la enquanto balizador do esporte de alto rendimento.

Brasileira de Teses e Dissertações. Cabe considerar dois entraves que emergiram dessa produção de materiais. O primeiro estava relacionado ao volume de publicações e informações produzidos a partir de uma escolha de descritores amplos. Inicialmente, utilizei os termos ‘talento’, ‘talento esportivo’, ‘esporte’, ‘detecção de talentos’ na intenção de reconhecer um espaço de produção do conhecimento e de discussões que estava apreendendo a circular. Por um lado, essa quantidade de arquivos, mostrava-me que o talento vinha se mantendo e atravessando as mais diferentes publicações, as quais fui acompanhando a partir de uma sistematização das produções acadêmicas em uma tabela com registros sobre os autores, títulos dos trabalhos, ano das publicações, indexação, localização da área que embasavam suas referências e ‘coletivos’ que fui elaborando para olhar para o talento esportivo. Essa última categoria de registro, os coletivos de pensamento, me ajudavam a acompanhar por quais grupos de pessoas e fluxos de informações (associações de elementos) o talento esportivo parecia estar sendo produzido. Nesse sentido, fui delimitando o garimpo de informações ao coletivo da política pública nacional de esporte, os laboratórios de pesquisa e o treinamento de alto rendimento.

A quantidade de dados gerados me levou a um segundo contratempo e demandou a elaboração de um segundo recorte: foi preciso delimitar as redes que vinha me propondo a construir e descrever. A partir dessas duas ponderações, passei a elaborar um mapeamento das relações entre o esporte e o Estado, um dos coletivos que me propus a acompanhar, pela via de quatro trabalhos, os quais dedicaram-se a uma análise das trajetórias, de longa data, da política nacional de esportes e lazer. Entre essas pesquisas estava: uma das primeiras propostas de análise da política pública nacional de esporte desenvolvida por Eduardo Dias Manhães (1986); a dissertação de Meily Linhales (1996) que dedicou-se em compreender como o Estado passou a se ocupar do esporte; a tese de Luciano Bueno (2008) que abordava os caminhos que levavam a manutenção do predomínio do esporte de alto rendimento como investimento público; e o trabalho de Pedro Athayde (2014), cuja proposta foi analisar questões econômicas, sociais e políticas que atravessaram as definições de prioridades nessa trajetória da política pública, especialmente a partir do governo de Luís Inácio Lula da Silva.

Foram esses trabalhos que geraram um mapeamento inicial, o qual utilizei como ponto de partida para um novo garimpo sobre publicações, Decretos, Leis e projetos governamentais, construído a partir do que percebia como flutuações da noção de talento. Isto é, a partir dessa análise, considerando um extenso período, compreendi que a utilização da expressão talento foi passando por uma trajetória de mudanças e, nesse processo, sendo produzido e associando diferentes elementos. Na sequência, deparei-me com outro entrave relacionado, novamente, à

quantidade de informações que estavam relacionadas ao talento. Cabe retomar, conforme salientei no tópico anterior, que ora falar em talento era colocar em pauta uma determinada ideia de Nação, ora era remeter-se a um protocolo e ora uma discussão de classe. Ao perceber essa amplitude fui compreendendo também que havia um processo, de longo percurso, que borrava temporalidades e espaços, sendo, então, o talento produzido por todos esses elementos. Assim, encontrava-me diante da necessidade de estabelecer ‘novos’ recortes.

O próximo passo foi construir um recorte em que, num primeiro traçado de uma rede, enfatizaria o modelo seletivo e o esporte espetacularizado como pauta do Estado já em seus primeiros momentos de formação. Na sequência, colocaria em pauta uma flutuação da noção de talento. Na continuação desse relato vou me ater à produção do talento pela via de um ‘ponto de passagem obrigatório’: os laboratórios de pesquisa na Educação Física – estas discussões serão abordadas no capítulo dois, inclusive os caminhos metodológicos específicos que fizeram parte de sua elaboração.

Um segundo percurso produzido nessa pesquisa se refere ao trabalho de campo desenvolvido no Grêmio Náutico União (GNU), um clube da cidade de Porto Alegre ‘reconhecido’ por suas relações com o esporte de alto rendimento, cujos atletas e treinadores de diversas modalidades, com frequência, fazem parte de seleções nacionais que representam o país em diversas competições.

Essa pesquisa que desenvolvi e a minha intervenção em campo no GNU foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFRGS sob o Parecer de nº 1.397.016. No entanto, os tramites de aprovação foram construídos, com maiores dificuldades e detalhes do que os exigidos pelo CEP, no dia a dia da pesquisa. Em primeiro lugar, foi preciso ‘procurar’ o contato com uma ‘pessoa da gerência de esportes’ do Clube, pois precisaria de uma ‘autorização oficial’ para entrar em suas dependências. Assim, por intermédio do meu orientador estabeleci as primeiras conversas com um dos professores responsáveis pela análise de pesquisas que poderiam ser desenvolvidas no Clube. Foi dessa maneira, a partir da associação de meus interesses com os do GNU, que consegui a ‘autorização’, na qual havia os dias da semana e os horários que poderia estar nas dependências do Clube, que passei a buscar o contato seguinte que era com o coordenador da esgrima.

A escolha pela esgrima esteve pautada por uma intenção de seguir o talento em um esporte individual, distante do quadro de práticas que eram comuns e que demandam um investimento financeiro em equipamentos, locais para treinamento específicos e deslocamentos para competições. Além desses critérios que conduziram minha escolha, antes de procurar o coordenador da modalidade, foi significativo buscar informações sobre os atletas do Clube que

estiveram em jogos Olímpicos, pois tinha a intenção de estar, o mais próximo possível, do que considerava ser o ‘topo da pirâmide’. Essa escolha se mostrou profícua durante a pesquisa, pois foi exatamente a esgrima que me possibilitou tensionar debates sobre o ‘talento’ e foi a partir do material produzido no dia a dia da Sala D’Armas que me aprofundarei no terceiro capítulo.

O processo de observação participante na esgrima, que aconteceu no período de outubro de 2015 até dezembro de 2016, foi marcado por um percurso de diferentes proximidades e alterações de horários em que sistematizei a minha presença em campo. No decorrer do trabalho, acompanhei os treinamentos, geralmente, durante três dias na semana e dividia-me entre as observações das turmas da tarde e na parte da noite. Se, no momento inicial, estava preocupada em ficar mais próxima do treinamento da equipe principal e dos atletas de alto rendimento, aos poucos, fui olhando para outras turmas e equipes. Assim, passei a me deslocar por entre as turmas e a conviver com pessoas que tinham diferentes envolvimento com a esgrima.

Se, por um lado, a esgrima me parecia ‘potente’ para o debate sobre o talento, por outro, o trabalho de campo foi marcado por uma dificuldade de construir uma ‘linguagem em comum’ com meus interlocutores. Uma vez que eu não tinha experiência na modalidade, não sabia sobre os processos e conteúdo dos treinamentos, as informações que eu tinha sobre o esporte, inicialmente, eram aquelas que os próprios professores/treinadores me ensinavam. Assim, passei por um longo ‘processo de socialização’ para ‘aprender a me comunicar’, o que aconteceu de maneira mais próxima dos professores.

Durante o trabalho de campo escolhi me deslocar entre modalidades do Clube, especialmente entre aquelas em que havia atletas e/ou treinadores que faziam parte do ‘quadro’ das equipes nacionais. Considerando essa intenção de acompanhar diferentes práticas em que poderia seguir o talento, foi a partir de julho de 2016 que passei a observar também os treinamentos e competições da ginástica artística. Para estabelecer esse vínculo contei com a ajuda do trabalho realizado por Freitas (2015), pois foi através da referência ao grupo de pesquisa e à pesquisadora que se ‘produziu’ uma oportunidade de viabilizar uma ‘nova’ pesquisa na ginástica artística do GNU.

Para acompanhar o cotidiano da ginástica artística uma primeira questão com a qual me deparei foi ‘deixar’ de analisar apenas os processos simbólicos, as relações de poder, as ‘quedas’, ‘os saltos’ (que mais me pareciam voos) e descrever os diferentes processos de produção que lá estavam sendo colocados. Nesse sentido, foi preciso um ajuste de olhar e passar a produzir e descrever redes em meus diário de campo. Nesse processo de escrita, em que escrevia sobre pessoas, objetos, situações, sensações, notícias, perguntas, as descrições foram

se aproximando de redes, nas quais passavam a identificar mediadores, em que observava o vínculo entre elementos heterogêneos que estavam sendo colocados naquele dia a dia.

A escolha da ginástica esteve pautada por questões referentes ao debate teórico, pois há uma constante problematização da modalidade no que se refere à especialização precoce e o treinamento de ‘alta intensidade’ para crianças, uma perspectiva que foi debatida em profundidade pelo trabalho de Freitas (2015). A partir desses pontos de escolha, o debate teórico e a presença de atletas e treinadores do clube que participaram de edições dos Jogos Olímpicos, que passei a experimentar uma vivência no cotidiano da modalidade no Clube. Assim, participava dos treinamentos durante quatro dias na semana, nas segundas e quartas pela manhã e nas quintas e sextas na parte da tarde, acompanhando os diversos treinamentos que aconteciam simultaneamente no ginásio.

Durante o trabalho de campo na ginástica meus principais interlocutores foram, novamente, as treinadoras e os treinadores da modalidade e o contato que estabelecia com atletas durante os treinamentos. A pesquisa com a ginástica mostrou-se um caminho ‘potente’ para a análise do processo de produção do ‘talento’, uma noção presente no dia a dia do ginásio, que atravessa uma performance – em prática – do ginasta. Essa possibilidade de análise será apontada durante as considerações finais deste relato da pesquisa e se mostra um caminho significativo para que se mantenha ‘a caixa aberta’ e se continue compreender processos de produção do talento esportivo. Considerando a trajetória da pesquisa e a possibilidade que a esgrima me oferecia para tensionar o debate sobre a noção de talento, escolhi oferecer uma verticalidade ao debate sobre ela e colocar a ginástica entre uma análise horizontal e como parte da continuidade dessa pesquisa.

A natação foi a terceira modalidade da qual busquei me aproximar no decorrer do trabalho de campo, pois fui aprendendo, já dentro do Clube, que havia atletas que estavam confirmados para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e conheci outros nadadores que estavam em busca de sua classificação. Além disso, em conversas que estabelecia, de maneira informal, com um dos treinadores do Clube, suas descrições me pareciam ‘precisas’ sobre a definição de um ‘talento esportivo’. Assim, durante dois meses, busquei conviver com os treinamentos da modalidade. Uma dificuldade enfrentada em campo me fez investir na natação por vias diferentes do que estava fazendo na esgrima e na ginástica artística.

Na pesquisa desenvolvida por Zambelli (2014) com nadadores másters de um clube da cidade de Porto Alegre, o autor relatou sobre as mudanças em seu trabalho de campo a partir do momento em que ele ‘entrou na água’ e passou a nadar com as pessoas da equipe. Essa ‘mudança’ significou no trabalho de Zambelli (2014) uma possibilidade de análise que não seria

possível considerando a distância entre ‘quem estava na borda’ e ‘quem estava dentro da piscina’. Esse processo foi similar ao que vivenciei na natação, pois percebia que ‘da borda’ eu não teria acesso aos detalhes, pois eles passavam despercebidos por mim no dia a dia dos treinamentos. Como não ‘entrei na água’, principalmente porque tratava-se de uma equipe de alto rendimento e eu atrapalharia o treino, permaneci investindo na natação por meio de entrevistas com três treinadores e passei a acompanhar o caso de um atleta que acabou não classificando para os Jogos do Rio de Janeiro, apesar de receber a bolsa pódio e ser identificado como um ‘talento do clube’, por meio de relatos que aconteciam ‘na borda’ e por meio de publicações do GNU e de matérias da imprensa.

Essa etnografia que vivenciei no GNU foi sendo produzida de maneira diferente de uma experiência de pesquisa anterior¹⁶, que foi realizada entre os anos de 2010 e 2012, durante 13 meses com um grupo de mulheres, com idades entre 32 e 65 anos, que formavam uma equipe integrante da Liga Master Feminina de Voleibol da cidade de Porto Alegre/RS (PACHECO, 2012). Naquela pesquisa, durante o período de observação participante, fui assumindo diferentes lugares dentro grupo e, nesse processo, fui aprendendo a olhar, ouvir e escrever¹⁷ buscando traçar regularidades para responder a minha questão central de pesquisa. Assim estava buscando compreender como um grupo de mulheres se sustentava enquanto equipe e mantinha-se pertencente ao cenário da Liga?

Cabe destacar que a elaboração dessa pergunta e as regularidade que procurava para me aproximar de uma resposta, estavam orientadas por um conceito de cultura proposto por Geertz (1989), no qual a noção de ‘contexto’ está engendrada por uma concepção de significados que são compartilhados, mesmo que de forma irregular e, por vezes, conflituosa, que balizam as relações sociais. Nessa pesquisa, eu estava em busca dos significados que me ofereceriam caminhos para compreender a maneira como aquelas mulheres escolhiam viver o voleibol.

De maneira distinta, nesta investigação que desenvolvi sobre o talento esportivo meu olhar para o objeto, os diários de campo e as reflexões, aos poucos, deixaram de pautar as regularidades, as visões de mundo compartilhadas e a circunscrição de um contexto simbólico e um espaço. Nesse sentido, as análises se deslocaram da construção de ‘categorias’ e foram sendo produzidas no formato de redes, nas quais fui rastreando vínculos entre diferentes

¹⁶ Essas análises sobre a produção de diferentes experiências etnografias, realizadas por mim no âmbito do esporte, e por Raquel da Silveira no esporte e dentre as práticas científicas, foram exploradas em debate anterior – ver Silveira e Pacheco (2016).

¹⁷ Ao falar do processo de trabalho de campo, uma referência significativa para a pesquisa foi o trabalho de Cardoso de Oliveira (2006) que nos mostra que, no processo da pesquisa etnográfica, aprendemos a ‘olhar’, ‘ouvir’ e a ‘escrever’ e que tais ações se tornam “atos cognitivos” sobre os quais se constroem os saberes e que esses ‘atos’ são ‘disciplinados’ no decorrer do campo.

elementos capazes de produzir uma noção de talento e, a partir de sua estabilização, colocá-lo em ação na formação de novas conexões. Foi com essa perspectiva teórica e metodológica que passei a olhar para o talento esportivo com um híbrido que vai sendo coproduzido por um conjunto de conexões heterogêneas, as quais são particularizadas em determinados coletivos, e que atua na produção de novas conexões na medida em que a sua definição vai sendo estabelecida por um processo de purificação, pautado em argumentos naturalizantes, capazes de materializar uma expectativa de futuro. A partir dessa consideração, passarei a descrever as redes que fazem parte da produção do talento esportivo no coletivo da política pública nacional de esporte e sua longa trajetória de formação das relações entre esporte e Estado.

CAPÍTULO II

SEGUINDO O TALENTO NAS RELAÇÕES ENTRE ESPORTE E ESTADO

No capítulo anterior destaquei a necessidade de estabelecer previamente algumas linhas para compreender como a noção de talento vem sendo produzida, de que maneira se mantém em pauta e o que produz (quais são os seus efeitos) em práticas ligadas à Educação Física. Essa escolha adveio da necessidade de limitar/conduzir o olhar para um termo que se faz presente, em alguma medida, nas falas e representações de quem se remete ao esporte, principalmente em colocações que o conectam aos ‘desempenhos extraordinários’ e aos ‘resultados expressivos’. Afirmarões como essa, recheada de generalizações, apesar de não ‘definir’ o que é ‘talento’, consegue nos situar, isto é, nos informa algo e movimenta nossas representações, criando um universo de possibilidades de conexões e, ao mesmo tempo, a necessidade de um recorte de pesquisa exequível. Outro ponto a considerar se refere a própria amplitude do problema de pesquisa, pois se insere em uma área constituída por diferentes práticas científicas¹⁸, as quais absorvem e movimentam o ‘talento’ de maneiras diferentes – a particularidade dessa análise ficará mais clara na sequência do texto.

Neste eixo de discussões, vou me ater principalmente a uma prática que dialoga com a Educação Física e que incorpora a noção de talento entre suas ações: a política pública nacional de esporte. Essa escolha está acompanhada de duas delimitações: a primeira delas está relacionada com a escolha de ‘seguir’ o talento, como um ‘ator’, dentre os caminhos por meio dos quais se estabelecem relações entre o esporte e o Estado sem estabelecer previamente datas e períodos; a outra se refere ao direcionamento da análise para uma trajetória nacional, ou seja, estou olhando para o que vem sendo feito no Brasil. Cabe esclarecer que essa demarcação não significa desconsiderar as conexões que se estabelecem com outros países, pois muito do que produzimos por aqui se refere à ‘adaptações’ de modelos/ideais elaboradas em outros lugares. Sendo assim, minha intenção foi a de delimitar um caminho no qual me dediquei em acompanhar o que vem sendo produzido dentro de uma prática que tem uma história localizada e particular.

Um dos pontos de partida para a definição da política pública de esporte como uma prática construída por meio das associações de interesses entre diferentes atores, na qual eu

¹⁸ A pesquisa etnográfica de Raquel da Silveira (2016), ao problematizar o fazer científico, nos mostra que as diferentes práticas que coexistem na Educação Física são produzidas a partir de diferentes ontologias.

seguiria o ‘talento’ em seu fazer, foi o lançamento do Programa Atleta na Escola no ano de 2013 e a sua continuidade durante os dois anos seguintes, período em que eu já havia iniciado a pesquisa. Nesta ação do governo federal, além da ênfase na detecção de talentos, fortemente impulsionada pela proximidade dos Jogos Olímpicos de 2016, duas particularidades do Programa chamaram a minha atenção: a primeira foi o financiamento por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), que estabelecia vínculos com o Ministério da Educação e parecia acionar novamente uma conexão entre a ideia de ‘talento’ e a Educação Física escolar, uma velha conhecida dos/as professores/as da área e ‘alvo’ recorrente de críticas, principalmente na esteira de debates mais próprios das ciências sociais. Nesse ponto, minha inquietação estava na direção de questionar porque o Estado voltaria a investir em uma correlação já desgastada. Direcionar a análise para explicações que reafirmassem que esse era mais um investimento equivocado tendo como base a pirâmide esportiva, parecia não levar para adiante na perspectiva de compreender os fios que continuam amarrando o talento às intervenções relacionadas às políticas públicas de esporte.

O segundo ponto de ‘estranhamento’ foi o envio de recursos financeiros diretamente para as escolas, o que poderia funcionar como uma ‘barganha’ para a adesão, pois, como nas pistas deixadas pela pesquisa de Nascimento (2016), o esporte na lógica do alto rendimento conectado à Educação Física escolar parece não mobilizar com tanto denodo os(as) professores(as). No entanto, apesar dessa lacuna entre o investimento do Estado e a adesão das pessoas ao projeto, vincular a escola ao programa, em alguma medida, garantiria certos recursos e autonomia para a sua utilização. Esta última característica me parecia muito similar ao Programa Bolsa Atleta, ação particular do Ministério do Esporte, especificamente da Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento, na qual os recursos são encaminhados diretamente para o atletas, ou seja, para pessoas que estão ‘em uma das pontas’ do Programa e fazendo, diariamente, ele acontecer.

Essas inquietações relacionadas ao Programa Atleta na Escola oferecem pistas para evidenciar que a noção de ‘talento’ permanece como um elemento associado na relação entre a dinâmica cotidiana do esporte e o Estado. Soma-se a esse fio, puxado a partir de um programa específico, a leitura de trabalhos dedicados em compreender a trajetória da política pública de esporte e lazer no Brasil, principalmente o livro de Eduardo Dias Manhães (1986), a dissertação de Meily Linhales (1996), a tese de Luciano Bueno (2008) e de Pedro Athayde (2014). Essas pesquisas foram um dos meus locais de partida para um mapeamento, em larga escala, sobre uma trajetória de interesses e agentes que foram se conectando e sendo conectados por meio do esporte e, nesse mesmo percurso, também absorveram a referência ao ‘talento’ – cabe destacar

que essas referências iniciais se desdobraram em tantas outras leituras e caminhos que mostrarei na sequência desse capítulo.

Abro aqui um parêntese para esclarecer que a esteira de debates pela qual estou procurando caminhar não se refere à discussão sobre matrizes que orientam a política pública nacional de esporte, seus projetos ideológicos, as estratégias para ações constituídas por meio da definição, não sem contradições, na forma de intervir na sociedade, nem especificamente vou me ater a projetos e programas governamentais datados historicamente. Esses debates possuem um lugar de destaque nos trabalhos que me orientaram no mapeamento inicial e tantos outros dedicados em discutir sobre o cenário da política pública, os interesses em voga, as agendas, as fontes de financiamento e os seus reflexos em questões relacionadas ao próprio desenvolvimento do esporte, a sua (não)garantia como direito social e as correlações com a própria área da Educação Física. Certamente, essas questões me ajudaram a olhar para uma trajetória da política pública nacional de esporte e foram se tornando também meu material empírico. Nesse sentido, cabe considerar ainda que meu foco foi se ajustado para outro caminho de análise e passei a me debruçar sobre a construção de vínculos entre o esporte e Estado. Por meio dessa definição para a pesquisa, na medida em que fui procurando seguir os rastros deixados pela articulação entre pessoas, objetos e instituições, as quais também foram se fortalecendo através de suas ações para a construção de seus vínculos, fui percebendo que as relações foram ganhando diferentes elementos e, dentre eles, a noção de ‘talento esportivo’.

Uma das considerações que transpassa essas quatro pesquisas a que faço referência tangencia a resposta para uma pergunta feita por Linhales (1996, p.10): “por que o Estado se ocupa do esporte?”. Dentre as tantas questões que podem ser levantadas a partir dessa pergunta, cujas respostas ainda são encontradas em trabalhos que abordam uma trajetória da política pública nacional de esporte, eu gostaria de destacar a ideia que existe a movimentação de diversos interesses, grupos e pessoas que se conectam umas às outras e, nesse processo, alteram ou perpetuam o ‘lugar’ do esporte dentre as preocupações do Estado. Foi com esse olhar que passei a procurar os rastros deixados por essas movimentações e que tangenciavam a noção de talento, ora vinculado explicitamente a ideia de ‘esportivo’, nos oferecendo certa delimitação, ora como um termo de uma só palavra que poderia se conectar com tantas outras.

Para conduzir a leitura dos trabalhos, utilizei-me da questão elaborada por Linhales (1996) e a ‘ramifiquei’ na seguinte questão orientadora: por que e como o Estado se ocupa do ‘talento’ e, especificamente, da ‘detecção de talentos’? Essa questão me conduziu na realização de um mapeamento dessa ‘ocupação’ do Estado, sob a base teórica dos ESCT, pois estava

evidente que assim como esporte estava sendo colocado dentre suas preocupações, o talento esportivo também passou a integrar essa mesma trajetória.

Um dos riscos que assumi com esse mapeamento inicial foi o de perder os meandros, as minúcias, os detalhes de negociações que precisariam de outro ajuste de foco para apreendê-los. Por outro lado, a vantagem dessa primeira ação da pesquisa foi identificar um longo processo em que o talento foi sendo colocado ‘no jogo’. Além disso, contei com a possibilidade de puxar os fios que mostram pontos de inflexão, de ruptura, de transformação nos quais eu poderia me aprofundar na sequência para construir as redes em que o talento era um elemento associado e que poderia estar fazendo algo acontecer. No decorrer desse mapeamento, estava atrás dos rastros deixados pela referência ao ‘talento’, seja em legislações, decretos, falas, discursos, interpretações e de ‘qualquer’ resquícios de controvérsias que foram sendo ‘apagadas’ por meio do predomínio de um coletivo que, na maior parte das situações, estavam vinculados ao ‘futebol’ e ao ‘esporte de alto rendimento’.

No decorrer da formação desse mapeamento inicial passei a perceber diferentes posicionamentos e conexões quando o ‘termo’ talento era colocado na pauta em relação à política de esportes, principalmente quando se referia aos interesses do Estado. A partir dessa análise, ainda incipiente naquele momento, duas perguntas foram tomando forma e orientando novamente o meu olhar para esse material empírico. Sendo assim, passei a questionar: como diferentes concepções de talento eram/são acionadas em políticas públicas ligadas ao esporte? Em quais circunstâncias havia determinadas ênfases sobre a noção de ‘talento’ nas políticas institucionais de esporte e quais eram os efeitos dessas definições?

Foram essa duas perguntas específicas que me guiaram na identificação dos fios que puxaria para tecer redes em que o talento ‘fazia fazer’ e se tornava um forte aliado nas ações de determinados grupos. O primeiro processo em que o talento passou a ser colocado na pauta do Estado para o esporte estava alocado no mesmo processo que venho identificando como de ‘estabilização do modelo seletivo’. Esse movimento de longo prazo indica uma passagem em que o esporte que estava colocado entre as vivências de grupos de imigrantes vai se disseminando como prática corporal de diferentes grupos e sendo colocado dentro de um modelo tutelar e de controle do Estado, fortalecido principalmente no período do Estado Novo e Ditadura Militar. Cabe esclarecer que abordarei alguns detalhes e dinâmicas desse movimento num eixo específico, procurando argumentar que foi nesse processo que se construíram associações específicas entre elementos selecionados que ‘colocaram’ a noção de ‘talento’ dentre as ações relacionadas à política pública nacional de esporte.

Um segundo ponto de inflexão do ‘lugar’ do talento esportivo dentre as políticas institucionais, que compõe um segundo eixo de debates, refere-se à abertura política do final da década de 70 e aos movimentos da Educação Física que se estenderam a partir da década de 80. Especificamente neste período novas associações são construídas e demarcam uma ‘nova’ efervescência de controvérsias, principalmente relacionadas com uma polifonia nas representações sobre o esporte em que o talento vai sendo consolidado como ‘pertencente’ ao modelo seletivo, a concepções biológicas, à academia e fora da escola.

Por fim, abordarei um processo que se coloca a partir do final da década de 80, no qual as alterações legislativas, a formação de ‘projetos sociais’ e, posteriormente, a definição do Brasil como país sede de grandes eventos, como os Jogos Pan-Americanos em 2007, a Copa do Mundo de futebol de homens em 2014 e os Jogos Olímpicos em 2016, têm um lugar significativo na mobilização de interesses que perpassam concepções de talento esportivo.

A identificação dessas três ‘circunstâncias’ em que o talento parece flutuar e com isso mobilizar outros elementos foi o ‘ponto’ de partida para a construção de um banco de dados, obtido a partir do garimpo de matérias em bases de dados específicas, referente a cada um desses períodos. Para a formação desse material empírico, realizei buscas entre publicações online por meio do Redalyc, Scielo, WoS, Scopus, Portal de Periódicos da CAPES, Google Acadêmico e Pubmed. Para garimpar teses e dissertações que se apresentavam a possibilidade de reunir o maior número de informações possíveis, realizei buscas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, a partir de descritores recorrentes e específicos de cada período, que foram identificados no mapeamento inicial, e que me ofereceram um material a ser lapidado conforme a minha possibilidade de recorte e que apresentarei, com maiores detalhes, em cada um dos tópicos a seguir.

2.1 ‘ACABOU A BRINCADEIRA’: A ESTABILIZAÇÃO DO MODELO SELETIVO E DO TALENTO COMO ALIADO

A elaboração do ponto de partida, através do qual estou iniciando a formação de um relato, começou por meio do questionamento do próprio ‘modelo seletivo’ como algo estável no que se refere aos investimentos do Estado. Com isso, não estou querendo problematizar o quanto a política pública nacional elaborada com base em uma pirâmide esportiva se torna danosa à participação popular, mas parto do pressuposto de que vem acontecendo um processo de estabilização que perpetua tal modelo enquanto referência central a ser adotada para o

desenvolvimento do esporte nacional. Nesse mesmo caminho de interpretações, indico que esse processo está encharcado da atuação de humanos e não-humanos, nos termos de Latour (1994), que associam interesses e continuam ‘agindo’ para a formação e estabilização de determinados vínculos para que a política nacional de esportes se mantenha dessa maneira.

Cabe destacar que a intenção neste primeiro momento foi ‘retroceder a fita’ e colocá-la para andar novamente acompanhando os vínculos que foram sendo construídos para produzir e sustentar o ‘modelo seletivo’. Para tal, recorro a publicações que tangenciam o período de apropriação do esporte no cenário nacional até os seus primeiros vínculos como pauta de investimentos do Estado. Nesse percurso passei a considerar as publicações não só como o material de referência para compreensão de uma trajetória – os quais me permitiram o acesso às leis, decretos, cenários e discursos governamentais –, mas também como material empírico que produziu e sustenta tal estabilização.

Ao iniciar o percurso de garimpo do material, passei a procurar trabalhos que relacionassem o termo ‘esporte’ a delimitações temporais e demarcações características de registros sobre a chegada e vivências de ‘práticas corporais’ no Brasil. Como esse objetivo estabeleci algumas palavras-chave, obtidas por meio do mapeamento inicial, referente aos termos ‘primeira república’, ‘século XIX’, ‘século XX’, ‘associações esportivas’, ‘história do esporte’, ‘Era Vargas’. A intenção com essa busca foi entrar em contato com o máximo de informações possíveis e, a partir de uma seleção desse material, principalmente relacionada com a procura do termo ‘talento’ e os vínculos construídos entre o esporte e o Estado, elenquei publicações que poderiam amarrar determinadas situações que me permitissem produzir um relato em que o ‘modelo seletivo’ foi sendo gradativamente colocado em pauta. Reitero que a intenção não foi realizar algo como um ‘estado da arte’ ou compreender problemáticas que são destacadas em determinada linha de produção de conhecimento, mas ‘seguir’ a noção de talento em um processo de longo prazo no qual a formação de recortes temporais inviabilizaria acompanhar um processo de ‘flutuação’.

Algo que está em destaque quando olhamos para a passagem do século XIX ao início do século XX se refere a um período de incisiva produção de uma mudança. Tratava-se de desvincular o país de uma perspectiva imperial para se tornar uma República e, para tanto, seria preciso produzir uma ruptura entre o que pertenceria a um ‘antigo Brasil’ e acentuar concepções que indicavam a presença de ‘novos tempos’. Abro aqui um pequeno parêntese para falar de uma transformação marcante que aconteceu na cidade do Rio de Janeiro, então capital do país, abordada por Nicolau Sevcenko (2010) por meio do relato da Revolta da Vacina.

Na situação em que se deflagra uma revolução popular a partir da definição autoritária de uma política de saúde, que instituía a aplicação compulsória da vacina contra a varíola, Sevcenko (2010) nos mostra uma multiplicidade de agentes que atuam na produção de uma cidade, tendo em vistas a formação de uma determinada concepção de país, em que diferentes elementos são colocados em ação para a continuidade de uma proposta de Estado. Nesse relato, torna-se possível encontrar a constituição da paisagem urbana aos moldes de referências francesas, o deslocamento dos mais pobres para as regiões dos morros e periferias, a instauração de uma produção fabril, a iniciativa de abertura do país ao mercado externo, a ascendência de determinados governantes, a oposição que também queria ocupar os cargos mais altos, a opressão militar, os decretos governamentais que concediam uma liberdade de atuação autoritária para determinadas pessoas, as concepções de saúde e eugenia, os saberes médicos, as políticas sanitárias, a polarização entre os ‘virtuosos’ e os ‘vadios’ e tanto outros elementos que foram acionados para a formação de uma ideia de ‘nação’ a se tornar digna de reconhecimento internacional.

Esse breve relato mostra a complexidade de uma situação de ‘transição’ entre os séculos XIX e XX, na qual também há registros sobre as práticas esportivas no Brasil. No início deste capítulo apresentei a construção de um mapeamento, em larga escala, sobre a trajetória de relações entre o esporte e o Estado buscando seguir os rastros sobre o ‘talento’. Nesse processo orientado por uma ideia de compreender como o Estado passou a se ocupar dessa noção e investir em caminhos de detecção, eu havia identificado que no período de transição entre o século XIX e XX o esporte estaria vinculado as associações esportivas organizadas por grupos não governamentais, a termos como ‘ludicidade’, a vivências culturais de imigrantes no Brasil e ainda distante do Estado. Sobre isso, Meily Linhales (1996, p.67) coloca que “nessa época de nascedouro, o esporte brasileiro também se orientava por uma real autonomia da sociedade em seu processo de organização esportiva e [...] por um caráter lúdico-recreativo como elemento propulsor dessa ainda incipiente atividade social”.

Na medida em que passei a seguir os vínculos que proporcionaram a disseminação do esporte, por meio do material empírico garimpado em produções acadêmicas, fui me dando conta – embora a movimentação tenha partido desses grupos de imigrantes e auto-organizados – que existiam fortes vínculos com governantes e com interesses do Estado já nos primeiros relatos sobre práticas esportivas. Como exemplo, retomo a trajetória elaborada por Victor Melo (2001, 2009ab, 2010) sobre o turfe, o remo e a cidade do Rio de Janeiro, cujos detalhes e materiais empíricos apresentados pelo autor vão dando ‘vida’ às movimentações cotidianas das pessoas e elementos, mostrando interesses que foram articulados para que tais modalidades

fossem incorporadas entre as possibilidades de práticas esportivas. O texto de Victor Melo (2009a) ressalta que nesse mesmo período o esporte foi se disseminando na cidade do Rio de Janeiro, o que se evidencia em registros de clubes organizados, federações estruturadas e competições frequentes que contavam com a presença de espectadores – ponto pelo qual estou iniciando uma trajetória que chegará na conexão à noção de talento.

Dentre os trabalhos que se dedicam a um amplo período de transição, vou recorrer a uma passagem sobre o turfe, também na cidade do Rio de Janeiro desenvolvida por Victor Melo (2009a; 2001), com a intenção de mostrar as conexões que foram estabelecidas por intermédio de uma prática esportiva e seus vínculos com interesses de determinados governantes. Em primeiro lugar, foi preciso um retorno significativo na história do país para acompanhar textos que identifiquei como uma das perspectivas possíveis sobre a mesma história, isto é, o relato que estou produzindo, assim como aquele que foi produzido por outros textos, contém uma parcialidade delimitada pelo objetivo.

Ao formar uma trajetória para o turfe, Victor Melo (2009a; 2001) utiliza fontes, em sua maioria, relacionadas à imprensa de uma época, à literatura e a pesquisas históricas que evidenciam a presença de determinadas pessoas que detinham recursos financeiros para conduzir uma disseminação planejada para esse esporte e, de outro lado, encontro as ‘camadas populares’ como espectadores e/ou jóqueis. Uma passagem significativa desse processo foi a atuação do major João Guilherme Suckow para impedir o fechamento de uma instituição, o Clube de Corridas, que estava cambaleante devido às dificuldades financeiras para mantê-lo em funcionamento, o qual dependia dos ingressos e do restaurante localizado no Prado Fluminense. De acordo com o relato de Melo (2001), o major Suckow, proprietário de uma empresa que prestava serviços urbanos ao governo, comprou cotas do Clube, promoveu reformas no Prado e organizou um evento para 4.000 pessoas – dentre elas, contou com a presença da família imperial. Sendo assim, o turfe pareceu ganhar uma espécie de sobrevida e permaneceu como um espetáculo onde se poderia ver e ser visto.

Apesar de tais iniciativas, o Clube de Corridas declina e um grupo de fazendeiros negocia a formação do Jockey Club, aos moldes do modelo britânico, colocando em sua direção ‘nobres’ e empresários. Participar do Jockey Club seria algo tão significativo que existia um ‘certificado de comprovação’ para os seus membros, o que lhes permitia não só um lugar ‘de prestígio’, mas uma possibilidade específica de circulação. Cabe destacar que o Jockey Club, assim como outros espaços em que se vivia o turfe, era um lugar de ‘fazer negócios’, concepção que torna a própria corrida de cavalos, os jóqueis e os espectadores em intermediários de uma trajetória,

tanto que suas histórias quase não são relatadas, os colocando à margem das negociações entre os envolvidos.

É preciso entrar em mais um ponto dessa história, pois o Jockey Club também entra em declínio e passa a enfrentar dificuldades para se manter e ser mantido em funcionamento. Foi nesse momento que se abriu espaço para a formação do Derby Club. Essa passagem foi apresentada por Melo (2001) como uma disputa, na qual as pessoas que estavam vinculadas ao Derby Club o construíram como uma instituição que se posicionou diante de uma preocupação com a popularização das corridas, o que atenta aos donos de cavalos, algo que teria sido deixado em segundo plano no Jockey. Nesse projeto de formação de uma ‘nova’ instituição que parece tentar se construir em oposição ao Jockey, o engenheiro Paulo Frontin, que também atuou em reformas urbanas na cidade do Rio de Janeiro, assumiu a presidência e propôs não somente um sistema diferenciado de apostas, como também o uso de um cronômetro para as corridas. Tais iniciativas estão alinhadas a concepções de imparcialidade e fidedignidade, pois haveria menor intervenção humana e, por isso, o resultado não seria questionado.

No processo de consolidação, o Derby Club reuniu aliados significativos para a sua trajetória. Victor Melo (2001) nos mostra que sua sede estava próxima de uma região residencial e, principalmente, próxima da família real; a proposta do Derby, sustentada pelo seu presidente, era estimular a formação de outros clubes, assim teriam parceiros na mobilização de interesses; o Derby assumia uma propaganda de um clube ‘mais popular’ do que outros; contava com a presença de governantes durante os eventos e como membros da diretoria; os bilhetes de entrada eram vendidos com antecedência; as arquibancadas e o seu acesso eram organizadas e havia um ‘bom’ sistema de transporte; o programa de corridas era cumprido com rigor; no Derby estavam os ‘novos ricos’, os intelectuais, os profissionais liberais, os engenheiros, médicos, os empresários da indústria, isto é, pessoas ligadas a setores que ganhavam espaço político no cenário nacional. Estabelecer relações entre esporte, política e governo não é uma novidade ou emergiu somente a partir do processo de profissionalização do futebol vinculado à década de 30 e 40. Sem dúvidas, há mudanças na maneira e nos interesses a partir dos quais se estabelecem tais relações, mas nesse período de final do século XIX e início de século XX, já se torna possível encontrar seus rastros.

Outro ponto a considerar se refere a valorização da presença de governantes nas corridas de cavalos. Para Victor Melo (2001) isso significava certa legitimação do turfe, pois difundia a representação de uma prática adequada e respeitada. Para além dessa interpretação, e a partir dos dados oferecidos pelo próprio autor, torna-se possível perceber um movimento em que a intenção de manter os clubes funcionando por parte dos seus dirigentes, contando com a

possibilidade de viver o turfe e fechar negócios, era associada aos interesses governantes de corresponder aos ideais de ‘modernidade’, isto é, mantendo uma estrutura ‘adequada’ para o turfe similar ao que se encontrava na França e na Inglaterra. Como resultado dessas negociações, os clubes, pessoas e negócios iam se mantendo, contando com os recursos para as corridas, pagamentos de premiações, obras de infraestrutura e a própria polícia presente nos eventos como ‘auxílio’ por parte do governo. Como contrapartida, os clubes ofereciam a sustentação política e financeira de determinados governantes. Essas situações nos mostram que a expansão do turfe não significa apenas o ‘status’ que representava fazer parte desse grupo, mas que a sua sustentação e disseminação estava relacionada a uma cadeia de vínculos construídos por meio de negociações e associações de interesses.

Há um ponto controverso na trajetória do turfe, ligado a própria formação da noção de ‘bom uso do esporte’, referente às apostas e que chega a se relacionar com o termo ‘talento’. Os dados apresentados por Melo (2009a; 2001) são substanciais no que se refere ao ‘gosto popular’ em envolver bens materiais e dinheiro nos prognósticos para as corridas de cavalo. Poderíamos pensar na relação das apostas com a tensão-excitação, na linha de Elias e Dunning (1992), envolvida nas vivências de lazer e teríamos como olhar para uma trajetória de longo prazo em que essa procura pela ‘tensão’ parece deslocar-se de uma determinada maneira de apostar, nesse caso vinculada ao dinheiro, que foi sendo desvinculada do ‘esporte’.

No entanto, conduzo esse debate por outro trajeto para mostrar como o turfe se torna um ‘jogo’ e, mais do que isso, torna-se um ‘jogo de azar’. Nos relatos trazidos por Victor Melo (2009a;2001) as apostas guardavam uma questão paradoxal, pois na medida em que mantinham financeiramente o turfe, estavam distantes de uma concepção de esporte que já vinda sendo produzida como ‘moderna’. Sendo assim, por um lado, o crescimento do número de apostas evidenciou a popularização do turfe, gerando a formação de publicações de revistas específicas sobre as corridas, criaram-se casas de apostas e, para além da presença daqueles que já pertenciam à elite, formava-se uma possibilidade de enriquecimento com as apostas e, como indica Melo (2001), a expectativa de ‘ascensão social’.

Por outro lado, também havia ruídos sobre a condução dos resultados das corridas, apesar dos cronômetros, e uma preocupação com o ‘descontrole’ sobre pessoas e estabelecimentos que centralizavam o manejo do dinheiro das apostas. Inclusive, sobre tal nebulosidade associada ao resultado das corridas, há uma publicação da imprensa que coloca o termo talento já associado a ‘uma pessoa’ com determinadas possibilidades que o ‘destacam’ de ‘outros’ em um mesmo grupo. Ao criticar o espaço acentuado das apostas, um trecho de reportagem retirada da Gazeta de Notícias (1897, p.07) por Victor Melo (2001, p.168-169)

coloca que “tanto se tem gritado contra a ladroeira nas corridas que os tribofeiros andam corridos. Passam-se corridas e corridas sem que haja um desses arranjos que fazem honra ao talento de quem os planeja e põe em execução”. O que me faz trazer esse trecho de um jornal à discussão é que o ‘talento’, como uma ‘expressão’, já vinha sendo colocada, em alguma medida, ‘em circulação’.

Foi essa situação de pulverização das apostas – e descontrole – que promoveu uma nova articulação entre os dirigentes dos clubes e o governo, cuja intenção foi institucionalizar o domínio das apostas por meio de legislação específica, destinando o seu controle aos clubes que, ao mesmo tempo, investiam em sua ampliação. Nesse processo, ao assumir e promover as apostas, Melo (2001) trata a questão na direção de colocar que o turfe se desloca de uma concepção de esporte fortemente marcada pelo ‘amadorismo’ e vai sendo transformado em um ‘jogo de azar’, cuja concepção está carregada de imprevisibilidade, de inúmeras intervenções, de certa nebulosidade e algo pouco relacionado à performance dos próprios jôqueis. Mesmo que a referência ao termo que encontrei esteja vinculada à imprensa e nesse vasto material empírico apresentado por Victor Melo, no qual ele vai mostrando a vida cotidiana do Rio de Janeiro, a noção de talento não parecia provocar qualquer interferência, conduziram-me a seguinte pergunta: quais são os processos que diferenciam uma noção de ‘talento’ que foi utilizada pela imprensa do final do século XIX e a que compõe os ‘novos’ discursos e políticas públicas de esporte (no qual as ‘impurezas’ foram dirimidas)?

Continuando o relato sobre as mudanças que foram sendo produzidas em uma trajetória para o esporte, na qual venho buscando os rastros referentes a noção de talento, darei mais um passo na direção de seguir também a oposição construída entre essa trajetória do turfe e a popularização do remo na cidade do Rio de Janeiro, agora ‘avançando’ para o início do século XX.

Considerado que apostas foram posicionadas como um elemento que possibilitou diversas conexões na trajetória do turfe, torna-se possível também acompanhar um caminho no qual o remo parece ter sido sustentado como um esporte ‘moderno’ e construído outros vínculos para se manter em expansão. Uma das ações que permitiram ‘novos’ rumos ao remo foi o seu desligamento dessa fonte de recursos, cuja conotação passou a ser cada vez mais próxima aos ‘jogos de azar’ e às situações em que a divisão entre ‘lícito’ e ‘ilícito’, ‘certo’ e ‘errado’, ‘bom’ e ‘mau’ eram imprecisas.

Na oposição que Victor Melo (2001) constrói entre a história do turfe e do remo, as apostas seguiram caminhos contrários sobre a regulamentação e, mais do que isso, sobre a sua legitimação enquanto parte do esporte. No entanto, é preciso considerar que dentre as primeiras

regatas, Melo (2001) evidencia que as apostas faziam parte do envolvimento dos espectadores com a modalidade, acabavam se tornando uma fonte renda para os clubes e, na medida em que foram sendo deslocadas do esporte, colocaram as instituições em dificuldades para se manter em funcionamento. Nos relatos do autor, a desconstrução desse vínculo entre ‘esporte’ e ‘apostas’ foi protagonizada pela imprensa da época, pelo governo e por alguns atletas que atuavam na perspectiva de sustentar uma ‘tradição’, um ‘espírito esportivo’, que não só seria maculada pela presença do dinheiro, mas que representava certo descontrole sobre quem participaria desse cenário. Cabe destacar também a posição contraditória diante de tal questão por parte da imprensa, que ora parecia torná-las ‘benéficas’ ao esporte, pois as indicações de apostas ampliavam a circulação de jornais e revistas. O mesmo foi relatado por Melo (2001) sobre o governo que, dependendo do arranjo, proibia os ‘jogos de azar’ e os liberava na sequência, além de construir suas próprias loterias.

Nesse processo de deslocamento das apostas, a disputa entre o ‘espírito esportivo’ – que neste âmbito parecia significar um determinado discurso forjado para sustentar o esporte sob uma perspectiva ‘amadora’ – e os ‘lucros’ obtidos com as apostas – em certa medida incontrolláveis – o primeiro, naquele momento, saiu vencedor. O que essas informações vão me permitindo mostrar se refere à produção de uma concepção de esporte que, se chegou ao ponto de ser purificada (principalmente quando passa a denotar termos como ‘saúde’, ‘harmonia’, ‘coletividade’, ‘organização’, ‘eficiência’), foi porque passou por um longo processo em que determinados atores trabalharam para que conexões fossem estabelecidas e as ‘impurezas’ apagadas.

No caso do remo, se “as mudanças na estrutura sociocultural da cidade (onde articulavam-se saúde e estética) também estavam relacionadas com modificações no âmbito das elites e foram determinantes nos diferentes tempos de desenvolvimento dos diferentes esportes” (MELO, 2001, p. 52-53), esse ‘desenvolvimento’ pode ser visto como marcado por negociações produzidas por ‘agentes’ em movimento e não por ‘estruturas’ pertencentes a ‘campos’, sejam eles esportivos, econômico ou políticos.

Se já passamos pelo ponto em que as apostas foram desconectadas do remo e nesse processo foram deixadas para trás algumas das suas impurezas, agora vamos para a atuação de Francisco Pereira Passos, o ‘prefeito-engenheiro’ responsável pela reestruturação urbana do Rio de Janeiro¹⁹, que tinha um lugar de destaque no governo, e também seus vínculos com dirigentes dos clubes de remo. Os documentos e dados apresentados por Melo (2001) nos

¹⁹ Os dados apresentados por Sevcenko (2010) e Melo (2001) nos mostram que Pereira Passos vai estudar em Paris e, no seu retorno, atuou na reestruturação urbana na cidade do Rio de Janeiro.

mostram que já nos primeiros anos do século XX dirigentes de clubes de remo enviam ao Conselho Municipal uma proposta de auxílio anual ao esporte a serem repassadas para o Conselho Superior de Regatas. Se nesse primeiro investimento não foi obtido muito êxito, nos anos seguintes da intervenção de Pereira Passos foram imprescindíveis para que a Confederação Brasileira de Sociedades de Remo recebessem um auxílio que era o dobro da quantia que pediram inicialmente. E se o interesse da Federação era manter o remo - e para isso dependia de sua expansão -, Pereira Passos exige como contrapartida o investimento na organização anual de campeonatos escolares. Tem-se aqui um acordo que estabeleceu um vínculo capaz de difundir o remo em uma cidade que também estava em construção, ambos conectados a uma proposta de ‘modernidade’.

A expansão do remo poderia ser interpretada por meio do “delineamento da cultura urbana, o enaltecimento de padrões saudáveis de vida e de um corpo belo e forte, a difusão do ‘pensamento científico’, a emergência e valorização do lazer, a busca de novas formas de sociabilidade” (MELO, 2009a, p. 64). No entanto, quero chamar atenção para a trajetória do remo, cujas raízes estão as atuações dos dirigentes de clubes de remo, da Federação, de Pereira Passos, de Rodrigues Alves²⁰, capazes de associar interesses e manter o remo e uma determinada ‘concepção de esporte’ em andamento e com isso obter lucros políticos. Essas conexões se materializam, por exemplo, na construção da infraestrutura para o remo na medida em que se faziam reformas urbanas no Rio de Janeiro, nas festividades em que estavam presentes ministros, ricos, pobres, homens, mulheres, crianças para viver o espetáculo. Essas relações se materializam também na interferência de Pereira Passos na alfândega, permitindo a entrada facilitada de melhores barcos, nos discursos durante as premiações e na presença de governante em reuniões da Federação.

Outro ponto significativo dessa trajetória está na produção de uma conexão do ‘atleta’ como alguém ‘honrado’ e ‘fisicamente forte’. Sobre esse aspecto, Victor Mello (2001, p. 78) traz um excerto do Jornal A Canoagem (1903, p. 4) que mostra Arthur Amendoa, campeão brasileiro de remo em 1903, como uma figura de “bella complexão de atleta, bastante musculoso, dotado de muito bom gênio e no trato é cortez” – na interpretação do autor, essa descrição o colocava como próximo da ‘perfeição’. Nesse processo os atletas passaram a ganhar destaque dentre a circulação de reportagens, acompanhados da produção de uma determinada concepção de corpo, de atuação corporal e moralidade. Assim, ao marcar uma diferença entre o turfe e o remo, Melo (2001, p. 78) coloca exatamente essa valorização da performance

²⁰ Presidente do país entre 1902 e 1906.

corporal indicando que o olhar para o remo se tratava agora de “um homem que conduz o mais rápido possível, a partir de seu próprio esforço em um barco”. Considerando os arranjos que fui apresentando, a ação está no homem que conduz o barco, mas também está no prefeito que permitiu a liberação na alfândega, no discurso de premiação, nos modelos de barcos importados, no público que assiste, na imprensa que seleciona o que comunicar e tantos outros elementos que compõem uma ‘atuação esportiva’.

Nessa perspectiva, cabe considerar que o remo contou com a sistemática organização de eventos, com a Federação Brasileira de Remo, que influenciou na formação do Comitê Olímpico Brasileiro e na Confederação Brasileira de Desportos, com uma linguagem esportiva cada vez mais disseminada, imprensa, mercado de materiais esportivos e com a ascensão de outros esportes como natação, atletismo, ciclismo e automobilismo em período similar (MELO, 2009ab).

Nessa descrição sobre a trajetória do turfe e do remo fiquei restrita às informações referentes ao que se passou na cidade do Rio de Janeiro. Esse foi um dos caminhos que encontrei para retomar as articulações que foram sendo construídas entre quem se colocava ao lado do esporte, como seu porta-voz, e quem estava vinculado aos interesses produzidos para o Estado. Se olharmos para Porto Alegre, Goellner e Mazo (2010) nos apresentam uma cidade que também se pretendia ‘moderna’ na transição entre os séculos XIX e XX. Nessa perspectiva, a descrição das autoras apresenta uma cidade em vias de urbanização, marcada pela ascendência da indústria, pela acentuada distinção de classes sociais, onde proliferavam ‘novas’ formas de sociabilidade, dentre elas, encontramos as associações esportivas.

Ao falar sobre a disseminação do esporte em Porto Alegre, neste período de transição entre os séculos, Mazo e Frozi (2009) mostram um evidente aumento no número de associações esportivas na cidade, algo similar ao que aconteceu no Rio de Janeiro, e suas interpretações são construídas por meio da demarcação de ‘identidades’. A partir da análise de documentos, depoimentos de ex-atletas e dirigentes de associações esportivas de Porto Alegre, os autores mostram um processo de afirmação de identidades luso-brasileiras e teuto-brasileiras. Nesse mesmo âmbito de discussões, o trabalho de Silva *et al.* (2016) mostra que no período marcado pela primeira grande guerra, o Brasil se posiciona contra a Alemanha e com isso as associações esportivas de origem teuto-brasileira são alvo de coerção por parte do Estado, que investia em uma identidade brasileira, sendo conduzidas a troca de nomes e idioma a ser falado em suas atividades.

Para além da centralidade da discussão sobre as representações identitárias relacionadas às associações esportivas em Porto Alegre, nos relatos de Silva *et al.* (2016) e Mazo e Frozi

(2009), quando olhamos para a movimentação das pessoas e dos interesses do Estado no período da primeira grande guerra ou nas disputas entre associações, torna-se possível compreender que havia uma negociação que envolvia a conformação dessas mesmas associações e o esporte passava a atuar como um agente capaz para mobilizar ações que dirimissem as disputas entre diferentes nacionalidades.

Esses trabalhos nos mostram, por um lado, um movimento no qual as vivências esportivas, organizadas em associações, emergem da articulação entre as pessoas que passam a produzir determinadas instituições. E, por outro lado, cabe considerar também que esses mesmos trabalhos vão consolidando o esporte vinculado a própria noção de modernidade, purificando em categorias como gênero, identidade e classe social.

No livro organizado por Victor Melo (2010), *Os sports e as cidades brasileiras*, diferentes autores são convidados a discutir exatamente sobre a relação entre esporte, cidade e modernidade em diversas cidades do Brasil²¹. Partindo de uma compreensão de modernidade ligada ao progresso, à definição de valores em oposição ao ‘tradicional’, à uma concepção de ciência vinculada à tecnologia, Fábio Franzini (2010) nos mostra uma trajetória da cidade de São Paulo e nesse relato coloca o talento como possibilidade de movimentação para algumas pessoas quando a competição entra na pauta.

O trabalho Franzini (2010) nos apresenta uma movimentação esportiva que inicia com a organização entre determinadas pessoas e que vai se disseminando dentro de uma cidade também em vias de construção, o qual coloca o esporte como aliado, entre o século XIX e início do século XX. Nessa trajetória apresentada pelo autor há um lugar de destaque para a disseminação do futebol em São Paulo, com a formação de clubes, associações e equipes que, além de vivenciar o esporte, colocavam em tensão vínculos que até então parecem ter se sustentado, como, por exemplo, as divisões raciais e classistas.

Nessa proliferação das organizações esportivas e, mais do que isso, na mobilização de um maior número de pessoas em relação ao futebol na cidade de São Paulo, narrada por Franzini (2010), o ‘talento’ passa a ser acionado quando o ‘amadorismo’ relacionado a futebol parece perder suas forças para definir quem poderia participar de determinados campeonatos. Assim como os clubes formados por uma elite branca paulistana ganhavam espaço na estruturação de suas instituições e equipes, operários, negros e pobres também passaram a viver o futebol, formar suas próprias ligas, clubes e, com isso, produziam novos vínculos para o esporte.

²¹ Fazem parte do livro análises sobre a cidade do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Curitiba, Porto Alegre, Florianópolis, Salvador, Aracaju, Recife, Natal e Belém do Pará.

Já nas primeiras décadas do século XX, Franzini (2010) se refere a uma disseminação dos campeonatos em diferentes espaços da cidade e que atraíam um público cada vez maior. Com essa visibilidade, que também envolvia uma imprensa que observava o alcance de suas publicações específicas para o futebol, o autor nos mostra as articulações entre a Liga Paulista, um seleto grupo, e suas concessões a jogadores e clubes do futebol de várzea. Como exemplo dessas negociações, o Sport Club Corinthians, um clube com grande aceitação popular, passa a fazer parte dos campeonatos da Liga, ampliando o número de espectadores envolvidos com o futebol e, conseqüentemente, as movimentações financeiras. Outro ponto significativo apresentado por Franzini (2010) se refere às gratificações em dinheiro e bens cedidas aos ‘melhores jogadores’, mesmo que pobres e negros, com o intuito de estabelecer vínculos com clubes e alcançar melhores resultados.

No emaranhado dessa trajetória, encontramos os interesses da imprensa em difundir o esporte e alcançar o maior número possível de leitores e ouvintes, os clubes de uma Liga elitizada investindo financeiramente em recrutar os ‘melhores jogadores’, pois as competições ficavam cada vez mais acirradas e significativas e os jogadores ‘da várzea’ que passaram a ter no esporte uma possibilidade de sustento e ascensão. Para colocar essas tensões em pauta, Franzini (2010, p. 62-63) relata que “inúmeras competições pela cidade revelavam jogadores de talento e atraíam um público que crescia a cada partida”. Segundo o autor, naquele momento “a origem social pouco a pouco cedia espaço ao talento, colocando em xeque aquilo que se julgava ser a própria essência do esporte, o amadorismo”.

Ao trazer essa trajetória de São Paulo ao texto, destaco que, aos poucos, a noção de ‘talento’ passou a ser acionada na condução das análises, o que aconteceu na medida em que as competições, o público, a imprensa e os atletas também foram fazendo parte dos relatos, principalmente aqueles que estavam ligados ao futebol, os quais trarei ao debate na sequência do texto. Nesse sentido, ainda acrescento que neste mesmo ‘jogo’, fortemente marcado por uma divisão entre ricos e pobres, brancos e negros, não participava qualquer jogador, mas aqueles que passaram a receber a chancela de ‘talentosos’. Essa ‘demarcação’, por sua vez, passou a determinar formas de pertencimento, uma relação com espectadores e o alcance a outras circulações para essas pessoas até então restritas a determinados vínculos.

Nessa mesma trajetória, os saberes ligados a concepções de ciência também atuaram como elementos que entrelaçaram o esporte ao Estado e, nesse caminho, passaram a conferir um lugar à noção de talento esportivo. O trabalho de Carmem Lucia Soares (1994) retoma um processo de sistematização da produção de conhecimento por meio de um longo retorno no tempo, em passagens que perpassam do século XVII ao XX, e, sob uma perspectiva crítica, a

autora vai mostrando como a Educação Física foi constituída, em um primeiro momento, pela articulação entre médicos, pedagogos e interesses eugênicos do Estado, dentro de um projeto para a nação.

Nesse mesmo trabalho, Soares (1994) nos mostra que as intervenções coercitivas, como, por exemplo, a aplicação compulsória de vacinas a que fiz referência no início deste capítulo, as quais possuíam um respaldo de médicos que faziam parte de instituições governamentais, vão sendo substituídas e em seu lugar entram saberes relacionados a uma política médica sanitária, principalmente por vias discursivas de ‘educação’ para a população. Essa passagem se torna significativa, pois nos mostra que a Educação Física, com o esporte e seus métodos ginásticos, torna-se uma aliada nessa perspectiva de ordenamento das relações, tendo como um de seus objetos caros um corpo cada vez mais compreendido por meio de uma matriz biológica.

No complexo cenário de relações entre a medicina e o Estado, a pesquisa de Fabíola Rohden (2003) nos leva por um caminho de reflexões que conecta diversos elementos para mostrar como a reprodução e, particularmente, o controle da natalidade se convertem em um interesse público, sob um rótulo da preocupação com o desenvolvimento nacional nas primeiras décadas do século XX. Nesse trabalho, Rohden (2003) mostra que o controle da natalidade não estava relacionado somente à compreensão das relações de gênero, família e sexualidade, mas se referia à ordem política e movia os debates entre os homens públicos do período. Partindo da análise de uma dimensão médica que a autora chamou de oficial - contida nos artigos de periódicos, livros, boletins, anais de congressos e documentos produzidos no âmbito da medicina -, Rohden (2003) desloca-se por pistas deixadas em contextos concretos em que o discurso médico se atualizava e impactava, como, por exemplo, em debates públicos e projetos envolvendo médicos, inquéritos e processos relativos a aborto e infanticídio. A análise etnográfica desses materiais a levaram a perceber que o que estava ‘sendo dito’ nos processos judiciais e nas teses de medicina também era modulado por um debate mais amplo em torno da questão da ‘população’.

Nessa rede construída por Rohden (2003), na qual vão sendo conectados elementos heterogêneos, o tema da reprodução vai ficando cada vez mais distante do domínio individual e sendo discutido através de sua relação com temas como eugenia e o crescimento na nação, centrais nos debates entre médicos, homens públicos, intelectuais e ativistas. Essa relação entre diferentes atores e interesses, nos vai apresentando um contexto da primeira metade do século XX, no qual a autora identifica uma nítida política de gerenciamento da sexualidade e da reprodução, produzida por meio da conexão entre o discurso e a prática da medicina, da justiça e das autoridades governamentais. Cabe enfatizar que compreender as relações entre as

preocupações com a soberania da nação, a ascensão de ideia eugênicas e a propagação do feminismo, definidas pela autora como marcas significativas desse período, vão colocando a reprodução e o controle da natalidade como questões fundamentais e, por meio de um tema específico, nos mostra um contexto de movimentos significativamente diverso.

Outro ponto expressivo do trabalho de Rohden (2003) acena para as movimentações que marcam o início do século XX e refere-se ao domínio jurídico-policial e dos movimentos de proteção à maternidade e à infância promovidos pelo Estado e que se conectam à medicina. Nesse âmbito, não somente a mulher ganharia um espaço nos projetos nacionais, mas também as preocupações com a criança e com a família passaram a ser colocadas na pauta.

A transição entre políticas explicitamente coercitivas para políticas de ‘educação’, as quais fiz referência por meio do trabalho de Soares (1994), estão relacionadas a estas movimentações e uma diversidade de atores que passam a produzir um olhar para a infância e para caminhos de formação da população dentre os interesses do Estado. Sob essa perspectiva, Soares (1994) vai apresentando uma série de informações que aqui vou colocando como elementos de uma trajetória na tentativa de mostrar como o esporte e a Educação Física foram se colocando, e sendo colocados, nas relações com o Estado. A medicina, que produziu conhecimentos capazes de mobilizar temas como a reprodução, o controle de natalidades, especialidades médicas como, por exemplo, a ginecologia, os quais foram apresentados por Rohden (2003), também interferiu na direção de colocar o exercício físico, o esporte e a ginástica como ponto significativo para o desenvolvimento da nação.

O trabalho de Soares (1994) analisou os Anais de cinco Congressos Brasileiros de Higiene que reuniam textos publicados por médicos, cujo conteúdo posicionava o exercício físico como caminho para ‘saúde’, ‘higiene’ e ‘formação moral’. Tais Congressos foram organizados pela Sociedade Brasileira de Higiene, articulada com o Departamento de Saúde Pública da época, contavam com a participação de integrantes da Associação Cristã de Moços e estavam vinculados ao referencial adotado pela Associação Brasileira de Educação (ABE), uma instituição que mostra-se não só como um canal de veiculação desses saberes médicos, como nos fala a autora, mas de produção e estabilização de uma proposta particular de ordenamento do cotidiano. Cabe destacar ainda que nos debates promovidos nesses Congressos, Soares (1994) relata uma articulação médica para a formação de instituições direcionadas à formação de profissionais de Educação Física. Se, por um lado, esse primeiro momento a atuação estava relacionada a um exercício técnico de prescrição de exercícios feitas por médicos, encontro aí os primeiros passos de uma especialidade profissional que atuaria em

conjunto aos educadores, médicos, advogados e engenheiros que formavam as repartições governamentais e a ABE.

Nesse emaranhado de relações, o esporte e a ginástica passam a se fortalecer dentre as propostas para a educação nacional. Por meio das associações entre médicos, políticos e pedagogos que a Educação Física foi sendo produzida como parte de um sistema de ensino no qual sua ‘atuação’ estava relacionada à melhora da aptidão física, aos valores morais e, mesmo que nas entrelinhas, à definição de papéis sociais para homens e mulheres, ao ‘melhoramento da raça’, à higiene, ao controle das emoções, ao projeto de nação em que o esporte era porta de entrada ao cenário internacional, à intervenção pedagógica sob a perspectiva militar, à produção da infância, à estabilização de um corpo biológico como referência e objeto a ser estudado.

Na interface entre os conhecimentos biológicos, sobretudo aqueles produzidos e divulgados pelo domínio da medicina, e as propostas escolares que marcam um período de início do século XX, eu encontro uma delimitação da noção de ‘talento’ como restrita ao domínio da natureza que acaba se conectando, de um outro lado, com elementos da sociedade. Essa definição de lugar para o ‘talento’ tem um de seus pontos nos conhecimentos produzidos no início da formação do campo acadêmico na Educação Física – que aprofundarei na sequência deste capítulo –, mas também é fruto de análises vinculadas aos referenciais da ciências humanas e sociais.

Essa interpretação advém da análise desses mesmos trabalhos que tratam de uma trajetória de relações entre o Estado, a Educação Física e o esporte, cujas interpretações também vão colocando o ‘talento’ como conectado ao domínio da natureza, sem questioná-lo, e vinculado ao ideal Olímpico projetado para o Brasil. Por exemplo, a pesquisa de Soares (1994) coloca a noção de talento à luz de um pensamento liberal que valoriza uma lógica de mercado pautada em liberdades, potencialidades e formações individuais como condicionantes das relações em sociedade. Nesse âmbito de discussões encaminhadas pela autora, cuja análise também produz uma ‘história’ para a Educação Física, sua interpretação se engendra à crítica direcionada a um Estado marcado por uma determinada constituição ideológica, a qual culminaria na própria perpetuação da dominação de classes. Sobre uma passagem específica a autora coloca que:

A ideologia das aptidões naturais, dos talentos, das capacidades circunscritas ao âmbito do individual-hereditário-biológico, estavam na base das concepções educacionais do final do século XVIII e início do século XIX [...]. E é nelas que vamos encontrar a preocupação com a ‘Educação Física’ (SOARES, 1994, p. 46).

Se olharmos somente para o período ao qual se refere essa passagem, estaríamos novamente retornando no tempo. No entanto, o que gostaria de ressaltar está relacionado a uma matriz interpretativa, vinculada às perspectivas críticas, que também foi colocando a compreensão da noção de ‘talento’ em conexão com a individualidade, com o que seria hereditário, com o biológico, como pauta de interesse das ciências naturais e, por fim, como correspondente aos interesses dominantes.

Neste relato, chegamos ao ponto em que o esporte e a Educação Física já estão encontrando relações cada vez mais recorrentes com os interesses do Estado e o talento, o que, por vezes, passou a ser anunciado entre tais conexões. A tese de Luciano Bueno (2008) retoma uma discussão em torno do esporte na década de 30 mostrando que nesse período houve um protagonismo não só de pessoas ligadas à medicina, mas também de educadores em publicações nos Congressos Nacionais de Educação, promovidos pela ABE, por instituições militares e, inclusive, por organizações religiosas, que ora o condenavam como ‘desviante’, em decorrência do processo competitivo, mas ora o valorizavam sob o ponto de vista da saúde.

Há outro ponto que se enreda nessa trajetória de incorporação do esporte à vida cotidiana e ao Estado que se refere aos caminhos percorridos pelo futebol. Anteriormente, fiz referência ao trabalho de Fábio Franzini (2010) sobre a trajetória do esporte na cidade de São Paulo e sua disseminação relacionada às competições em locais públicos, ao número crescente de pessoas envolvidas, à formação de ligas independentes, aos acentuados conflitos raciais e à identificação de jogadores como talentos que, a partir dessa classificação, acentuavam os conflitos entre amadorismo e profissionalismo. A tese de Bueno (2008), dedicada a compreender os caminhos que levaram ao predomínio do esporte de alto rendimento no cenário da política pública nacional de esportes e lazer, também colocou o futebol como um ponto de inflexão na trajetória de relações entre o esporte e o Estado. A pesquisa de Meily Linhales (1996) apresenta uma discussão entre a manutenção do amadorismo e a crescente tendência à profissionalização que acabou permeando o futebol na medida em que houve um aumento no número de equipes, diferentes pessoas passam a se envolver com o esporte e, gradativamente, outros interesses entraram ‘em jogo’, assim como foi demonstrado, como exemplo, no caso da cidade de São Paulo.

Cabe considerar que o trabalho de Linhales (1996) nos mostra diferentes conflitos e interesses atuando nessa relação entre o futebol e o Estado. Dentre eles, podemos encontrar as seguintes situações: o recorrente interesse na compra de jogadores pelo mercado estrangeiro; os próprios atletas em busca de melhores condições de trabalho; dirigentes públicos que identificam um caráter utilitário do futebol como caminho para a resolução de conflitos –

situação similar ao que foi relatado sobre os caminhos escolhidos por Pereira Passos ao utilizar o esporte como seu aliado na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX; o crescimento de um mercado especializado para o esporte e, especificamente, para o futebol; os grupos que defendiam a profissionalização, principalmente na cidade de São Paulo e do Rio de Janeiro, que se reúnem para formar a Federação Brasileira de Futebol (FBF) e posicionam-se em sentido contrário à CBD que permanecia defendendo o amadorismo. Nesse cenário de disputas e interesses, em 1933 o profissionalismo foi adotado no Brasil, encerra-se uma controvérsia, e, conforme coloca Linhales (1996, p. 73) “foi a partir do futebol que o Estado começou a se ocupar do setor esportivo”. A autora ainda coloca que

O futebol inaugurou esse tipo de relacionamento que, de certa forma, foi também uma das fortes razões de sua popularização. Esse dilema se estenderá às outras modalidades esportivas, constituindo ponto nodal do processo de democratização do esporte no Brasil. Inaugura-se um novo quadro para a relação que se estabelece ao redor do fenômeno esportivo, capaz de transformar a autonomia da sociedade em instrumento de **composições e barganhas** (LINHALES, 1996, p. 74, grifos meus).

Ao realizar o mapeamento inicial, fui rastreando o período do Estado Novo, que inicia em 1937 e se estende até 1945, não somente a partir da noção de talento esportivo, mas, principalmente, na análise de um processo de estatização do esporte que levou consigo um modelo seletivo como referência. Nesse sentido, a intenção foi a de compreender as composições e barganhas que acabaram não só estabilizando tal modelo, mas oferecendo pistas para compreender como o talento foi sendo colocado como seu ‘objeto’ central, especialmente no que se refere à base da pirâmide que o constitui, e capaz de mobilizar ações.

Se foi pela via do futebol que o Estado passou a se ocupar do esporte, o trabalho de Linhales (1996) nos mostra também que foi no decorrer da Era Vargas que uma concepção homogênea sobre o esporte passou a se fortalecer, a ser alvo de controle e regulação governamental. Por meio da trajetória apresentada pela autora, pode-se dizer que aliado ao projeto eugênico que já vinha ganhando força, o qual foi produzido também por meio de estudos da sociologia, psicologia, medicina e educação, o período de governo de Getúlio Vargas acabou sendo identificado como corporativista. Isso acontece na medida em que propõe uma estratégia de fortalecimento de um Estado, sobretudo, sem conflitos. Assim, foi no governo de Vargas que se acentuaram ideais nacionalistas como caminho de unificação de uma Nação. Inclusive, foi nesse período que se acentuou um ideal de modernização relacionado ao sistema de produção industrial e urbano, o qual poderia abrir portas para o mercado internacional.

Essas características identificadas sobre o primeiro período de governo de Getúlio Vargas acabam sendo colocadas na base de ações relacionadas ao esporte e a Educação Física. Nesse período, o esporte foi sendo colocado como uma forma de representação do Brasil no cenário internacional, sendo assim, Linhales (1996) nos relata uma incumbência destinada a Luiz Aranha, irmão do Ministro das Relações Exteriores e, naquela época, presidente da Confederação Brasileira de Desporto (CBD), no sentido de colocar o Brasil entre as principais nações esportivas internacionais. Cabe destacar que tal ‘ambição’ estava vinculada a uma construção de caminhos como agendas de governo, instituições, leis e decretos que definiam e reafirmavam que somente o Estado poderia organizar e garantir o desenvolvimento do esporte no Brasil.

Essa relação entre uma concepção de esporte cada vez mais homogênea, como uma via de projeção internacional, uma aliada na mobilização de ações e da população, com o Estado reunia apoio suficiente para formar uma série de órgãos governamentais, instituições e pessoas interessadas que acabam encerrando ruídos, disputas e estabilizando projetos, inclusive na forma de legislações, os quais passam, por sua vez, a mobilizar o fortalecimento e disseminação do esporte.

Nessa proposta que constitui o Estado Novo, Linhales (1996) nos apresenta o projeto de segurança nacional, que contava com a participação dos militares, e um plano de educação para o Brasil condizente com uma organização urbano-industrial, o qual se engendraria a própria história da Educação Física. Nesse âmbito de discussões, a análise de Castellani Filho (2013) nos leva a uma preocupação da Educação Física na escola não somente com o melhoramento da raça, mas também no seu papel de contribuir com a nação contra os perigos internos, que seriam as revoltas comunistas, perigos externos, preparando jovens para defender seu país, e como formação de uma força de trabalho, fisicamente capacitada para trabalhar na indústria.

Além dessas questões, a partir dos dados apresentados por Linhales (1996), torna-se possível acompanhar uma série de mobilizações por meio das quais uma determinada concepção de esporte, a do alto rendimento, passou a fazer parte da Educação Física e a colocar-se como uma de suas principais bases para se sustentar na escola. Nesse sentido, faço referência à obrigatoriedade da Educação Física, de acordo com a Constituição de 1937, em todos os níveis de ensino, ao esporte consolidado como seu conteúdo, passou-se a se investir no processo de formação dos professores para atuar na área, viu-se a construção de setores específicos no Ministério da Educação e Saúde e o Exército acabou participando fortemente dessa trajetória trazendo consigo sua formação militar, patriota e eugênica.

Ainda sobre este período, Mauro Betti (1991) nos apresenta uma convergência de interesses entre o Estado, o sistema militar e os educadores, tanto os considerados de vertentes mais progressistas como, por exemplo, vinculados à Escola Nova, quanto os conservadores. O autor ainda aponta que a crítica, sobretudo das correntes progressistas, estava centrada no modelo administrativo e desse bojo de discussões a Educação Física estava à parte, sendo considerada, e apoiada, por essas diferentes perspectivas como uma atividade que se aliava à eugenia, à higiene, à saúde, à preparação militar, ao nacionalismo e ao conhecimento sobre a área, na época o biológico, como um dos argumentos de sua sustentação.

Outro ponto significativo que marcou o período do Estado Novo foi a primeira proposta de legislar o sistema esportivo. O Decreto-Lei nº 3.199 de 1941 estabeleceu as bases legais de organização do esporte no país e suas subsequentes adjetivações marcaram um período em que as implementações na forma de leis se acentuaram, embora não houvesse um planejamento para o esporte nacional. Ao buscar pistas sobre a noção de talento na Lei 3.199/41, eu não encontro qualquer referência explícita ao termo, mas torna-se possível observar a transformação de uma prática discursiva de valorização do esporte como caminho para a formação da nação em um sistema esportivo orientado, institucionalmente, pelo alto rendimento e sob controle do Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão criado pelo próprio Decreto-Lei, deixando rastros para pensar como o talento passaria a fazer parte desse mesmo sistema, agora instituído.

Um dos primeiros esforços de análise da Lei 3.199/41 foi realizada por Eduardo Dias Manhães (1986). O autor nos apresenta um debate sobre as legislações desse período, inclusive sobre a Lei 6.251 de 1975 – da qual falei na sequência com maiores detalhes – e das deliberações do CND, mostrando que tais esforços do Estado foram orientados, basicamente, pelo discurso da disciplina, por uma intenção nacionalista e pela construção moral e cívica de um projeto de Nação. Embora o esporte tenha entrado pela primeira vez no plano legislativo no ano de 1941, Manhães (1986) nos fala que isso acontece pela ligação à concepção competitiva, deixando outras formas de organização esportivas à parte dos termos legais ou em uma relação de subordinação.

O período posterior ao Estado Novo foi marcado por certo ‘continuísmo’ dentro dessa perspectiva que compreende o âmbito das relações entre o Estado e o esporte. Essa interpretação faz parte, por exemplo, nas análises de Manhães (1986), Linhales (1996), Veronez (2005) e Athayde (2014). No entanto, cabe considerar que esses mesmos trabalhos apontam para um fortalecimento da imprensa esportiva e da indústria de equipamentos de materiais esportivos, algo que se alia, fortemente, ao esporte de alto rendimento e de um modelo seletivo cada vez mais consolidado. Além dessas considerações, Athayde (2014) nos mostra uma breve passagem

referente ao ‘pós-Maracanazo’²² que marcou este período da década de 50. O autor relata que o aparecimento e afirmação de um ídolo nacional no esporte, Adhemar Ferreira da Silva, um atleta que sagrou-se bicampeão olímpico no salto triplo (Jogos Olímpicos de Helsinque/Finlândia em 1952 e Melbourne/Áustria em 1956), e a primeira conquista brasileira na Copa do Mundo da FIFA em 1958 acabaram atuando na perpetuação da relação entre uma ideologia nacionalista e os resultados esportivos positivos. Essa analogia que, embora seja considerada como constituída a partir do Estado Novo e certa ‘objetificação’ em termos legais faça parte desse período, já vinha sendo produzida ao longo da trajetória de relações entre atletas, pessoas envolvidas com o esporte, imprensa, políticos, instituições, campeonatos e tantos outros elementos heterogêneos que são conectados para manter o esporte de alto rendimento como referência.

Cabe pontuar que outro esforço legislativo fez parte do período de Ditadura Militar, a Lei 6.251 de 1975, formulada por um Grupo Tarefa que já havia pertencido ao CND no período do Estado Novo. Além da continuidade, como colocou Manhães (1986), foram acentuados na Lei 6.251 os projetos para os Jogos Olímpicos, as divisões em esporte estudantil, tanto o universitário como o escolar, e o classista são reafirmados sob a lógica do alto rendimento. Nesse mesmo esforço legislativo, havia uma previsão de desconto em impostos para o investimento no esporte, inclusive para embarcações – algo semelhante ao que acontecia na cidade do Rio de Janeiro como incentivo ao remo na passagem do século XIX e XX, há concursos de prognósticos (apostas) promovidos pela Caixa Econômica Federal para financiar a preparação das equipes para os jogos e a previsão de bolsas de estudos para atletas que sagravam-se campeões nacionais e internacionais.

No decorrer desse primeiro eixo de discussões fui tentando mostrar que o processo de estabilização do modelo seletivo não se trata somente de um projeto de dominação daqueles que detém o capital e o Estado, interpretado como uma instituição formada por esse mesmo grupo, como capaz de mobilizar as definições para o esporte. Apesar dessa interpretação ser tentadora, principalmente porque nos permite enfatizar os caminhos pelos quais o esporte foi sendo distanciado de sua condição de ‘direito social’, algo que retomarei nos próximos tópicos, fiz o investimento de mostrar uma produção, por meio de passos longos se tratando de tempo e por isso arriscados, de um modelo de esporte que na medida em que foi sendo estabilizado, foi também se tornando um aliado para a sustentação da Educação Física. Nesse processo, o esporte

²² O termo ‘Maracanazo’, ou ‘Maracanaço’, é utilizado para se referir à derrota da seleção brasileira de futebol para a equipe uruguaia na final da Copa do Mundo de 1950. Está derrota, que aconteceu com o estádio do Maracanã lotado, permaneceu nas memórias do futebol como um resultado inesperado e desolador.

foi sendo encerrado em concepções homogêneas e hegemônicas, aliou-se a processos econômicos e industriais, aos projetos para a educação nacional, aos atletas que gradativamente foram ganhando visibilidade, à imprensa esportiva, ao mercado no entorno das práticas e, apesar dos movimentos contrários que não reuniram forças suficientes para uma mudança de rumo, foi nesse período que o foco no modelo seletivo se assentou na forma de lei e encerrou-se em uma caixa que precisaria de novas disputas para que fosse novamente aberta.

2.2 ‘ONDE ESTÃO OS TALENTOS?’: A EFERVESCÊNCIA DE CONTROVÉRSIAS

Neste segundo eixo, o percurso que venho tentando produzir por meio dos vínculos entre o esporte e o Estado, vai passar por um período em que os debates ganham outras intervenções, outros agentes, novos objetos e, também, a movimentação que vinha na direção de estabilizar o modelo seletivo passa a encontrar resistências cada vez mais fortes, principalmente porque essas ‘novas’ vozes formam suas próprias redes de aliados. Estou me referindo a um momento em que se misturam os interesses advindos de um período da ditadura militar, da abertura política subsequente, do crescimento de um movimento de pessoas ligadas aos referenciais teóricos das ciências humanas e sociais na Educação Física, do desenvolvimento de laboratórios ligados às ciências da ‘natureza’, da ‘bancada da bola’ reunindo forças para movimentar as legislações – em meio a essa polifonia, o talento vai sendo mobilizado e deslocado para os laboratórios e flutuando entre discursos.

Mesmo que eu tenha me referido a ‘períodos’, reitero que não vou me ater na construção de limites temporais precisos, pois estou trabalhando com uma perspectiva que os interesses e as relações entre pessoas, objetos e instituições extrapolam as delimitações de datas precisas. No entanto, cabe considerar que neste eixo de discussões serão proeminentes as referências que envolvem os períodos nos quais se acentuam projetos nacionais de desenvolvimento como, por exemplo, o que foi lançado por Juscelino em 1950, amplamente reconhecido pela campanha ‘50 anos em 5’; abordarei também as disputas que culminaram na ditadura militar (1964-1985), as intervenções referentes a este período, os movimentos ligados a uma abertura política demarcada como parte do final da década de 70, os processos de formação da Constituição de 1988 e, por fim, na conformação da Lei Agnelo-Piva que define fontes de financiamento.

Apesar da amplitude da escala delimitada para este eixo, foi por meio do mapeamento inicial que passei a perceber que havia um período nessa trajetória de relações entre o esporte e o Estado em que as disputas ‘efervesceram’, isto é, outros agentes passaram a reunir aliados

para contrapor discussões que vinham, cada vez mais, sendo encerradas. Nesse sentido, estou me referindo, principalmente, a estabilização de um modelo seletivo como referência para a política nacional de esporte e a ‘ebulição’ de uma questão controvertida que se refere à noção de esporte como um ‘direito social’.

A partir dessa interpretação, não estou dizendo que o investimento, especialmente financeiro, no modelo seletivo não se tornou um caminho para a intervenção do Estado no esporte, pois os próprios trabalhos sobre os quais me debrucei inicialmente, somados às análises de Athayde, Mascarenhas e Salvador (2015), Melo, Húngaro e Athayde (2015) e Mascarenhas *et al* (2012), cada um com suas particularidades de informações, apontam enfaticamente uma continuidade na priorização de investimentos no esporte de alto rendimento. Cabe considerar ainda que não estou questionando a noção de ‘esporte como direito social’, principalmente porque essa densa discussão extrapolaria os limites que fui construindo para essa pesquisa.

Considerando essas demarcações, passo a apanhar, como meu fio condutor, um emaranhando de disputas relacionadas ao ‘modelo seletivo’ e, principalmente, à noção de ‘esporte como um direito’, compreendendo esta última como uma controvérsia²³ que, embora presente, estava em debate no coletivo interessado no andamento da política nacional de esportes. Seguir essas noções, sem a intenção de defini-las como ‘de um lado’ ou ‘de outro’, foi o que me permitiu acompanhar a flutuação da noção de ‘talento’ e de ‘detecção de talentos’ em associações que ora a colocavam como próxima à noção de ‘dever cívico’ e ora como caminho para se produzir uma condição de ‘justiça social’. Nesse mesmo percurso de discursos foram incorporados elementos que produziram uma noção de talento como pertencente à ‘base’ do modelo seletivo, definida por meio de concepções biológicas, pela via das pesquisas em laboratórios, o que se encerra, por fim, em uma concepção que deve estar ‘fora’ das preocupações escolares.

No capítulo anterior, na medida em que fui abordando o período do Estado Novo, passei a construir uma trajetória de refinamento das relações entre o esporte e o Estado. Essa definição de vínculos aconteceu por meio da formação de leis e decretos, da associações de novos agentes como, por exemplo, instituições que reuniam aliados suficientes para centralizar ações, onde

²³ No capítulo anterior fiz referência à noção de controvérsia como um elemento significativo na própria constituição da Teoria Ator-Rede e que no livro *Reagregando o Social* de Bruno Latour (2012) torna-se um fio condutor. Neste eixo de discussões retomo especialmente esse conceito, pois estou considerando que no momento em que estamos nos referindo a uma controvérsia, estamos falando de elementos que ‘ainda’ não pertencem a um único domínio e que, em algum momento e dependendo das ações de humanos e não-humanos, acabam se estabilizando ou, caso não reúnam aliados suficientes para isso, se dissipam. Manter a ideia de ‘modelo seletivo’ e ‘esporte como direito social’ como controvérsias me permite ‘seguir’ os vínculos que vão sendo construídos para que esses elementos sejam encerrados, tornem-se ‘caixas-pretas’, em determinados coletivos.

havia pessoas envolvidas na construção de vínculos que faziam, por exemplo, a imprensa mobilizar-se na disseminação das práticas esportivas. As legislações também construíram vínculos fortes o suficiente com elementos jurídicos para produzir a profissionalização do futebol, pois os outros esportes permaneceram na condição de amadores, apesar de alguns atletas destacarem-se em competições internacionais.

No decorrer dessas mobilizações, o trabalho de Linhales (1996) vai nos mostrando que além do esporte ser envolvido por uma perspectiva homogênea, foi também sendo incorporado à uma movimentação identificada como ‘populista’. Essa interpretação da autora nos leva para uma compreensão de que o esporte agiria como um elemento capaz de mobilizar um grande número de pessoas e, nesse mesmo caminho, mascarar as intervenções excludentes e marcadas por uma perspectiva de manutenção das diferenças entre classes sociais. Linhales (1996) ainda nos relata uma contínua expansão do esporte, tanto no período do Estado Novo, como entre os anos de 1945 e 1964, apesar da base burocrática e hierárquica centralizada no CND, com a ampliações de espaços públicos para as práticas, de ligas esportivas, principalmente relacionadas ao futebol, parques infantis, jogos estudantis, departamentos específicos para implementações de ações relativas à recreação e ao lazer que, para além das críticas que se difundiam, viabilizaram vivências no âmbito das práticas corporais.

Essas informações trazidas pelo trabalho de Linhales (1996), ao mesmo tempo em que solidificam a concepção de um Estado autoritário e capaz de agir a partir de sua posição no topo de uma hierarquia, também nos vai mostrando alguns elementos que contribuem para uma aliança construída entre as pessoas que se envolviam com o esporte e governantes de determinados momentos. Nessa produção de vínculos, estou compreendendo que a construção de parques infantis, mesmo sem saber informações sobre sua utilização, são tão imprescindíveis quando a atuação do CND para a contínua sustentação, tanto do esporte, como do Estado.

Se formos adiante nessa trajetória de fortalecimento de vínculos, a campanha de Juscelino, que marcou os anos 50, tinha como central uma propaganda de desenvolvimento nacional por meio da elaboração de uma ‘expectativa modernizadora’ cuja concepção estava ligada a uma ideia de ‘progresso’ pela via da urbanização, da industrialização, da recuperação econômica e de uma intenção ‘populista’ que permanecia em pauta. O que me faz retomar brevemente essa passagem se refere às informações colocadas por Linhales (1996) sobre este período, ao mostrar que, mais uma vez, o Estado e o esporte se alinharam, e por meio dessa aliança viabilizam suas expansões, pois nesse período encontramos a construção de estádios de futebol, principalmente o Maracanã, de praças que formavam o cenário urbano, inclusive o

esporte fazia parte dos debates entre trabalho e lazer naquele momento de acentuada expansão industrial.

Sobre os momentos anteriores à ditadura militar, o trabalho de Pedro Athayde (2014) nos traz acontecimentos que marcam um período de início dos anos 60 e que vão se somando como pontos significativos dessa trajetória de relações entre o Estado e o esporte. O autor nos mostra que em 1962 a seleção masculina de futebol sagrou-se bicampeão na Copa do Mundo do Chile e que tinha entre um de seus nomes Mané Garrincha, um jogador que foi se tornando ídolo nacional; em 1963 o país tornou-se bicampeão mundial de basquetebol com a equipe de homens que disputou o Campeonato Mundial realizado na cidade do Rio de Janeiro e, neste mesmo ano, o Brasil sediou os Jogos Pan-americanos na cidade de São Paulo, organizado pelo Comitê Olímpico Brasileiro (COB) e os governos estaduais e federais.

Essas competições e principalmente seus resultados vão se tornando potentes em negociações de interesses, pois tornam-se aliados na mobilização das pessoas, nas movimentações políticas, na captação de recursos financeiros e, no que tange especificamente este trabalho, na transformação de jogadores em ídolos nacionais.

Cabe considerar que esse momento de ‘grandes conquistas’, no qual o Estado “acomodava interesses” (LINHALES, 1996, p. 108), principalmente aqueles correlacionados ao futebol e aos dirigentes esportivos, também começam a se fortalecer outros grupos nessas negociações, ocasionando uma tensão sobre a ideia de controle do Estado. Entre esses ‘novos’ elementos encontro a imprensa esportiva relatando denúncias sobre as corrupções na construção de estádios e interferindo nas decisões políticas. Também visualizo a Educação Física escolar - já sob influência de um modelo americano, no qual o esporte predominava entre os conteúdos, mas não mais sob o domínio dos militares – participando desse processo. Vejo, ainda, uma indústria específica de materiais esportivos que, ao ligar-se com o esporte, torna-se capaz de formar novos consumidores.

Apesar do fortalecimento de alguns movimentos em um período de mínima abertura política anterior ao período militar (como, por exemplo, aqueles relacionados à educação, nos qual a Educação Física também estava engajada), qualquer proposta progressista foi sendo coibida após o golpe de 1964. Neste período, deu-se início a um momento de retomada da área da Educação Física pelos militares e o esporte passou a operar, novamente, com maior ênfase no sentido de representação nacional e as conquistas esportivas como ponto a reforçar o projeto militar de desenvolvimento para o país.

Ao trazer para o relato essas conformações sobre uma história de relações entre o esporte e o Estado que, por vezes, vão se tornando uma trajetória de vínculos entre governantes e

elementos que também foram sendo envolvidos como parte da Educação Física, minha intenção está na direção de mostrar que foi por meio desse longo processo que a noção de esporte como um ‘direito social’ passou a ser integrada aos interesses relacionados à política pública. Nesse percurso, fui conectando diferentes aliados que trabalharam na produção de uma ideia de ‘direito’ como, por exemplo: os discursos ‘populistas’ com intenções de massificação das práticas corporais e, sobretudo, dos esportes; as relações com o futebol no sentido de sua profissionalização; a divisão legislativa entre esporte comunitário, estudantil, militar e classista, que visou o ‘atendimento’ a diferentes pessoas; a atuação do CND; o interesses das confederações e federações; a presença da imprensa, do mercado e dos militares (e também dos ‘não’ militares); as conquistas dos atletas e até a ‘pouca eficiência’ da natação e do atletismo apontados do Decreto nº 53.741 de 1964. Todos esses são elementos que foram atuando na mobilização de uma adjetivação do esporte como um ‘direito social’, a qual ganha visibilidade no período de ditadura militar.

No trabalho de Linhales (1996) a emergência do ‘direito social’ foi colocada como próxima de uma perspectiva funcionalista, pois estava na direção de compensação de desequilíbrios gerados pelo próprio Estado. Na pesquisa de Athayde (2014, p. 149) a interpretação está na direção de mostrar que este período de governo militar foi singular em termos de responsabilização do Estado pela expansão da prática esportiva para a população e formulou um “registro primário de uma perspectiva de esporte como um direito social”, pois tinha a perspectiva de dissuadir a intenção de cerceamento dos direitos civis e políticos.

Por meio da análise dos autores, estou considerando que eles estão ‘em defesa’ de uma determinada concepção de ‘direito social’ que foi inicialmente arregimentada nas análises sobre a política pública nacional de esportes na área da Educação Física num período mais próximo dos anos 80 e vinculada também a esta esteira de debates ligada às ciências sociais e humanas.

Apesar das críticas que serão produzidas em um período subsequente ao da ditadura militar, foi nesse momento que um determinado coletivo passou a construir caminhos não somente de concretização de projetos políticos, mas de sustentação de uma noção de ‘direito social’ em conformidade à sua concepção de Estado. Nesse sentido, não me deterei na crítica a essa definição de ‘direito social’, mas de seguir planos, propostas, decretos e legislações que se proliferam neste mesmo período. Ao identificar uma questão ‘em disputa’ relacionada a ideia de esporte como ‘direito social’, passei a questionar quais foram as alianças que estabilizaram essa perspectiva associada ao esporte? Em que momento e como o talento entrou nesse processo?

Um dos materiais que utilizo para compreender as produções que emergem neste período, refere-se ao primeiro Diagnóstico da Educação Física e Desportos (DEFD), coordenado pelo professor Lamartine Pereira da Costa, publicado em 1971. O DEFD assumia como um de seus principais objetivos produzir informações para a elaboração de uma política nacional para o setor e os elementos que são associados nessa primeira produção nos trazem algumas pistas para rastrear a noção de ‘talento’. Por esse motivo, elaborei uma breve descrição particular para o DEFD e que retomarei alguns pontos na sequência do relato.

O DIAGNÓSTICO E AS PRIMEIRAS ESTATÍSTICAS SOBRE A VIDA ESPORTIVA

As palavras de Arlindo Lopes Corrêa, o então Secretário-Executivo do Centro Nacional de Recursos Humanos, demarcaram uma primeira ‘publicação’ sobre a vida esportiva que até então se construía no Brasil. Nessa definição, Arlindo Corrêa se referiu às atividades de Educação Física e Desportos como intimamente ligadas às políticas de saúde e educação, principalmente pelo seu suposto papel condicionador da aptidão física e mental da população. Até esse momento não temos nenhuma novidade dentre o que já vinha ‘sendo dito’ sobre o lugar da área, ao aliar-se com a saúde e a educação, na formação dos sujeitos e de sua legitimidade como política de intervenção do Estado. A fala de Arlindo apresentavam ‘novas’ direções: uma delas seria a criação do Departamento de Educação Física e Desportos (DED) dentro do Ministério da Educação e da Cultura (MEC), o que colocou a Educação Física e o esporte novamente em um mesmo órgão institucional; como uma segunda ‘novidade’ a construção de um Diagnóstico centrado em “bases científicas e racionais” via a análise de sistemas que, segundo o discurso de Arlindo, era a “última palavra técnica das ciências sociais” (CORRÊA, 1971, p.8); por fim, encontramos uma preocupação com a formação de planejamento de gastos para os volumosos recursos vindos da Loteria Esportiva.

Somadas a estas ‘inovações’, o professor Lamartine da Costa, um especialista que atuou como porta-voz de seu coletivo, reuniu uma série de referenciais bibliográficos para sustentar, explicar e estabilizar as bases da pesquisa que seria desenvolvida no território nacional. Foram esses referenciais das ciências sociais ligados à estatística e a administração que passaram a ‘justificar’ a realização de uma pesquisa capaz de ‘capturar’ dados e indicar as deficiências e necessidades no que tange ao desenvolvimento da Educação Física e dos esportes.

Com o aporte e constante menção em seu texto sobre determinados referenciais teóricos, quase todos em língua estrangeira, uma das demarcações da pesquisa a ser desenvolvida pela equipe coordenada por Lamartine, passou a definir a Educação Física e os Desportos por um conceito de ‘sistemas sociais’ sobre o qual seria possível construir uma análise do social via estatística e então lidar com os problemas identificados e criar soluções adequadas o suficiente para combater as causas, e não os sintomas. Sendo assim a Educação Física e o esporte seriam pensados por meio de uma lógica orgânica de compreensão da sociedade.

Engendrada nessa proposta de ciência social estava uma preocupação de gerar informações para a atuação administrativa e esta, por sua vez, estaria baseada não somente nos dados produzidos no Brasil, mas poderia estar relacionada aos modelos de outros países. Tem-se nessa relação mais um novo aliado para o DEFD: a inserção do Brasil dentre as ‘tendências globais’ de organização esportiva. Nesse âmbito, Lamartine faz referência ao Manifesto para o Esporte, difundido pelo Conselho Internacional para a Educação Física e para o Esporte da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO).

Outro ponto que se torna um potente aliado para evitar a desconstrução do DEFD se refere ao uso de pesquisas internacionais que estabeleceram correlações entre o ‘estágio de desenvolvimento do país’ e a posição no ‘quadro de medalhas’ em Jogos Olímpicos. Por meio dessas discussões, o DEFD indica que países que possuem uma ‘massa’ praticante de esportes ou a organização técnica dirigida para o resultado de modo permanente alcançam os melhores resultados nos quadros de medalhas ao longo do tempo. Como contraponto, o autor nos mostra, ao referenciar a pesquisa desenvolvida por Velzian (1967), um exemplo dos Jogos Olímpicos do México, no ano de 1968, no qual o Quênia havia investido durante oito anos em um programam dirigido à seleção de atletas e de competições internacionais, o que resultou na obtenção de nove medalhas e colocou um país ‘subdesenvolvido’ em 14º lugar entre os 109 participantes no confronto global de premiações Olímpicas.

Por meio da linguagem da ciência para construir a pesquisa, o DEFD passou a apresentar resultados que foram basilares para a formação do Primeiro Plano para Educação Física e Desportos, lançado em 1971. Um das primeiras considerações foi a identificação de uma fragilidade na ciência relacionada à Educação Física e aos esportes, apesar da ‘certeza’ da atuação da Educação Física na melhora da aptidão física ser uma das justificativas iniciais de preocupação do Estado com a área, presente inclusive na apresentação de Amarildo Corrêa. Apesar dessa ‘contradição’, uma das conclusões aponta que “as Escolas Superiores de Educação Física/Desportos ainda não se adequaram efetivamente para as imposições da

Medicina Desportiva, não realizam pesquisas e não possuem formas rotineiras de intercâmbio” (DA COSTA, 1971, p. 356).

Uma questão significativa apontada no relatório se refere a ‘ineficiência’ da Lei nº 3.199 de 1941, funcionando como uma porta de entrada para a sua reformulação por meio do Decreto-Lei 6.251 em 1975. Além disso, há uma análise sobre as federações e confederações na direção de demarcar que seu trabalho estaria orientado para a seleção de talentos, portando ineficaz na disseminação do esporte de massa defendido pelo DEFD, explicando, dessa maneira, a intermitência na obtenção de bons resultados. Cabe ainda pontuar que o Diagnóstico indica que essas instituições apresentam um baixo nível de profissionalização, provocando assim um cenário propício para a “existência de enfoques eminentemente políticos” (DA COSTA, 1971, p. 358)

Nas páginas finais do DEFD há uma significativa consideração sobre a interferência dos projetos legislativos e das ideologias atreladas ao Estado que colocariam na Educação Física e/ou nos esportes uma de suas vias para a materialização dos seus interesses. Estou me referindo a ‘inexistência’ da Educação Física/Desportos no primeiro nível de ensino, à inconsistência de sua fiscalização no nível médio e no ensino superior definida como “sistemática e improvisada” (DA COSTA, 1971, p. 355). Ou seja, a Educação Física, apesar de sua obrigatoriedade legal desde 1851, não estava na escola. Então, onde ela estava? Se o esporte de massa era o investimento a ser defendido, a seleção de talentos como prioridade foi identificada como ‘equivoco’ e a pirâmide esportiva ganhava outras retóricas científicas para sustentá-la, para onde foi o talento a partir do DEFD?

Com a elaboração desse primeiro Diagnóstico são acionados outros elementos para os vínculos entre o Estado, a Educação Física e o esporte. Desde as primeiras páginas há uma produção de uma linguagem, não mais vinculada somente aos termos e escritas contidas em legislações, mas uma linguagem ‘científica’ que é utilizada para sustentar as ações. Para acompanhar essa retórica, estão referências às publicações e instituições internacionais, às análises estatísticas baseadas em volumosos números, aos modelos vinculados a outros países, principalmente numa relação entre os que são ‘desenvolvidos’ como modelos a serem seguidos e os ‘subdesenvolvidos’ que deveriam aprender com o seus ‘erros’.

Cabe destacar ainda que sobre a alocação da Educação Física e dos esportes no DED, embora tenha retomado um vínculo a partir de uma definição institucional, Linhales (1996) nos mostra dois aspectos que estavam mobilizando essa ação: o primeiro era conter a autonomia

dos interesses do futebol, na época vinculado a CBD que representava uma ameaça o próprio CND (central em um Estado que se pretendia autoritário); e o segundo era garantir uma subordinação da Educação Física ao sistema esportivo, pois esse vínculo significava colocar a escola na base da pirâmide esportiva.

A partir dos primeiros resultados do Diagnóstico, o Coronel Otávio Teixeira, na época diretor do DED, lançou o Primeiro Plano de Educação Física e Desportos (PED) que enfatizava um caráter educativo da prática esportiva, caracteriza a atividade física e esportiva como um ‘direito de todos’, mas também acentuava uma necessidade de controle sobre o esporte e o mantinha centralizado no CND. Um dos principais projetos que formavam o PED era a Campanha Nacional de Esclarecimento Esportivo (CNEE), pois investia fortemente em um caráter publicitário, fortalecido pelas campanhas em meios de comunicação ligadas ao governo do General Médici. A CNEE foi direcionada às crianças e jovens em idade escolar, aos professores de Educação Física, atletas, autoridades estaduais e municipais, às pessoas vinculadas ao meio acadêmico e aos meios de comunicação.

As ações subsequentes ao Diagnóstico estavam na direção de produzir o maior número possível de intervenções para que a escola se tornasse estável como base da pirâmide esportiva, os professores como atuantes nesse processo, a retórica científica como caminho consolidado de convencimento. Isso se produzia também quando os meios de comunicação disseminavam um projeto pela via do ‘direito social’, quando eram desenvolvidas campanhas (como, por exemplo, o Esporte Para Todos) que atingiam um grande número de pessoas. Foram, assim, sendo solidificados vínculos entre um número de aliados cada vez maior. Sobre esse período, Linhales (1996, p. 148, grifos meus) nos mostra que “para os segmentos da sociedade atingidos mais de perto pela ação do DED e da CNED, o direito ao esporte apresentava-se quase como um dever cívico, um imperativo. Era necessário praticar esportes, produzir talentos esportivos e apostar no futuro do Brasil”.

Essa aposta no futuro do Brasil, pela via dos esportes e dos seus talentos, como um ‘dever cívico’ estava alinhada com o projeto nacional ‘Brasil Grande Potência’, colocado em andamento pelo General Emílio Médici em um período reconhecido pela acentuada opressão, violência e controle da população. Uma correlação frequentemente levantada sobre esse período da década de 70 está na conquista do tricampeonato na Copa do Mundo, pela seleção masculina de futebol, e o ‘uso’ dessa vitória nas propagandas do regime (LINHALES, 1996; ATHAYDE, 2014; VERONEZ, 2005; BUENO, 2008).

O trabalho de Marcos Guterman (2004) nos ajuda a ‘poluir’ essa relação, produzindo outras conexões, por rumos que vão além da definição um dominado (população) e um

dominante (Médici seus aliados). O autor nos conduz, em primeiro lugar, desenvolvendo um reforço das análises sobre o período de Médici e a vitória na Copa de 70, cuja reafirmação de uma polarização entre Estado autoritário e população alienada acaba consolidando essa mesma interpretação e produzindo uma homogeneidade referente ao período. Outro ponto levantado por Guterman (2004) se refere às informações sobre os anos que a seleção de futebol masculina foi derrotada em mundiais e as votações para o Congresso e o Senado Nacional. O autor mostra que na Copa da Inglaterra em 1966, quando o Brasil foi eliminado já na primeira fase, a governista Aliança Renovadora Nacional (ARENA) elegeu 68% dos deputados federais e 82% dos senadores. Dessa forma, uma ligação linear entre o ‘uso’ do esporte na mobilização política por uma via unilateral acaba entrando em tensão.

Ao recuperar informações, Guterman (2004) apresenta um manejo sobre a vitória da seleção brasileira na Copa de 70 nos pronunciamentos ‘oficiais’ do General, relata o envolvimento pessoal de Médici o futebol e, especialmente, com a seleção, nos termos de uma ‘paixão’, que, à época, extrapolava o que vinha acontecendo no envolvimento de políticos com o esporte. O autor ainda apresenta uma série de pronunciamentos em que pessoas envolvidas com o governo e dirigentes da seleção estabeleceram uma conexão entre essa conquista, o desenvolvimento do país e o projeto de ‘unificação’ nacional. No entanto, somadas a essas considerações, também encontro uma trajetória, de longa data, em que um movimento ‘ufanista’ já vinha sendo produzido. Me refiro aos conflitos com a troca de treinador, situação ‘polêmica’ nessa Copa do Mundo, não somente relacionados à intervenção de Médici, mas outros agentes que interferiram nessa decisão que colocou Zagalo à frente da equipe. Além desses ‘novos’ pontos colocados em pauta, o autor ainda descreve um conjunto de manifestações que lotou ruas pelo país, não somente como uma ‘prova’ da condição alienante do povo, mas como uma mobilização popular que aproveitou a ‘oportunidade’ para ocupar um espaço contra a repressão.

Assim, se, por um lado, há uma interpretação que transforma a Copa de 70 num exemplo potente sobre a ‘utilização’ do futebol como meio de mobilização de massa, por outro, a problematização dessa mesma relação acaba ‘abrindo uma caixa’, na qual encontro novos elementos que ‘poluem’ uma correlação e tornam essas mesmas pessoas, antes colocadas sob uma condição de ‘massa’, em manifestantes que também estão em uma trajetória produzida por muitas conexões.

Outro ponto significativo que quero chamar atenção a partir dessa mobilização em torno da Copa de 70 e do governo Médici, está no destaque que vai sendo produzido para determinados jogadores. No eixo anterior, fui mostrando que, na medida em que determinados

vínculos foram sendo produzidos, o esporte foi sendo purificado e os atletas foram ganhando o destaque nas competições esportivas, apesar de não estarem sozinhos. É dessa maneira que suas ‘performances’ são ‘trabalhadas’ para ganharem evidência e, com isso, construir possibilidades de ‘representar’, no sentido de porta-vozes, um determinado coletivo. Essa interpretação pode ser retomada na passagem em que evidencio as relações entre a Copa de 70 e as ações do regime militar, cujas entrevistas de jogadores, nos pronunciamentos dos dirigentes (Pelé, Rivelino e Clodoaldo, por exemplo), não somente eram tratados como ‘os craques’²⁴, mas agora também se transformariam em ‘heróis nacionais’ – entra em pauta mais um ‘aliado’ para o talento.

Embalada pela produção de uma série de caminhos e elementos que poderiam fortalecer as relações entre o Estado e o esporte, a década de 70 ainda nos mostra a estreia dos Laboratórios de Fisiologia do Exercício, os quais vão se tornando ‘atores’ na flutuação do ‘herói’, do ‘craque’, do ‘potencial’ ao protocolo de ‘produção de talentos’. Ao fazer um mapeamento inicial sobre o processo de formação desses Laboratórios, conduzida, principalmente, pela entrevista concedida por Eduardo De Rose à professora Janice Mazo (2000), a qual relatei no primeiro capítulo, eu já encontrava rastros sobre uma iniciativa de ‘detecção de talentos’ sendo produzida por meio desses laboratórios construídos em meio ao projeto ‘Brasil Grande Potência’.

Apesar da demarcação temporal de início de suas atividades, encontrei informações que me levaram a considerar que as articulações que viabilizaram essa construção começaram algumas décadas antes, inclusive são anteriores à própria publicação do Diagnóstico de Educação Física e Desportos, cujas considerações finais indicavam a necessidade de investimentos na pesquisa na área da Educação Física e dos esportes. Para encontrar esses rastros precisei seguir ‘outro’ caminho, o de buscar informações sobre as pesquisas na área da ‘fisiologia do exercício’, disciplina ‘base’ na formação desses Laboratórios.

Por meio da elaboração linear de apresentação de datas produzida ao Atlas do Esporte (DA COSTA, 2006), fui encontrando os resquícios de vínculos deixados por pessoas e instituições que se articularam para ‘trazer’ a ‘fisiologia do exercício’ para o Brasil. Cabe aqui esclarecer que esses dados foram me permitindo acompanhar pessoas, instituições e suas

²⁴ O trabalho de Marcos Guterman (2004) relata mais um polêmico episódio da Copa de 70, no qual o sequestro do embaixador alemão pela Vanguarda Popular Revolucionária, grupo contrário à ditadura, vira notícia e caminho para conectar o futebol ao regime militar, inclusive por meio dos porta-vozes da seleção, os ‘nossos craques’. Em uma notícia publicada na primeira página da Folha de São Paulo encontro o seguinte trecho; “Notícias do México dão conta da perturbação que a notícia do sequestro provocou no ambiente do nosso selecionado. **Pelé, Rivelino** e outros jogadores manifestaram-se, condenando o terrorista”, a reportagem ainda foi complementada com uma nota do Ministério do Exército que dizia que “**Pelé, Brito, Rivelino, Clodoaldo e outros craques** lamentaram que maus traidores e criminosos venham a quebrar a tranquilidade e o entusiasmo da Seleção” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1970 *apud* Guterman, 2004, p.273, grifos meus).

movimentações e que tais rastros que me levaram a perguntas e discussões sobre a noção de ‘talento esportivo’.

A trajetória descrita por Rocha *et al.* (2006), no verbete ‘Fisiologia do Exercício’ do Atlas do Esporte elaborado por Lamartine Pereira da Costa (2006), nos mostra um vínculo com a Missão Militar Francesa, conduzida pela Escola Militar de ‘Joinville-Le-Pont’²⁵, o qual mobilizou pessoas e instituições para que se implementassem os primeiros cursos de Educação Física no Brasil no final da década de 20, essa vinculada ao Exército e tendo como referência os saberes da medicina. Cabe lembrar que essa mesma missão também disseminou em terras brasileiras seus métodos para a Educação Física escolar e novamente a França foi ‘utilizada’ como referência, pois no subcapítulo anterior me referi aos modelos urbanos franceses como ‘base’ para reformas que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro na transição entre o século XIX e XX.

Retomo essa passagem porque vem acompanhada da disseminação da ‘fisiologia do exercício’, como uma ‘especialidade’, que contou com os referenciais da medicina, com a atuação de políticos, com uma Missão Francesa e suas respectivas intervenções militares, com a disseminação das práticas corporais e dos esportes referentes à década de 20, com a proliferação dos espaços públicos direcionados a essas vivências, com a atuação dos dirigentes das associações esportivas e dos atletas que começavam a ganhar destaque por meio dos resultados em competições nacionais e internacionais. Nesse emaranhado de vínculos que coloco em evidência, torna-se possível acompanhar como a formação de uma ‘especialidade’ foi sendo produzida e, nessa mesma trajetória, desenvolvendo e sustentando a Educação Física e o esporte como um de seus objetos na perspectiva do ‘alto rendimento’.

Voltando aos dados descritos por Rocha *et al.* (2006), seguimos para o ano de 1960 - cabe lembrar que se trata de um período anterior à formação do grupo de trabalho que construiria o primeiro Diagnóstico. Ao entrar nos anos 60, os autores nos mostram que o contato entre médicos e profissionais licenciados na Educação Física passou a viabilizar a combinação de interesses e a produção de novos objetos. Se, de um lado, temos a medicina como aliada na produção de conhecimento, oferecendo algum ordenamento às ações e ‘delimitando’ os saberes da Educação Física, do outro lado, encontramos a formação de especialistas, agora em

²⁵ O trabalho de Castellani Filho (2013) e Betti (1991) nos mostram que no período da década de 20 estavam acontecendo reformas educacionais e, neste movimento, a Educação Física foi sendo colocada como componente curricular obrigatório no ensino primário e secundário. Nos relatos desses autores estão presentes os métodos trazidos pela Missão Francesa, os quais passaram a ser adotados como referência. Apesar das críticas apontadas por Castellani Filho (2013), proferidas pela Associação Brasileira de Educação, o Método Francês tornou-se predominante e seus princípios estavam relacionados à formação anatomo-fisiológica.

Educação Física, buscando a expansão da sua área. Por meio dessa articulação, os autores destacam a atuação de Lamartine Pereira da Costa na organização do II Congresso Luso-Brasileiro de Educação Física, na cidade do Rio de Janeiro, o que ocorreu em conjunto ao professor Jair Jordão Ramos, e com o curso de Introdução à Moderna Ciência do Treinamento Desportivo no ano de 1968, cuja proposta destacou a elaboração metódica e ‘científica’ do ‘treinamento esportivo’ pela primeira vez no Brasil.

Passando para a próxima década, encontramos uma recorrência de relatos sobre os intercâmbios entre professores de Educação Física e médicos, mas agora contando com a referência de nomes como Kenneth Cooper e Philip Rasch, segundo Rocha *et al.* (2006, p. 18.3) "autoridades [internacionais] de realce no campo das atividades física". Nessa trajetória de desenvolvimento da ‘fisiologia do exercício’, além das referências internacionais, encontro a atuação do Dr. Maurício José Leal Rocha, um dos autores desse ‘verbete’ do Atlas do Esporte coordenado por Lamartine da Costa (2006), ao qual estou me referindo, como atuante no processo de instalação dos laboratórios de ‘fisiologia do exercício’, no desenvolvimento de projetos e a formação de pesquisadores para a área.

Nessa trajetória do Dr. Maurício Rocha – que culmina na consolidação de laboratórios como ‘ponto de passagem obrigatório’²⁶ para a produção de conhecimento na Educação Física – suas ações não se referem somente ao que foi produzido em suas pesquisas, mas estão também aos seus deslocamentos. A descrição apresentada por Rocha *et al.* (2006) nos mostra um caminho em que o pesquisador vai para a Suécia participar de um curso de fisiologia especializada em adaptações cardiovasculares, isso no ano de 1951. No ano seguinte o Dr. Maurício Rocha fundou a Sociedade Brasileira de Cardiologia e assumiu o setor dessa mesma especialidade médica no Hospital Miguel Couto, na cidade do Rio de Janeiro. Ele também atuou na disciplina de fisiologia na Escola de Educação Física e Desportos (EEFD) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, antes Universidade do Brasil) e em 1968, em conjunto com Lamartine da Costa, produziu o primeiro livro em língua portuguesa sobre as aplicações científicas do treinamento esportivo, publicado com financiamento do DED/MEC.

²⁶ Essa interpretação parte, principalmente, de uma trajetória teórico-metodológica desenvolvida por Latour (2011) no livro ‘Ciência em Ação’. Dentre as análises e considerações metodológicas sobre o ‘como’ manter as ‘controvérsias em aberto’ e questionar ‘fatos científicos’ até então estabilizados, o autor vai colocando os ‘laboratórios’ como pontos de passagem obrigatórios, pois nele são produzidos ‘instrumentos’ capazes de ‘apagar’ as negociações que engendram os ‘fatos’, inclusive aquelas que fazem parte da própria permanência do laboratório em funcionamento.

Esse conjunto de produções²⁷, que envolvem a formação de pesquisadores, instituições e publicações em livros, vão conferindo estabilidade a uma especialidade, cada vez mais ‘da Educação Física’, e assim sustentando determinados conhecimentos por meios de vínculos que se tornam ‘mais fortes’ porque reúnem maior número de elementos. Em meio a essas produções, Dr. Maurício Rocha também foi um dos responsáveis pela construção do Laboratório de Fisiologia do Exercício da UFRJ (LABOFISE), cujo desenvolvimento contou com o financiamento do DED e com a influência da então diretora da EEFD, Maria Lenk²⁸, para o início e sustentação desse laboratório.

Em pouco tempo o LABOFISE se tornaria uma das referências para outros laboratórios vinculados às diferentes universidades do país e que também seriam financiados pelo DED. Cabe destacar aqui que as práticas científicas que se produziam no interior do LABOFISE estavam direcionadas à construção de testes e de determinados protocolos de medidas. Essa informação foi obtida por meio do trabalho de Rocha *et al* (2006), onde se evidencia um direcionamento aos Testes de Desempenho Físico como parte das pesquisas do laboratório e que tiveram continuidade a longo do ‘Projeto Brasil’ – isso estava diretamente sob a influência do DED, identificado como uma ação fomentada pelo Primeiro Plano de Educação Física e Deporto.

Nessa trajetória que venho relatando (e que neste trecho vai se construindo por meio dos rastros deixados pela produção da ‘fisiologia do exercício’) enfatizo que o DED atuou na medida em que mobilizou outros atores a agir. Isso me leva a considerar que por meio dos vínculos com o DED, um grupo de pessoas passou a atuar na formação de eventos como, por exemplo, o Seminário Internacional de Treinamento Esportivo, organizado em conjunto com a ACM, o qual reuniu pesquisadores como Maurício da Rocha, Lamartine da Costa e Eduardo De Rose. Além dessas pessoas que já fiz referência no decorrer do texto, encontro também o nome de Luiz dos Santos e Maria Augusta Kiss. Se eu fosse seguir os passos de cada um desses pesquisadores, certamente encontraria novas associações que permitiriam compreender como

²⁷ Uma das análises desenvolvidas no trabalho de Latour (2011) que ‘leva-me a pensar’ nesse aumento no número de publicações está na direção de considerar que quanto mais efervescente uma controvérsia, ou seja, quanto mais ‘em disputa’ está uma questão, emergem publicações que utilizam elementos técnicos como recurso retóricos. Nesse sentido, Latour (2011, p. 48) coloca que “um documento se torna científico quando tem a pretensão de deixar de ser algo isolado e quando as pessoas engajadas na sua publicação são numerosas e estão explicitamente indicadas no texto. Quem o lê é que fica **isolado**. A cuidadosa indicação da presença de aliados é o primeiro sinal de que a controvérsia está suficientemente acalorada para gerar documentos técnicos”.

²⁸ Nessa mesma esteira de debates dos ESCT, um dos fios que podem ser puxados se refere a atuação de Maria Lenk, pois sua referência está presente em trabalhos como o Rocha *et al* (2006), na trajetória descrita por Castellani Filho (2013), em livros específicos de natação. Essas constantes referências em materiais de diferentes vínculos e linguagens vão colocando Maria Lenk como uma possível mediadora numa trajetória de desenvolvimento da própria Educação Física.

atuaram e quais foram os seus arranjos em suas trajetórias que, inclusive, levaram a própria citação dos seus nomes neste trabalho produzido por Rocha *et al* (2006).

Além dos congressos e seminários, produziram-se publicações por meio de vínculos com o DED, as quais a Secretaria de Educação Física e Desportos – sua sucessora – deu continuidade até 1985, como a Revista Brasileira de Educação Física, Cadernos Técnicos, alguns livros, e também a Revista Brasileira de Medicina do Esporte. Associaram-se também nessa trajetória as ‘máquinas’²⁹ que passaram produzir outras mobilizações em cada um desses laboratórios como, por exemplo, os eletrocardiogramas, bicicletas ergométricas e esteiras – materiais produzidos no Brasil pela Fundação Brasileira para o Desenvolvimento do Ensino das Ciências (FUNBEC).

Os elementos que venho tentando reunir neste relato, somados a tantos outros que extrapolam os limites desta pesquisa, foram produzindo a formação e a consolidação dos laboratórios de fisiologia do exercício no decorrer da década de 70. O trabalho de Rocha *et al* (2006) destaca, principalmente, o LABOFISE da UFRJ, o LAPEX da UFRGS e o Centro Integrado de Pesquisa em Educação Física da Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). Em suas interpretações, Rocha *et al* (2006, p.18.3, grifos meus) apontam que os laboratórios deram início a uma “**nova abordagem** no trato do esporte e da Educação Física que incluíam como elementos fundamentais o ensino da fisiologia, da estatística, o rigor na mensuração e na calibragem dos equipamentos utilizados nas pesquisas experimentais”.

Se olharmos somente para o conteúdo do excerto citado no parágrafo anterior, os caminhos que foram percorridos para a formação dos laboratórios, as incertezas das pesquisas e as articulações, não se encontram mais presentes e a ‘nova abordagem’, passando a ser sustentadas por disciplinas, números e equipamentos. Quando foco a minha atenção no processo de produção dessa mesma ‘abordagem’, a separação entre contexto (sociocultural, localizado no tempo e no espaço) e conteúdo (referente às disciplinas) acaba se dissolvendo e a sustentação dos laboratórios acaba contando com outros aliados, os quais somam-se ao ensino da fisiologia, às análises estatísticas, ao ‘rigor’, construídos para as mensurações e para as pesquisas experimentais. Com os elementos que fui colocando em pauta, a ‘nova abordagem’ foi sendo associada a uma linguagem ‘da ciência’, pessoas construíram vínculos negociando seus

²⁹ Essa mobilização (atuação) de ‘maquinas’ na produção de fatos científicos está presente na esteira de debates de Bruno Latour (2011), especialmente desenvolvida em um capítulo do livro ‘Ciência em Ação’, e fez parte das análises da tese de Raquel da Silveria (2016), cujo relato nos mostra a atuação do ‘eletromiógrafo’ na produção de conhecimento em práticas do grupo de pesquisa Vincennes.

interesses (nesse caso pesquisadores e militares), equipamentos ganharam destaque, protocolos de medidas foram se tornando incontestáveis, publicações encerraram discussões no que se refere ao lugar do exercício físico para a ‘saúde’, laboratórios transformaram-se em instituições capazes de mobilizar ações. E, em meio a tantas associações, a noção de talento, aquela que estava colocada como um ‘dever cívico’ vai ser mobilizada para dentro desses mesmos laboratórios.

Essa ‘flutuação’ foi se tornando perceptível por meio da análise da entrevista do Dr. Eduardo De Rose concedida à professora Janice Mazo (2000), a qual fiz referência no capítulo anterior, sobre a formulação e os primeiros anos de andamento do LAPEX da UFRGS. A narrativa apresentada por De Rose inicia com uma descrição sobre a sua participação num ‘estágio técnico’ na cidade do Rio de Janeiro, vinculada à Academia Internacional Militar (ACISME). Nesse evento foram estabelecidos os primeiros contatos com militares, principalmente aqueles que dedicavam suas carreiras à Educação Física e à Medicina do Esporte, onde encontro, novamente, a evidencia a nomes ‘reconhecidos’ como, por exemplo, o de Kenneth Cooper e Philip Rasch, já citados anteriormente.

Foi neste evento realizado pela ACISME que De Rose se refere a palestra do Coronel Teixeira, o então diretor do DED, cuja proposta era apresentar os planos para o Brasil que estavam na direção de aliar-se a área da Educação Física. As mesmas informações apresentadas por Lamartine Pereira da Costa (1971) no Diagnóstico – e, na sequência, reestabelecidas pelo primeiro Plano de Educação Física e Desportos –, estavam presentes também na fala do Coronel Teixeira que, segundo De Rose (2000), demonstrava que o Brasil tinha um carência na área do esporte (de alto rendimento) e essa ‘insuficiência’ estava relacionada à incipiente produção de conhecimento na área das ciências e da medicina esportiva.

A narrativa apresentada por de De Rose (2000) mostra uma ‘oportunidade’ que vinha sendo produzida para a formação de laboratórios de fisiologia do exercício – De Rose se vincula nesse mesmo caminho para formular um primeiro projeto para ser executado fora do eixo Rio-São Paulo. No seu retorno a Porto Alegre, o médico passa a contatar com o diretor da Escola de Educação Física da UFRGS, com a coordenação acadêmica da instituição e com o reitor da Universidade no período, articulando interesses para elaborar e submeter um projeto ‘em condições’ de estar entre os cinco laboratórios que seriam construídos com o financiamento do governo federal.

Para a construção desse projeto, De Rose (2000) afirma que contou com a experiência de Mario Rigatto, médico vinculado à Faculdade de Medicina da UFRGS, e juntos montaram um projeto pedindo ‘equipamentos básicos’ – entre os que foram por ele citados, encontro uma

esteira, o espirômetro e uma calculadora. Para os passos seguintes, De Rose (2000) se refere à contratação de uma secretária, pois contavam com um milhão e meio de dólares para administrar. Segundo ele, na sequência, foram selecionados os melhores alunos da escola, definiu-se linhas de trabalhos relacionadas com a fisiologia, cineantropometria, psiquiatria e psicologia. Logo depois dessa estruturação de uma proposta e formação dos primeiros caminhos estruturais (pessoas, instituições e ‘equipamentos básicos’), começou a ser preciso ‘andar’. De Rose (2000) narra ainda a sua ida para os Estado Unidos, onde passou três meses visitando laboratórios em busca de referências, e a participação em cursos junto ao LABOFISE na UFRJ.

O que estava em evidência era a função desses laboratórios na produção de tecnologias e profissionais capazes de atuarem no desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Essa posição está presente na fala de De Rose (2000), no texto de Rocha *et al* (2006) e na análise de Mazo (2000), ao apontarem algumas considerações contextuais sobre a formação dessas instituições. Cabe destacar ainda que as descrições de Rocha *et al* (2006) e Mazo (2000) apresentam a formulação do Projeto Brasil como o mote que congrega e, ao mesmo tempo, viabiliza a articulação entre interesses do Estado, dos pesquisadores, da academia militar, das Universidades e dos profissionais de Educação Física que faziam parte do mercado de trabalho.

Nas descrições de Rocha *et al* (2006) o Projeto Brasil previa, numa primeira etapa, o levantamento das ‘valências físicas’ de pessoas residentes em diferentes regiões e em diversas faixas etárias e, numa segunda etapa, com base nos dados obtidos, propunha-se a determinação precoce de potencialidades esportivas e a indicação de modalidades adequadas dentre cada perfil. Sendo assim, o Projeto Brasil "visava a conciliação de objetivos de saúde coletiva e de identificação de talentos" (ROCHA *et al*, 2006, p. 18.4).

Uma das ações do LAPEX, coordenada por Eduardo De Rose e com a consultoria do canadense Dr. William Ross, foi o projeto de medidas antropométricas realizado nos Jogos Escolares Brasileiros, o ANTROPOJEBS. Nas descrições de Rocha *et al* (2006, p. 18.4) as ações do ANTROPOJEBS contavam com a participação de pesquisadores de diferentes estados brasileiros, o que foi definido pelos pesquisadores como um projeto que “marcou o avanço e a disseminação da cineantropometria no país”. Entrelaçada com essa consolidação das medidas em ‘larga escala’ e da busca de padrões de referência por meio da construção de bancos de dados – o que venho mostrando que gradativamente vão sendo colocados nas relações entre esporte, Educação Física e Estado – a pesquisa do projeto ANTROPOJEBS alcançou um ‘volume’ de avaliações de crianças e adolescentes e de amplitude em território nacional que foi considerada uma ‘inovação’ para a época - isso também colocou o LAPEX em evidência (DE ROSE, 2000; ROCHA *et al*, 2006).

Os autores aos quais venho fazendo referência, mediadores no processo de construção dos laboratórios, sustentam suas trajetórias por meio de alianças com outras instituições, pessoas ligadas ao governo, à formação de novos profissionais, às máquinas, aos números (quanto mais volumosos, mais difíceis de contestar). De Rose ainda amarra nessa rede o nome de Robson Caetano, medalhista em Jogos Olímpicos, como “descoberto aqui no LAPEX, dentro de um JEBs³⁰, [...] investimos nele dentro de biótipos e de capacidade física; dali em diante ele saiu para o esporte Olímpico”, complementando que foram descobertos, por meio da aplicação de testes antropométricos, “um ou dois atletas que foram padrões internacionais” (DE ROSE, 2000, p. 25).

O que destaque neste processo de formação dos laboratórios de pesquisa se refere à produção de ‘padrões’ por meio das medidas antropométricas, algo que foi sendo fortalecido, inclusive, pela construção de diferentes instituições com o mesmo propósito, pois tornaram-se aliados que pouco encontraram resistências naquele momento. Nesse sentido, passo a dizer que se produz talentos, produzindo-se também padrões de referência.

Sobre essa constituição de medidas que se tornaram a referência para determinado ordenamento das ações, o livro publicado por Eduardo De Rose, Elisabeth Pigatto e Regina De Rose (1984) nos mostra três ‘modelos’, constituídos por medidas antropométricas, que estabeleciam um determinado padrão por meio do qual se era possível ‘encontrar’, isto é, produzir, pessoas que extrapolavam tais medidas. O primeiro deles recebeu o nome de Phantom³¹, era um modelo desenvolvido por pesquisadores belgas e que foi referência para a formação inicial dos laboratórios de fisiologia do exercício no Brasil, cuja proposta era produzir uma “referência humana, unissexual e bilateralmente simétrica” a partir da medida de diferentes populações (DE ROSE; PIGATTO; DE ROSE, 1984, p. 31). Ou seja, uma proposta que forma uma concepção ‘ideal’ de sujeito, encerrada no domínio da natureza, e com efeitos naturalizantes sobre a noção de talento.

Na mesma publicação, os autores ainda apresentaram um segundo modelo que se refere ao ‘índice Z’, que indica a aplicação da análise estatística e de uma determinada ‘equação’ para as medidas antropométricas que poderiam indicar o quão próximo um determinado sujeito estaria da média ‘normatizada’ para o seu grupo. Ainda encontro um terceiro ‘modelo’ que tem como ponto de partida o ‘índice Z’ e se direciona para a aplicação dessas medidas na comparação entre grupos e modalidades esportivas. Foi por meio dessa última perspectiva, por

³⁰ Jogos Escolares Brasileiros.

³¹ Em tradução livre, poderia ser compreendido como ‘fantasma’, algo ‘fictício’.

exemplo, que De Rose, Pigatto e De Rose (1984) comparam alunos da Educação Física (grupo controle) com judocas brasileiros. Suas conclusões estão indicadas no excerto abaixo:

[...] mostrando terem os judocas diâmetro bideltóideo, perímetro de quadril e peso corporal proporcionalmente maiores, e comprimento de membro inferior proporcionalmente menor que a referência [grupo ‘não-atleta’]. Desta forma, conclui-se serem estas proporções características da modalidade esportiva analisada (DE ROSE; PIGATTO; DE ROSE, 1984, p. 36).

Cabe esclarecer que através deste recorte da pesquisa de De Rose, Pigatto e De Rose (1984) não estou conduzindo a análise pela via de certa ‘validade’ de medidas antropométricas para cada modalidade esportiva ou para a detecção de talentos, principalmente quando comparadas tais concepções com questões contextuais, isso estaria na contramão de minha possibilidades e do recorte dessa pesquisa. O que estou propondo debater está na direção de acrescentar outros fios que envolvem a noção de ‘talento esportivo’ e compreender o processo em que concepções discursivas vão ganhando a ‘materialidade’ de um sujeito. Isto é, estou propondo constituir vínculos que acompanham o processo de ‘flutuação’ do ‘Phantom’ até o momento em vai transformando-se em ‘Robson Caetano’ ou qualquer outro sujeito identificado ‘por alguém’ ou por um coletivo como ‘talentoso’.

Cabe destacar ainda que o livro em que encontro as referências aos modelos e perspectivas de pesquisa que fizeram parte dos primeiros laboratórios foi publicado pela Secretaria de Educação Física e Desporto, pasta do Ministério da Educação e da Cultura, pois foi o vencedor do Prêmio Liselott Diem de Literatura Desportiva de 1981, organizado pela Secretaria e recebia o apoio financeiro para a divulgação e, com isso, a sustentação de suas práticas científicas. Vale ressaltar, ainda, que nesse mesmo livro, De Rose, Pigatto e De Rose (1984, p. 29) retomam publicações em que as medidas antropométricas de atletas que participavam dos Jogos Olímpicos se tornaram as referências para o desenvolvimento de “conceitos de proporcionalidade para cada uma das modalidades esportivas”. Aqui entra outro elemento da noção de talento, o vínculo aos Jogos Olímpicos – voltarei neste ponto na sequência do texto.

Na trajetória em que venho gradativamente introduzindo diferentes elementos, tenho tentado mostrar que esse processo é marcado por um conjunto de associações que dependem da intervenção de humanos e não-humanos. Na ‘caixa’ que estou abrindo, encontrei um projeto nacional atuando no envolvimento de diferentes pessoas ligadas ao esporte, à saúde, à educação; entrei em contato com uma concepção de ‘direito social’ que passou a mobilizar ações direcionadas às manifestações esportivas; identifiquei os instrumentos de medidas que foram

atuando sobre a definição das potencialidades de determinados sujeitos; considerei que o esporte passou a mover instituições que, por sua vez, também o colocaram em movimento via uma concepção homogênea relacionada ao alto rendimento; defendi que a profissionalização agiu em conjunto ao mercado e a imprensa; que o futebol também anunciou seus ‘craques’ que ganharam ‘voz’ dentro os jornais; que os decretos e leis ora são intermediários, mas, por vezes, também atuaram, dependendo de quem eram seus aliados.

Por meio de todas essas conexões que retomei acima, a ‘noção’ de talento foi ganhando ‘mobilidade’ e se distanciando de uma interpretação, *a priori*, que a colocava somente como parte de um projeto político pautado pela condução das pessoas a partir de méritos individuais, ao qual fiz referência por meio do trabalho de Soares (1994). Com essa trajetória de negociações, o talento passou a ser colocado entre os arranjos e, nesse mesmo caminho, também foi sendo produzido.

Se a noção de talento está amarrada por uma ‘personificação’ pela via das capacidades físicas individuais, nesse ‘emaranhado’ que venho colocando, torna-se possível perceber que há outros fios que também a constituem. Sendo assim, o talento pode ser compreendido como um híbrido que comporta a ação do pesquisador que publica o protocolo e que ganha adesão em outro laboratório, ao ‘dever cívico’ mobilizado em um projeto de Estado, ao profissionalismo ou a perspectiva de futuro implicada na ideia de que ‘têm talento para ser um profissional’, à concepção de herói da Nação, à performance espetacularizada pela imprensa, e tantos outros fios que engendram o que passamos a reconhecer como ‘talento esportivo’. A partir do momento em que todas essas amarras são apagadas por meio de um processo de purificação, conduzido por laboratórios, por pesquisas pautadas em categorias definidas a priori (como, por exemplo, ‘classe social’, e discursos, cujo efeito se torna o não questionamento da própria noção), o ‘talento’ passa a agir na mobilização de outras conexões, pois já não era mais uma questão ‘em aberto’.

Assim como o laboratórios são capazes de operar como ‘ponto de passagem’ da Educação Física, os protocolos de medidas, os testes, tornam-se outros pontos de passagem obrigatórios para o talento em meio às ações do Estado e se vinculam a outros elementos discursivos em um período de abertura política no final da década de 70. Nesse sentido, o trabalho de Linhares (1996) nos mostra que uma concepção de ‘justiça social’ começa a fazer parte das movimentações do Estado neste período e o ‘talento esportivo’ entra nesse percurso atrelado, principalmente, à perspectiva de produzir essa ‘justiça’ pela via da ‘ascensão social’ articulada com a carreira esportiva.

Esses vínculos estão colocados, de maneira explícita, na Política Nacional de Educação Física e Desportos e do segundo Plano Nacional de Educação Física e Desportos (PNED), ambos lançados em 1976, no qual a noção de ‘talento’ faz parte de suas primeiras páginas. Agora não mais na perspectiva de ‘direito civil’, mas relacionado à ideia de ‘justiça social’. Nos termos da Política:

Na verdade, o desporto pode ser concebido como um dos instrumentos utilizados pelo estado e pela comunidade para a solução de problemas atuais, gerados pela moderna sociedade industrial, como o aumento da faixa do tempo destinado ao lazer e à diminuição da necessidade de esforço físico no trabalho humano.

Uma política desportiva adequada à realidade representa, além disso, um dado a mais na promoção de justiça social, pelo caráter democrático **inerente à ascensão do talento desportivo que encontra condições para revelar-se**, independentemente de prestígio, nível de renda ou relações de poder (BRASIL, 1976, p.27).

O ‘talento’ que encontro no excerto da Política Nacional está vinculado à estabilidade que foi sendo produzida para o modelo seletivo e tornou-se, ao mesmo tempo, um aliado e um caminho para as intervenções e financiamentos do Estado. A segunda consideração a fazer, refere-se ao processo em que o ‘talento’ foi ganhando certa ‘materialidade’ por meio de argumentos naturalizantes vindos dos laboratórios com pesquisas em andamento e, a partir de então, pode ser mobilizado sem demandar um questionamento sobre o seu próprio conteúdo. Assim, a trajetória entre ‘ser identificado como um talento’ até a sua ‘ascensão social’ vai sendo absorvida como um caminho comum aos atletas de alto rendimento e capaz de transpor, inclusive, as determinações socioeconômicas. Além desses ‘efeitos’ que são produzidos por meio do encerramento do talento em uma ‘caixa-preta’, começo a encontrar uma produção do ‘em torno’, ou seja, das ações que serão direcionadas à construção de ‘oportunidades’ no entorno desse sujeito, pois o ‘talento’ já parece estar consolidado como parte do alto rendimento ou, ao menos, como elemento que viabiliza o acesso aos resultados em competições e à ‘elite esportiva’ do país.

Se, de um lado, encontro um determinado coletivo que vai sendo construído na articulação entre Estado, esporte, Educação Física e ciência e que produziu a associação de muito aliados, quase não encontrando resistências até o período do final da década de 70 e, mesmo com elas, foi se mantendo coeso, por outro, nos anos seguintes, começam a se produzir outros coletivos que vão colocar em tensão determinadas alianças e construir suas próprias redes de ação, principalmente a partir da década de 80 e 90, um momento caracterizado como de abertura política.

Dentre as mobilizações que marcaram a Educação Física, estou me referindo ao ‘movimento renovador’ orientado por debates ligados às ciências sociais e humanas, cuja proposta possuía como um eixo central a crítica ao modelo da aptidão física e esportiva e conduzia às discussões referentes à Educação Física e ao esporte a partir de categorias ligadas, principalmente, à perspectiva de ‘classe social’³². Dentre esse movimento, que ganhou força no início da década de 80, o investimento na ‘detecção de talentos’ estaria entrelaçado à relação de domínio do Estado, ao que já me referi no primeiro capítulo a partir do trabalho de Valter Bracht (2003), e quando tratei do ‘talento’ como objeto de pesquisa vinculado às ciências da natureza. Nesse coletivo, somam-se pesquisadores vinculados aos referenciais das ciências sociais e humanas, instituições como o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), a Associação de Professores de Educação Física que na formação de eventos, publicações e debates, vão construindo redes de discussões, apesar de não conseguirem interferir com ‘maior força’ nas propostas do Estado (LINHALES, 1996, CASTELLANI FILHO, 2013).

A partir da abertura das possibilidades de coexistência de diferentes coletivos e, principalmente, por meio das disputas que vão produzindo uma tensão ao predomínio das referências biomédicas e ao controle burocrático do Estado sobre o esporte e sobre a Educação Física, torna-se possível rastrear quais são os caminhos que esses coletivos percorrem para encerrar as questões que estão ‘em debate’. Neste ponto, o que vinha em uma trajetória que ‘funcionava’, no sentido de aglutinar cada vez mais aliados, quebra-se e parece haver uma efervescência de controvérsias. Conduzindo-me por essa perspectiva, fui percebendo que o ‘movimento renovador’ passou a produzir um conflito sobre a concepção de esporte como um ‘direito social’ e, especialmente, sobre os caminhos a serem construídos para a ‘garantia desse direito’.

Se formos olhar para o coletivo que está interessado no esporte de alto rendimento e o que se vincula ao ‘movimento renovador’, percebemos que ambos indicam a concepção de que o esporte se trata de um ‘direito social’ relacionado ao exercício da cidadania. Dentro dessa noção o que me parece ainda estar ‘em jogo’ se refere ao ‘como fazer’ para que se obtenha a ‘garantia’ e o ‘usufruto’ deste direito. Antes mesmo do esporte entrar como um ‘direito social’ na Constituição de 1988 e como um ‘dever do Estado fomentar as práticas formais e não formais’ (BRASIL, 1988), a Comissão de Reformulação do Esporte Brasileiro, coordenada por José Manoel Tubino, parte de uma identificação de que “o esporte sempre foi entendido no

³² Dentre as possibilidades de leitura que foram sendo produzidas por este coletivo reconhecido como ‘movimento renovador’, um relato de longo período e que considera os saberes que fazem parte de sua construção podem ser encontrados, por exemplo, no trabalho de Medina (1983), Castellani Filho (2013) e Bracht (1999; 2003).

Brasil pelo esporte de rendimento e pelo futebol profissional, o que, convenha-se constitui uma visão hipotrofiada do esporte, delimitando-o apenas na perspectiva do talento” (TUBINO, 1988, p. 14).

No relatório final apresentado pela Comissão, o qual passou por inúmeras disputas e negociações de interesses, encontro a demarcação de uma necessidade de dirimir a atuação cartorial e controladora do Estado sobre as organizações esportivas, de estabelecer fontes de financiamentos e o investimento na produção de conhecimento que viabilizem a pluralização e a democratização da oportunidade de “acesso à prática desportiva como **direito do cidadão** e um dos componentes da **justiça social**” (TUBINO, 1988, p. 37, grifos meus). Cabe considerar ainda que a linha indicada pelo relatório no que se refere à produção de conhecimento considera disciplinas como a Medicina, a Psicologia e o Direito esportivo.

Se formos resgatar as considerações apresentadas no Segundo Plano Nacional, que data o período de 1975, e as indicações do relatório final apresentado pela Comissão temos, em primeiro lugar, uma reafirmação da concepção de esporte como um ‘direito social’. Na sequência, novamente, encontro uma perspectiva de ‘justiça social’ que coloca o esporte como uma via que atua numa política redistributiva. Apesar dessa Comissão ter como iniciativa a ‘reformulação’ da política de esportes que vinha acontecendo no Brasil, as categorias delimitadas para o esporte ainda estavam pensadas por meio da perspectiva da ‘participação’, ‘educação’ e ‘rendimento’, permanecendo o predomínio e referência da última sobre as duas ‘anteriores’, e a produção de conhecimento ainda se mantinha vinculada aos saberes biomédicos. Esses dois pontos estavam na contramão do ponto de partida da Comissão, pois, como mostrei neste relato, eram, principalmente, esses saberes que tornavam cada vez mais consolidada a possibilidade de ‘detecção de talentos esportivos’ e a produção de ‘oportunidades’ ao seu redor – um aliado na expansão do campo acadêmico, como mostra Bracht (2003), e na conexão, cada vez mais linear, entre talento e conquista de medalhas em uma carreira esportiva.

Nesse sentido, embora os discursos tangenciem uma diminuição na centralidade do esporte de alto rendimento e do futebol profissional, os elementos que são associados nessa trajetória permanecem os mesmos e, além disso, Castellani Filho (1985) e Linhales (1996) mostram que as pessoas que fizeram parte dessa proposta eram as mesmas que estabeleceram negociações com o Estado em momentos anteriores como, por exemplo, a ‘bancada da bola’, as empresas, Confederações e Federações esportivas, atletas e pesquisadores. Segundo os autores, essa composição conferia uma ilegitimidade para a Comissão, pois não era representativa dos diferentes interesses relacionados ao esporte e à Educação Física.

Nesse mesmo processo em que diferentes concepções sobre a Educação Física e o esporte foram sendo produzidas por ‘outros’ coletivos, buscando seus espaços e suas redes de discussões, o trabalho de Linhales (1996) mostra uma movimentação de crítica ao modelo seletivo presente nas Diretrizes Gerais para a Educação Física/Desporto (1980-1985) e no ciclo de debates sobre o ‘Panorama do Esporte Brasileiro’. Nesse processo, encontro o ‘movimento renovador’ somando forças ao questionamento da perspectiva autoritária e, embora não tenham se efetivado em termos de mobilização de novas ações, pois para isso acontecer precisava-se de maior número de aliados, colocaram em pauta uma concepção de ‘direito social’ vinculada à perspectiva democrática de acesso ao esporte.

Outro ponto significativo que quero dar destaque e que está vinculado à consolidação de um coletivo que vai se produzindo enquanto ‘renovador’ se refere à inserção da Educação Física como componente curricular obrigatório, e o esporte como um de seus conteúdos, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996). Dentre esses marcos legais, a Educação Física deixou de ser considerada uma atividade escolar, cujo objetivo era o desenvolvimento da aptidão física, e passou a ser um componente curricular da escola básica, demarcando, assim, a possibilidade de formação pela via de conhecimentos específicos da área e que poderiam estar orientados pela perspectiva da cultura corporal de movimento³³.

Na disputa que foi se criando em torno da garantia de um ‘direito social’, agora já constituído, de um lado, eu encontro um coletivo produzindo alianças que permanecem estáveis em termos de mediação nas ações a serem financiadas pelo Estado, o qual garante a continuidade, mesmo que precária, do esporte de alto rendimento e a liberalização pretendida por um grupo vinculado ao futebol profissional. Por outra via de garantia do direito, vou percebendo que o ‘movimento renovador’ vai produzindo alianças que estão relacionadas à Educação Física escolar e, neste âmbito, interfere na mobilização do esporte enquanto um de seus conteúdos e, dentro dessa perspectiva, a ‘detecção de talentos’ passa a ser desconstruída como ‘função’ da escola.

Somadas a esse movimento a partir do qual a Educação Física passou a ser produzida não somente por referenciais das ciências biomédicas e das concepções militares, encontro as mudanças legislativas, que garantiam a liberalização do setor esportivo, a mobilização de projetos sociais contando com a iniciativa privada, a formação do Ministério Extraordinário do

³³ O trabalho de Castellani Filho (1998) mostra que essa modificação não aconteceu sem uma série de disputas políticas, contradições, debates e, apesar da proposta de atividade ainda assombrar em algum momento a EF, sua integração à proposta pedagógica da escola ampliou seus horizontes e ofereceu a possibilidade de diferentes concepções se materializarem na ação pedagógica concreta, isto é, na prática diária dos professores nas escolas.

Esporte, e a Lei nº 10.264 de 2001 (conhecida como Lei Agnelo-Piva)³⁴. Assim, durante o governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso, o ‘talento esportivo’ passou ser conectado à escola pela via de projetos e de competições escolares.

Dentro dessa perspectiva, uma primeira ação estava vinculada ao Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto (INDESP), uma autarquia federal que viabilizou a ampliação dos laboratórios de fisiologia do exercício em diferentes universidades do país. Essa iniciativa foi o que possibilitou a construção de uma rede de Centros de Excelência Esportiva (CENESP), cujo objetivo era detectar, selecionar e desenvolver talentos esportivos, especialmente em modalidades olímpicas e paralímpicas. Dentre as ações da rede CENESP também estavam as avaliações periódicas de atletas de alto rendimento, o que viabilizava o acompanhamento dos resultados, e a produção de conhecimento na área do treinamento esportivo (BUENO, 2008; BRASIL, 2017).

Outra iniciativa formulada em 2000, e que recebeu novo investimento em 2004, estava integrada às ações da rede CENESP, neste período ligada à Secretaria Nacional de Esportes (SNE), pertencente ao Ministério do Esporte e do Turismo (MET), referia-se ao projeto ‘Descoberta do talento esportivo’. Esta proposta estava especificamente direcionada a identificar jovens e adolescentes, entre 7 e 14 anos, “matriculados na rede escolar que apresentassem níveis de desempenho motor **compatíveis com a prática do esporte de competição e de alto rendimento**” (BRASIL, 2017, grifos meus). A ‘compatibilidade’ descrita entre os objetivos do projeto se refere ao banco de dados produzido durante as próprias avaliações nas escolas e dentre as competições nacionais. Dentre as avaliações encontro as medidas de estatura, massa corporal, envergadura, flexibilidade, força-resistência abdominal, força-explosiva no salto horizontal e no arremesso de medicine-ball, agilidade, velocidade e resistência.

A perspectiva de construir um ‘banco dados’, gestada desde a década de 70, vai sendo alimentada pela dinâmica de relações entre o esporte e o Estado e se perpetua como parte de um investimento público por meio dos arranjos produzidos em determinado coletivo. Esse mesmo ‘banco de dados’, por sua vez, também alimenta (produz) uma noção de ‘talento esportivo’, a qual permanece sendo naturalizada por volumosos números e testes que indicam as ‘potencialidades’ de um corpo essencialmente biológico. Já não se faz mais necessário

³⁴ A Lei Agnelo-Piva permitiu a transferência de 2% da arrecadação bruta de todas as loterias federais do país para o Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e para o Comitê Paraolímpico Brasileiro (15%). As negociações que viabilizaram esse repasse de recursos vinculados à legislação e seus efeitos no esporte, especialmente de alto rendimento, podem ser compreendidos por meio do trabalho de Athayde (2014).

questionar a noção de talento, mas mobilizar o seu entorno e produzir ‘oportunidades’ que serão realimentadas com a proximidade de cada edição dos Jogos Olímpicos.

O trabalho de Pedro Athayde (2014) vai mostrar que o governo de Fernando Henrique Cardoso herdara a tarefa de dar continuidade à profissionalização e à liberalização do esporte e certa expectativa com o Jogos de Atlanta em 1996. No ano seguinte, o INDESP se volta às pesquisas de detecção de talento produzidas por laboratórios e inicia a rede CENESP. O fracasso nos Jogos de Sidney em 2000 na Austrália, de onde o Brasil voltou sem medalhas de ouro, fomentou a criação do Programa Esporte na Escola, debatido por Bracht e Almeida (2003) como uma pseudovalorização da Educação Física, cuja proposta era colocar, novamente, a escola como a base para o esporte de alto rendimento e viabilizar a “revelação de novos talentos esportivos” (ESPORTE NA ESCOLA, 2002, p. 3 *apud* BRACHT; ALMEIDA, 2003, p. 93).

A partir da realização dos Jogos Pan-americanos de 2007 e da III Conferência Nacional de Esportes, no ano de 2010, as prioridades do governo de Luiz Inácio Lula da Silva foram redirecionadas ao esporte de alto rendimento. Essa análise faz parte do trabalho de Athayde (2014), Mascarenhas *et al* (2012), Melo, Húngaro e Athayde (2015) e dentro as ações do ‘Plano Decenal de Esporte e Lazer’ e do ‘Plano Brasil Medalhas’, ambos estabelecidos por meio da III Conferência Nacional de Esportes, estava o programa Atleta na Escola. Essa iniciativa articulava a proposta de ‘detecção de talentos’, o ‘atendimento’ pela via dos projetos sociais a um determinado ‘público-alvo’³⁵, buscava reanimar a relação entre esporte (de rendimento) e a Educação Física escolar e contava com o registro do número de alunos envolvidos em cada escola e o resultado das competições esportivas, novamente, era registrado em um banco de dados vinculado ao Ministério da Educação.

A iniciativa de trazer ao relato tais projetos governamentais tem o intuito de evidenciar que a noção de talento esportivo, apesar de encontrar resistências quando direcionada à escola, se mantém atuando, isto é, fazendo com que pessoas, instituições, protocolos, laboratórios, pesquisadores, projetos também se mobilizem e façam outros elementos entrarem em ação. Nessa perspectiva, a rede que foi sendo descrita no decorrer desse capítulo foi conduzida por uma iniciativa de ‘hibridizar’ o própria noção de talento esportivo e torná-la uma produção de um coletivo que durante uma longa trajetória associou uma diversidade de elementos para estabelecê-lo dentre as relações que tangenciaram tanto o esporte, como o Estado.

³⁵ O trabalho de Luís Eduardo Thomassim (2010) nos mostra significativas trajetórias, seguidas por meio de uma pesquisa etnográfica, de crianças que foram se tornando o ‘público-alvo’ prioritário de projetos sociais. Esses, por sua vez, ao mesmo tempo em que conferiam certa visibilidade pública específica a essas crianças, estavam acompanhados de uma invisibilidade das condições sociais desiguais que produzem a pobreza.

No entanto, para que o ‘talento esportivo’ pudesse se manter ‘agindo’ foi preciso mais do que discursos proferidos por autoridades governamentais e planos de governo. Foram necessários elementos para encerrar os debates, neste coletivo, dentre as matrizes da natureza, ou seja, estabelecer protocolos que produziam potencialidades a serem transformadas em medalhas olímpicas.

Ao iniciar o capítulo fui tentando partir de uma relação simétrica entre os elementos, sejam eles humanos ou não humanos, buscando colocá-los em movimento dentro deste relato. Para isso foi necessário um longo retorno do tempo, a partir do qual fui produzindo uma assimetria ao me deslocar pelo caminho das relações entre o esporte e o Estado. Cabe considerar, ainda, que essa assimetria não parte de uma relação entre dominados e dominantes determinada pelo acúmulo de capital, sejam eles monetários e/ou simbólicos, mas de práticas, isto é, de ações pelas quais um determinado coletivo produz arranjos que o vão mantendo em condição predominante. E esse é, então, um processo construído tanto pelos vínculos entre pessoas, instituições e objetos, quanto por mim ao decidir construir a trajetória desta pesquisa, ao criar oposições, reanimar controvérsias, abrir caixas que eu considerava até então fechadas e que foram mostrando como um coletivo aglutina aliados, tornando-se mais forte, e dissolve outros que não reúnem o mesmo potencial de associações.

Então, onde estão os talentos? Estão sendo produzidos e agindo na medida em que viabilizam ‘novas’ associações e mobilizam outros elementos. Nesse sentido, já não posso mais me referir ao que o talento ‘é’, mas posso buscar seus fios e compreender o que ‘pode ser’ dependendo de sua movimentação em determinado coletivo.

CAPÍTULO III

A PRODUÇÃO E O MANEJO DO TALENTO NO GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO

“Cai na água e já dá pra ver [Arthur]”
(DC, 12 de abril de 2016).

“Hoje, eu não tenho nenhum talento no ginásio [Teresa]”
(Entrevista com Teresa, 01.11.2016).

*“Você pode ficar, mas não vais encontrar essa ideia de ‘talento’ por aqui.
Se alguém me pergunta sobre o talento, respondo que não dá para dizer
[Antônio]”*
(DC, 30 de outubro de 2015).

A primeira frase a que faço referência na epígrafe deste capítulo fez parte de uma das minhas conversas iniciais com Arthur, um dos treinadores da natação e que já foi também o coordenador dessa modalidade no Clube Grêmio Náutico União (GNU). Além dessas funções, Arthur também integrava a equipe de treinadores da seleção brasileira e, por diversas vezes, ‘soube notícias’ de suas viagens com a delegação nacional. Cabe ressaltar, ainda, que Arthur esteve presente nos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, pois um de ‘seus’ atletas disputou a prova de revezamento de 4x200 metros livres, sendo essa uma classificação que modificou algo no dia a dia dos treinamentos no Clube, pois não era difícil encontrar cartazes com fotos do atleta ou emissoras de televisão realizando entrevistas e filmando seus treinos.

Especificamente naquele dia, eu conversava com Arthur sobre o objeto de minha pesquisa, relatava como vinha acompanhando os treinamentos da Esgrima e da Ginástica Artística dentro do GNU e as particularidades que me chamavam atenção em cada uma das modalidades. Ao falar sobre meu interesse em apreender e acompanhar a natação, Arthur, que sempre me pareceu entusiasmado ao falar de seu trabalho, começou a explicar sobre as divisões das equipes, dos processos de formação e quando passou a relatar o que pensava especificamente sobre o talento, logo afirmou que “cai na água e já dá para ver” (DC, 12 de abril de 2016). Depois dessa conversa, eu fiquei intrigada sobre o que esse ‘olhar’ da borda da piscina conseguia captar, pois eu quase não percebia a diferença entre o atleta que estaria nos Jogos Olímpicos em agosto e seu colega de raia que ainda estava na categoria juvenil.

A segunda frase da epígrafe fez parte da entrevista com Teresa, a treinadora da ‘equipe feminina principal’ e coordenadora da Ginástica Artística no GNU. Nas últimas quatro edições dos Jogos Olímpicos, Teresa estava presente. Em Atenas (Grécia, 2004), Pequim (China, 2008)

e Londres (Inglaterra, 2012) atuou como treinadora e no Rio de Janeiro (Brasil, 2016) fez parte da equipe de arbitragem da modalidade. Essa trajetória, a qual fui tentando acompanhar durante o trabalho de campo, levava-me a pensar que eu estava diante de uma pessoa que vinha circulando, pelo menos durante os últimos quatro ciclos Olímpicos, na competição reconhecida como o topo de uma pirâmide esportiva, cuja materialidade em uma ‘classificação’ ou uma ‘medalha’ acaba diluindo a multiplicidade de associações que são necessárias para que se ‘alcance o ápice’, inclusive aquelas que fiz referência no capítulo anterior.

Durante a entrevista, no momento em que conversávamos sobre cada uma das atletas de sua equipe, Teresa, que geralmente falava sem rodeios ou meias-palavras, me diz: “hoje, eu não tenho nenhum talento no ginásio. A Rafa é boa, mas não é um talento” (Entrevista com Teresa, 01.11.2016). Naquele dia em que realizamos a entrevista eu já estava no final do trabalho de campo, mas ainda me perguntava sobre o que ‘envolvia’ essa diferença entre uma atleta ‘boa’ e uma ‘talentosa’. As seguintes questões foram me orientando nesse percurso do trabalho de campo e, principalmente, no decorrer das análises: quais vínculos eram construídos para que se identificasse ‘alguém’ como um talento? Quais os ‘efeitos’ dessa chancela na formação de novos vínculos? Como a noção de talento se mantinha em pauta naquele coletivo da ginástica artística?

Até o início do trabalho de campo, as leituras e informações que vinha obtendo sobre a noção de talento me indicavam um potente vínculo com o esporte de alto rendimento e seus arranjos seletivos³⁶. Essa relação entre ‘talento’ e ‘medalha’, ‘talento’ e ‘carreira esportiva de sucesso’ me parecia consolidada com tamanho denodo que se tornava difícil relativizá-la. No entanto, a terceira frase que eu trouxe na epígrafe ‘produziu’ certa dissolução desse vínculo, e aquela conversa com Antônio se transformou num gatilho para definir a Esgrima como um coletivo a acompanhar. Dizer-me que ‘não encontraria o talento’ acabou sendo absorvido como uma oportunidade de reanimar o debate sobre a noção de talento e intrigava-me sobre o que

³⁶ Dentre as práticas de diferentes laboratórios e pesquisadores, através do que Latour (2011) definiria como ‘retóricas científicas’, há diferentes pesquisas/publicações que se dedicam em estabilizar essa relação entre ‘talento’ e o ‘sucesso no alto rendimento’. Nessa linha de debates, faço referência aos trabalhos de Maria Tereza Silveira Böhme (1994; 2002; 2004; 2007), dedicados à relação entre ‘talento’ como ponto inicial de uma ‘carreira esportiva’ e que ‘precisa’ ser complementado pelo ‘treinamento à longo prazo’, e aos estudos/publicações produzidas pelo CELAFISCS, dentre as quais posso citar o ‘paper’ de Matsudo, Rivet e Pereira (1987), publicado no ‘Jornal of Sports Sciences’, que vem se mantendo conectado à premiações, nomes de atletas, protocolos de medidas, aos Jogos Olímpicos, ao COI, fez parte de uma matéria publicada na Folha de São Paulo em 1993 (ALVES, 1993) e, dez anos depois, na Revista da FAPESP no ano de 2004, e se vincula a ‘novas’ publicações, tais como Matsudo, Araújo e Oliveira (2007) e Borges, Matsudo e Matsudo (2004).

estaria envolvido nessa ação de distanciar a modalidade de uma concepção tão presente no GNU³⁷.

Essa conversa a que faço referência aconteceu depois de alguns dias de combinações com coordenador da Esgrima, o Antônio, que me recebeu na Sala D'Armas e se mostrou interessado em vincular o trabalho que eles vinham fazendo a uma pesquisa, o que acabava sendo uma oportunidade para nós dois. No início de nossa conversa fui relatando a minha intenção de acompanhar, por um longo período, os treinamentos, campeonatos, atletas, professores e, especificamente, falei sobre meu objeto de pesquisa. Na sequência, Antônio me autorizou a acompanhar o dia a dia da esgrima, explicou a rotina de treinamento, as categorias para a formação das turmas, o modelo de ensino-aprendizagem que implementaram no GNU. Ele também deixou claro que eu poderia realizar a pesquisa com eles, mas que a ideia de 'talento' não pautava a forma de trabalho em que eles escolheram conduzir a modalidade. Cabe colocar, ainda, que Antônio era o treinador da 'equipe principal' no GNU, da seleção brasileira e esteve presente nas últimas três edições dos Jogos Olímpicos, nas quais alguns atletas do Clube fizeram parte da equipe do Brasil.

Minha intenção ao trazer essas três situações está na direção de mostrar que a noção de talento, de alguma maneira, estava presente na ginástica artística, na natação e na esgrima, seja por uma associação ou por um 'afastamento'. Nesse sentido, ressalto que se o talento vai sendo colocado ou retirado da pauta é porque ele se torna capaz de mobilizar algo, isto é, consegue atuar na formação de determinadas conexões. Essa análise foi um dos pontos de partida para seguir 'quais eram' esses vínculos e como a noção de talento vinha sendo 'produzida' e 'manejada' por coletivos que fazem o esporte de alto rendimento acontecer em seus cotidianos.

Para descrever as conexões que, de alguma maneira, perpassavam a noção de talento segui por duas direções: a primeira se refere ao manejo de uma concepção para que ela seja 'colocada à margem' em um determinado processo de formação de atletas de alto rendimento. Será sobre esse processo que me deterei com maior ênfase no decorrer desse capítulo, utilizando-me de dois relatos vinculados ao que vivenciei na esgrima, principalmente, na Sala D'Armas do GNU. Numa segunda direção, que não é oposta e nem complementar a primeira, mas sugere outro traçado, vou me ater a dois relatos, um deles produzido a partir das movimentações de uma das treinadoras da ginástica artística e o outro pelos vínculos que foram

³⁷ Na revista produzida e veiculada pelo GNU, na edição de abril-maio de 2016, a matéria de capa traz a referência do Clube como um "celeiro de atletas" e, por diversas situações, essa indicação de atletas se transforma ou passa a ser enfatizada pela expressão 'talento esportivo' como marca de excelência do Clube na formação de atletas de alto rendimento (GNU, 2016a).

atravessando a trajetória de um dos atletas dessa modalidade. As questões elaboradas por meio dessas duas trajetórias, embora façam parte daquilo que experimentei dentro do GNU, serão debatidas no próximo eixo de discussões, dentre as minhas considerações finais.

Tais relatos são compostos tanto do material empírico produzido durante um ano e três meses de vivências do GNU, como pelas leituras que fui fazendo no decorrer dessa trajetória. Já não se torna mais possível estabelecer uma divisão entre método e teoria, entre contexto e conteúdo, entre a descrição empírica e as análises ou entre a presença no clube, a escrita dos diários e este relato da pesquisa. Por todos esses caminhos fui produzindo um material empírico, alimentando por produções acadêmicas, projetos governamentais, conversas, pessoas, instituições, estranhamentos, sensações e objetos que foram me permitindo construir um relato sobre como mediadores associam determinados elementos heterogêneos. São essas conexões, cuidadosamente planejadas e fruto de um investimento diário no esporte, que engendram algo que passa a ser compreendido através da expressão ‘talento esportivo’. Essa, por sua vez, apesar de ser uma potente definição em algumas trajetórias e para alguns coletivos, para outros parecia não produzir os mesmos efeitos. Sendo assim, falar sobre ‘talento’ depende de que ‘lugar’ estamos olhando, de quem estamos falando e dos fios que iremos puxar.

3.1 O TALENTO, A ESGRIMA E O GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO

No final do ano de 2016, Antônio, Otávio, Gustavo e Ana, que formavam a equipe de professores da esgrima, comemoravam os resultados obtidos com as mudanças no espaço em que aconteciam as aulas, treinamentos e algumas competições. Aproximadamente um ano e meio antes de começar o trabalho de campo, o GNU inaugurava uma nova Sala D’Armas de Esgrima, localizada na Sede do Moinhos de Vento, que contava com um espaço de mil metros quadrados.

Uma das demarcações sobre essa mudança para uma nova sala foi realizada por meio de uma cerimônia de inauguração, na qual estavam presentes pessoas que representavam cargos e instituições, os atletas do GNU e seus familiares. A matéria veiculada na página do Clube (GNU, 2015a) sobre a inauguração da nova sala destacava que entre os presentes estava o então presidente do GNU, representantes dos cargos de diretoria, gestores do clube e coordenadores. Além dessas pessoas que pertenciam ao quadro de funcionários, no dia 26 de maio de 2015, estavam presentes o secretário municipal de esportes, o presidente da extinta Fundação de Esporte e Lazer do Estado do Rio Grande do Sul (FUNDERGS), o presidente da Federação Rio

Grandense de Esgrima, o vice-presidente da Confederação Brasileira de Esgrima, que também era o diretor do setor dessa modalidade no GNU, o coordenador do Programa Bolsa-Atleta, ex-atleta de ginástica artística do clube, o presidente da Associação de Servidores da Área de Segurança, Portadores de Deficiência, do Rio Grande do Sul (ASASEPODE), que mantinha um vínculo com a esgrima paralímpica. Abaixo trago um pequeno excerto da reportagem:

O presidente, juntamente com Carlos e o vice-presidente de Esportes Paulo Prado, descerrou a placa de inauguração da Sala D'Armas. A cerimônia contou com a presença de muitos atletas do departamento, como os esgrimistas **Guilherme Toldo (2012)**, **João Souza (2008)** e os **ex-atletas Luciano Finardi e Ricardo Menalda, que participaram das Olimpíadas de 1992**, além da equipe paraolímpica e das **promessas Laís e Henrique**, que participaram das Olimpíadas da Juventude (2014) (GNU, 2015a, grifos meus).

O processo de construção dessa nova sala contou com o “aporte de mais de R\$542 mil” para a compra de materiais de esgrima, obtidos junto ao Ministério do Esporte, FUNDERGS e Confederação Brasileira de Clubes (GNU, 2015b), o que ocorreu por conta de um vínculo, de longa data, que o GNU foi construindo com o esporte de alto rendimento. Essa associação do Clube ao desenvolvimento do esporte nacional foi expressa, inclusive, pela reportagem a qual fiz referência no excerto anterior, cuja descrição das pessoas que estavam presentes ressalta os atletas que fizeram parte dos Jogos Olímpicos de Barcelona em 1992, de Pequim em 2008 e de Londres em 2012. Além desses nomes, há uma nova ‘demarcação’ de ‘promessas’ na continuidade da formação de atletas de alto rendimento pelo setor da esgrima ao fazer referência a Henrique e Laís atletas que ainda estavam na categoria juvenil quando realizei o trabalho de campo.

Essa mudança de sala foi um assunto recorrente durante o trabalho de campo e, aos poucos, fui percebendo que junto dessa nova Sala D'Armas estavam presentes também os vínculos ‘passados’ e a constituição de ‘promessas’, as quais indicavam a própria manutenção da possibilidade de arranjos. Nesse sentido, a ideia de passado, presente e futuro se misturavam e tornava-se preciso ressaltar o que já havia sido feito, o que estavam fazendo e criar uma ‘expectativa’ de ‘novas’ conquistas para manter o projeto da esgrima em andamento.

Apesar das informações que obtive sobre a cerimônia de inauguração indicarem algumas pistas sobre o ‘lugar’ da nova sala para o desenvolvimento da esgrima do GNU, foi preciso seguir as negociações anteriores àquele momento em que novas ‘promessas’ foram ressaltadas. Se, por um lado, o Clube havia sido contemplado em projetos vinculados ao Ministério do Esporte para a compra de materiais, por outro, foi preciso ‘correr atrás’ de garantir um espaço físico para que se pudesse justificar a aquisição de tais equipamentos, o que a ‘antiga

sala' não comportava. Abaixo, trago um excerto da entrevista com Otávio, na qual entramos em detalhes sobre essa construção da 'nova sala'.

[Enquanto conversava com Otávio sobre a captação de novos alunos, perguntei a ele sobre o processo de mudança de sala, pois já havíamos entrado nesse assunto em alguns dias de treino e fui percebendo também que a contabilidade do número de alunos era uma questão em pauta nas conversas entre os treinadores] Otávio: Basicamente, essa nossa mudança aqui deve-se aos projetos que o clube começou a fazer com o Governo Federal e agora com a Confederação Brasileira de Clubes. O clube em si não teria condições de construir uma sala como essa. [...] Hoje em dia deve ser, com certeza, se não a melhor, uma das melhores da América Latina. Do mundo, são poucas as salas que tem uma qualidade como a nossa. **O clube tem um cartaz muito bom com os órgãos públicos e com a Confederação Brasileira de Clubes.** Pois é um clube que está sempre com as contas em dia, presta contas de tudo que faz, então, é um dos poucos clubes que quando **surgiu essa possibilidade que o Governo Federal abriu de fazer esses projetos para incentivar o esporte e tudo mais, foi um dos poucos que já inicialmente conseguiu ser aprovado.** Com isso teve um aporte de dinheiro grande e a gente conseguiu comprar materiais, por exemplo, todas essas pistas que tem aqui, o material, 'enroladeiras', armas... Tudo foi em função dos projetos. Ai o clube conseguiu isso, pistas e afins, e a sala [antiga] não comportava isso. **Como vamos justificar ter oito pistas, mas somente ter espaço para duas pistas oficiais,** as outras todas eram pistas pequenas de 10m. Para teres uma ideia, essas aqui, que são as menores, elas tem 14m, são pistas do tamanho da área de jogo certinho. Aquelas lá, que são as oficiais, tem 18m. Lá na outra sede tínhamos 6 pistas que eram de 10m. Então era muito mais apertado, quase a metade dessa sala aqui. Em função disso, o clube conseguiu o material, porém temos que ter um lugar para botar. [...] A sala de esgrima já estava prevista, há muito tempo, mas ficava por enquanto somente no papel, pois era algo que exigia muito dinheiro. [Otávio passa a descrever os projetos do GNU para o espaço em que foi construída a Sala D'Armas] isso daqui era uma **área de estacionamento** [...], porém ele estava parado, até que um dia viemos aqui, olhamos e questionamos a quanto tempo estava parado, **"Poderia servir para esgrima"**. **Ai tivemos a força, pois tinha a questão do material, já estávamos com o material lá que estava sem possibilidade de uso.** Ficava ruim, daqui a pouco, tanto o Ministério quanto a CBC, volta e meia, eles vem fazer uma vistoria [...] Como vamos justificar temos oito pistas, seis ficam paradas [...]. Ai chegamos com essa proposta para o clube [...]. O presidente, lá na época, bancou e aceitou fazer. Houve resistência de alguns membros do clube e afins, alegando que ia terminar com espaço do estacionamento, mas o estacionamento não estava sendo usado. Foi então um misto de tudo. Misto de acredito que o principal, a questão dos projetos, né? Tanto do Governo Federal como da CBC. Com a vontade do clube, que o mesmo apoia, o trabalho e a sorte da gente de ficar sempre tentando um lugar mais adequado. [Pergunto se foram eles, os treinadores, que acharam o lugar para fazer a sala] Já pensamos em fazer a sala de esgrima tu não imaginas em quantos lugares. Lá na outra sede [localizada no bairro Bela Vista], conheces? **Já temos eu acho uns dez projetos de salas.** [...] Sempre tentávamos sair daquela sala. Primeiro porque teoricamente aquela sala foi construída antes de eu entrar no clube, né? Acredito que foi construída em 1991. E ela também foi feita como uma sala de passagem. [...] Aquela sala era muito boa, para a época que foi construída, foi muito boa, servia para os nossos propósitos, porém tinha certas coisas ruins. A primeira era a localização dela. Ficávamos ultra escondidos, como

ficamos aqui. Somente que a diferença, é que **aqui é uma sede mais esportiva**. Então, o pessoal que vem aqui, vem para fazer esporte, então eles vão para todos os cantos. Lá, era uma sede um pouco mais social [...] não se sabia que tinha esgrima. Tinha o problema de ser uma sala ultra quente, não se tinha previsão para mudar isso. Era uma sala que não dava mais conta do tamanho, no início, quando ela foi montada, talvez para 30/40 pessoas, talvez fosse ótima, mas para como estava acontecendo a coisa, estava ficando ruim. **Então saímos a procurar**. [...] até que **encontramos isso e propusemos para o Carlos** [também vice-presidente da Confederação Brasileira de Esgrima], **o nosso diretor, foi até o presidente e propôs, ai se cozinhando até que foi concretizado** (Entrevista com Otávio, 18.11.2016, grifos meus).

Na análise da entrevista, vou encontrando alguns vínculos que estão desenhados no que Otávio chamou de ‘cartaz do Clube com os órgãos públicos’. Em primeiro lugar, o incentivo aos projetos de investimento no esporte de alto rendimento, pela via da Confederação Brasileira de Clubes, estava ligado aos Jogos Olímpicos do Rio 2016 e o GNU se integrou na construção dessa oportunidade. Dessa forma, disponibilizou-se a investir na construção de uma nova sala na perspectiva de garantir a utilização de tais recursos. Ainda nesse processo, houve o envolvimento dos treinadores que investiram na procura por um espaço capaz de comportar uma Sala D’Armas condizente com os equipamentos que já estavam disponíveis no Clube. Nessa procura por ‘espaço’, o qual vai deixando de ser somente ‘físico’, Antônio e Otávio encontram uma área sob uma das piscinas no Clube, a qual passou por um longa reforma, que se tornou apta a receber uma modalidade que vinha tendo representantes nas duas últimas edições dos Jogos Olímpicos fora do Brasil e, como o país sede, também teria atletas participando dos Jogos do Rio de Janeiro.

Cabe destacar, ainda, que nesse processo de negociações encontro a atuação do diretor da modalidade no GNU, com a possibilidade de fiscalização de agentes da Confederação Brasileira de Clubes (CBC), com a representatividade almejada para os Jogos Olímpicos no Brasil, com a ‘sede mais esportiva’ para a qual a esgrima desejava deslocar-se, com o trabalho que vinha sendo construído pelo setor nos últimos 60 anos, por meio da instalação do departamento no Clube. Tais negociações ainda foram fortalecidas pela classificação de atletas vinculados ao GNU para os Jogos Olímpicos desde Pequim em 2008, algo que foi enfatizado na matéria veiculada pelo Clube ao falar da inauguração de sua nova sala em padrões internacionais. Tais articulações, arranjos, negociações que me permitem descrever um dos lugares em que se produzia e vivia a esgrima no GNU, também viabilizam mostrar uma trajetória em que o ‘lugar’ da esgrima também entrou em deslocamento foi atuando na formação de atletas de alto rendimento.

Figura 01: Sala D'Armas | Imagem disponibilizada pela setor da esgrima do GNU



Somados a esse ambiente em que encontram-se as pistas de jogo, a sala conta com um espaço para a esgrima paraolímpica, uma pequena ‘oficina’, local onde havia uma bancada com ferramentas para o ajuste das armas (florete, sabre e espada), os vestiários, um setor de armários para os atletas da pré-equipe e para a equipe, a sala dos professores, uma pequena sala de espera e, ao fundo da imagem apresentada acima, podemos ver uma porta de acesso à sala de preparação física, na qual estão aparelhos e equipamentos utilizados durante os treinamentos específicos.

Essa longa descrição sobre a sala do GNU onde acontecem os treinamentos e competições está vinculada a outra informação significativa para tentar compreender o que estava ‘em jogo’ na esgrima e como a noção de talento era colocada ‘à margem’, apesar do vínculo, cada vez mais consistente, com o esporte de alto rendimento. No início de cada dia de campo na Sala D'Armas registrava o meu horário de chegada e o número de alunos presentes em cada aula/treinamento que acompanhava. Aos poucos, fui percebendo que essa não era uma rotina só minha, que a equipe de professores ia produzindo uma espécie de estimativa de quantos alunos estavam em cada horário, quantas vagas estavam disponíveis, quais turmas ‘cheias’ e qual o ‘total’ de pessoas que frequentavam a sala.

Com as mudanças que vinham acontecendo na esgrima, foi preciso investir na captação de novos alunos, afinal tinha-se uma sala de mil metros quadrados, um investimento feito pelo clube e uma intenção de divulgação da modalidade para manter em andamento. No final do ano de 2016 a esgrima contava com, aproximadamente, 180 alunos e Otávio ainda salientava que esse era um número “record até agora na modalidade no Clube” (DC, 02 de setembro de 2016). Nas análises dos professores, esse crescimento estava relacionado com a mudança de local onde passaram a acontecer as aulas e treinamentos, com a situação do Brasil ser a sede dos Jogos Olímpicos e com a classificação de Guilherme Toldo para os Jogos do Rio. Abaixo, trago um

excerto do Diário de Campo no qual descrevo uma conversa em que Otávio, Ana e Antônio relataram detalhes sobre esse crescimento do número de alunos.

Era uma sexta-feira atípica de ‘ranking’ [uma competição ‘permanente’ entre os esgrimistas do GNU, cujos jogos aconteciam todas as sextas-feiras na sala e que explicarei com maiores detalhes no decorrer do texto]. Aquela era a primeira sexta-feira em que Guilherme Toldo estaria no Clube após sua participação nos Jogos Olímpicos. Contando com sua presença, os professores preparam um momento para o atleta narrar um pouco de sua experiência nos Jogos e interagir com as crianças que já estavam com suas perguntas na ‘ponta da língua’. No ambiente da sala encontrava alguns repórteres de uma emissora de televisão local organizando o roteiro, a câmera de filmagem e a iluminação para a entrevista com Guilherme, havia também uma pessoa do departamento de marketing do GNU, que atentamente acompanhava as declarações, a mãe de um dos alunos produzindo fotografias e vídeos sobre a intenção das crianças ao conversarem com um ‘atleta Olímpico’, as quais seriam divulgadas no perfil da esgrima no Facebook, estavam presentes alguns atletas já vestidos com suas roupas de jogo, outros ainda chegando e conversando pela sala, crianças de diferentes idades brincando e jogando em algumas pistas, ou seja, era um dia movimentado naquela sala que me parecia sempre tão silenciosa. Enquanto o atleta não chegava, eu, Ana, Otávio e Antônio ficamos próximos à sala dos professores, conversando sobre a movimentação daquele dia, quando Otávio comentou que no ano de 2016 aumentou ‘muito’ o número de alunos, principalmente no mês de agosto. Nas contas que eles vinham fazendo, as inscrições já havia passado para 180 alunos, o que para Otávio representava um avanço na popularização do esporte, na conquista de novos alunos e no status do departamento dentro do Clube. Otávio ainda relatava que somente uma turma estaria sem alunos, a de terça e quinta às 10h30, mas que havia pedido para a secretaria manter o horário, pois de um ano para o outro mudava consideravelmente o número de alunos em cada turma e que para encerrar algum horário era preciso uma avaliação mais consistente e de longo prazo [até o final do trabalho de campo, esse horário permaneceu aberto e sem alunos matriculados]. Nessa mesma conversa, Ana falava que tiveram um aumento de 50% no número de alunos no período entre julho e agosto, colocando que estes Jogos Olímpicos fizeram diferença para o setor. Antônio estava, em parte, na contramão da fala dos seus colegas, principalmente ao apontar que este ano parecia ter sido uma exceção, pois eram os anos de Jogos Pan-Americanos que o número de alunos crescia, isto é, os anos intermediários de cada ciclo Olímpico eram os mais representativos para o setor (DC, 02 de setembro de 2016).

Ao entrar na sede Moinhos de Vento do GNU são recorrentes as imagens de atletas do Clube distribuídas em ‘banners’, painéis, murais e quadros colocados no interior das salas, em espaços externos e pelos corredores. Em ano de Jogos Olímpicos, como no caso em que realizei o trabalho de campo, os atletas que estavam ‘classificados’ ganharam destaque nesses painéis, os quais também atuavam na ‘formação’ de novos participantes para suas respectivas modalidades. Especialmente no ano de 2016, o setor da esgrima parecia ter ‘dado um salto’ e percebia que a captação de novos alunos foi sendo conduzida por diferentes processos.

Os resultados obtidos pelos atletas, dos quais estavam apagados os processos que conduzem o caminho ao pódio, eram amplamente divulgados entre os sócios e, conforme relatei nas falas dos professores e nas ações de divulgação, atuavam na captação de novos alunos. Os dados produzidos com a entrevista de Otávio nos mostram, inclusive, nuances desse processo de formação de novos alunos a partir da referência a atletas que conseguem alcançar determinados resultados, especialmente aqueles que possuem um potencial de divulgação da esgrima, isto é, conquistas capazes de gerar modificações.

[Durante a entrevista, comentava com Otávio sobre a presença de novos alunos nas aulas] Otávio: [...] desde 2007 que o João Souza foi o medalhista nos jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, né!? A esgrima já não ganhava, há 32 anos, medalhas nos jogos Pan-Americanos. A partir dali, ele e um cara de São Paulo, o clube medalhou em todos os jogos Pan-Americanos. Teve a partir de 2008, que o João foi para Pequim, em todas as Olimpíadas o representante do florete era do União. Claro que nessa teve representantes de outros clubes, mas isso também ajudou a fazer um pouco. Os sócios do clube: “bah, mas olha que tu vistes que teve um cara do União que foi campeão?” Isso chama, isso vai retroalimentando-se. Vai tendo mais resultados. Aí a Laís [atleta que na reportagem citada anteriormente foi citada como promessa da esgrima] teve aquele resultado expressivo no campeonato mundial, foi a primeira menina, no florete, na história da esgrima no Brasil, a ganhar uma medalha em competições mundiais. Então tudo isso também ajudou a que conseguíssemos aumentar o número de alunos (Entrevista com Otávio, 18.11.2016).

Na fala de Otávio não são os campeonatos locais ou nacionais que mobilizam a formação de ‘esgrimistas’, mas os resultados obtidos em participações internacionais que compõem os cartazes que passam colocar a esgrima em evidência. Além disso, o ‘jejum’ de participações em Jogos Olímpicos que foi interrompido por João Souza, atleta que na categoria de base recebia o apelido de ‘João contração’³⁸, parece ter se tornado um elemento a ser posicionado na trajetória da modalidade, o qual foi capaz de criar conexões e ainda permanecer como referência potente na criação de novos vínculos. Nessa mesma linha, ainda encontro o caso de Laís que se tornou a primeira ‘menina’ a conquistar um título internacional numa modalidade que até então vinha sendo destaque entre os homens.

³⁸ Na convivência com as pessoas que frequentavam a Sala D’Armas, em diferentes situações, ouvia narrativas sobre a trajetória de João que parecia não ser reconhecido pela ideia de ‘potencial’, mas pela dedicação constante. Em entrevista, Otávio relatou que “o apelido dele era ‘João contração’. Ele era o cara ‘contraído’, fazia tudo ‘duraço’ e todos tiravam sarro dele e tal. Ele competia desde pequeno e nunca ganhou uma medalha ou campeonato da categoria infantil. O primeiro campeonato que ele foi ganhar foi o campeonato da categoria pré-cadete, que era quatorze ou quinze anos. Então poderias pegar ele e alegar que não ia dar certo [...]. Ganhou medalha nos jogos Pan-Americanos, foi para a Olimpíada, chegou a ser o décimo sexto do mundo” (Entrevista com Otávio, 18.11.2016).

Além dessas mobilizações produzidas por ‘classificações’, ‘medalhas’ e ‘resultados’, os professores da esgrima realizavam demonstrações esporádicas da modalidade em escolas da cidade de Porto Alegre. Durante o trabalho de campo, obtive informações sobre algumas intervenções que Ana, a professora mais nova, realizou em escolas particulares, geralmente acompanhada de algum atleta da equipe. Nesses dias em que a ‘esgrima ia até a escola’, havia uma pequena demonstração de como aconteciam os jogos, das principais técnicas e movimentações e uma vivência direcionada aos alunos que, em grande maioria, era a primeira vez que entravam em contato com a modalidade. Essa interação com as escolas estava acompanhada da divulgação da esgrima e da possibilidade de participação em uma aula experimental no GNU, caso fosse de interesse dos alunos.

Somada a essas intervenções ‘na escola’, havia o Projeto Verão que também atuava como meio para a formação de novos alunos. Esse Projeto era uma iniciativa do clube que acontecia durante o mês de janeiro, uma colônia de férias, e estava direcionado para crianças de cinco a doze anos. Dentre as atividades desenvolvidas, havia horários em que as crianças experimentavam aulas em cada uma das modalidades oferecidas pelo clube e dentre elas estavam as vivências na esgrima.

Cabe aqui abrir um parêntese sobre o vínculo que vai sendo produzido entre o Projeto Verão e a trajetória dos atletas de alto rendimento. Essa relação fez parte da fala de Guilherme Toldo após o seu retorno dos Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, especialmente quando ele foi questionado pelas crianças sobre seus “primeiros passos na esgrima” (DC, 02 de setembro de 2016). A resposta de Guilherme Toldo estava na direção de mostrar que o Projeto Verão possibilitou seu contato com a modalidade e logo depois foi incentivado por seus pais a focar, cada vez mais, na esgrima. Essa informação está presente também em outras entrevistas suas, como, por exemplo, na Websérie lançada pelo GNU chamada #GNUNORIO (GNU, 2016) e na página virtual do atleta³⁹, a qual estava sendo gerenciada pela empresa MVP Sports, uma agência especializada em Comunicação e Marketing Esportivo. Além de Guilherme, a atleta Laís, considerada uma ‘promessa’ do clube que não classificou para os Jogos do Rio de Janeiro na prova final da última competição decisiva, relatou em sua entrevista que conheceu a esgrima por meio do Projeto Verão e logo depois convenceu sua mãe a deixá-la participar da escolinha (Entrevista com Laís, 08.12.2016).

³⁹ A página virtual de Guilherme Toldo traz uma narrativa em que o atleta tem com referência uma família que “respira esporte” e que foi “sempre” incentivado à prática esportiva, passando por modalidades como o futebol, judô, natação e tênis. Nessa trajetória que encontro no site do atleta o Projeto Verão foi colocado como referência das primeiras experiências de Guilherme Toldo com a esgrima.

A entrevista de Otávio, no dia 18 de novembro de 2016, colocou que “80% dos nossos alunos vem através do boca a boca”, informação que Ana já havia me relatado durante o trabalho de campo em diferentes situações. Apesar dessa indicação dos professores referente à adesão dos alunos pela via da ‘divulgação espontânea’, há uma atuação por parte das pessoas envolvidas de ampliar o número de integrantes da modalidade, uma iniciativa de ‘popularização do esporte’. Além dessas mobilizações, encontrei crianças participando de diferentes modalidades do clube, algo que era almejado com a mudança de sala para uma sede do clube considerada a ‘mais esportiva’. Esse era o caso de Valentina, que nas terças e quintas-feiras se dividia entre os treinos da ginástica artística, das 14 às 16h, e da esgrima que aconteciam logo na sequência, das 16h às 17h. Nessa divisão entre a ginástica artística e a esgrima ainda encontrei o Henrique, um menino que acabou escolhendo ficar somente na esgrima após algumas semanas. Além desses dois alunos, havia ainda o Miguel, que saía correndo de sua aula de natação para também integrar a turma das 16h na Sala D’Armas às terças e quintas.

As turmas que mantinham um ‘quadro de horários’ eram divididas por armas e idades. As crianças poderiam começar a participar das aulas com seis anos e não havia limite máximo de idade - ao ingressar, era preciso escolher entre o florete, o sabre e a espada. Havia, ainda, aqueles que decidiam participar de turmas de armas diferentes, mas eram somente algumas pessoas, pois grande parte dos ‘esgrimistas’ especializavam-se no florete – arma principal no GNU. Abaixo, apresento um quanto sobre o número de turmas e suas respectivas armas:

Quadro 1 – Número de turmas abertas a sócios e não sócios do GNU

Arma	Idade	Nº de turmas
Florete	06 a 08 anos	2 turmas
Florete	08 a 11 anos	4 turmas
Florete	11 a 15 anos	1 (autorização)*
Florete	A partir dos 16 anos	1
Sabre	06 aos 10 anos	1
Sabre	11 aos 15 anos	1
Sabre	Adulto	1 (autorização)*
Espada	08 aos 11 anos	1
Espada	Acima de 16 anos	1
Florete/Espada	Adulto	1 (autorização)*
Paraolímpica	Não há delimitação	1
Total		15
* A participação dependia de uma prévia autorização dos professores.		

Entre essas quinze turmas, havia uma de florete que chamava-se de ‘avançado’, cuja participação dependia do ‘convite’ ou ‘autorização’ dos professores, e estava posicionada entre a ‘escolinha’ e a ‘pré-equipe’. Nessa breve descrição sobre as turmas, não entrarei em detalhes

sobre o deslocamento de alunos de uma turma para a outra, pois acompanhei apenas o deslocamento de um dos meninos do ‘avançado’ para a posição de ‘estagiário da pré-equipe’, algo que me parecia ‘um teste’ e necessitaria de maior tempo acompanhando sua trajetória. No entanto, cabe considerar que essa definição entre quem estaria na escolinha, no ‘avançado’ e na ‘pré-equipe’ dependia de uma mediação entre o comprometimento, a assiduidade aos treinos, o conhecimento sobre a esgrima, o rendimento nas aulas e o número de alunos em cada horário disponível⁴⁰.

Na sequência do ‘avançado’ estava a pré-equipe. Essa, por sua vez, era uma turma de florete que treinava de segunda a sexta-feira, no horário das 18 às 20h. No ano em que realizei o trabalho de campo, a pré-equipe era composta por, aproximadamente, oito atletas (cinco meninos e três meninas), com idades entre 14 e 16 anos. Todos eles treinavam no mesmo horário, jogavam uns contra os outros e pagavam a mensalidade do clube equivalente ao valor de escolinha. A pré-equipe contava, ainda, com o acompanhamento da psicóloga (de quinze em quinze dias), com as consultas com fisioterapeutas e com o treinamento físico elaborado pela Tânia, que começou a trabalhar com o grupo já no final do meu trabalho de campo. Ela chegou ‘disciplinando’ um horário em que os alunos treinavam a partir da prescrição feita pelos professores, mas sem sua presença constante.

A ‘equipe principal’ era composta por doze atletas que treinavam de segunda a sexta-feira, no horário das 19 às 22 horas. Além desses momentos de treinamento, havia a preparação física com o Caio, realizada individualmente ou em pequenos grupos no turno na manhã, o atendimento com a psicóloga, consultas com o médico do clube e as sessões com a equipe de fisioterapia. No decorrer do trabalho fui percebendo certa rotatividade na presença de alguns atletas e a assiduidade constante de outros. Ou seja, os atletas que integravam a equipe principal mediavam a sua presença aos treinamentos e os seus compromissos e interesses ‘fora da Sala D’Armas’. Dentre tais negociações encontrei suas carreiras ‘não esportivas’, familiares, disponibilidade, os campeonatos elegidos para maior dedicação e, apesar da presença de alguns desses pontos recorrentemente, dependendo das trajetórias que acompanhava, os arranjos aconteciam de formas diferentes.

No decorrer desse capítulo busquei apresentar informações que foram significativas para ‘localizar’ a esgrima sob uma perspectiva em escala reduzida. Assim, percorri conexões

⁴⁰ Essa movimentação de algumas pessoas dentre as turmas e um processo de ‘transição’, principalmente, entre o ‘avançado’ e a ‘pré-equipe’ e entre a ‘pré-equipe’ e a ‘equipe principal’ me parece um significativo caminho para compreender processos de aprendizagem no qual estão conectados diferentes elementos. Neste momento, ofereço apenas informações que me foram oferecidas de forma recorrente, pois não me detive, em profundidade, aos casos em que tais mudanças aconteceram.

que pareciam deixar alguns traçados em maior evidência (a formação da Sala D'Armas, número de alunos, formações entre turmas e equipes, 'atletas Olímpicos') em uma modalidade que vinha se mantendo e naquele momento em ascensão. Com esse 'mapeamento' em que reduzi a escala, ou seja, operei com maior número de informações e menores detalhes, não me foi possível localizar a 'noção de talento' como elemento que mobilizaria vínculos neste coletivo. No entanto, na medida em fui 'ampliando a escala', isto é, me aproximando do cotidiano, das pessoas, dos objetos e dos detalhes, fui percebendo que havia um 'cuidadoso manejo' da definição e da expressão 'talento esportivo'. Nesse sentido, ajustei o meu foco para duas trajetória que fui acompanhando durante o trabalho de campo: uma delas se refere às conexões produzidas por Antônio, cuja movimentação vai mantendo mediando a noção de talento e conduzindo um processo de 'captação de alunos' e 'vivências' na esgrima; num segundo momento apresentarei um relato sobre os vínculos construídos por Henrique, um atleta que foi sendo 'produzido' como uma 'promessa' da esgrima do GNU.

3.1.1 ANTÔNIO, O TREINADOR QUE GERENCIAVA O MODELO SELETIVO

Ao iniciar o trabalho de campo na esgrima, a intenção era acompanhar a equipe principal. Essa primeira escolha foi elaborada a partir das minhas inquietações que estavam na direção de compreender o que foi fazendo parte da trajetória de cada um daqueles atletas, pois minha interpretação era a de que eles pertenciam a um 'seleto grupo' de esgrimistas. Aos poucos, essa análise foi se tornando menos precisa e outras questões foram chamando minha atenção, foi dessa maneira que passei a ampliar meus momentos de vivências na esgrima. Assim, reorganizei meus horários e dediquei-me a acompanhar as aulas da tarde, as turmas de escolinha, as aulas da noite, a pré-equipe e a equipe paraolímpica em alguns momentos – ou seja, decidi rastrear o 'talento' para 'além do topo da pirâmide'.

Dentre as questões que chamavam minha atenção estava uma ideia de 'brincadeira' que geralmente acompanhava o planejamento dos treinos, tanto das escolinhas como das equipes. Para a organização da rotina da sala, os professores formaram horários em que as turmas e equipes tinham momentos em que o treinamento acontecia em conjunto e, nesse período sobreposição de horários, por exemplo, a turma de adultos da noite e a equipe principal jogavam o 'futebiribas' – uma maneira de jogar futebol na qual o campo era delimitado pelas pistas de esgrima, os bancos do vestiário se tornavam as goleiras e a divisão entre as equipes era realizada da forma mais equilibrada possível. Após os 20 minutos de aquecimento, a equipe se deslocava

para a área com as ‘pistas oficiais’ e a turma de adultos permanecia no setor em que havia as ‘pistas menores’.

Além desses momentos em que se jogava, geralmente, o ‘futebiribas’, as aulas das turmas da tarde eram iniciadas por um momento em que o grupo se reunia, realizava os exercícios de mobilização articular e, na sequência, aconteciam brincadeiras em que a ênfase na concentração, no desenvolvimento de estratégias, na precisão de movimentos e nas mudanças de direção eram diluídos em ‘atividades recreativas’ que mantinham os alunos entusiasmados e em competição. Inclusive, no mês de julho, um período de férias escolares, os alunos das turmas da tarde largavam seus floretes e sabres e passavam a ter naquela hora da aula somente brincadeiras coletivas – um momento do ano que fui percebendo que era esperado pelos alunos, principalmente porque eles poderiam escolher, coletivamente, as brincadeiras.

Cabe ressaltar ainda que, nem sempre o período de sobreposição de horários era dedicado aos momentos de aquecimento ‘recreativo’, pois havia uma situação em que a pré-equipe e a equipe dividiam o espaço de treinamento, no período das 19 às 20h e, por vezes, percebia os atletas desses dois grupos realizando sequências de movimentos específicos juntos. Além desses momentos coletivos que viabilizavam as trocas entre pessoas com diferentes experiências na esgrima, os alunos da pré-equipe e a equipe tinham aulas individuais, previamente agendadas e fora do horário de treinamento coletivo, com Gustavo, Otávio e Antônio. Nessas aulas, cada um desses professores treinava com um de seus atletas e, no período de 30 a 40 minutos, dedicavam-se às correções e repetições de movimentos, às estratégias individuais, às dúvidas e ao manejo cuidadoso da técnica e da tática individual. Abaixo, trago dois excertos dos diários de campo:

Nesta quinta-feira chego ao GNU perto das 19h e me desloco para a Sala D’Armas. Ao entrar no setor da esgrima me surpreendo ao encontrar somente três atletas da equipe, a sala estava quase vazia. Pergunto ao Gustavo o que aconteceu e ele me responde que alguns estão viajando (Laís e Antônio), outros estão lesionados e uma parte “estão matando mesmo”. Treinando encontro apenas Henrique, Fernando e Rodrigo. Neste dia, Gustavo passa a se revezar entre as aulas individuais: inicia com Marco que repete, exaustivamente, os mesmos movimentos com o florete – ora parado e ora em deslocamento; depois se dedica ao Henrique, enquanto os outros dois atletas jogam, os dois fazem sequências combinadas em que Gustavo oferece uma explicação, Henrique realiza e depois retornam a conversa; por último, Gustavo passou a trabalhar com Rodrigo, esse, por sua vez, poucas vezes interrompe as sequências para o diálogo (DC, 14 de abril de 2016).

Enquanto acompanhava a aula da turma das 17h percebi que Laís e Antônio realizavam um de seus treinamentos individuais que, neste dia, durou cerca de 45 minutos. Apesar de eu estar distante da pista em que estavam jogando, chama-me atenção a quantidade de vezes que Laís propõe o diálogo com

Antônio. Ela realiza uma sequência de movimento, para, retira a máscara, questiona, Antônio explica e eles voltam a jogar (DC, 09 de junho de 2016).

Por meio desses relatos de aulas individuais, somadas as descrições anteriores, eu poderia conduzir as análises por meio de um processo de ‘aprendizagem coletiva de um esporte individual’⁴¹, do qual Wacquant (2002) já nos mostrou detalhes da formação de um ‘boxeador’. No entanto, o que quero chamar atenção se refere ao manejo de alguns elementos e como esses, por sua vez, passam a produzir determinadas ações. Assim, na construção de horários sobrepostos, a ‘brincadeira’ fazia com que os atletas deixassem seus equipamentos e a diferença entre quem estava ou não na equipe acabava se diluindo. Por outro lado, a elaboração de aulas individuais, com conhecimentos específicos, produzia uma acentuação de fronteiras e nesse movimento a técnica e a tática também operavam na formação daqueles atletas.

Essa análise me leva a olhar para a trajetória de Antônio não como o treinador que direcionava o seu trabalho conduzido por um modelo seletivo, o qual estaria destinado a ‘levar’ atletas ao topo da pirâmide. Para acompanhar as conexões que foram sendo construídas por Antônio foi preciso ‘inverter a lógica’ e buscar compreender como um professor/treinador/coordenador passava a ‘manejar’, com ‘destreza’, esse mesmo modelo e, dessa maneira, manter o departamento de esgrima em funcionamento. Nesse sentido, eu tenho como ponto de partida que Antônio ‘joga’ com o modelo seletivo em posições simétricas, apesar de seu lugar como treinador de ‘atletas Olímpicos’.

Durante algumas conversas com Antônio fui percebendo que sua experiência com a esgrima era de longa data. Na entrevista passei a retomar esse assunto e o treinador relatou que foi aluno do Colégio Militar em Porto Alegre e nessa escola conheceu o pentatlo moderno. No entanto, Antônio salientou que nem chegou a experimentar os treinamentos de natação, hipismo, tiro esportivo e corrida, pois acabou escolhendo a esgrima de antemão. Abaixo, trago um trecho de sua entrevista:

[Conversávamos sobre o início da trajetória de professor de esgrima] Antônio: quando eu entrei, na realidade, na parte profissional da esgrima foi quando o União teve um técnico viajando, que acho que devia ser um técnico viajando que nem eu viajo hoje em dia, que “bah! eu preciso de alguém substituto pra dar uma aula de escolinha”. [Pergunto sobre sua relação com esse professor que foi substituído] Antônio: Eu conhecia as pessoas porque eu já fazia esgrima, já jogava esgrima, eu era atleta da SOGIPA⁴² na época, primeiro eu

⁴¹ Nesse âmbito de discussões, tenho como referência o trabalho de Flávio Py Mariante Neto (2016), cujas discussões nos mostram uma cadeia de interdependência, na esteira de debates de Norbert Elias, que fazem parte da formação de lutadores de MMA, enfatizando, nesse processo, estratégias de controle e manejo da violência.

⁴² Sociedade de Ginástica de Porto Alegre/RS.

fui do Farrapos, depois eu fui da SOGIPA. Aí nessa época era 1991 (Entrevista com Antônio, 24.11.2016).

Na sequência dessa oportunidade em que Antônio experimentou dar aulas para a escolinha de esgrima no GNU, o professor ao qual ele havia substituído acabou não retornando ao Clube e ele foi contratado, passando a integrar o quadro de funcionários. Anteriormente, fiz referência ao processo de crescimento de número de alunos vinculados ao departamento de esgrima e no decorrer da entrevista com Antônio retomamos esse assunto, pois estava diretamente relacionado com a sua contratação. No início dos anos 90, segundo relatou Antônio, o departamento era composto por, aproximadamente, 20 pessoas, ele realizava suas aulas com 2 ou 3 alunos e a equipe ficava sob a responsabilidade do Mestre Luís.

No final de 1992, ano em que dois atletas do Clube disputaram os Jogos Olímpicos de Barcelona, o departamento passou a contabilizar um número aproximado de 30 pessoas e, nesse mesmo ano, Antônio foi indicado pela Confederação Brasileira de Esgrima para fazer o Curso de Mestre de Armas. Essa formação acontecia durante dois anos, no primeiro os alunos participavam da formação em Educação Física e, no segundo, estudavam especificamente a esgrima com um mestre francês. Esse curso aconteceu na Escola de Educação Física do Exército, localizada na cidade do Rio de Janeiro, e estava vinculado também à Federação Internacional de Esgrima.

Após dois anos fora de Porto Alegre, período em que o GNU o manteve em seu quadro de funcionários, Antônio retorna e encontra o departamento em diferentes condições.

Quando voltei no final de 1994, os dois mestres já não estavam, estava só o Otávio. Na realidade, tinha um cara que tinha sido expulso daqui e aí quando cheguei o departamento estava meio que problemático. O Otávio estava aqui e tinha sido monitor de esgrima na época em que a UFRGS tinha ainda a cadeira de esgrima. Aquilo foi um desafio, porque os caras falaram: “cara, organiza o departamento de esgrima, queremos partir do zero, tá uma bagunça, senão vamos acabar com o departamento de esgrima”. O vice-presidente de esportes me disse na época: “te organiza e vamos te dar seis meses pra ti organizar o departamento ou nós vamos transformar em sala de aeróbica”, na época aeróbica era o bicho. [...] Daí eu falei para o Otávio: “vamos fazer o seguinte: **qual é a nossa ideia? A nossa ideia é encher a sala**”. Minha ideia era encher a sala, eu quero que mais pessoas conheçam a esgrima e a partir dali, sentamos em outubro, novembro, dezembro, passamos aqui sentados, **fizemos o Sistema de Brasões**, adaptado do Sistema Francês (Entrevista com Antônio, 24.11.2016, grifos meus).

Uma das ações após o retorno para o Clube foi essa adaptação do Sistema de Brasões relatada por Antônio, originário da escola francesa, que possibilitou a organização da modalidade em ‘níveis’ progressivos de conteúdo e cada um deles passou a corresponder a

cores de brasões diferentes. Abaixo, trago um excerto da entrevista com Antônio sobre as mediações que foram realizadas ao implementar o Sistema de Brasões, pois o método francês estava pautado nas competições para a troca de nível, algo que Antônio discordava:

O sistema francês eram seis níveis e o valor competitivo estava incluído na troca de nível e que eu não acho correto. Numa competição que tu vai fazer entre os alunos aí o cara tinha que ter um índice de vitórias para poder passar. Então, eu não gosto muito disso de tu focar na competição no esporte, porque eu acho que tu perde muita gente, quando tu foca, em qualquer esporte, na competição tu perde a maioria na realidade, porque se tu pensar em quantos são atletas de ponta, quantos são atletas que querem treinar em relação as pessoas que querem fazer o esporte. Eu acho que o percentual deve ser 10%, 20%, bem empiricamente falando, mas pelo que a gente sabe, pelo que a gente conhece. Hoje aqui na sala nós temos 168 pessoas pagantes e mais as equipes, vamos dizer que temos 180. Das 180, 70 competem e de 70, um grupo de 20, 15 hoje em dia quer ir pra olimpíada, de 180 pessoas, 20 são 10%” (Entrevista com Antônio, 24.11.2016).

A partir desse sistema, criou-se uma padronização das intervenções a serem realizadas, nas quais os professores e alunos poderiam acompanhar o seu processo de ensino-aprendizagem. Além disso, foi nesse movimento de adaptação que Antônio e Otávio ‘gerenciaram’ a competitividade que estava colocada no sistema francês e, apesar das resistências, conseguiram mobilizar o Sistema de Brasões ao ponto dele passar a demarcar e construir o processo de desenvolvimento de cada aluno que frequentava a Sala D’Armas. Logo no início do trabalho de campo, enquanto acompanhava uma das aulas da Ana, ela, generosamente, entregou-me uma das apostilas sobre os conteúdos referentes aos três primeiros níveis. Além desse material, explicou-me quais eram as movimentações básicas da esgrima, colocou-me a par da nomenclatura e, no mês de maio de 2016, fiz uma aula de esgrima junto com uma turma de acadêmicos da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA) que estavam visitando o departamento, na qual fui apresentada como “estagiária” (DC, 12 de maio de 2016).

Por meio do Sistema de Brasões que as primeiras informações sobre a esgrima foram sendo passadas para mim e fui percebendo que era por essa referência que as aulas iam sendo desenvolvidas. Nesse sistema, os alunos passavam a entrar em contato com os conteúdos referentes ao seu ‘brasão’ e, ao final de cada semestre, eram realizadas as provas, tanto as teóricas como as práticas. No decorrer do trabalho de campo acompanhei algumas dessas situações, nas quais percebia crianças e adultos um pouco nervosos com as provas, outros mais tranquilos, mas por meio dessas intervenções fui percebendo que este sistema, produzido por Antônio e Otávio, atuava na formação dos esgrimistas que ali estavam. Inclusive, ao final de cada semestre era organizada uma Cerimônia de Entrega de Brasões, na qual estavam presentes

pessoas vinculadas à Diretoria do Clube, familiares e atletas que haviam concluído suas provas. Abaixo, trago um excerto do diário de campo sobre um dia de cerimonial:

Enquanto ajudava a Ana a organizar o material da cerimônia, escuto Henrique dizer que “a Letícia não vai receber [o ‘brasão’], não pode, ela nem vem treinar”, enquanto arrumava os certificados a serem entregues. Logo na sequência, um dos professores confirma que realmente ela não fez as provas (DC, 30 de junho de 2016).

Cabe colocar que a Letícia da qual Henrique estava se referindo era uma de suas colegas de equipe principal, na sua bagagem carregava títulos de campeonatos brasileiros e no ano anterior havia conquistado a medalha de ouro na Copa do Mundo Juvenil por equipes no florete. Além desses detalhes, Antônio relatou em sua entrevista, realizada no dia 24 de novembro de 2016, que os Brasões se transformaram num “rito de passagem”, tornaram-se um estímulo. Ele contou-me que havia pessoas na sala que “fazem há dez anos esgrima e nunca entraram numa competição”. Abaixo, apresento uma imagem do Quadro de Brasões, o qual fica localizado em uma das paredes da Sala D’Armas.

Figura 2 – Quadro referente ao Sistema de Brasões



Além do Sistema de Brasões, foi implementada, na rotina semanal da sala, uma competição permanente entre todos os alunos e atletas – o ‘ranking de sexta-feira’. No último dia da semana não eram marcadas aulas ou treinamentos e, no horário das 17 às 21 horas, aconteciam os jogos dessa competição. O sistema de organização nacional e internacional da esgrima opera por meio de um ‘ranking’, no qual os atletas vão pontuando ao longo de determinadas competições durante o ano. Essa forma de funcionamento, que indica uma

‘competição perene’, foi colocada dentro daquela Sala D’Armas, mas com ajustes na forma de pontuação e, dessa maneira, acabava por incentivar todos a jogar.

Com as adaptações, os jogos do ‘ranking’ terminavam sempre em cinco pontos para definir o vencedor. Cada partida⁴³ jogada valeria um ponto para cada jogador e o vitorioso acumularia dois pontos. A partir desse princípio, o qual valorizava não somente o vencedor, mas o aluno que se desafiava a jogar com pessoas diferentes, acabava mobilizando as pessoas a frequentarem a sala durante as sextas-feiras.

Em diferentes situações presenciei atletas da equipe convidarem ou serem convidados para jogar por crianças que estavam iniciando na esgrima, encontrei familiares jogando uns contra os outros, crianças arriscando-se em seus primeiros jogos utilizando floretes de plástico e disputas mais intensas, principalmente aquelas que aconteciam entre pessoas com conhecimentos similares sobre a esgrima. Ao final do ano, no ‘Galeto da Esgrima’, havia uma festa para a premiação dos campeões que foram acumulando seus pontos durante todo o ano. Na entrevista que realizei com Laís, uma das atletas que geralmente estava presente às sextas-feiras, conversamos sobre o ‘ranking’.

[Laís vinha me descrevendo sua trajetória e acabei perguntando como percebia o ‘ranking’ no meio desse processo] Bah! Muito importante! Sério, acho o ranking a coisa mais legal da sala [...] eu vejo quando eu era pequena tinha a oportunidade de jogar com o João Souza, sabe? Ali [na sala], ele estava no momento maravilhoso da carreira dele, um super atleta ali e eu podia jogar com ele e tipo eu lembro muito o dia em que eu toquei a primeira vez no João [...]. Eu perdi de 5x1, óbvio, mas eu toquei uma vez [...] Antes eu deixava as crianças me tocarem, mas hoje não deixo mais, se me tocarem é porque realmente aconteceu (Entrevista com Laís, 08 de dezembro de 2016).

Nas sextas feiras o ‘ranking’ parecia ‘ganhar vida’ na sala. Observava crianças para todos os lados convidando seus colegas de turma e atletas para jogar, encontrava muitos correndo para o quadro onde se anotava a pontuação e com quem jogou e, nesse interim, produzia-se uma oportunidade para a formação de esgrimistas ‘gerenciando’, novamente, um modelo seletivo. Nesse processo, cuja produção permite a coexistência de diferentes interesses, a esgrima foi aumentando o número de alunos e captando novos associados. Durante a entrevista de Antônio, retomamos o assunto da ampliação do departamento no Clube:

Trabalho focado em colocar gente no clube, de trazer sócio, fazer que o sócio tenha alguma coisa diferenciada, a mais né!? Não somente os esportes de sempre e trazer gente. Eu acredito que muito cara que não era sócio começou

⁴³ Estou utilizando a noção de ‘partida’ e ‘jogos de esgrima’ como categorias empíricas, pois durante o trabalho não ouvia as expressões ‘luta’, ‘lutar’ ou ‘lutador’.

a fazer esgrima, assim como acontece nos outros esportes, e se associou. Até porque a esgrima geralmente tem um nível social até um pouco maior, porque é diferente da GA que pegam muita gente por meio de um trabalho social, que não tem condições, que não vão se associar no clube. A esgrima muita gente, o nosso Diretor não era sócio do Clube, o Carlos, o Rodrigo [filho dele] faz com a gente desde 7 anos e era da SOGIPA, técnico da SOGIPA, o Rodrigo veio fazer aula aqui, daí ele veio para o clube, gostou do clube, se associou, já foi Vice-Presidente de Esportes do clube, hoje é diretor, essa é uma coisa que com várias pessoas aconteceu assim (Entrevista com Antônio, 24.11.2016).

Soma-se a essas mediações, as quais destinam-se a manter o aluno na esgrima, a definição do Brasil como país sede dos Jogos Olímpicos e a movimentação financeira advinda do Plano Brasil Medalhas, o qual fiz referência no capítulo anterior. Nesse processo, os investimentos da Confederação Brasileira de Clubes permitiram o aumento no número de viagens para campeonatos e as ajudas de custo que foram recebidas por atletas, principalmente para aqueles que apresentavam resultados significativos em competições nacionais e internacionais. Além disso, Antônio era o treinador da seleção brasileira de esgrima e mantinha um contrato de trabalho financiado pela Petrobrás devido ao investimento realizado em preparação para os Jogos do Rio de Janeiro.

Essa trajetória que venho construindo percorre vínculos entre um projeto de ampliação no número de alunos e as brincadeiras que naquele ambiente faziam com que as pessoas retornassem ao Clube na sexta feira ‘para jogar’. A maneira de conduzir o trabalho na Sala D’Armas estava ligada ao contrato que o Clube estabeleceu com o Ministério do Esporte e com a dedicação de Antônio e Otávio em procurar um ‘novo espaço’, pois seria preciso ‘encher uma sala de mil metros quadrados’. O Brasil como país sede dos Jogos Olímpicos estava conectado com a criança que iniciava na esgrima e, na sexta feira, encontrava o ‘atleta Olímpico’ que nos dias anteriores estava sendo entrevistado pela rede de televisão local. Assim, ressalto que a formação de atletas de alto rendimento na esgrima perpassava uma série de conexões e nas quais pouco encontrava espaço para a noção de ‘talento esportivo’, pois para que se produza e seja sustentada seria preciso construir ‘padrões específicos’ dentro de um modelo pautado na seletividade.

Na entrevista com Antônio retomei essa questão com certa ênfase, pois eram recorrentes os comentários sobre o João Souza com um ‘desbravador’, um atleta que na primeira vez que passou para a ‘equipe principal’ acabou pedindo a Antônio para retornar à pré-equipe ou sobre Guilherme Toldo, atleta contemporâneo de Fred, um menino identificado como ‘o grande

potencial’, mas que já havia deixado a esgrima⁴⁴. Abaixo, apresento um longo excerto de nossa entrevista:

[Retomo com Antônio a sua primeira conversa comigo, há mais de um ano atrás, na qual ele me diz que “não encontraria talento por ali”] Não é que não está na esgrima, não está na minha visão. É que pra mim talento é muito mais amplo do que o cara ter uma qualidade física boa, ter um explosão boa, ter uma altura e uma condição de pensamento na esgrima bom, porque existe todo o resto, existe toda a vida dele que está por trás. Nós tivemos aqui atletas que eu dou sempre o exemplo do Guilherme e do Frederico, dois atletas nossos que entraram aqui com 8 anos [...]. O Fred era um cara que vinha da ginástica artística, fazia karatê, coordenadíssimo, demais. O Guilherme vinha da natação, mas todo durão, encurtado, jogava com uma ‘guardinha’ toda errada e tal e brigão, brigão no bom sentido. O Fred ia pra competições, ganhava quando pequeno, todo mundo paporicava ele, falava “cara, esse cara vai ser campeão mundial”. Se aos 9 anos o Barcelona viesse aqui, o Barcelona da esgrima viesse aqui, e dissesse “cara, eu quero levar o melhor cara daqui”, ele iria levar o Fred, que aos 19 anos estava fora da esgrima e que o Guilherme estava indo na sua primeira Olimpíada e era medalhista pan-americano, em jogos pan-americanos, o segundo da história, o primeiro foi o João. Então, quem sou eu pra acertar e dizer. É claro que no geral eu vou dizer, pô o Fred tem boa condição, claro não vou negar, falar “Ah não, o Fred é ruim”, ele era bom [...] e tudo, só que ele não conseguiu organizar a cabeça dele com o talento [nesse momento Antônio fez um sinal de aspas com as mãos] que ele tinha, que todo mundo paporicava ele e ele se exigia cada vez mais. Tanto que se exigiu cada vez mais que acabou fora da esgrima, hoje ele mora em Portugal, faz medicina, faz esgrima as vezes, vai lá só de lazer porque ele não se aguentou, ele não se perdoava com cada erro dele. Então, é por isso que eu falo isso do talento, é claro que se identifica **talentos nas pessoas, mas o geral, no final de tudo, existe toda a situação**, como é que tu vai passar pela tua adolescência, como é que tu vai coordenar todo teu dia a dia de treino com o que tu tens que abdicar, como é que tu vai coordenar teu primeiro namoro, como é que tu vai coordenar a tua, aqui na esgrima no caso, o teu colégio, a tua faculdade. Muita gente sai da esgrima na época de faculdade, assim na parte competitiva forte, nessa época de vestibular. Então, assim, quem tem o talento de coordenar a vida para poder tirar a melhor qualidade do esporte, pra mim é o que chega. Então, é talento também. **São talentos e não o talento que se põe o clichê**. “Bah! O cara está ali, o cara é bom demais, tu viu a guarda dele, o cara é rápido”. O técnico que trabalhou com ele em Portugal [com Fred], quando o pai dele foi morar em Portugal, em certo momento ele foi morar em Portugal porque o pai dele é médico e foi convidado para trabalhar lá e ele “Bah! Vamos pra Europa” [...] O técnico [em Portugal] estava entre

⁴⁴ Um ponto de debate a ser explorado a partir dessa trajetória se refere a ‘classificação’ de uma pessoa como talento, tornando-a um indivíduo com potencialidades e deveres particulares, e a produção, no outro extremo, de uma noção de ‘incapacidade’, a qual passa a ser atrelada ao sujeito quando ele ‘não consegue’ ou ‘não quer, apesar da oportunidade’. Essas reflexões emergiram de um dos casos relatados na tese de Luís Eduardo Cunha Thomassim (2010), especialmente ao narrar a trajetória de Mônica, uma menina pobre que ‘sabia jogar futebol’, mas que a perspectiva de ‘ascensão social’ era externo a suas próprias práticas e crenças. Assim, o autor nos mostra que “[...] não será difícil que a trajetória de Mônica, com sua forma específica de participação nas programações – pouco eufórica, desconfiada, discreta e movida pela experimentação – seja contabilizada, para efeito geral, como mais um exemplo de uma ‘família que não se ajuda’” (THOMASSIM, 2010, p.214, grifos do autor). No âmbito de discussões referentes a participação de crianças no esporte de alto rendimento, o trabalho de doutorado que vem sendo produzido por Maitê Venuto de Freitas, integrante do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física/UFRGS, provoca um debate que coloca em pauta uma concepção de ‘abandono do esporte’ marcada por um Projeto Olímpico.

os três primeiros do ranking mundial, foi campeão europeu, jogava florete, amigo nosso [...], e ele falava “bah! o ‘gajo’ é demais, eu nunca peguei um cara que tem uma mão tão rápida que nem a do Fred, eu nunca peguei um cara que tem uma explosão tão boa e tal, mas a cabeça dele é uma porcaria” e isso diziam pra ele “é só melhorar na cabeça”, mas não é só melhorar na cabeça, ali está o centro de tudo. Então, é por isso que eu reajo um pouco nessa situação do talento e eu não gosto de dar essa noção para pais e nem para atletas, porque isso prejudica o próprio atleta, na minha visão porque ele cria uma expectativa pra ele grande e se decepciona muito mais do que qualquer outro (Entrevista com Antônio, 24.11.2016, grifos meus).

Além desse relato do Antônio, conversamos sobre a necessidade de escolha que, por vezes, fazem parte de seu trabalho. Ainda durante a entrevista, ele narrou a situação de Lucas, um menino que foi campeão brasileiro justamente no ano em que o departamento estava com poucos recursos e que o atleta não estaria entre suas escolhas para financiar as despesas. Nessa situação, Lucas decidiu se responsabilizar com os custos de sua viagem e, naquele ano, foi o campeão brasileiro. Com a elaboração de Antônio para o andamento do trabalho na esgrima, vou percebendo que a noção de talento vai sendo cuidadosamente manejada, pois, de alguma maneira, ela estava presente em situações que exigiam ‘escolhas’. Nesse sentido, e conforme podemos perceber por meio de sua entrevista, os elementos ‘trazidos à tona’ quando recorre a noção de talento correspondem a uma dimensão da natureza. No entanto, o que Antônio nos ensina, e o que quero ressaltar, se refere a uma ‘seletividade’ que não acontece de antemão, apesar de tratar-se de uma modalidade praticada na lógica do alto rendimento, na qual as medalhas e classificações Olímpicas atuam sobre sua continuidade no GNU. Nesse processo de ‘gerenciar’ o modelo seletivo, a noção de talento também vai sendo gerenciada por meio da sustentação de uma ‘imprecisão’, de uma pluralidade que fica subentendida na expressão ‘talentos’, e, nesse sentido, acabava inviabilizando o seu uso como uma ‘chancela’ na trajetória inicial daqueles atletas.

3.1.2 HENRIQUE, DO ÚLTIMO LUGAR DO CAMPEONATO AO ‘MELHOR JUVENIL’

Henrique é um esgrimista muito talentoso. Alto, muito rápido e tem uma boa ‘sensação de toque’. É difícil para ele porque não é de um país da esgrima (mesmo que o Brasil seja um grande país esportivo, a esgrima não é muito popular, esperamos que isso mude com Jogos Olímpicos do Rio). Será muito difícil para ele competir com os melhores esgrimistas do mundo se

*permanecer no Brasil. Eu acho que Henrique pode ser uma das futuras estrelas da esgrima do Brasil*⁴⁵
(DC, 17 de novembro de 2016, tradução livre).

Este depoimento foi publicado por Lucas, o pai do Henrique, em sua página pessoal do Facebook e, na sequência, compartilhado pelo atleta nessa mesma rede social. A declaração que faço referência na epígrafe foi emitida por Alexander Choupenitch⁴⁶, um esgrimista da República Tcheca que foi vice-campeão mundial na categoria juvenil e tornou-se ‘atleta Olímpico’ a partir de sua participação nos jogos do Rio de Janeiro em 2016. Considerando a minha distância da esgrima, pois grande parte das referências que encontrava em campo eram uma novidade para mim, precisei buscar algumas informações para compreender porque esta declaração estava sendo ‘publicada’ por Lucas.

Algumas informações sobre Alexander Choupenitch foram colocadas na própria publicação no Facebook, na qual Lucas evidenciou a classificação do atleta para os Jogos Olímpicos e sua conquista em um campeonato mundial juvenil de esgrima. Além dessas colocações, o ‘site’ da Confederação Europeia de Esgrima e a página virtual do atleta, patrocinada pela empresa multinacional Red Bull⁴⁷, mostram os resultados expressivos de um atleta que aos 23 anos já carrega em sua bagagem o título de campeão europeu na categoria cadete, uma medalha de bronze no campeonato mundial dessa mesma categoria, participações em campeonatos mundiais adulto e, no ano de 2017, Alexander ocupava o vigésimo lugar no ranking mundial da FIE⁴⁸.

⁴⁵ Texto original: “Henrique is very talented fencer. Tall, pretty fast and he has very good feeling of the touch. It is hard for him, because he is from non fencing country (even if Brazil is big sport country, fencing is not very popular, we hope it will change with Rio olympics). It would be very hard for him to compere with best fencers in the world if he stays in Brazil. I think Henrique can be one of the future Brazil fencer stars”. Disponível em: <https://www.facebook.com/pg/Henriquemarostegaoficial/posts/?ref=page_internal>. Acesso em: 17 de novembro de 2016.

⁴⁶ Para acompanhar os resultados obtidos pelo atletas, busquei informações nos seguintes canais de comunicação virtual: <<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2015/08/rio-2016-saiba-como-esta-corrida-olimpica-pelas-vagas-na-esgrima.html>>; <<https://www.redbull.com/cz-cs/athlete/alexander-choupenitch>> <<http://www.eurofencing.info/athletes/biography/alexander-choupenitch/results>>. Acessados em: 02 de setembro de 2017.

⁴⁷ A Red Bull é uma empresa austríaca que vincula sua marca/produtos ao esporte por meio de contratos de patrocínios com atletas de diferentes países. Entre os brasileiros, encontro em sua página virtual, nomes do triatlo, ‘mountain bike’, futevôlei, skate, automobilismo, surf, ‘wakeboard’, escalada, ‘motorbike’, basquete, ‘stock car’, ‘formula Renault 2.0’, paragliding, ‘kiteboarding’, atletismo, futebol (Neymar Jr.) e vôlei de praia (Bruno Schmidt e Alison Cerutti – campeões olímpicos nos Jogos do Rio em 2016). Disponível em: <<https://www.redbull.com/int-en/athletes>>. Acesso em: 02 de setembro de 2017.

⁴⁸ Informação acessada via página virtual da FIE. Disponível em: <<http://fie.org/fencers/Alexander-CHOUPENITCH-21765/ranking>>. Acesso em: 02 de setembro de 2017. Para que possamos estabelecer uma comparação, o melhor brasileiro colocado no ranking mundial de esgrima ocupa o 33º lugar e é atleta do GNU. Neste mesmo ano, Henrique ocupava o 536º lugar.

Por meio do vínculo com todos esses campeonatos, instituições e resultados, o atleta acabou reunindo aliados suficientes para atuar na tentativa de mobilização da trajetória de outro esgrimista, o Henrique. Nesse sentido, ao colocar a declaração proferida por um ‘atleta Olímpico’, buscou-se abrir possibilidades para arranjos futuros, especialmente ao identifica-lo como ‘talento’ já em suas primeiras palavras. Cabe ressaltar, ainda, que ao utilizar a noção de talento, o atleta produz vinculada tanto a elementos ‘objetivos’ e ‘mensuráveis’, como a noção de ‘alto’ e ‘rápido’, e concepções que nos oferecem ‘menor’ materialidade, as quais estão colocadas na expressão ‘sensação de toque’. Essa última consideração, só passei a compreender por meio dos inúmeros jogos que assisti, mesmo que de forma vaga, quando estava acompanhada de alguma explicação, pois, caso contrário, uma ‘boa sensação de toque’ parecia perceptível apenas entre ‘quem circulava’ neste coletivo da esgrima.

Esse depoimento que encontrei, já no final da pesquisa, somou-se às passagens do diário de campo em que registrava Henrique como uma das ‘promessas do Clube’, principalmente pelos resultados que obteve em cenário internacional. Nesse sentido, a trajetória de Henrique deixava alguns rastros que eu poderia seguir para compreender como o talento era produzido naquele coletivo, como se mantinha e o que produziria no processo de formação de um atleta de alto rendimento.

Apesar desses registros que apontavam para a uma ‘trajetória de sucesso’, a demarcação de Henrique como um ‘talento’ ou como uma ‘promessa’ soava-me como algo ‘impreciso’ no decorrer do trabalho de campo e como uma expressão que se tornava mais ‘potente’, no sentido de associar mais elementos, fora das pistas. Assim, nos momentos em que buscava ‘seguir-lo’ e aproximar-me, tinha a sensação de que a noção de talento escapava-me das mãos e desmanchava-se, deixando em seu lugar uma pluralidade de questões como, por exemplo, a ‘dedicação constante aos treinos’, ‘o esforço’ de deixar a família e viajar pelo mundo para treinar em centros de referência na esgrima, a ‘priorização’ do esporte dentre suas atividades e a fala de seu pai que declarava que aquele vinha sendo “um ano ruim” (DC, 17 de novembro de 2016).

Além dessas diferentes observações que vinham me provocando, ora conformando uma noção de talento e ora a diluindo, outras narrativas descreviam os primeiros campeonatos estaduais em que Henrique participou, nos quais ele terminava entre os últimos lugares, sendo que os outros participantes eram, em grande maioria, seus colegas de turma do GNU. Ainda cabe considerar que eu constantemente notava a presença de seu pai na Sala D’Armas e, aos poucos, passei a percebê-lo como um mediador na trajetória de seu filho, um ‘jovem atleta’ que preocupava-se ‘apenas’ com a dedicação aos treinos e o resto estaria sob os cuidados de sua

família. Foram essas informações, aparentemente desconectadas e, por vezes, contraditórias sobre a ‘carreira’ de Henrique que me levaram a escolher essa trajetória como um dos fios a serem puxados e será sobre os vínculos que nela consegui acompanhar que me deterei no decorrer deste eixo de discussões.

Para que fosse possível seguir os arranjos que vinham produzindo a trajetória desse atleta de alto rendimento, foi preciso, em primeiro lugar, problematizar um processo de ‘maturação biológica’ que poderia ‘explicar’ a ascensão de Henrique no esporte. Ao analisar publicações⁴⁹ que produzem uma noção de talento entrelaçada a um processo de ‘maturação biológica’, cuja demarcação impulsiona correlações entre ‘etapas de maturação corporal’ e uma estimativa de rendimento esportivo considerado adequado, o que encontrava eram ‘fatos’ já purificados no âmbito da natureza. Assim, essas análises pouco me ajudavam a ‘seguir’ o que vinha acontecendo com Henrique e com algo que considerava ser a produção de uma ‘promessa’ da esgrima no GNU. Nesse sentido, tomei como ponto de partida os debates que me levavam a pensar quais seriam os ‘outros’ elementos, tão produzidos e cuidadosamente manejados (como a ‘maturação biológica’)⁵⁰, que estariam sendo conectados em uma trajetória.

Em conjunto a essa primeira problematização, a qual ‘purifica’ o talento atribuindo-o ao domínio da natureza, fui buscando questionar outra análise presente nos debates sobre a ‘noção de talento’, cuja questão central considera que ‘o talento produz oportunidades’. Essa análise está presente nos casos debatidos, por exemplo, por Damo (2007), nos quais o ‘dom’

⁴⁹ São recorrentes as relações entre a noção de ‘talento’ e o processo de ‘maturação sexual’. Nessa âmbito de discussões faço referência aos trabalhos de Matsudo, Araújo e Oliveira (2007), Matsudo, Rivet e Pereira (1987), Borges, Matsudo e Matsudo (2004) e Gaya *et al.* (2003). Entre tantos outros trabalhos que poderiam ser citados, esses estudos constroem uma relação na qual a ‘identificação’ de um ‘talento’ vai sendo atravessada/produzida por um padrão de referência de ‘maturação sexual’, sendo esse conformado entre uma ‘expectativa de desempenho’ e, no outro extremo, por uma ‘imobilidade no desenvolvimento’ caso ‘o atleta’ já tenha passado por um processo de ‘maturação’. Cabe colocar, ainda, que o trabalho de Norbert Elias (1995) sobre Mozart e a sua genialidade parece ‘jogar com’ uma ideia de ‘maturação’, mas o faz a retirando de uma perspectiva ‘interior’ e a coloca dentre uma análise social pautada por uma perspectiva interdependente. Nesse sentido, Elias (1995, p. 53) coloca que “com frequência nos deparamos com a ideia de que a maturação do talento de um ‘gênio’ é um processo autônomo, ‘interior’, que acontece de modo mais ou menos isolado do destino humano do indivíduo em questão. Esta ideia está associada a outra noção comum, a de que a criação de grandes obras de arte é independente da existência social de seu criador, de seu desenvolvimento e experiência como ser humano no meio de outros seres humanos. De acordo com este enfoque, os biógrafos de Mozart muitas vezes supõem que compreender Mozart enquanto artista, e portanto sua arte, pode estar dissociado de compreender Mozart enquanto homem. Esta separação é artificial, enganadora e desnecessária”.

⁵⁰ Cabe ressaltar que durante a entrevista com Antônio, para evidenciar diferenças entre a esgrima e os ‘esportes de marca’, os quais ele vai apresentando com maiores possibilidades de estabelecer comparações e ‘previsões’ de forma relativamente ‘precisa’ a partir dos resultados, o noção de ‘maturação biológica’ também entrou em suas consideração na seguinte hipótese: “eu sei que teu tempo era ótimo, as vezes tu tens um tempo com 12 anos, 11 anos, porque tu tens uma maturação já maior, né!? Tu está maturada lá para 13 anos e aí, quando tu chegas nos 14, tu estás igual a todo mundo. Isso tem que ver também, né!? Tem que se estudar, porque senão tu te enganas. Tá, aquele ano beleza, mas não sei se tu vais chegar a tanto porque pode ser que tu estivesses um pouco à frente na maturação” (Entrevista com Antônio, 24.11.2016).

poderia abrir determinadas portas para meninos que sonhavam em se tornar jogadores profissionais de futebol. Se, por um lado, estou interpretando que essa análise simbólica purifica o talento no âmbito da cultura, por outro, foi por meio de uma ‘inversão’ dessa perspectiva em que o ‘talento produziria oportunidades’ que passei a olhar para a trajetória de Henrique, a qual me parecia ‘nebulosa’ no que tange a noção de talento, especialmente quando falava de seus primeiros passos. Dessa maneira, estou considerando que a ‘produção de oportunidades’, as quais foram obtidas por meio de múltiplos arranjos entre humanos e não humanos, que ‘produziram um talento’ no coletivo da esgrima.

Para relatar esse processo será preciso retroceder a fita e acompanhar alguns vínculos que foram produzidos na trajetória de Henrique e que o levaram a ‘condição’ de ‘promessa’ na esgrima. Será por meio desse movimento que ‘abrirei mais uma caixa’, da qual buscarei retirar algumas pistas para compreender como a noção de talento foi sendo produzida, como se mantinha e o que produzia na formação de um atleta de alto rendimento em um coletivo no qual o ‘modelo seletivo’ era manejado em determinadas articulações.

No ano de 2016 Henrique estava completando dez anos na esgrima. Para ser mais exata, essa comemoração estava relacionada ao seu aniversário de dezenove anos, pois segundo a entrevista de seu pai “Henrique começou a escolinha no dia nove de março de 2006. É marcado porque é o dia do aniversário dele, foi a primeira aula” (Entrevista com Lucas, 17.11.2016). Nesse início de trajetória esportiva, assim como para outras crianças que faziam parte da esgrima, os treinamentos na Sala D’Armas dividiam seu espaço com outras atividades no Clube e, no caso de Henrique, os dias da semana eram distribuídos entre as aulas de natação e a esgrima. Em sua entrevista, o atleta foi mostrando que, aos poucos, essa divisão do tempo entre as duas modalidades foi sendo resolvida e relata que “cada vez mais eu fui saindo de lá [natação] e entrando aqui [esgrima], eu fui diminuindo o treino lá e subindo o treino aqui, até que uma hora eu parei total lá e eu estava treinado cinco vezes por semana aqui” (Entrevista com Henrique, 21.12.2016).

No ano seguinte, em 2007, Henrique iniciou sua participação em competições. Cabe lembrar que a escolha por disputar os campeonatos, estaduais e brasileiros, dependia, num primeiro momento, do interesse do aluno, da autorização da família e do sistema de brasões, pois só poderia competir quem já havia alcançado o ‘brasão branco de bordas amarelas’⁵¹. Durante o trabalho de campo acompanhei os jogos de campeonatos estaduais nas categorias

⁵¹ Um dos pontos a ser aprofundado está nos processos de ‘tradução’ construídos por meio das atuações do Sistema de Brasões. Para além de um ‘método de ensino-aprendizagem’, o Sistema de Brasões atuava num processo de ‘ajustar interesses’, conteúdos e objetivos para manter o aluno vinculado à Sala D’Armas.

‘infantil’, ‘cadete’, ‘juvenil’ e ‘adultos’. Abaixo, trago um registro sobre o primeiro campeonato estadual que assisti na categoria infantil:

[Sábado pela manhã] Ao chegar na Sala D’Armas, eu encontrava somente os alunos do GNU e logo percebo que eles iriam competir uns contra os outros. No início da manhã, quando pergunto para Ana no que eu poderia ajudar, ela começou a explicar como seriam organizados os jogos naquele dia e colocou-me ‘a par’ de uma ‘regra’ ainda desconhecida pra mim, a saber: “quando dois atletas do GNU estiverem em pista [competindo um contra o outro] nenhum aluno pode torcer”. Na sequência, ela colocou que eles, os professores, decidiram que esse seria um caminho para não criar conflitos entre os colegas. Durante os jogos não via nenhuma situação explícita de torcida pelos colegas, embora percebesse que alguns grupos andavam ‘mais próximos’ do que outros pela Sala. Com essa combinação e nesse campeonato em que vejo somente atletas do GNU, a competição parecia deslocar-se para os familiares, pois, exceto os atleta, as pessoas que estavam no entorno das pistas eram as únicas que percebia vibrantes na torcida e a ‘euforia’ parecia estar somente entre eles, inclusive ao término das partidas. Nesse dia, os árbitros eram, em grande maioria, os atletas da ‘pré-equipe’ e alguns vinculados a ‘equipe’. Cabe considerar que atuar na arbitragem também fazia parte das avaliações para a ‘passagem’ de brasões. Nesse dia, todos os jogos aconteceram na Sala D’Armas, os materiais eram os ‘oficiais’ e grande parte das crianças utilizavam as roupas e os floretes do Clube. Antes do primeiro jogo, todos fizeram o aquecimento com a Ana e, enquanto isso, os familiares se organizavam em cadeiras de plástico ao redor das pistas. O ambiente me parecia tão silencioso como em qualquer dia de aula (DC, 16 de abril de 2016).

Essas anotações fizeram parte de um registro inicial sobre aquele campeonato estadual. Vale acrescentar que, ao longo do dia, parecia-me uma ‘competição quase nada competitiva’ e capaz de mobilizar pessoas, familiares e os alunos a envolverem-se em mais um dia no GNU. Outra consideração a fazer a partir desse excerto está relacionada ao material que foi utilizado pelos esgrimistas naquela competição, pois percebia que alguns alunos jogavam com os equipamentos do Clube. Sobre esse ponto, aos poucos, fui aprendendo que havia também uma ‘combinação’ sobre o ‘empréstimo’ de materiais para as competições e para a sua utilização durante as aulas. Sobre essa ‘regra’, que me parecia uma mediação entre viabilizar a participação do aluno na competição, mantê-lo na esgrima e o investimento financeiro para a compra dos materiais, os alunos da escolinha e das turmas da noite contavam com o material do GNU disponível para as aulas, mas a escolha ‘pela competição’ vinha acompanhada da necessidade de adquirir, gradativamente, todos os materiais a serem utilizados nos jogos. Dentre as poucas conversas que tive com Gustavo, um dos professores da esgrima, obtive algumas informações sobre esse ponto referente a utilização dos materiais:

Enquanto eu tentava aprender sobre os materiais que eram utilizados, pois minha intenção era acompanhar o que estava presente em cada escolha por

equipamentos e que diferença eles poderiam fazer na atuação, pergunto para o Gustavo onde seria possível adquirir os equipamentos. Dentre os detalhes que ele vinha me oferecendo, contou-me que grande parte do material era comprado com a Carla, uma mulher que trabalhava há muitos anos nesse mercado, que deslocava-se constantemente entre o Brasil e a Europa, e que conseguia manter uma administração capaz de sustentá-la em um setor “altamente reduzido, com pouco giro de peças e roupas” [...]. Ao falar sobre o empréstimo do material, Gustavo me diz que o Clube só emprestava o equipamento completo [máscara, fios, luvas, calça, arma, casaco, ‘gilet’⁵², proteções e meias] na primeira vez do aluno em uma competição, na segunda seria preciso ter a sua roupa e, desse campeonato em diante, adquirir o material completo para continuar competindo (DC, 11 de agosto de 2016).

A intenção de trazer essa questão envolvendo a aquisição de equipamentos está na direção de oferecer certo destaque ao que fui percebendo como um ponto nodal no envolvimento do aluno na esgrima, principalmente quando estava relacionado ao investimento dos pais. Assim, adquirir o material era uma questão que recebia atenção e gerava uma série de atuações e, nesse sentido, viabilizava a formação de novos vínculos e diferentes trajetórias na esgrima. Além dessas considerações, o que gostaria de chamar a atenção está relacionado à situação, ou ao nó, gerado a partir da ‘dúvida’ sobre a aquisição de material e a sua conexão com a noção de ‘talento’ como possibilidade de resolução de um ‘problema’.

Durante a entrevista com Antônio, ele foi claro ao declarar que ‘evitava’ utilizar esse termo com os pais, mas durante o trabalho de campo fui percebendo que, por vezes, Ana atuava numa relação que se fazia presente em seu cotidiano entre os familiares, o talento e a aquisição de materiais. Abaixo, trago um trecho do diário de campo para o debate:

Enquanto conversava com Ana sobre a organização das turmas, começamos a falar sobre a última competição estadual e como os pais envolviam-se com esses campeonatos. Ana relatou que alguns pais de alunos que faziam parte das escolinhas, pela manhã, já perguntaram para ela se “o filho têm talento” e “se vale a pena investir”. Segundo a explicação dela, o questionamento dos pais parecia colocar uma relação entre o custo do investimento no material e as condições do filho “ser medalhado” (DC, 26 de abril de 2016).

Nessa mesma conversa, Ana colocou que seria preciso ‘certo cuidado’ ao falar sobre esse tema com as crianças, pois indicar um potencial de ‘medalha’ seria como colocar uma “pressão extra”⁵³ sobre esse atleta e correr o risco de ‘perder’ um aluno da esgrima. Percebia

⁵² Como informação complementar, posso dizer que o ‘gilet’ era um ‘colete’ que fazia parte da vestimenta do esgrimista. Nas competições com o uso de equipamentos eletrônicos, o ‘gilet’ utilizado era sensível ao toque da arma, isto é, ao atleta ser ‘tocado’ os marcadores dos placares e das máscaras, em alguns casos, acendem luzes indicando ‘toque’.

⁵³ Expressão utilizada pela Ana durante a nossa conversa (DC, 26 de abril de 2016).

que era no seu dia a dia que Ana mediava a participação dos alunos e o envolvimento dos pais na Sala D'Armas. Não foram poucas as vezes que a acompanhava oferecendo relatos sobre o desenvolvimento das crianças nas aulas, sobre como 'estavam se comportando', que a encontrava entregando bilhetes sobre atividades e viagens que, geralmente, estavam acompanhados de uma breve troca de informações e elogios e, como no caso do Ricardo, a acompanhei ajudando uma família a 'lidar' com todas as demandas desse aluno.

Durante essas negociações que presenciei e a partir das conversas que tivemos, Ana relatava que o departamento não poderia "se dar ao luxo" de perder alunos. Essa sua frase estava relacionada à 'pressão gerada' pela 'chancela' do talento e o risco de 'abandono'⁵⁴ dessas crianças da modalidade, algo que, para ela, seria possível em outras práticas que contavam com maior número de participantes ou como aconteceria no Esporte Clube Pinheiros, em São Paulo, que teria "tanta criança praticando que eles não se importam em perder e até precisam se dedicar aos que consideram melhores" (DC, 26 de abril de 2016).

Por meio dessas situações, as quais identifico como um 'nó', torna-se possível compreender como o talento também vai sendo produzido na esgrima e atuando sobre a trajetória de algumas pessoas, especialmente quando entrava na pauta para a condução de investimentos. No caso que venho apresentando sobre o diálogo de Ana com uma das famílias, ela precisou manejar os interesses do departamento, a sua carreira como professora, as expectativas do pai que questionava sobre o 'potencial de medalhas' do seu filho, a 'pressão' sobre a criança e a comercialização de materiais. Assim, posso dizer que Ana foi 'manipulando' uma 'noção de talento' capaz de manter o interesse de todos os envolvidos e essa articulação se tornou possível porque o 'talento' na Sala D'Armas parecia não depender de uma 'delimitação precisa', mas de aglutinar todos esses interesses e diferentes elementos para se manter 'em ação'. No momento em que o pai esteve diante de uma questão sobre o 'investimento' na esgrima, a noção de talento acabou oferecendo uma materialidade à sua expectativa e, nesse sentido, fez o pai agir para a compra de equipamentos, os quais, por sua vez, mobilizaram seu filho a seguir na modalidade e, especialmente, nas competições, o que também atuou sobre a continuidade do departamento de esgrima no GNU.

O 'ponto final' que coloco no parágrafo acima e, conseqüentemente, no encadeamento de 'atuações' nele contido, foi um recorte que produziu em relação ao objeto da minha pesquisa,

⁵⁴ Novamente faço referência o trabalho de doutorado que vem sendo produzido por Maitê Venuto de Freitas, integrante do Grupo de Estudos Socioculturais em Educação Física/UFRGS, no qual o 'abandono' torna-se um ponto central em suas discussões e que, em alguns momentos, dialoga com a tese que venho produzindo, especialmente no que se refere a intenção de 'problematizar' tanto o 'talento' quando o 'abandono' – ambos temas caros à Educação Física.

mas que poderia seguir por meio dos rastros que vão sendo deixados pela própria movimentação das pessoas e dos objetos. Nesse processo, minha intenção foi partir de uma análise simétrica e, dessa forma, considerar que um ‘novo florete’ atua tanto quanto a maneira com que Ana se posicionou naquela situação, que o campeonato estadual, por menor que pareça, fez o pai daquele menino agir e que o talento mobilizou uma ação assim como a ‘nova Sala D’Armas’ agiu com os professores.

Se, no início desse relato, coloquei uma iniciativa de problematizar uma concepção de ‘maturação biológica’ que atua na produção de uma ‘noção de talento’, foi por meio desse ‘nó’, desenrolado na medida em que passo a colocar os interesses e atuações presentes na Sala D’Armas, que se abre uma possibilidade de apresentar outros fios que também compõem o ‘talento’. Além disso, passo a retomar a trajetória de Henrique, a qual parece indicar que o ‘talento’ não fez parte de seus primeiros passos, como aconteceu com esse ‘menino’ que acompanhei naquela situação, mas foi sendo associada a sua trajetória com a intenção de arranjos ‘futuros’ e, nesse ponto, os dois casos se tornam similares.

Em seu primeiro campeonato estadual, no ano de 2007, Henrique ficou com o último lugar. Naquele mesmo ano o atleta foi disputar um campeonato brasileiro em São Paulo, no qual alcançou a oitava posição e viajou para Buenos Aires/Argentina para disputar uma competição intercolegial, ficando com a décimo oitavo lugar. Nos dois anos seguintes, Henrique foi participando das competições relativas a sua idade, nas quais passou a ocupar os primeiros lugares, e disputou competições em categorias acima da sua, ou seja, passou a jogar com pessoas com idades maiores do que sua. Essa participação crescente em competições demandou um investimento, já nesses primeiros anos de sua trajetória, no deslocamento entre São Paulo, Brasília, Argentina e Chile. Essas informações foram retiradas da ‘Proposta de Patrocínio’ elaborada por seu pai para a temporada 2014/2015, cuja intenção era conectá-la ao Programa Municipal de Apoio e Promoção do Esporte de Porto Alegre (PROESPORTE), instituído por meio da Lei Complementar de Incentivo ao Esporte nº 530 de 22 de dezembro de 2005 (PORTO ALEGRE, 2005).

Durante a entrevista com Henrique, retomei esse ‘percurso’ de competições e fui percebendo que na medida em que ele circulava para ‘jogar’ foi ampliando seus vínculos e refinando seu olhar para a sua própria atuação. Abaixo, trago diferentes trechos de nossa conversa:

[Falávamos sobre a sua primeira competição e, na sequência, conversamos sobre o título de campeão brasileiro infantil em 2008] Não tinha muita expectativa, se ganhar, ganhei, se não ganhei azar, não valia nada pra mim ainda. Então, era muito mais fácil jogar assim.

[Perguntava sobre a passagem da ‘escolinha’ para a ‘pré-equipe’] [...] não tenho muito o ano, desde que comecei a competir eu não parei. Eu competia todos e cada vez se importando um pouco mais e vendo que podia um pouco mais. Em 2008 eu joguei esse brasileiro e com isso eu classifiquei para o primeiro Sul-Americano. Nem sabia que tinha o Sul-Americano. Na época me falaram “ah tu vais jogar o Sul-Americano infantil”, no Chile. No próximo brasileiro eu já sabia que teria que ir bem para classificar para o próximo Sul-Americano e assim vai.

[...] ganhar o brasileiro me mostra que realmente tinha alguma coisa para fazer.

[Pergunto ao Henrique sobre seus colegas de equipe e sobre o grupo que começa com ele nas turmas das escolinhas] Eu sou um ano mais novo e eu comecei um pouco depois e eu era o pior, desde o início eu era muito pior, então eles eram a minha referência. Então, “bah!” quando jogamos o primeiro Sul-Americano no Chile, foram os três e eu, eles ficaram com 2 e 3 e eu em décimo, no ano seguinte os três não estavam e eu fiquei em segundo. Então, “estou jogando o Sul-Americano e estou conseguindo”. Depois que ganhei a primeira vez de um deles, “Pô, o Henrique está jogando melhor”. Um Pan-Americano na Venezuela fiquei em quinto [...] a diferença foi caindo (Entrevista com Henrique, 21.12.2016).

Nos dias em que percebia que Henrique não estava treinando, logo recebia a informação de que havia viajado para participar de alguma competição. Não foram poucas as vezes que eu o via treinando sozinho, fazendo as ‘sequências’ de movimentações que estavam descritas em folhas de papel coladas em alguns pilares da Sala, cronometrando seus intervalos entre um exercício e outro e treinando com o seu florete nos ‘plastrons’ distribuídos pela sala, geralmente acompanhado também de seus fones de ouvido. Além desse envolvimento de Henrique com os treinamentos, encontrava-o atuando como árbitro em competições de categorias abaixo da sua, participando de intervenções da esgrima na escola em que estudou e, no dia da passagem da ‘tocha Olímpica’ pela cidade de Porto Alegre, Henrique também estava no Parque Moinhos de Vento, junto de outros atletas, professores e funcionários do GNU, mobilizando as pessoas a experimentar a esgrima e, na sequência, ajudando a organizar os materiais novamente na Sala D’Armas. Naquele dia, no momento em que observo Henrique entrando na sala carregando uma pilha de floretes de borracha, Ana, espontaneamente, me diz que “o Henrique é guerreiro, não teve um evento do que fui e ele não estava” (DC, 07 de julho de 2016).

A trajetória que Henrique narrou em sua entrevista e os registros que foram me mostrando alguns de seus vínculos que evidenciam um processo construído cotidianamente, no qual deixa de ser possível demarcar o que acontecia ‘dentro’ ou ‘fora’ da Sala D’Armas, o que se referia apenas ao treinamento ‘técnico-tático’ ou a ‘sua personalidade’. Parecia cada vez mais nítido em minhas observações que Henrique estava em ‘circulação’ e nesse movimento também

atuava na construção de suas ‘oportunidades’. Na medida em que Henrique jogava em diferentes pistas, seu pai também parecia ‘jogar’ fora da Sala D’Armas e buscar meios para que o atleta conseguisse participar de competições e ‘estágios’⁵⁵ fora do país.

Em 2010 começa meio que uma virada, no sentido de que ele jogou um Pan-Americano no México, surgiu a oportunidade de ir, foi o primeiro Pan-Americano de infantil. Foi um campeonato muito duro, assim, pra ele porque o jogo eliminatório ele começou e o árbitro não tinha mudado o aparelho, e o aparelho estava para sabre, e ele tomou cinco toques de lado e ele reclamou e acabou que perdeu o jogo de 15 a 13. Foi super duro, tanto pra ele quanto pra mim, eu tinha ido junto. [...] Eu acho que aí é uma transição, assim “pô, começou a ficar sério”. [Procuro estimular essa narrativa que me parecia demarcar um ponto de inflexão na trajetória de Henrique, faço isso perguntando o que se modifica e como isso acontece] Eu cito dois pontos, um é isso e outro quando ele tinha quinze anos que foi a primeira viagem para a Europa, foi quando eu disse: “tá, isso não tem mais volta”, né!? Durante um bom tempo vai ser a vida dele (Entrevista com Lucas, 17.11.2016).

Na entrevista com Henrique ele havia me falado que, nesse processo de participar das competições e se observar em relação aos seus colegas de equipe, ele foi percebendo que ‘tinha alguma coisa para fazer’. Retomo este mesmo ponto na conversa com seu pai, uma pessoa que se colocou nesse ‘lugar’ de planejamento da carreira esportiva do filho. O trecho da entrevista com Lucas mostra que ‘em um determinado momento’, um ponto nodal, houve uma escolha por ‘investir’ na carreira de Henrique e que nesse ‘novo’ planejamento seria preciso garantir meios para que ele pudesse viver a esgrima também fora do Brasil.

[Conversávamos sobre a primeira experiência de Henrique na Europa] Quando surgiu esse negócio de “tem que sair para ver”, “tem que ir” [para fora do Brasil]. Eu fiz faculdade de Administração e uma das coisas que eu acho mais legal é a coisa do ‘notório saber’. Aí eu passei seis meses perguntando pra pessoas: “ah! tem que jogar tal prova, tal prova, tal, prova”, “ah! tem que treinar em tal lugar, tal lugar, tal lugar”. [Pergunto quais eram as provas e quem eram as pessoas] Por exemplo, a Carla, que é a que vende material, “vai jogar [?], vai jogar Terrassa [Barcelona], que era uma Copa do Mundo Juvenil, e vai jogar uns ‘under’ 23 na Europa”; com Antônio se conversou outras coisas [treinadores e lugares para os estágios] e aí se fez uma seleção de provas que tem até um erro estratégico. Assim, eu sempre brinco que talvez a gente tenha chego num melhor planejamento esse ano que vai acontecer agora [...] a temporada 2016/2017. Por quê? Aquele ano ele chegou e jogou o Challenge de Paris, ele era o atleta mais novo da prova, né!? Era assim: “tu vais jogar o Challenge de Paris pra perder”, era conhecer. A gente foi junto até lá para acomodar ele na Itália, onde ele ficou, e quando a gente entrou no ginásio em Paris eu disse: “meu Deus”, sabe!? “O que vai acontecer aqui? Vão matar ele”. Porque era tudo muito grande, muito formal [...] Eram os melhores atletas do

⁵⁵ Aos poucos fui percebendo que a realização de ‘estágios’ de treinamento fora do Brasil era um ponto em comum na trajetórias de alguns atletas do GNU, vivenciados, em sua maioria, em salas de esgrima na Itália e França. Durante o trabalho de campo acompanhei também algumas situações de ‘estágios’ de atletas venezuelanos e argentinos na Sala D’Armas do Clube.

mundo, a prova mais difícil. No outro final de semana, já jogou Barcelona, e ia pra Itália e viajava muito e treinava menos. Então, isso que eu digo, foi um erro, mas ele acabou jogando um monte de provas e criou uma ‘casca’ para a coisa de viajar sozinho e parou em Frascati [Itália], que era um lugar que tinha outros brasileiros (Entrevista com Lucas, 17.11.2016).

O financiamento do Clube para os atletas em determinadas competições estava relacionado à disponibilidade de recursos oferecidos pela CBC, das demandas do departamento da esgrima e dos resultados obtidos por cada esgrimista. Cabe destacar que não era possível ao GNU custear as despesas de Henrique nesse investimento para participar de competições e estágios fora do país e que sua família não possuía recursos suficientes para arcar com o volume do empreendimento que foi sendo construído. Para obter parte dos recursos necessários para a temporada de 2013/2014, Lucas formulou uma proposta de patrocínio que contou com a possibilidade isenção de impostos para empresas que aderissem ao seu projeto, isso pela via do Programa PROESPORTE do município de Porto Alegre, e conseguiu seus ‘apoiadores’.

Em sua proposta, Lucas declarava, logo nas primeiras páginas, que o investimento na carreira de Henrique justificava-se pela sua ‘trajetória ascendente’, informando os resultados obtidos em competições, e pela necessidade de ‘sair do Brasil’. Na página quatro de seu Projeto de Patrocínio (2013/2014), encontro a seguinte colocação: “com a evolução do atleta, torna-se cada vez mais necessário a participação em torneios de maior magnitude, realizados, em sua maioria, no continente europeu. O atleta não tem meios próprios para custear as despesas”.

Por meio de tais mobilizações, Henrique conseguiu obter o apoio financeiro e no ano de 2014 realizou o seu primeiro estágio de treinamento na Itália, durante um período de 65 dias, dentre os meses de janeiro, fevereiro e março, e, nessa mesma ‘oportunidade’ em que esteve na Europa, realizou treinamentos em Paris. Através das propostas de patrocínio que foram sendo elaboradas por Lucas, consigo registrar o descolamento de Henrique no período entre 2007 e 2014, no qual participou de diversas competições e treinou em diferentes salas. Aos 19 anos, idade de Henrique no período em que realizei a pesquisa, ele já tinha passado pela Argentina, Uruguai, Chile, México, Bolívia, Venezuela, Peru, Cuba, Canadá, Croácia, França, Itália, Espanha, Bulgária e China. No Brasil, jogou campeonatos e treinou em Brasília, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro.

Em meio a essa trajetória de ‘deslocamentos’, a qual contou com recursos⁵⁶ vindos de patrocínios, da família, do GNU, do Programa Bolsa Atleta, foi no ano de 2014 que Henrique

⁵⁶ No período em que realizei a pesquisa, de outubro de 2015 a dezembro de 2016, percebia diferentes estratégias da família de Henrique para a obtenção de recursos. Faço referência, principalmente, a uma campanha de financiamento coletivo (crowdfunding) em meio virtual, a venda de camisetas do atleta na loja de roupas de um de seus patrocinadores e uma lista que Lucas chamou de ‘a lista dos mil’, cuja intenção era que mil pessoas

conquistou o décimo lugar em um campeonato mundial e classificou para os Jogos Olímpicos da Juventude em Nanjing (China) – tornando-se, a partir de então, um ‘atleta Olímpico’. Durante a entrevista com Lucas, essa participação de Henrique nos Jogos Olímpicos da Juventude entrou na nossa pauta de conversa e passei a compreendê-la como um elemento ‘potente’ na formação de novas ‘oportunidades’.

[Conversávamos sobre os ‘estágios’ de Henrique fora do Brasil e pergunto a Lucas qual seria o próximo] Livorno, na Itália. [Pergunto sobre como se construiu o contato para esse estágio] Os dois primeiros anos ele foi para Frascati [Itália], que é uma sala perto de Roma, que é uma sala muito grande, muito famosa, e que [...] em 2014 pra 15 se passou a ter uma percepção que eles passaram a dificultar muito porque encheu muito a sala, passou a ir muita gente pra lá. É a sala onde treina o Guilherme Toldo, é a sala onde treina o campeão Olímpico, o Garozzo [o italiano Daniele Garozzo]. Então, em 2014, foi o ano mais difícil assim, acabou que eles jogavam muito entre eles, entre os brasileiros e argentinos. Aí “pô, jogar com o Augusto, que é um argentino [...], não precisa ir”. Aí ele voltou de lá e disse: “bah, eu queria tentar Livorno”, “tá, mas o que tem em Livorno?”, [Henrique responde] “Ah! É onde treina o Baldini”. Aí o que aconteceu, e-mail, descobrimos o e-mail do treinador de lá, chama Paolo Paoletti [...] aí aconteceu que o Henrique tinha ido para os jogos Olímpicos e isso abre uma porta muito grande, aí eu entrei em contato [...] “tudo bem [pode ir]? Tudo bem, venham”. E ele se acertou muito [...] já vai ser o terceiro ano lá (Entrevista com Lucas, 17.11.2016).

Com esses excertos em que venho construindo uma narrativa sobre a trajetória de Henrique, fui tentando colocar que nessa formulação de um ‘planejamento’ foi preciso associar diferentes aliados. Dentre eles, estão os campeonatos que ‘pontuavam’ no ranking nacional e internacional e que foram indicados por determinadas pessoas, o deslocamento por diferentes países, a referência a atletas, competições, medalhas, classificações, notícias em canais de comunicação para associar o interesse de patrocinadores, técnicas, táticas e, como um ponto forte, uma classificação para uma competição Olímpica, mesmo que ela aconteça nas categorias de base. Nessa trajetória de Henrique, as ‘oportunidades’ que foram sendo produzidas tornaram-se possíveis pelo número de conexões que se conseguiu estabelecer e, para mantê-las, além de sustentar o que já foi construído, era preciso materializar expectativas de ‘futuro’.

Uma das situações vivenciadas em campo que me provocou a considerar que a trajetória de Henrique vinha sendo produzida cotidianamente e, nesse percurso, encontrava alguns momentos de tensão que, inclusive, colocavam ‘em risco’ a sua definição enquanto uma ‘promessa da esgrima’. Anteriormente, eu fiz referência a uma fala de Lucas que indicava que

doassem a quantia de R\$55,00. Como forma de prestação de contas, por diversas vezes, acompanhei postagens de Lucas em sua página no Facebook, nas quais eram relatadas as despesas que foram custeadas por meio de patrocínios e financiamentos coletivos.

o ano de 2016 havia sido ‘ruim’ para Henrique, no qual os resultados não estavam ‘dentro do que era esperado’ e, em uma determinada competição estadual, o vi perder para Thomas, um menino que Lucas o descreveu como um “talento na esgrima” (DC, 21 de outubro de 2016). Nesse mesmo ano, acompanhei uma reportagem da Zero Hora, emissora local filiada à Rede Globo, sobre a ‘Geração 2016’. Essa matéria do jornal teve seu início em 2009, ano em que Thomas foi o campeão gaúcho, vice-campeão brasileiro e sul-americano no florete e, por tais colocações, tornou-se uma ‘promessa’ do GNU para os Jogos do Rio de Janeiro e um atleta a ser seguido no período entre essas duas publicações.

Apesar de tais colocações sobre Thomas, durante a pesquisa registrei períodos em que ele não estava nos treinos, não era incomum perceber era o ‘último’ a entrar em pista, algumas vezes o encontrei no Clube, mas não o via na sala. Porém, o atleta me surpreende ao chegar ao vice-campeonato e derrotar durante o dia atletas que vinham treinando constantemente.

[Campeonato estadual adulto] Logo que saiu o resultado da ‘poule do masculino’⁵⁷, quase todos atletas se deslocaram para ver os seus resultados, os quais estava numa folha de papel colocada no lado de fora da sala dos professores. Ao olhar a classificação, Henrique diz que era um ‘quadro esquizofrênico’. Quando me desloco para olhar a classificação, encontro Thomas como o primeiro lugar, isso significava que ele jogaria contra o último classificado em seu primeiro jogo de eliminatórias. Para a minha surpresa, e talvez de algumas pessoas na sala, era algo inesperado encontrar Thomas nessas primeiras colocações e, além disso, ele venceu João Souza [‘atleta Olímpico’] nas quartas de final desse mesmo campeonato. Ao término desse jogo, Thomas vibra com entusiasmo, assim com o faz em cada ponto durante os combates, e João sai da pista para sentar-se sobre algumas caixas que estavam em um dos cantos da sala e, por ali, permanece durante um bom tempo. Depois de conversar com Antônio, João se despede e vai embora antes mesmo de finalizar a competição. No jogo seguinte de Thomas, em uma das semi finais, ele enfrenta Henrique e novamente saí vencedor. A reação dos dois atletas foi muito parecida com a do jogo anterior: Thomas vibra e Henrique sai da pista, beija seu pai e permanece um longo tempo sentado sozinho dentro do vestiário. Durante uma conversa que tive com Ana pergunto se foi uma surpresa o resultado de tais partidas e ela responde que “ele vinha treinando menos que o Henrique”. Cabe acrescentar que, 15 minutos antes de iniciar a competição, via Thomas andando de forma descontraída pela sala de ‘óculos escuros’, cumprimentando todos que entravam, enquanto os outros atletas já estava em processo de aquecimento e preparação para os jogos (DC, 28 de abril de 2016).

⁵⁷ As competições estaduais aconteciam em duas etapas: a primeira era chamada de ‘classificatória’, na qual os atletas seriam divididos em ‘poules’ (chaves) de cinco a, no máximo, sete esgrimistas, nessa fase os atletas jogariam entre eles combates finalizados em 5 pontos ou três minutos; após essa etapa, era montado um quadro de eliminação direta em um software chamado ‘En Garde’, específico para a formação de competições da esgrima, onde o primeiro colocado geral entre todas as ‘poules’ jogaria com o último classificado, o segundo com o penúltimo e assim sucessivamente, cabe coloca que nessa segunda fase os combates eram finalizados em quinze pontos ou nove minutos divididos em 3 períodos de 3 minutos, com um minuto de pausa ente dois períodos.

Embora Thomas não tenha ficado com o primeiro lugar naquele campeonato, ele conseguiu vencer dois atletas que vinham se mantendo como destaque: João ainda tentava a sua classificação para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro e Henrique era colocado como um dos melhores atletas juvenis do GNU, uma de suas ‘promessas’. Com isso, não estou ‘reafirmando’ o ‘talento’ de Thomas, mas ressalto que a derrota provoca uma quebra, isto é, impede a formação de novos vínculos e, na tentativa de produzir explicações, o ‘talento’ aparece, mais uma vez, como um recurso capaz de mobilizar e, mesmo sem o treinamento, manter um dos atletas. Essa ‘atuação’ esteve presente em uma das conversas que tive com Otávio que, dentre as poucas vezes que ele fez uma referência explícita à ideia de talento, afirmou que quando o número de esgrimistas era menor, seria possível se manter jogando sem intensificar o treinamento. Em suas palavras, ele coloca que: “antes, com talento, até poderia se manter, mas hoje não é assim, com mais gente competindo o cara tem que se esforçar, quem treina certinho vai” e que os resultado para o “cara que não treina acontece uma vez lá que outra” (DC, 02 de setembro de 2016).

Aquele resultado de Thomas provocou certa ruptura no que vinha se mantendo na Sala D’Armas, pois não era ‘esperado’ que um atleta que vinha dedicando-se ‘menos’ que os outros, poderia desclassificar atletas que se mantinham em maior estabilidade. Se, em algum momento, Thomas foi definido como ‘talento’, essa demarcação, para mim, parecia deixar apenas alguns resquícios sobre uma trajetória e logo saía da pauta. Nesse mesmo coletivo, a rede de aliados formada no decorrer da trajetória de Henrique foi produzindo diferentes oportunidades que se mantinham fortes o suficiente ao ponto de oferecer a possibilidade de identificá-lo como um talento da esgrima, como estava na declaração de Alexander Choupenitch e nas ‘notícias do Clube’, apesar de entrar em tensão ao não associar determinadas medalhas. Cabe ressaltar, ainda, que essa declaração somou-se aos resultados obtidos no ano de 2017, no qual Henrique sagrou-se campeão brasileiro e, nesse sentido, vinha sendo se mantendo como o ‘melhor juvenil’.

No início desse eixo de discussões fiz referência a dois debates que me mobilizaram na formulação de um relato sobre a trajetória de Henrique. O primeiro refere-se a uma ideia de ‘maturação biológica’, sendo essa uma ‘noção’ que percebo transpassar as definições de talento produzidas dentre coletivos acadêmicos vinculados à Educação Física e que também foi acionada como um ponto de ‘tensão’ na definição do ‘talento’ para quem trabalhava, diariamente, com a formação de atletas de alto rendimento.

Sob essas discussões, o caso de Henrique seria facilmente ‘enquadrado’ nessa perspectiva ‘maturacional’ e, por meio de tais ‘lentes’, talvez não gerasse um estranhamento dizer que ele foi ‘amadurecendo’ na medida em que seu corpo e suas capacidades foram se desenvolvendo através de todas essas oportunidades que ‘apareceram’ em seu caminho. No entanto, considerar essa ‘classificação’ se tornaria o mesmo que ‘apagar’, mais uma vez, um processo engenhoso de produção de todas essas oportunidades, as quais passam, por exemplo, tanto pela formação de uma nova sala, por um aumento no número de alunos, por equipamentos, pela mediação do seu pai, pelo manejo de Antônio com o ‘modelo seletivo’, pela aprendizagem técnica, pela maturação corporal, pelo desenvolvimento de habilidades físicas específicas para a esgrima, pelas medalhas e tantos outros elementos que fizeram com que Henrique passasse a ser identificado como um ‘talento’, uma ‘promessa da esgrima’.

Nesse sentido, passo a considerar que Henrique não é um talento porque é ‘alto’, ‘rápido’ e tem uma ‘boa sensação de toque’, mas porque reúne todos esses elementos que venho colocando no decorrer desse eixo de discussões, os quais mantém conectados e ‘em movimento’ na construção de ‘novas’ conexões. O que as delimitações de ‘alto’, ‘rápido’, ‘sensível’ e, porque não, ‘maturado’ fazem é encerrar o debate no domínio da natureza, indicando que o trabalho já foi feito. Desse ponto em diante, para questionar Henrique como um talento será preciso olhar para o processo, procurar as raízes, as mediações e tentar abrir novamente a ‘caixa’.

Um dos trabalhos que trouxe à tona esse debate sobre a ‘natureza’ no processo de formação relacionado ao esporte foi a pesquisa de Wacquant (2002), na esteira de debates de Pierre Bourdieu, especialmente no que se refere ao *habitus* pugilístico. Nessa etnografia, cuja proposta inicial era estudar as estratégias sociais de jovens de um bairro periférico da cidade de Chicago, utilizando o ‘gym’ e o boxe como caminho de acesso, Wacquant (2002) desliza, em parte, a centralidade de seu objeto e passa a olhar para o processo de tornar-se boxeador, vivenciado por ele, ao longo de três anos matriculado em uma academia de boxe local.

Através de um processo em que busca “dissecar o mundo do pugilismo”, Wacquant (2002, p. 25) deparou-se com uma definição nativa sobre uma perspectiva de ‘dom do boxeador’, algo que indicaria uma concepção inata, isto é, considerava-se naquela academia que ‘se nasce um boxeador’. Para dar conta dessa representação que pertencia ao ‘gym’, o autor acabou colocando tais representações nativas sob uma perspectiva teórica e passou a considerar que “o que os boxeadores tomam como uma qualidade da natureza [...] é, na verdade, essa natureza particular que resulta do longo processo de inculcar o *habitus* pugilístico” (WACQUANT, 2002, p. 119). Na página seguinte, complementa que o “boxeador natural [...]

designa essa natureza cultivada, cuja gênese social tornou-se invisível para aqueles que a percebem por meio das categorias mentais que são o produto dela” (WACQUANT, 2002, p. 120).

Se, por um lado, essa análise de Wacquant (2002) me ensinou a considerar os inúmeros detalhes de um longo ‘processo de formação’ de um boxeador, por outro, passei a considerar que tomá-la como referência interpretativa acabava purificando a análise do ‘dom’ no domínio da sociedade. No primeiro ponto problematizado neste eixo de discussões, fui buscando me deslocar de uma purificação do talento sob o domínio da natureza e o que estava sendo apresentado por Wacquant (2002) conduzia-me ao outro extremo. Nesse sentido, considerar o ‘dom’ como ‘natureza cultivada e particular’ seria me descolar, de forma linear, para o ‘lado oposto’ de uma perspectiva dicotômica, o domínio da cultura, e compreender que se tornar um ‘boxeador’ era incorporar ‘capitais’ que mobilizavam as relações no ‘gym’ e recorrer à natureza seria ‘somente’ uma ‘forma nativa de explicar’, essa que acabava por tornar invisível o processo social que estava imbuído nessa aprendizagem.

Ao me aproximar de um quadro interpretativo ‘não-moderno’, passei a olhar para tais ‘extremos’ não como um ponto de partida, mas como produto de um trabalho intenso de purificação em determinado coletivo. Foi por meio dessa perspectiva que a “casca” que Henrique “criou”, a qual seu pai enuncia durante a entrevista, foi sendo produzida em sua trajetória. Se eu tentar aproximá-la da natureza, dizendo que o ‘treinamento’ realizado nas melhores salas de esgrima da Europa o preparou fisicamente para os jogos, ou, por outro lado, da cultura, colocando as relações sociais como destaque nesse processo, mais híbrida essa ‘casca’ se tornaria, pois eu precisaria de um maior número de aliados vinculados a cada um desses ‘lados’ para sustentar uma determinada argumentação – é o próprio ‘esforço’ de purificação que demonstra a ‘impureza’. No momento em que Henrique perde uma competição local dentro de um ‘ano ruim’ algo entra em tensão e para que ele se mantenha como uma das ‘futuras estrelas da esgrima do Brasil’ será preciso, novamente, um investimento para manter diferentes elementos associados, uma ‘limpeza’ nos arranjos e a evidência de argumentos ‘naturalizantes’ que o estabilizem como ‘promessa’.

Uma crítica ao trabalho de Wacquant (2002) foi desenvolvida em um debate sobre a interpretação da noção de ‘dom’ que está fortemente imbricada à pesquisa de Damo (2007). Para o autor, a análise de Wacquant (2002) acaba por deslocar as interpretações nativas e colocá-las, quase que à força, sob um quadro interpretativo pré-estabelecido. No debate proposto, Damo (2007, p. 192) coloca que Wacquant (2002) “usa o *habitus* para explicar a crença nativa no dom, como se pretendesse salvá-los do que ele constata ser um equívoco de

suas percepções acerca de si mesmos”. Esse debate emerge de uma etnografia em que Damo (2007) se debruça sobre o processo de formação de jogadores profissionais de futebol, no qual a noção de ‘dom’ se mostra uma questão central e que atravessa a trajetória desses meninos em diferentes momentos. A pesquisa de Damo (2007) e, principalmente, a perspectiva do ‘dom’ como ponto de partida para a formação de ‘oportunidades’ em uma ‘carreira esportiva’ foi o segundo ponto que mobilizou a construção deste eixo de discussões que envolveram a trajetória de Henrique.

Cabe colocar que considero o trabalho de Damo (2007) como um elemento que também me mobilizou por entre os ‘rastros’ que vinha buscando acompanhar sobre a noção de talento, isto é, parte das interpretações que faço neste relato são produzidas em diálogo com suas análises. Nesse processo ao qual o autor se dedica, definido por ele como “uma tecnologia”, que busca converter meninos com um ‘reconhecido’ talento em profissionais capazes de ‘performar’ o futebol a um determinado público, Damo (2007, p. 22) mostra uma perspicaz e minuciosa diferenciação entre a noção de ‘dom’ como sinônimo de ‘talento’ e de ‘dom’ como sinônimo de ‘dádiva’. Como um dos caminhos escolhidos pelo autor para demarcar diferenças significativas no campo, a lógica de oposição construída entre o caso de Ronaldinho Gaúcho e Zinedine Zidane exemplifica, sem gerar tensões, a diferença entre um ‘dom’ concebido como uma ‘dádiva’, como no caso do primeiro jogador, e um ‘dom’ marcado pela perspectiva de ‘talento’, fortemente relacionado ao segundo.

Por meio de algumas considerações sobre Zidane e dentre a análise de diferentes situações de meninos do início de suas carreiras, Damo (2007) vai colocando que quando a noção de ‘dom’ pode ser substituída pelo termo ‘talento’ seus significados acionam uma perspectiva secularizada para a própria definição e se engendra ao conceito de ‘capital futebolístico’, uma definição que está esteira de debates do Pierre Bourdieu. Nesse sentido, a noção de ‘talento’ era encontrada entre as acepções de agentes com menores influências religiosas, como, por exemplo, formadores, mediadores especializados e dirigentes, envolvendo uma condição nata e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de sua manipulação.

Uma das análises que quero ressaltar está na inserção do ‘talento’ em meio a uma perspectiva de ‘capital futebolístico’ e não ‘ele mesmo’ como um ‘recurso’, ou seja, o ‘talento’ estaria inserido em um espectro ampliado de mobilização de capitais. Com essa demarcação, Damo (2007) abre a possibilidade de olhar para a manipulação do ‘dom’ e o retira da rigidez dos aspectos biológicos como os únicos determinantes para o sucesso do atleta, mas sem dirimir as representações nativas. Nesse sentido, o reconhecimento do talento por ‘agentes autorizados’, os vínculos com empresários e a movimentação no campo profissional requeria a

posse e o ‘uso’ também de ‘outros capitais’. Cabe considerar, ainda, que “capital futebolístico é um termo forjado para dar conta de uma margem de manobra existente entre a oferta de talento e a demanda do mercado de formação e atuação profissional” (DAMO, 2007, p. 114-115).

Embora a diferença entre ‘talento’ e ‘dádiva’ pareça sutil, um segundo espectro de análise sobre o ‘dom’ fez parte das discussões da pesquisa de Damo (2007) por meio de uma perspectiva da ‘reciprocidade’. Nesse debate, o autor recorreu ao diálogo com Marcel Mauss⁵⁸ e Claude Lévi-Strauss para colocar o ‘dom’ em relação a ideia de ‘dádiva’, algo que ficou evidente com o caso de Ronaldinho Gaúcho. Ao trazer para o debate uma entrevista do jogador, Damo (2007) ressalta que Ronaldinho ‘acredita’ que é um ‘predestinado’, que possui um ‘dom’ e isso implicaria em uma redistribuição dessa ‘dádiva recebida’, como o jogador o faz, por exemplo, ao divertir o público e/ou ‘ajudar’ aos que estão ao seu redor. Nesse sentido, Damo (2007, p. 192-193) passa a colocar que esse ‘dom’ depende de uma relação com o público, isto é, o “dom só existe quando há um público o reconhece como tal”, além disso, a noção de ‘dom’ como uma ‘dádiva’ “não sugere substância, mas relação, troca, circulação” e é na distribuição que ele se manifesta.

Uma das hipóteses colocadas pelo autor que é “a força do dom reside na crença dos grupos que o reconhecem e o manipulam. Quer dizer, são as configurações sociais que geram o dom as responsáveis por orientar a sua manipulação, e a manipulação de seus subprodutos” (DAMO, 2007, p. 225). Em meio a esse processo os “futebolistas são fabricados, e o são conforme as demandas do espetáculo” (DAMO, 2007, p. 117-118). Nesse processo de análise desenvolvido pelo autor, noção de ‘dom’, seja ele enquanto ‘talento’ ou como ‘dádiva’, vai sendo absorvida dentro de um quadro interpretativo que o produz em termos simbólicos. Nesse sentido, aprendo sobre a ‘produção’ de jogadores de futebol, a qual vai sendo construída por meio de diferentes movimentações e o ‘dom’ torna-se uma ‘caixa-preta’ nesse processo, sendo possível ver o que nela entra (significados) e o que dela sai (mobilizações), encerrada em elementos simbólicos.

⁵⁸ Como informação complementar, cabe colocar que o debate conduzido por Damo (2007) recorre a uma concepção de ‘significante flutuante’ para a análise da noção de ‘dom’ como sinônimo de ‘dádiva’. Essa noção foi colocada em debate por Claude Lévi-Strauss na ‘Introdução’ do livro Sociologia e Antropologia de Marcel Mauss (2015). O ideia de “significante flutuante” corresponde a ‘algo’ concebido como de “valor simbólico zero, isto é, um signo que marca a necessidade de um conteúdo simbólico suplementar” (LÉVI-STRAUSS, 2015, p.43). Por meio dessa definição, Damo (2007, p.199) coloca que “o dom é precisamente isso: “nada de mais”, “o instinto”, uma “dádiva divina” e, agregando-se outros termos do meio futebolístico, dom é “aquele algo mais”, “o que não se pode explicar”, “aquilo que você sabe quando o sujeito tem, mas não sabe o que é”, entre outras. Enfim, dom é, fundamentalmente, um termo que preenche um espaço que deveria ser ocupado por outro termo que não está disponível. O dom bem pode ser um curinga, razão pela qual seu significado permanece oculto, conquanto seu valor seja sempre positivo. Só o contexto dirá, efetivamente, o que está em jogo quando o termo dom é usado”.

O que me dispus a fazer foi dar ‘um passo para trás’ na pesquisa no GNU e compreender uma trajetória que, ao contrário da ubiquidade da noção de dom/talento/dádiva que se encontra tão presente no futebol⁵⁹, eu estava diante de ‘carreiras esportivas’ que me pareciam distantes dessa demarcação com ‘ponto de partida’. Assim, foi importante buscar uma inversão dessa perspectiva e compreender como Henrique foi sendo produzido como atleta, por meio da constituição de ‘oportunidades’ e, nesse mesmo percurso, sendo produzido também como um talento. A partir dessa interpretação, escolhi segui-lo buscando um caminho de ‘relativizar’, o tanto que me foi possível, demarcações no âmbito da cultura e de sua ‘rede de significados’⁶⁰.

Nessa perspectiva de análises simbólicas, ainda cabe considerar que as ‘representações identitárias’ relacionadas ao futebol, embora não estejam relacionadas de forma explícita por profissionais ligados ao processo de detecção e seleção de talentos, conforme nos mostra os trabalhos de Paoli (2007) e Paoli *et al.* (2010), evidenciam-se como demarcações significativas para um mercado de jogadores de futebol quando as relações comerciais são construídas com outros países. Esses trabalhos ajudam a pensar que representações como ‘futebol arte’ e ‘jogar à brasileira’ atuam na abertura de um mercado que comercializa tais jogadores sem muitas intervenções do Estado. No entanto, ao olhar para esses trabalhos por meio de uma perspectiva ‘não-moderna’, torna-se possível considerar que essas mesmas representações identitárias conformam padrões de medida no domínio da cultura tanto quanto os ‘protocolos de detecção’ o fazem no âmbito da natureza e, nesse sentido, ambos produzem e estabilizam uma noção de ‘talento’ dentre seus coletivos – neste último caso fechada o suficiente para atuar na consolidação de um mercado de jogadores de futebol.

Uma perspectiva que buscou olhar para a formação de jogadores de futebol tensionando as dualidades entre cultura e natureza, foi colocada por Enrico Spaggiari (2016) em uma detalhada etnografia sobre as dinâmicas, práticas e relações que constituem um processo de produção de jogadores de futebol na várzea paulistana, principalmente na Zona Leste na cidade. Spaggiari (2016) recorre a esteira de debates de Tim Ingold (2000; 2010)⁶¹ para abordar um processo de habilitação (*‘enskilment’*) que acontece no engajamento dos sujeitos com o mundo

⁵⁹ Nesse âmbito das análises simbólicas sobre o ‘dom/talento/dádiva’ no futebol, além dos trabalhos de Paoli (2007), Paoli *et al.* (2010), Damo (2007) e Spaggiari (2016) que trago a debate nesse eixo de discussões, o trabalho de Palmiéri (2009) toma o talento como eixo central desse processo de comercialização de jogadores de futebol em âmbito profissional sob uma perspectiva antropológica.

⁶⁰ Refiro-me no uso dessa expressão ao conceito de cultura debatido por Geertz (1989).

⁶¹ Faço referência a alguns trabalhos de Tim Ingold (2000;2010) com os quais tive contato durante o processo de doutoramento e que se mostraram um caminho profícuo para análise do ‘movimento’ e dos ‘processos de aprendizagem’ para além de uma dualidade entre natureza e cultura. Autores como, por exemplo, José Alfredo Oliveira Debortoli e Carlos Emanuel Sautchuk (2014) vem se debruçando sobre tal perspectiva teórica como ‘caminho para pensar’ objetos pertinentes à Educação Física.

em que vivem, “um mundo habitado que se constitui continuamente e não pode ser entendido como uma natureza apriorística ou somente como uma construção cultural” (SPAGGIARI, 2016, p. 239-240).

Por meio dessa perspectiva, Spaggiari (2016) passa a olhar para o processo de ‘aprender a jogar bola’ como um ‘percurso’ pautado por um conjunto de relações entre atores e o contexto varzeano do bairro e da cidade. Nessa ‘habilitação’ observada pelo autor, “revela-se um ‘dom’ construído, para além da dicotomia, inato e adquirido, em dinâmicas relacionais de constituição de conhecimento pela construção de habilidades” (SPAGGIARI, 2016, p. 239). Cabe considerar que tais ‘habilidades’ não significam um domínio de técnicas corporais, mas um campo contínuo de relações construídas entre o sujeito, os instrumentos e o ambiente. Ainda segundo o autor, seria a partir de um processo de participação e envolvimento no futebol que viabilizaria um processo de ‘educação da atenção’, outro conceito colocado por Tim Ingold, que permitiria a esses mesmo jovens jogadores circular no ambiente varzeano. Em um de suas análises, o autor nos mostra que

[...] os jovens colocam o sistema perceptivo em sintonia com os aspectos ambientais e percorrem caminhos próprios, mesmo quando reproduzem e copiam professores e alunos veteranos, estes também responsáveis por orientar os jovens futebolistas, pois o processo de habilitação e educação da atenção ocorre de forma coletiva, com a atuação de diversos atores como orientadores de uma **participação na prática**: professores, dirigentes, varzeanos, familiares etc. É por meio dessas técnicas e relações acionadas em certos ambientes que os jovens ganham experiência para **desenvolver modalidades de atenção frente às condições e situações impostas pelo entorno** (SPAGGIARI, 2016, p. 241, grifos meus).

Um dos pontos que quero destacar se refere a uma noção de ‘participação na prática’ evidenciado no trabalho de Spaggiari (2016). Essa questão oferece um caminho profícuo para uma análise que considera esses jogadores de futebol como construtores de seu próprio processo de formação e coloca, neste caso, a aprendizagem ‘em movimento’ e mobilizada por uma série de questões evidenciam a complexidade do que o autor chamou de ‘universo do futebol’ da várzea paulista. No caso de Henrique, assim como passei a acompanhar a sua atuação na construção de sua própria trajetória, passei a olhar também para o ‘talento’ como um ‘ator’, isto é, como um mediador capaz de mobilizar associações e isso só foi possível porque fui buscando acompanhá-lo ‘na prática’.

Um segundo ponto que significativo ao debate que venho propondo sobre o talento, refere-se a uma relativização das ‘situações impostas pelo entorno’. Ao me aproximar da perspectiva de Bruno Latour, passei a buscar uma problematização sobre essa perspectiva do ‘entorno’, seja ele como sinônimo de ‘ambiente’, ‘contexto’ ou ‘fora da pista de jogo’, e

considerar que os arranjos que são estabelecidos por diferentes atores permitem produzir uma diluição dessa própria demarcação. Assim, passo a compreender que a trajetória de Henrique e a sua produção como talento ‘a posteriori’ não acontece ‘dentro’ e ‘fora’, mas como algo processual em que, por exemplo, a ‘nova Sala’ se mistura à proposta de patrocínio, sua altura se confunde com os ‘brasões’, a atuação de seu pai se engendra a ‘medalha’ no campeonato brasileiro. São tais atuações que coproduzem uma noção de ‘talento esportivo’, portanto estou a considerando como um híbrido que passa a ‘agir’ na medida em que vai sendo purificado em determinados argumentos e esses, por sua vez, acionam determinados elementos da natureza na particularidade dos seus coletivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A PRODUÇÃO DO TALENTO DENTRE COLETIVOS

O processo desta pesquisa, cujos resultados, em parte, estão descritos nas páginas anteriores, começou antes da própria transformação do talento em ‘objeto’ central desta tese. O caminho inicial, aquele que geralmente é sinuoso e impreciso, esteve marcado por uma iniciativa, estabelecida *a priori*, de questionar uma dualidade entre natureza e cultura.

Naquele momento inicial, dois pontos me ajudavam a conformar certa ‘materialidade’ a essa questão e ofereciam-me condições de colocar em tensão categorias produzidas a partir de uma análise simbólica. Um desses pontos estava ligado aos resquícios deixados pelas análises de uma experiência etnográfica anterior, na qual convivi com um grupo de mulheres que formavam uma equipe de voleibol máster e ‘investiam’, de diferentes formas, em um tempo-espço reconhecido como ‘de lazer’. Naquela pesquisa, a ideia de ‘ter nível’ – um ‘saber fazer’ específico e que demandava uma ‘experiência técnica’ – foi interpretado por mim como um elemento simbólico que estava em negociação quando o assunto era o pertencimento àquele grupo (PACHECO, 2012). No entanto, essa questão deixou alguns resíduos, especialmente sobre a formação de determinadas ‘habilidades’ e ‘técnicas’, algo que poderia ser, sem dúvidas, analisado por uma via crítica, mostrando a relação entre uma estrutura pautada pela lógica do trabalho que invadia, inclusive, o espaço e tempo de lazer de mulheres com idades entre os 32 e 65 anos. Vincular-me a essa perspectiva me parecia colocar, novamente, práticas cotidianas em interpretações já estabilizadas nos debates sobre o esporte e o lazer. Assim, passei a procurar novas pistas para pensar o esporte em suas exigências e, nesse percurso, decidi que olharia para o alto rendimento.

Em meio a esse processo, do qual emanavam ‘outras’ interpretações, fui me aproximando, quase como um flerte, de alguns trabalhos de Tim Ingold (2000; 2008; 2010). Naquele momento, a abordagem de Ingold foi um dos caminhos que encontrei para olhar para a noção de ‘habilidade’ como um processo em que, nesse percurso de ‘habilitação’, a divisão entre natureza e cultura parecia deixar de fazer sentido.

Influenciada por tais perspectivas e problematizações, a pesquisa etnográfica de Thomazini, Moraes e Almeida (2008), realizada em três academias de lutas, localizadas na cidade de Vitória/ES, além de somar-se aos trabalhos na esteira de debates de Wacquant (2002), mostrava uma noção de ‘casca grossa’. Na interpretação dos autores, ser um ‘casca grossa’

remetia a determinado código de conduta (moral), a um domínio técnico, ao ‘controle de si’ e a um processo de ‘racionalização da dor’. Em minha análise sobre o material empírico produzido pelos autores, a ‘figura do casca grossa’ parecia borrar a divisão entre o que era ‘biológico’ e o que era ‘cultural’ naquele percurso que forjava a identidade de um lutador ou uma lutadora de MMA. Dentre as leituras que vinha fazendo, ficava com a seguinte pergunta: a ‘casca’ era o efeito dos analgésicos ingeridos pelos lutadores ou era constituída em um processo de tornar a ‘dor uma fonte de prazer’⁶²?

Uma das possibilidades de encontrar pistas para responder a essa questão seria acompanhar o dia a dia desses lutadores e ‘rastrear’ a produção dessa ‘casca’ na prática de determinado coletivo, mas colocá-la, de antemão, no domínio da cultura ou, por outro lado, como efeito dos analgésicos seria como ‘retornar à estaca zero’. Uma vez aberta a possibilidade de pensar a ‘natureza’ e a ‘cultura’ como categorias produzidas e endereçadas ao ordenamento de ‘nossa forma de pensar’, a análise de determinados objetos de pesquisa e ‘expressões’, como a do ‘casca grossa’, por exemplo, poderiam ganhavam ‘outras’ interpretações.

Naquele momento inicial, o debate sobre a polarização entre ‘natureza e cultura’ estava inserido dentre a pauta de leituras do GESEF e foram essas discussões coletivas que ampliaram minhas possibilidades de análise sobre o esporte, especialmente pela via dos trabalhos de Bruno Latour. Somada a essa situação, fui mobilizada por meu orientador a olhar para o tema referente ao ‘talento esportivo’, um objeto que vem fazendo parte da história da Educação Física, que me parecia estar inserido no que considerava uma ‘intersecção’ de uma perspectiva dualista.

Essa análise retrospectiva que venho descrevendo me ajuda a mostrar um percurso repleto de ‘impurezas’, de escolhas anteriores a própria inserção ‘em campo’ e as mobilizações que fizeram parte da produção inicial de um ‘objeto’ que eu ‘seguiria’ durante uma nova experiência etnográfica. Além disso, com esse relato, quero chamar a atenção para um percurso no qual as ‘oportunidades’ também foram sendo produzidas por algumas mediações e estas, por sua vez, levaram a uma escolha teórica que me ajudou a dar o passo seguinte: retirar o talento da ‘natureza’ e do ‘contexto’ para colocá-lo ‘em ação’.

Se o esporte tornou-se um aliado da Educação Física, especialmente a partir da década de 70, passo a compreender que nesse mesmo percurso o ‘talento esportivo’ também foi ‘convocado para o jogo’ como um ‘potente’ aliado para o desenvolvimento da área e suas diferentes possibilidades de intervenções, inclusive dentre as pesquisas. Essa foi uma primeira pista que mostrou que eu estava diante de um objeto ‘caro’ à Educação Física e que a iniciativa

⁶² Ao utilizar essa análise estou me referindo aos debates colocados pelo trabalho Vaz (1999) e Gonçalves e Vaz (2012).

de compreender como a noção de talento tornou-se um ‘elemento’ em diversos âmbitos em que o esporte adentra, demandaria reabrir caixas encerradas há algum tempo.

Nesse sentido, passei a analisar as trajetórias de formação dos primeiros laboratórios de pesquisa, as mobilizações do Estado durante esse período em que o esporte ‘ganhava força’ na década de 70, procurei trajetórias de pessoas, projetos e ações que foram colocando e mantendo o talento ‘em pauta’. Nesse processo inicial fui percebendo que a ‘noção de talento’ atravessava diferentes vínculos e, mais do que isso, era capaz de colocar outros elementos ‘em ação’ e estabelecer conexões. Dessa forma, criei possibilidades de lapidar o olhar com o qual analisava o ‘talento’ e passei a ‘seguir-lo’ como um ‘ator’ na medida em que percebia que ele ‘fazia fazer’. A partir de então, o ‘talento’ estava ‘em movimento’ e meu principal objetivo com essa pesquisa foi ‘relatar’ suas redes de produção.

Logo nos primeiros ‘rastros’ fui descobrindo que havia alguns elementos que eram conectados por meio de mobilizações da ‘noção de talento’ – isto é, quando ele era acionado alguns vínculos ‘se formavam’, mas outros também se ‘perdiam’. Dentre essas primeiras análises – enquanto ainda procurava abrir a caixa rastreando as inúmeras possibilidades de conexões – fui percebendo que o projeto ‘Brasil Grande Potência’, embora mudasse de ‘layout’ de tempos em tempos, permanecia em pauta e se conectava à noção de talento, principalmente com a proximidade de cada edição dos Jogos Olímpicos. Esse vínculo, materializado em ‘agendas de governo’, mobilizava projetos, pesquisadores, instituições, saberes, escolas, atletas, treinadores, corpos, números e tantos outros elementos que se mantinham conectados e me mostravam que a ‘noção de talento’, mesmo sem encontrar uma ‘definição’, atuava como um mediador nesse processo. Além disso, essa análise me fez perceber que para ‘seguir’ o talento seria preciso romper com uma perspectiva linear de tempo, pois havia elementos que se mantinham como, por exemplo, o quadro de medalhas analisado a cada ciclo Olímpico, mas outros deixavam de produzir conexões, como discursos ufanistas que precisariam ser substituídos por ‘retóricas científicas’ para alimentar um ‘mesmo’ projeto para o esporte nacional.

Além de encontrar o ‘talento’ como um mediador na formação da Educação Física, encontrava trabalhos que afirmando que “[...] as definições de talento esportivo se tornam abstrações teóricas sem sentido prático e portanto sem validade operacional e, por suposto, sem validade científica” (GAYA *et al.*, 2015, p. 413). Em outra perspectiva a pesquisa de Damo (2007, p. 185), ao entrar nos detalhes que diferenciam o ‘dom/talento’ de uma análise sobre o ‘dom’ como ‘dádiva’, colocava que “a rigor, o dom é um termo tão complexo como o amor, a vida, a morte, a inveja, a tristeza, a saudade e outros dos quais os poetas se ocupam, pois à

ciência só consegue tangenciá-los” (DAMO, 2007, p.185). Nesse mesmo percurso de ‘garimpo’ das produções acadêmicas, deparei-me com o trabalho de Felipe *et al.* (2017) analisando um processo de registros de patentes de ‘testes genéticos’ a serem aplicados ao exercício e ao esporte. Dentro de um mesmo texto, os autores reafirmavam a ‘importância’ de tais testes e, do seu registro como produto, para a elaboração de prognósticos relacionados à ‘saúde’ e para a ‘descoberta de talentos’ por meio da análise genética. Além desse debate, um artigo de ‘revisão bibliográfica’ elaborado por Maria Tereza Böhme (2007) relatava uma série de congressos nacionais e internacionais que possuem como eixo central a análise (e a produção) do ‘talento esportivo’.

Ao apresentar esses excertos de diferentes pesquisas, minha intenção não é a de estabelecer comparações entre elas. Se assim o fizesse, eu estaria desconsiderando a relevância de suas bases teóricas na produção de conhecimentos, tão ‘caros’ à Educação Física como a própria noção de talento. O que quero ressaltar ao colocá-los em pauta se refere ao que fui percebendo sobre o próprio objeto que estava me propondo a ‘seguir’, isto é: tinha em minhas mãos um objeto híbrido, polissêmico, multifacetado e, ao mesmo tempo, tão mutável e tão potente na formação de vínculos. Foi por meio dessas análises que passei a ‘operar’ com a seguinte questão: como a ‘noção’ de talento esportivo vem sendo produzida, de que maneira se mantém e o que produz em determinadas práticas?

No entanto, se eu olhar para essa questão de forma isolada, ele me parece tão abrangente quanto o próprio objeto que estava seguindo. Sendo assim, precisei estabelecer caminhos e ‘novos’ recortes para a pesquisa. Um dos recursos que utilizei (ao qual me associei) foi o conceito de ‘coletivo de pensamento’ e de ‘formação de grupos’. Ambos foram me ajudando a identificar que dentre cada coletivo o talento passava a ser produzido de diferentes maneiras, encontrava seus aliados e provocava mobilizações. Assim, elaborei duas linhas pelas quais iria seguir: uma delas estava relacionada às relações entre o Estado e o esporte e a outra se referia ao dia a dia do esporte de alto rendimento vivido no Grêmio Náutico União, especialmente entre a esgrima, a ginástica artística e a natação.

Para acompanhar um dos ‘coletivos’ que fui identificando como próximo das conexões entre esporte e Estado e que, em alguma medida, inseria-se em políticas governamentais, foi preciso, em primeiro lugar, ponderar que esses mesmos vínculos seriam produzidos por uma multiplicidade de ‘agentes’. Nesse sentido, estabeleci ‘novos’ recortes e, nesse processo, elaborei um mapeamento inicial que me permitia olhar para um percurso, de longa data, nas relações entre o esporte e o Estado.

Embora tenha provocado uma retrospectiva acentuada, o que gerou uma dificuldade de acompanhar a multiplicidade de informações e, por vezes, a incompreensão dos detalhes, foi ao buscar as conexões do talento dentre os vínculos entre o esporte e o Estado que fui percebendo que essa noção passou por um processo de ‘flutuação’ em uma longa trajetória – isto é, dependendo dos arranjos estabelecidos, o talento poderia amarrar diferentes fios. Se, em dado momento, o talento era produzido por um discurso ‘patriota’ e, ao mesmo tempo, o alimentava, em outro correspondia a uma expectativa de ‘justiça social’, a qual trazia resíduos de um projeto de nação, e o talento poderia oferecer materialidade a essa ‘intenção de uma política redistributiva’. Ainda nesse mesmo percurso em que seguia a estabilização de um modelo seletivo e o aliciamento do talento dentre a sua base, a retórica científica reanimou a possibilidade de ‘detecção de talentos’ pela via de ‘baterias de testes’, medidas antropométricas, cálculos e análises estatísticas. Nesse sentido, aprendi que o talento era produzido também pela produção de ‘padrões’. Esses, por sua vez, estavam acompanhados de elementos vinculados ‘apenas’ à natureza, produzindo um determinado ‘indivíduo’, alguém que ‘teria tudo para ser campeão’ e ‘orgulhar o país’.

Dentre essas análises passei a identificar que a noção de esporte como um ‘direito social’ resguardava uma controvérsia, quase que a escondia em suas raízes já apagadas por essa longa trajetória, a qual tornou inquestionável a perspectiva de que o esporte ‘é’ um direito de todo cidadão. Colocando-me como parte desse ‘coletivo da Educação Física’, atuo na direção de sustentar esse direito, especialmente por entendê-lo como parte do exercício da cidadania. No entanto, o que quero considerar ao retomar essa discussão está na direção de colocar que a oposição produzida não está entre ‘esporte como direito’ ‘versus’ ‘esporte de alto rendimento’, pois a perspectiva do ‘direito’ está colocada para ambos os lados. Dessa forma, considero que a disputa está na ‘resolução da controvérsia’, ou seja, cada um desses ‘coletivos’ vem traçando seus caminhos, reunindo seus aliados para definir ‘o que significa’ e ‘como’ será possível garantir tal ‘direito social’.

Essa análise que estou propondo parte de uma perspectiva simétrica e vai produzindo uma assimetria na medida em que percebo o coletivo ‘do alto rendimento’ aliciando um maior número de aliados e consolidando suas redes. Nesse processo, o talento vai sendo produzido por meio de duas redes: uma delas o produz pela via de protocolos, testes, números, eventos, livros, ‘centros de excelência’, competições, medalhas, instituições e tantos outros elementos que quando associados o sustentam e, por meio dele, também se estabilizam; a outra, próxima de uma perspectiva crítica, o produz como um ‘produto’ a ser consumido em uma matriz do

esporte espetacularizado e, portanto, como um elemento a ser ‘desvinculado’ quando o assunto é a garantia de um direito.

Se eu fosse escolher a qual dessas duas redes iria me filiar, certamente, atuaria na segunda. No entanto, ao me propor olhar para o talento como um ‘objeto’ de pesquisa e, dentre essa, como um ‘ator’, foi preciso relativizar tal perspectiva, pois ela ‘limitava’ o número de fios que ‘poderiam’ se conectar à noção de ‘talento’. Abro um pequeno parêntese para retomar a frase a que faço referência na epígrafe dessa tese: “quanto mais cordões as marionetes possuem, mais articuladas elas se tornam” (LATOURE, 2012, p. 311). Essa foi uma metáfora utilizada por Latour (2012) para abordar a ‘ação’ dos atores e a produção de vínculos. Por meio da figura do titereiro e ‘sua’ marionete, o autor passa a colocar que esses ‘bonecos’ se tornam cada vez mais articulados na medida em que aumenta o número de fios que os sustentam. Dessa forma, as marionetes ‘ganham vida’ e movimentos inesperados passam a ser possíveis. Cabe considerar que “o titereiro continua manipulando vários cordões, mas cada um de seus dedos dói quando *a marionete* determina o movimento” (LATOURE, 2012, p. 311, grifos do autor).

Essa metáfora me ajudou a olhar para o ‘talento esportivo’ como uma ‘marionete’ e a procurar o maior número de fios possíveis. Nesse sentido, quando maior a minha mobilização para seguir os arranjos que fazem parte da produção do ‘talento’, maior a possibilidade entrar ‘novos’ fios e articular a ‘marionete’ que foi se tornando meu objeto de pesquisa. Considero também que se há um vínculo entre o titereiro e a marionete, há uma conexão entre um ‘agente’ e o ‘talento’. Dependendo do número de fios que a análise produzir, menos a relação será de ‘dominação’, mais articulado e em movimento se consegue colocar o talento.

Uma segunda linha pela qual caminhei me permitia vivenciar práticas cotidianas no Grêmio Náutico União, um clube da cidade de Porto Alegre que “respira esporte” (DC, 05 de setembro de 2016). A trajetória do trabalho de campo foi marcada por inúmeras idas e vindas, nas quais o talento entrava e saía da pauta, por diferentes proximidades, ora estava mais próxima dos treinadores, ora dos atletas, ora dos pais e, por vezes, sentia-me ‘deslocada’ em salas e ginásios em que tinha muito mais a aprender do que a oferecer, pois o alto rendimento, principalmente como o que encontrei no GNU, não fazia parte das minhas práticas.

Se, por um lado, a ‘noção de talento’ parecia estar colocada como ‘determinante’ no esporte na lógica do alto rendimento, por outro, as vivências no GNU me fizeram observar que ‘outras’ relações, vínculos e práticas poderiam indicar diferentes produções sobre a noção de talento esportivo. Nesse sentido, acompanhar a esgrima, um esporte que naquele Clube estava em processo de ampliação no número de participantes, ofereceu-me a possibilidade de ‘seguir’ o talento ‘por dentro’ da ‘pirâmide esportiva’. Assim, passei a acompanhar a trajetória de

Antônio, um treinador que percebia ‘manejando’ esse modelo seletivo e, nesse processo, articulava diferentes interesses, reunia aliados e disseminava a modalidade no GNU por meio de um processo que ‘flutuava’ entre a ‘brincadeira’ e as ‘necessidade de medalhas’.

Na sequência da análise elaborada por meio da trajetória de Antônio, fui descrevendo o que acompanhei dos caminhos trilhados por Henrique, um menino que iniciou na esgrima como tantas outras crianças que se dividiam entre as modalidades oferecidas pelo GNU. Nesse percurso do atleta, aos poucos, vão sendo produzidas ‘oportunidades’ em sua carreira que o levam a ‘condição’ de ‘promessa do Clube’ – algo que inverte a noção de talento como um marco inicial da carreira de um atleta.

Além dessa questão, com os caminhos produzidos por Henrique, fui aprendendo que a ‘maturação biológica’, um elemento tão presente quando o assunto se remete ao ‘talento esportivo’, tornava-se um elemento tão produzido quanto os seus estágios fora do país, quanto os materiais com os quais ele treinava, inclusive aqueles em que realiza ‘sozinho’, quanto as relações que estabelecia com seus colegas, algo que possibilitava uma comparação entre desempenhos e também uma continuidade na modalidade.

Nessa experiência vinculada à esgrima fui percebendo que a ‘noção de talento’ era uma híbrido engendrado pela produção de ‘oportunidades’, pela construção de uma ‘nova Sala’, pela manipulação de modelo seletivo que, por exemplo, permitiu ao Henrique sua continuidade na esgrima, pela técnica adquirida em circulação, pela altura de Henrique aos dezenove anos, por análises táticas, por um pai que planejava a carreira do filho e a materializava em diferentes planilhas, pela trajetória de ‘outros’ atletas que tornaram-se ‘olímpicos’ e mobilizavam a construção dos caminhos de ‘novas gerações’. Ao retomar esse elementos, minha intenção é mostrar que a produção de um talento naquela Sala D’Armas dependia da associação e de manter reunidos todos esses aliados.

Ao apresentar as análises que venho desenvolvendo ao longo do processo dessa pesquisa, busco mostrar que o ‘talento esportivo’ pode ser analisado como um híbrido que vai sendo coproduzido por um conjunto de conexões heterogêneas, particularizadas em determinados coletivos, e que atua na produção de ‘novas’ conexões na medida em que a ‘noção’ passa a ser purificada em argumentos naturalizantes, os quais são capazes de materializar uma expectativa de futuro. Uma vez que, na trajetória de Henrique, ao defini-lo como ‘alto’, ‘rápido’ e com uma ‘boa sensação de toque’ se recorre a elementos da natureza e a definições particulares torna-se possível oferecer alguma materialidade ao seu ‘futuro promissor’. Nas relações entre o esporte e o Estado, ao colocar o talento como um produto dos ‘protocolos de detecção’ e das medidas ‘antropométricas’ são utilizados enunciados potentes

para justificar ações e investimentos financeiros. A partir dessa análise, a qual coloca o talento como um híbrido, no eixo seguinte passo a indicar possibilidades de ‘redes’ que fizeram parte da elaboração das análises que venho apresentando, mas que, neste momento, as apresentarei como possibilidades de continuidade para a pesquisa.

MANTENDO A CAIXA ABERTA: A PRODUÇÃO DO TALENTO EM ‘OUTRAS’ PRÁTICAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Nestas últimas páginas me debruçarei sobre ‘insights’ que emergiram no decorrer do trabalho de campo e que também me ajudaram a desenvolver as análises que venho apresentando neste relato final. Trata-se, então, de indicar possibilidades de desdobramento da pesquisa e ensejar pistas para a formação de redes em que também percebia diferentes produções de ‘talentos esportivos’, as quais podem ser aprofundadas a partir da compreensão híbrida sobre o talento. Para ‘manter’ o talento em discussão, abordarei quatro ‘casos etnográficos’ que escolhi deixá-los ‘em aberto’, pois compreendia que aprofundar os relatos ‘na esgrima’ seria uma caminho profícuo para fomentar discussões com as leituras que vinha analisando sobre a noção de talento. Sendo assim, relatarei pontos centrais nos seguintes casos: o primeiro deles se refere a uma experiência em um curso de formação sobre a detecção de talentos promovido pelo CELAFISCS; no segundo caso abordarei uma experiência com leituras de diferentes pesquisas que foram oferecendo a possibilidade de pensar o talento por meio de um conceito de ‘objeto fronteira’; o terceiro apontarei o caso de um nadador que era ‘identificado’ como um talento até perder a chance de classificação para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016; por fim, apresentarei algumas considerações sobre a noção de talento que era colocada ‘em prática’ na ginástica artística no GNU.

Curso de Detecção do Talento Esportivo – Estratégia Z

Logo no início do trabalho de campo, momento em que já havia definido que o ‘talento’ seria meu objeto de pesquisa, passei a procurar os debates em que poderia encontrá-lo. Dessa forma, entrei em contato com o CELAFISCS e já em meus primeiros ‘garimpos’ encontrei um

‘Curso de Detecção do Talento Esportivo – Estratégia Z’. Realizei a minha matrícula e no dia oito de agosto de 2015 estava na sede do laboratório em São Caetano do Sul/SP.

Passei o dia ‘tentando’ aprender sobre estatística, absorvendo referências ‘internacionais’ sobre o talento esportivo, conhecendo caminhos de sistematização das avaliações físicas, conheci as baterias de testes que faziam parte da Estratégia Z, as quais, segundo os pesquisadores, seriam de baixo custo e aplicáveis “em qualquer lugar” (DC, 08 de agosto de 2015). Naquele dia, tivemos aula sobre ‘estágios de maturação sexual’ e realizamos aplicações dos testes em ‘casos hipotéticos’, nos quais o pesquisador oferecia as medidas e nós realizávamos os cálculos para sabermos quem ‘seria o talento’. Por fim, para terminar o dia, tivemos uma “Apresentação da revolucionária teoria ‘Estratégia Z - CELAFISCS na Detecção do Talento Esportivo’ e a “Apresentação de aptidograma de atletas olímpicos” (informações que estavam colocadas no programa⁶³ do Curso e foram registradas em meu DC no dia 08 de agosto de 2015).

Dentro os materiais que passei a reunir sobre o CELAFISCS encontrava uma retórica científica que utilizava-se de inúmeros gráficos, planilhas, testagens, premiações, artigos, vídeos, nomes de atletas, instituições, parâmetros estatísticos, referências internacionais, que iam produzindo uma noção de ‘talento esportivo’ tão factível que para dissuadi-la seria preciso ‘abrir todas as caixas’ que a engendrava. Cabe ressaltar, ainda, que ‘Estratégia Z’ foi desenvolvida na década de 80 e se mantém dentre as práticas daquele laboratório.

O talento como ‘objeto fronteira’

Esta análise tem como ponto de partida uma ampla pesquisa sobre produções acadêmicas em que a noção de talento ‘vem se mantendo’ na agenda e, principalmente, pela análise de textos em que autores recorrem a conceituações sobre ‘o talento’. Dentre esses ‘casos’, faço referência a pesquisa etnográfica de Cavichioli *et al.* (2011), na qual os autores recorrem a um conceito de talento que foi produzido em ‘outra’ esteira de debates, com referências mais próximos às ciências biológicas, colocados por Maria Tereza Böhme (2002). O conceito utilizado nesses dois trabalhos diz que “a definição de talento esportivo está relacionada com o seu processo de desenvolvimento, no qual estão incluídos os aspectos genéticos e do meio ambiente em que está inserido” (BÖHME, 2002, 110).

⁶³ Em anexo, adicionei o registro da programação disponibilizada no site do CELAFISCS.

Ao apresentar, brevemente, esse vínculo entre pesquisas colocadas em perspectivas diferentes, encontro a produção de um ‘talento’ conceitual que me parece tão amplo o ponto de poder fazer parte de diferentes trabalhos, como uma caixa-preta, sem oferecer algum prejuízo aos resultados apresentados em cada um deles. Essa análise que estou propondo, que vincula-se a uma rede de produção ‘desse talento’ que não descrevo nesse sucinto relato, parte do trabalho de Illana Löwy (1992) sobre o a formação da área da Imunologia. Em síntese, a autora mostra que o próprio desenvolvimento do campo aconteceu porque existia uma definição sobre a ‘Imunologia’ tão imprecisa que era capaz de envolver diferentes profissionais (biólogos e médicos) na produção de conhecimento da área. Assim, Löwy (1992) mostra que o conceito de ‘objeto fronteira’ indicava a presença de um núcleo, que permitia o diálogo entre esses profissionais, mas, ao mesmo tempo, as fronteiras eram ‘borradas’ ao ponto de cada um dos envolvidos compreender o campo por meio de suas referências.

Por meio desse caso relatado por Löwy (1992) que passei a considerar que, dentre as produções acadêmicas, um ‘conceito’ impreciso de talento permite não somente a possibilidade de pensá-lo em suas ‘flutuações’ e em sua produção a partir da associação de diferentes elementos, como viabiliza o desenvolvimento de pesquisas e a produção de conhecimentos.

Do ‘bolsa pódio’ ao ‘ex-talento’

Durante o trabalho de campo fiz algumas tentativas de me aproximar da natação que acontecia no GNU. Não sendo possível um acesso aos detalhes do dia a dia, devido a diferentes aspectos que conduziram o meu processo etnográfico, fui procurando pistas para tentar compreender o que fazia parte da narrativa de Arthur – treinador de natação – ao me dizer que “cai na água e já dá para ver” (DC, 12 de abril de 2016). Quais elementos faziam Arthur identificar um ‘talento’ para a natação de maneira tão rápida? Mobilizada por essa questão passei a acompanhar o caso de Thiago, um atleta do GNU que era reconhecido como uma ‘promessa’ para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro.

Logo nas minhas primeiras conversas, antes mesmo de receber a autorização para entrar no Clube, um dos Dirigentes Esportivos se refere ao atleta da seguinte forma: “o Thiago é o único caso de um ‘amadorismo marrom’ que temos aqui” (DC, 22 de outubro de 2015). No decorrer do trabalho de campo fui reunindo informações para compreender a trajetória de Thiago e porque ele estava sendo colocado em um lugar que me parecia diferente dos outros atletas. Certamente não se tratava de um auxílio financeiro ‘do Clube’ concedido apenas para Thiago, pois os ‘contratos’ na natação eram comuns. Nesse processo de acompanhar a carreira

do atleta, mesmo que um pouco mais distante do que vinha fazendo na esgrima e na ginástica, sabia que Thiago tinha uma ‘bolsa pódio’ que além de garantir o seu salário, ainda custeava as despesas com treinador e o seu preparador físico.

Se, por um lado, a trajetória de Thiago parecia ascendente, por outro, em sua última chance de classificação para os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, o atleta não conseguiu obter o ‘índice’ necessário e não classifica para o Jogos. Nesse processo, que gerou um afastamento do atleta dos treinos, percebo que as ‘chancelas’ que antes o definiam ‘deixaram de circular’. Esse caso me levou a considerar que além de uma produção do ‘talento’, seria preciso ‘mantê-lo’. Isso não foi possível na trajetória de Thiago, pois uma determinada ‘aliança’ não se efetivou e a sua rede ‘se rompeu’, o retirando da condição de um ‘talento da natação’ e de uma ‘promessa do clube’.

A ginástica artística e a produção do talento

Ao iniciar o trabalho de campo na ginástica artística percebia que o ‘talento’ era um elemento cotidianamente ‘em circulação’. Com frequência, encontrava os treinadores e treinadoras tecendo comentários que ao se remeterem à noção de talento pareciam acionar um elemento ‘balizador’ sobre o que um determinado atleta seria capaz de ‘performar’ e ‘os outros’ não – ‘esse’ talento, de rápida identificação e de longa produção, era o que ‘deveria ser encontrado’.

Dentre os meninos que faziam parte da equipe juvenil, fui acompanhando o caso de Lucas. Esse atleta era ‘quase’ uma unanimidade quando o quesito era a sua identificação com ‘talento’, pois o único que não o definiu dessa forma foi Paulo, o seu treinador. Ao me aproximar da história de Lucas e ao observar os treinamentos e competições da ginástica artística fui aprendendo que a produção do talento naquele coletivo dependia do manejo de diferentes elementos que passavam pela constituição de uma ‘performance corporal’ do atleta. Nesse sentido, passei a considerar que havia um cuidadoso ‘manejo de essências’, na esteira de debates de Latour (2008) sobre a produção de um ‘nariz’ capaz de identificar diferentes fragrâncias, para que Lucas fosse produzido como um atleta capaz ‘performar’ a ginástica artística ao ponto de mobilizar todos aqueles que estavam prontos para avaliá-lo.

Na entrevista com Paulo, retomei o assunto sobre essa definição do Lucas com um talento pelas pessoas com as quais conversava sobre o atleta e o treinador foi enfático ao afirmar que: “o que tu vê no Lucas é força” (Entrevista com Paulo, 21.12.2016). Em alguns dias

anteriores, durante o Festival de Ginástica que era organizando pelos professores das modalidades de ginástica artística e rítmica do GNU como um momento de confraternização, a equipe adulta (composta por meninos e meninas) decidiu se apresentar com um tema que remetia aos ‘super-heróis’ e a ‘super-heroínas’. Logo na primeira apresentação desse grupo, “em uma coreografia em que cada atleta realizaria um ‘salto de apresentação’, Lucas foi ‘deixado’ como o último ginasta e ao entrar correndo no ginásio e saltar vestido de ‘super-homem’ foi capaz de ‘levantar a arquibancada’ que o aplaudia em pé” (DC, 16 de dezembro de 2016). Por meio dessa pequena narrativa que retiro no diário de campo, posso mostrar que além da força, Lucas colocava diversos elementos ‘em ação’, os quais eram produzidos por meio de diferentes articulações anteriores que seriam ‘apagadas’ com suas performances. No entanto, ao ‘seguir-lo’ em sua trajetória cotidiana, percebia que assim como a ‘força’ estava colocada em sua avaliação, havia tantos outros elementos que vinham o produzindo como um talento esportivo.

A partir de todos esses casos que venho apresentando, passei a mostrar que compreender o talento por meio de concepções biológicas, ou a partir de suas representações ou, ainda, como uma complementariedade desses dois domínios enriquece a análise dentro de categorias que inviabilizam a movimentação desse ‘objeto’. Ao considerar o talento como um híbrido, evidencio a sua volatilidade em redes tão efêmeras quanto à capacidade de seus mediadores de manterem ‘determinados’ elementos associados. Compreender o talento a partir das possibilidades do que ele pode ‘vir a ser’ viabiliza acompanhar o processo de sua produção e os vínculos que fazem parte de sua sustentação, assim como, o que produz a partir de sua estabilização em determinados argumentos. Com essa análise, por um lado, como o risco de não colocar um ponto final a esta pesquisa, mas, por outro, tal perspectiva pode ajudar a colocar ‘outras’ questões ao debate na Educação Física e manter uma ‘caixa aberta’.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Edgard. Brasil já sabe como descobrir campeões. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 dez. 1993. Especial B. p.B5.
- ATHAYDE, Pedro Fernando Avalone. **O ornitorrinco de chuteiras**: determinantes econômicos da política de esporte do governo Lula e suas implicações sociais. 2014. 415f. Tese (Doutorado em Política Social) Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília, Brasília, 2016.
- ATHAYDE, Pedro Fernando Avalone; MASCARENHAS, Fernando; SALVADOR, Evilásio. Primeiras aproximações de uma análise do financiamento da política nacional de esporte e lazer no Governo Lula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.37, n.1, p. 1-10, 2015.
- BETTI, M. **Educação física e sociedade**: a educação física na escola brasileira de 1 e 2 graus. São Paulo: Movimento, 1991. v. 1. 230p.
- BÖHME, Maria Tereza Silveira. Talento Esportivo I: aspectos teóricos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 90-100, jul./dez., 1994.
- BÖHME, M. T. S. O talento esportivo e o processo de treinamento a longo prazo. In: DE ROSE, Dante. **Esporte e Atividade Física na infância e adolescência**: uma abordagem multidisciplinar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002. 136p.
- BÖHME, M. T. S. Talento Esportivo. In: GAYA, A.; MARQUES, A.; TANI, G. (Orgs.) **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004. 607p.
- BÖHME, M. T. S. O tema talento esportivo na ciência do esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, v.15, n.1, p. 119-126, 2007.
- BORGES, Flávia. S.; MATSUDO, Sandra M.; MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues. Perfil antropométrico e metabólico de rapazes pubertários da mesma idade cronológica em diferentes níveis de maturação sexual. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, São Paulo, v.12, n.4, p. 7-12, 2004.
- BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BOURDIEU, Pierre. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas/SP: Papyrus, 1996.
- BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos Cedes**, Campinas, a.XIX, n.48, p.69-88, ago., 1999.
- BRACHT, Valter. **Educação Física & Ciência**: cenas de um casamento (in)feliz. 2ed. Ijuí: Unijuí, 2003. 160p.
- BRACHT, Varter; ALMEIDA, Felipe Quintão. A política de esporte escolar no Brasil: a pseudovalorização da Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.24, n.3, p.87-101, mai., 2003.

BRACHT, Valter; ALMEIDA, Felipe Quintão. Esporte, escola e a tensão que os megaeventos esportivos trazem para a Educação Física escolar. **Em aberto**, Brasília, v.28, n.89, p.131-143, jan./jun., 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei nº 6.251**, de 08 de outubro de 1975. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Lei Nº6.251. Política Nacional de Educação Física e Desportos. Plano Nacional de Educação Física e Desportos**. Brasília, DF, 1976. 80p.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Supremo Tribunal Federal, 1988.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei número 9.394**, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Lei nº 10.891**, de 9 de Julho de 2004. Brasília, 2004.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Programa Atleta na Escola**: programa de formação esportiva escolar. Disponível em: <<http://atletanaescola.mec.gov.br/programa.html>>. Acesso em: 24 de março de 2017.

BRASIL. Ministério do Esporte. **Descoberta do Talento Esportivo**. Disponível em: <<http://portal.esporte.gov.br/snear/talentoEsportivo/default.jsp>>. Acesso em: 23 jun.2017.

BUENO, Luciano. **Políticas Públicas do Esporte no Brasil**: razões para o predomínio do alto rendimento. 2008. 314f. Tese (Doutorado em Administração Pública e Governo). Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo. 2008.

CARDOSO, Tarcísio de Sá. **A epistemologia da mediação em Bruno Latour**. 2015. 284f. Tese (Doutorado em Tecnologias da Inteligência e Design Digital) - Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2015.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Antônio. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: CARDOSO DE OLIVEIRA, Antônio Cardoso. **O Trabalho do Antropólogo**. Brasília/São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da Unesp, 1998, p. 17-35.

CASTELLANI FILHO, Lino. Digressões sobre a política esportiva no reino do faz-de-conta. **Revista Sprint**, a.4, v.3, Especial, 20-24, 1985.

CASTELLANI FILHO, Lino. **Política educacional e educação física**: polêmicas do nosso tempo. Campinas, SP: Autores Associados, 1998. 65p.

CASTELLANI FILHO, L. **Educação Física no Brasil**: a história que não se conta. 19ed. Campinas: Papyrus, 2013. 175p.

CAVICHIOILLI, F. R. *et al.* O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.25, n.4, p.631-47, out./dez. 2011.

CORRÊA, Arlindo Lopes. Apresentação. In: DA COSTA, Lamartine Pereira (coord.). **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional de Material Escolar, 1971.

DA COSTA, Lamartine Pereira. **Diagnóstico de Educação Física e Desportos no Brasil**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, Fundação Nacional de Material Escolar, 1971. 392p.

- DA COSTA, Lamartine Pereira. **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005. 924p.
- DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007. 360p.
- DAÓLIO, Jocimar. **Educação Física e o conceito de cultura**. Campinas: Autores Associados, 2004.
- DE ROSE, Eduardo Henrique. Depoimentos dos coordenadores e diretores do LAPEX. Entrevistadora: Janice Zarpellon Mazo. **Movimento**, Porto Alegre, a. VI, Edição Especial, p.23-29, 2000.
- DE ROSE, Eduardo Henrique; PIGATTO, Elisabeth; DE ROSE, Regina Celi FonticIELha. **Cineantropometria, Educação Física e treinamento desportivo**. Rio de Janeiro: Fundação de Assistência ao Estudante; Brasília: Secretaria de Educação Física e Desportos, 1984. 80p.
- DEBORTOLI, José Alfredo Oliveira; SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Cultura e habilidade: um diálogo entre a Educação Física e a Antropologia de Tim Ingold. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S338-S352, abr./jun. 2014.
- ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 152p.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.
- FELIPE, Stela Mirla da Silva *et al.* Prospecção tecnológica: testes genéticos aplicados ao exercício e ao esporte. **Revista GEINTEC**, Aracaju, v. 7, n. 2, p.3801-3811, abr/mai/jun, 2017.
- FLECK, Ludwik. **Gênese e Desenvolvimento de um Fato Científico**. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- FRANZINI, Fábio. Esporte, cidade e modernidade: São Paulo. In: MELO, Victor Andrade (org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p.49-70.
- FREITAS, Maitê Venuto. **A participação das crianças no esporte de alto rendimento: para além do 'como deve ser'**. 2015. 142f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- GAYA, Adroaldo; SILVA, G.; CARDOSO, M.; TORRES, L. Talento Esportivo: estudo de indicadores somatomotores na seleção para o desporto de excelência. **Revista Perfil** (UFRGS), Porto Alegre, v. 6, p. 86-96, 2003.
- GAYA, Adroaldo *et al.* Talento Esportivo: teoria e prática. **Anais...** Congresso Internacional dos Jogos Desportivos, Belo Horizonte, Minas Gerais, p.411-436, 2015.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.
- GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. **Nova sala de esgrima é inaugurada**. 2015a. Disponível em: <<http://gnu.com.br/2015/05/inaugurada-nova-sala-de-esgrima/>>. Acesso em: 26 de maio de 2017.
- GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. **União apresenta moderno espaço para a prática de esgrima Olímpica e Paralímpica**. 2015b. Disponível em: <<http://gnu.com.br/2015/05/uniao-apresenta-moderno-espaco-para-a-pratica-de-esgrima-olimpica-e-paralimpica/>>. Acesso em: 23 de novembro de 2016.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. Celeiro de Atletas: união incentiva a formação de atletas através de projetos e convênios. **União em Revista**, abr/maio, 2016. Disponível em: <https://issuu.com/uniao/docs/uni_o_em_revista_abril_maio>. Acesso em 14 de dezembro de 2016.

GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO. **Web série #GNUNORIO**. 2016b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=0KIlhcOd6u8>>. Acesso em: 23 de novembro de 2016.

GOELLNER, Silvana Vilodre; MAZO, Janice Zarpelon. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. In: MELO, Victor Andrade (org.). **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p.169-192.

GOMES, Ana Carolina Vimieiro; VIANA, Cássia Carla; RODRIGUES, Luiz Oswaldo Carneiro. História, Ciência e Educação Física: os 30 anos do Laboratório de Fisiologia do Exercício da UFMG, **Anais... XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, Recife, 2007.

GONÇALVES, Michelle Carreirão; VAZ, Alexandre Fernandez. Educação do corpo, dor, sacrifício: um estudo com competidores de atletismo. **Revista Iberoamericana de Educación** (Online), v. 58, p. 1-10, 2012.

GUTERMAN, Marcos. Médicos e o Futebol: a utilização do esporte mais popular do Brasil pelo governo mais brutal do Regime Militar. **Projeto História**, São Paulo, v.29, n.01, p.267-279, dez., 2004.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment: essays in livelihood, dwelling and skill**. London: Routledge, 2000.

INGOLD, T. "Pare, olhe, escute!" - um prefácio. **Ponto Urbe**, São Paulo, a.2, ed.3, jul., 2008.

INGOLD, T. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr., 2010.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (orgs.). **Objectos impuros: experiências em estudos sobre a ciência**. Porto: Afrontamento, 2008. p.39-61.

LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora**. 3ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011. 460p.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social: uma introdução à teoria Ator-rede**. Salvador: Edufba; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LATOUR, Bruno. Faturas/Fracturas: da noção de rede à noção de vínculo. In: SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos. (orgs.). **Políticas Etnográficas no Campo da Cibercultura**. Brasília, Joinville: ABApublicações, 2016. p. 67-90.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos**. Tradução Ângela Ramalho Vianna. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Introdução à obra de Marcel Mauss. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2015. p.11-46.

- LINHALES, Meily Assbú. **A trajetória do esporte no Brasil: interesses envolvidos, setores excluídos.** 1996. 242f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.
- LÖWY, Illana. The strength of loose concepts - boundary concepts, federative experimental strategies and disciplinary growth: The Case of Immunology. **History of Science**, Vol. 30, p.371-396, 1992.
- MACARINI, José Pedro. A política econômica do governo Médici: 1970-1973. **Nova Economia**, Belo Horizonte, n.15, v.3, p.53-92, set.-dez., 2005.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, 2002.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, a. 15, n. 32, p. 129-156, jul./dez., 2009.
- MANHÃES, Eduardo Dias. **Política de esporte no Brasil.** Rio de Janeiro: Graal, 1986. 136p.
- MANOEL, Edson de Jesus; CARVALHO, Yara Maria de Carvalho. Pós-Graduação na Educação Física Brasileira: A atração (fatal) para a biodinâmica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 389-406, maio/ago., 2011.
- MARCUS, George. Etnografia em/del sistema mundo: o surgimento de la etnografia multilocal. **Alteridades**, Distrito Federal, México, v.11, n.22, p.111-127, jul./dez., 2001.
- MARIANTE NETO, Flávio Py. **Jabs, diretos, low kicks e duble lags no processo civilizador: uma leitura elisiana das artes marciais mistas.** 2016. 190f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- MASCARENHAS, Fernando. "Lazerania" também é conquista: tendências e desafios na era do mercado. **Movimento**, Porto Alegre, v.10, n.2, p.73-90, mai/ago., 2004.
- MASCARENHAS, Fernando *et al.* O bloco Olímpico: Estado, organização esportiva e mercado na configuração da agenda Rio 2016. **Revista da Alesde**, Curitiba, v.2, n.2, p.15-32, out., 2012.
- MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; ARAÚJO, Timóteo Leandro; OLIVEIRA, Luís Carlos. Há ciência na detecção de talentos? **Revista Diagnóstico e Tratamento**, São Paulo, n.12, v.4, p.196-199, 2007.
- MATSUDO, Victor Keihan Rodrigues; RIVET, Ricardo E.; PEREIRA, Mônica H. N. Standard acore assessment on physique and performance of Brazilian athletes in a six tired competitive sports model. **Journal of Sports Sciences**, n.5, p.49-53, 1987.
- MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** 2 ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2015. 542p.
- MAZO, Janice Zarpelon. Os laboratórios de Pesquisa do Exercício: algumas considerações. **Movimento**, Porto Alegre, a.VI, Edição Especial, p.8-10, 2000.
- MAZO, Janice Zarpelon; FROSI, Tiago Oviedo. Em busca da identidade luso-brasileira no associativismo esportivo em Porto Alegre no princípio do século XX. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v.30, n.2, p.57-72, jan., 2009.
- MEDINA, João Paulo Subirá. **A Educação Física cuida do corpo...e "mente": bases para a renovação e transformação da Educação Física.** Campinas: Papirus, 1983. 96p.

MELO, Victor Andrade. **Cidade Esportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará/FAPERJ, 2001. 233p.

MELO, Victor Andrade. Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade (orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.35-70.

MELO, Victor Andrade. Corpos, bicicletas e automóveis: outros esporte na transição dos séculos XIX e XX. In: PRIORE, Mary Del; MELO, Victor Andrade (orgs.). **História do esporte no Brasil**: do Império aos dias atuais. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p.71-106.

MELO, Victor Andrade. **Os sports e as cidades brasileiras**: transição dos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. 356p.

MELO, Marcelo Paula; HÚNGARO, Edson Marcelo; ATHAYDE, Pedro Fernando. I Mandato Governo Lula da Silva-PT (2003-2006) e as políticas de esportes: aprofundamento e o projeto neoliberal. **Motrivivência**, Florianópolis, v.27, n.45, p.280-297, set., p.280-297, 201

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. 415f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MYSKIW, Mauro. Gestão e políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: um ensaio didático. **Apostila Didática**, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

NASCIMENTO, Edriane Lima. **Políticas Públicas e Esporte Educacional**: adeus ao atleta na escola? 2016. 197f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

PACHECO, A. C. **“É lazer, tudo bem, mas é sério”**: o cotidiano de uma equipe máster feminina de voleibol. 2012. 128 f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

PALMIÉRI, Júlio César Jatobá. **Quanto vale um talento?** Uma análise antropológica sobre a valorização e circulação dos jogadores de futebol profissional no mercado esportivo. 2009. 145f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009.

PAOLI, Próspero Brum. **Os estilos de futebol e os processos de seleção e detecção de talentos**. 187f. 2007. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

PAOLI, Próspero Brum *et al.* Representações identitárias no processo de seleção de talentos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 135-150, out./dez., 2010.

PAZIN, Nailze Pereira de Azevedo. **Esporte Para Todos (EPT)**: a reinvenção da alegria brasileira (1971-1985). 306f. 2014. Tese (Doutorado em História) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

PIVETTA, Marcos. DNA de campeão? **Revista Pesquisa da FAPESP**, São Paulo, ed.244, p.14-19, jun., 2016.

PORTO ALEGRE. **Lei Complementar nº 530**, de 22 de dezembro de 2005.

REIS, Nadson *et al.* Programa de formação esportiva na escola - atleta na escola: fundamentos lógicos e circunstâncias históricas. **Motrivivência**, Florianópolis, v.27, n.44, p.190-206, mai., 2015.

ROCHA, Maurício *et al.* **Fisiologia do Exercício**. In: DA COSTA, Lamartine (org.). Atlas do Esporte. Rio de Janeiro: Shape Editora, 2005. p.18.3-18.6.

RODRIGUES, Mosiah Brentano. **Programa Bolsa-Atleta e sua configuração no cenário esportivo brasileiro**. 2016. 113f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humanos) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

ROHDEN, Fabíola. **A arte de enganar a natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003. 248p.

SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Cosac Naify, 2010. 144p.

SILBERMANN, Marcos. O que é um atleta de ponto? Um estudo etnográfico sobre a formação de nadadores em busca da alta performance. In: SPAGGIARI, Enrico; MACHADO, Giancarlo Marques Carraro; GIGLIO, Sérgio Settani (orgs.) **Entre jogos e copas: reflexões de uma década esportiva**. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2016. 358p.

SILVA, Carolina Fernandes *et al.* Associações de remadores teuto-brasileiros em Porto Alegre (1917): recomposições identitárias em um conflito bélico. **Journal of Physical Education**, Maringá, v.27, n.1, p.1-12, 2016.

SILVEIRA, Raquel. **Vivendo ciências: as (co)existências de diferentes ontologias científicas da Educação Física**. 2016. 433f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016.

SILVEIRA, Raquel; PACHECO, Ariane Corrêa. Etnografias: relatos de experiências de pesquisas da Educação Física. In: VIII Congresso Sulbrasileiro de Ciências do Esporte, 2016, Criciúma. **Anais...** Criciúma: UNESC, 2016. p.1-15.

SOARES, Carmen Lúcia. **Educação Física: raízes européias e Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1994. 167p.

SOARES, Carmen Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola: jovens futebolistas na várzea paulista**. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2016. 452p.

STIGGER, Marco Paulo. **Esporte, lazer e estilos de vida: um estudo etnográfico**. Campinas: Autores Associados, 2002.

TANI, Go *et al.*. O day after Olímpico e a universidade. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 20, n. 4, p. 485-497, 4. trim. 2009.

TEIXEIRA, Márcia de Oliveira. A ciência em ação: seguindo Bruno Latour. **História, Ciências, Saúde - Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 265-289, mar./jun., 2001.

THOMASSIM, Luís Eduardo Cunha. **O “público-alvo” nos bastidores da política: um estudo sobre o cotidiano de crianças e adolescentes que participam de projetos sociais esportivos**. 2010.

297f. Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

THOMAZINI, Samuel Oliveira; MORAES, Cláudia Emília Aguiar; ALMEIDA, Felipe Quintão. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de Mixed Martial Arts. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.11, n.3, p. 281-290, set./dez., 2008.

TUBINO, Manoel José Gomes. **Repensando o esporte brasileiro**. São Paulo: IBRASA. 1988. 131p.

VAZ, Alexandre Fernandez. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. **Caderno Cedes**, a.XIX, n. 48, p.89-108, ago., 1999.

VERONEZ, Luiz Fernando Camargo. **Quando o Estado joga a favor do privado**: as políticas de esporte após a Constituição Federal de 1988. 2005, 370f. Tese (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e alma**: notas etnográficas de um aprendiz de boxe. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. 294p.

ZAMBELLI, Túlio. **Significados da natação para praticantes máster de um clube da cidade de Porto Alegre** - um estudo etnográfico. 2014. 129f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano) - Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A

TERMO DE CIÊNCIA E AUTORIZAÇÃO DO DEPARTAMENTO DE ESPORTES DO CLUBE GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO

Eu, _____, Gerente de Esportes do Clube Grêmio Náutico União, tenho conhecimento acerca da pesquisa que será realizada nas dependências do clube, intitulada “O ‘talento esportivo’ dentre arranjos cotidianos: a formação de um objeto para além de polarizações”. A pesquisa será desenvolvida pela aluna de doutorado Ariane Corrêa Pacheco, do Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob a orientação do professor Dr. Marco Paulo Stigger.

Atesto que recebi esclarecimentos sobre os objetivos e sobre a metodologia que será desenvolvida no estudo, estando ciente de que as observações e entrevistas poderão suscitar constrangimentos aos participantes, mas que isso será minimizado por constantes esclarecimentos que serão dados pelos pesquisadores, estes que estarão sempre disponíveis para tal. Também tenho ciência de que as informações obtidas pelas observações e entrevistas a serem realizadas, serão confidenciais, conhecidas apenas pelos pesquisadores envolvidos e utilizadas somente para objetivos acadêmicos. Além disso, a qualquer momento, poderei desobrigar-me das autorizações constantes nesse documento.

Tenho conhecimento de que a pesquisa não trará benefícios diretos ao clube e aos participantes, porém ela poderá oferecer ganhos indiretos, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado. A participação na pesquisa não acarretará ônus financeiro ao clube e não irá interferir no fluxo normal das atividades do Grêmio Náutico União.

Em caso de necessidade de maiores esclarecimentos, fui informado de que poderei contatar:

- o Professor Marco Paulo Stigger, responsável pela pesquisa (contatos)
- o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (fone 51-3308- 3738);
- a Escola de Educação Física da UFRGS (51-3308-5817).

Assim, autorizo o acesso dos pesquisadores aos treinos da/s equipe/s definida/s e concordo que sejam realizadas observações e entrevistas com treinadores e atletas, com a garantia da confidencialidade das informações que serão obtidas, as quais serão utilizadas para fins exclusivos da pesquisa acima nominada.

Nome/cargo

Porto Alegre, ____ de _____ de 2015.

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA COORDENADORES DO CLUBE GRÊMIO NÁUTICO UNIÃO

Eu, Ariane Corrêa Pacheco, doutoranda no curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o(a) convido a participar como voluntário(a) do estudo intitulado “O ‘talento esportivo’ dentre arranjos cotidianos: a formação de um objeto para além de polarizações”. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a responsabilidade do Professor Dr. Marco Paulo Stigger. Sua participação se constituirá em fornecer entrevistas aos pesquisadores e permitir que eles acompanhem os seu dia a dia de treinamento.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a circulação da noção de talento esportivo no dia a dia do esporte, buscamos entender de que maneira ela pode fazer parte da trajetória de atletas de alto rendimento e como ela vem sendo discutida entre diferentes pesquisas na área da Educação Física/Esporte.

Para o desenvolvimento dessa investigação serão realizadas observações sistemáticas somente nos treinos e campeonatos das equipes. Além desses momentos, serão desenvolvidas entrevistas com atletas e treinadores que estarão de acordo com a sua disponibilidade e necessidade desse estudo. Isso será feito a partir do momento que você autorizar que eu desenvolva a pesquisa de acordo com essa metodologia.

Todos estes procedimentos metodológicos não irão alterar a sua rotina de treinamentos e as informações obtidas pelas observações e entrevistas a serem realizadas serão confidenciais, conhecidas apenas pelos pesquisadores envolvidos e utilizadas somente para objetivos acadêmicos. Além disso, a qualquer momento, você poderá desobrigar-se das autorizações constantes nesse documento. Enfatizamos que o seu nome será mantido em absoluto sigilo. No entanto, se for de seu interesse, podemos divulgar sua participação na pesquisa.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não trará benefícios diretos para você, porém esperamos que o estudo ofereça ganhos indiretos, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado.

Antes de concordar em permitir o acesso dos pesquisadores aos treinos, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a pesquisa. Você tem o direito de vetar o acesso dos pesquisadores no estabelecimento a qualquer momento. Vale ressaltar que sua participação nessa pesquisa é gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isto aconteceu, favor remeter-se:

- o Professor Marco Paulo Stigger, responsável pela pesquisa (contatos)
- o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (fone 51-3308- 3738);
- a Escola de Educação Física da UFRGS (51-3308-5817).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____, estou de acordo em participar dessa pesquisa, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Data: ___/___/___

Assinatura: _____

APÊNDICE C

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA ATLETAS

Eu, Ariane Corrêa Pacheco, doutoranda no curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o(a) convido a participar como voluntário(a) do estudo intitulado “O ‘talento esportivo’ dentre arranjos cotidianos: a formação de um objeto para além de polarizações”. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a responsabilidade do Professor Dr. Marco Paulo Stigger. Sua participação se constituirá em fornecer entrevistas aos pesquisadores e permitir que eles acompanhem os seu dia a dia de treinamento.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a circulação da noção de talento esportivo no dia a dia do esporte, buscar entender de que maneira ela pode fazer parte da trajetória de atletas de alto rendimento e como ela vem sendo discutida entre diferentes pesquisas na área da Educação Física/Esporte.

Para o desenvolvimento dessa investigação serão realizadas observações sistemáticas durante os seus treinos e nos campeonatos em que você participar. Além desses momentos, serão desenvolvidas entrevistas com você e que estarão de acordo com a sua disponibilidade e necessidade desse estudo. Destacamos que entrevistaremos outros atletas que também estão participando de competições nacionais.

Todos estes procedimentos metodológicos não irão alterar a sua rotina de treinamentos e as informações obtidas pelas observações e entrevistas a serem realizadas serão confidenciais, conhecidas apenas pelos pesquisadores envolvidos e utilizadas somente para objetivos acadêmicos. Enfatizamos que o seu nome será mantido em absoluto sigilo. No entanto, se for de seu interesse, podemos divulgar sua participação na pesquisa.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não trará benefícios diretos para você, porém esperamos que o estudo ofereça ganhos indiretos, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado. Conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas em seres humanos no Brasil, os riscos em participar de um estudo são inevitáveis. No caso desta pesquisa, os riscos e incômodos que podem fazer parte da sua participação se referem a possíveis constrangimentos durante as observações e entrevistas.

Antes de concordar em participar da pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a pesquisa. Mesmo que já tenha dado a sua autorização, a qualquer momento você tem o direito de desistir de participar desse estudo e solicitar qualquer informação. Desta forma, caso alguma entrevista já tenha sido realizada, você terá o direito de requisitar a retirada das informações até então obtidas através da sua entrevista.

Vale ressaltar que a sua participação nessa pesquisa é gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isto está acontecendo, favor remeter-se:

- o Professor Marco Paulo Stigger, responsável pela pesquisa (contatos)
- o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (fone 51-3308- 3738);
- a Escola de Educação Física da UFRGS (51-3308-5817).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____, estou de acordo em participar dessa pesquisa, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Data: ___/___/___

Assinatura: _____

APÊNDICE D

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA TREINADORES

Eu, Ariane Corrêa Pacheco, doutoranda no curso de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, o(a) convido a participar como voluntário(a) do estudo intitulado “O ‘talento esportivo’ dentre arranjos cotidianos: a formação de um objeto para além de polarizações”. A pesquisa será por mim desenvolvida, sob a responsabilidade do Professor Dr. Marco Paulo Stigger. Sua participação se constituirá em fornecer entrevistas aos pesquisadores e permitir que eles acompanhem os seu dia a dia de treinamento.

Esta pesquisa tem por objetivo compreender a circulação da noção de talento esportivo no dia a dia do esporte, buscar entender de que maneira ela pode fazer parte da trajetória de atletas de alto rendimento e como ela vem sendo discutida entre diferentes pesquisas na área da Educação Física/Esporte.

Para o desenvolvimento dessa investigação serão realizadas observações sistemáticas somente nos seus treinos e nos campeonatos em que você participar. Além desses momentos, serão desenvolvidas entrevistas com você e que estarão de acordo com a sua disponibilidade e necessidade desse estudo. Destacamos que entrevistaremos outros treinadores e atletas que também estão participando de competições nacionais.

Todos estes procedimentos metodológicos não irão alterar a sua rotina de treinamentos e as informações obtidas pelas observações e entrevistas a serem realizadas serão confidenciais, conhecidas apenas pelos pesquisadores envolvidos e utilizadas somente para objetivos acadêmicos. Enfatizamos que o seu nome será mantido em absoluto sigilo. No entanto, se for de seu interesse, podemos divulgar sua participação na pesquisa.

É importante que você tenha o conhecimento de que a pesquisa não trará benefícios diretos para você, porém esperamos que o estudo ofereça ganhos indiretos, relativos ao avanço do conhecimento sobre o tema pesquisado. Conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta pesquisas em seres humanos no Brasil, os riscos em participar de um estudo são inevitáveis. No caso desta pesquisa, os riscos e incômodos que podem fazer parte da sua participação se referem a possíveis constrangimentos durante as observações e entrevistas.

Antes de concordar em participar da pesquisa, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento. Os pesquisadores deverão esclarecer todas as suas dúvidas antes de iniciar a pesquisa. Mesmo que já tenha dado a sua autorização, a qualquer momento você tem o direito de desistir de participar desse estudo. Desta forma, caso alguma entrevista já tenha sido realizada, você terá o direito de solicitar a retirada das informações até então obtidas através da sua entrevista.

Vale ressaltar que a sua participação nessa pesquisa é gratuita e não acarretará nenhum ônus para você. Caso os seus direitos sejam violados em algum momento, ou você sinta que isto está acontecendo, favor remeter-se:

- o Professor Marco Paulo Stigger, responsável pela pesquisa (contatos)
- o Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS (fone 51-3308- 3738);
- a Escola de Educação Física da UFRGS (51-3308-5817).

Ciente e de acordo com o que foi exposto anteriormente, eu _____, estou de acordo em participar dessa pesquisa, assinando esse termo de consentimento em duas vias, ficando com a posse de uma delas.

Data: ___/___/___

Assinatura: _____

APÊNDICE E

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM COORDENADOR DA ESGRIMA | GNU

1. TRAJETÓRIA

- Onde se formou? Fez especialização (pós-graduação)? Qual?
- Como começa na Esgrima? Narrativa da formação militar.
- Qual a trajetória até chegar ao Clube (passou por outros lugares que trabalhava com o esporte)? Trabalhou com esgrima em outros lugares?
- Como é a formação continuada em esgrima? Onde busca a informação?
- Quem são os principais contatos para troca de informações?
- Quais foram os momentos de mudança na carreira?

2. EQUIPE | TREINAMENTO

- Vejo que não são separados por turmas/equipes. Como acontece a divisão de trabalho?
- Por que a escolha por essa configuração?
- Como acontece o planejamento anual? Escolinhas vejo que tem um período de 'brincadeiras'. Por quê? Explorar que é diferente de outras modalidades (ESPÉCIE DE METODOLOGIA DA SALA).
- como vocês escolhem as brincadeiras para compor os treinos? Como se definiu essa metodologia?
- Como acontece o planejamento anual da equipe? Como se divide o treinamento? Como é a divisão pelas aulas individuais? Horário liberado para algumas pessoas e treinamento para outras? Há um número limite de faltas aos treinos?
- Há critérios já definidos para permanecer na equipe? Aconteceram casos de atletas que vocês decidiram não mantê-lo nos treinos? como é a cobrança por rendimento? O que se destaca no treinamento? Quando um aluno da esgrima se torna um atleta de esgrima? Quando passa da escolinha para a pré-equipe e dela para o adulto? Casos de alunos que 'fugiram' da regra.
- Como acontece a escolha por competições? Quais são as competições importantes? O que muda para essas competições? Atletas em que algumas competições foram determinantes.
- (situação) há casos de alunos que se destacaram em competições locais/regionais que foram convidados a treinar no GNU?
- Como se custeia a competição? Casos em que atletas recebem parte das despesas.
- Como acontece a gestão da carreira dos atletas? Quem você diria que é atleta profissional?
- Como o Clube trabalha na organização das carreiras? Contratos de trabalho?
- Como vocês decidem gastar o dinheiro do departamento? Reposição de materiais, custeio de viagens.
- Como é a comunicação com a gerencia de esportes sobre os valores a serem gastos?
- (situação) um aluno não tem como pagar a mensalidade. Ele fica na Esgrima? Existiram casos em que alunos em que o Clube investiu?
- Todos os atletas da equipe pagam a mensalidade? Quais não pagam? Quais os compromissos desses atletas?
- Como é a relação com a secretaria sobre o número de alunos em cada turma? Já tiveram problemas? Como conversam a abertura e o fechamento de turmas? Há possibilidade/meta de abertura de novas turmas?

3. SALA D'ARMAS | CLUBE

- Como foi o processo de construção da Sala D'Armas? Por que surgiu esse projeto? Como começam as primeiras negociações?
- Como e por que o clube decide investir na Esgrima?

- O que mudou para o dia a dia das esgrima e para o treinamento? Existe uma mudança nos resultados?
 - Como é o vínculo com a CBC? Quando inicia?
 - Quais programas governamentais a esgrima ou você tem vínculo? Bolsa Atleta?
 - Jogos Olímpicos fizeram diferença? Como? Explorar.
 - Como são os 'estágios' em outros lugares. Por que procuram a Sala do Clube e os atletas procuram outras salas? Parece que 'fazem girar' a esgrima.
- (CHILENOS; ARGENTINOS; ACADEMIA MILITAR)

4. SISTEMA DE BRASÕES

- Como surgiu o sistema de brasões? Quando?
- Onde vocês conheceram e como fizeram para trazer ele ao clube? Como foi a implementação?
- Tiveram mudanças durante o tempo? Por quê?
- Quem participou desse processo de 'adaptação' do sistema de brasões?
- O departamento de esportes está relacionado com essa metodologia de trabalho?

5. TALENTO

- (situação) Por várias vezes ouvi a expressão "esgrima é igual xadrez". O que isso quer dizer?
- Em outras modalidades a ideia de talento encontro fortemente presente. Como você enxerga isso? Como o talento está colocado na esgrima? O que se olha para dizer que algum é talentoso ou talentosa? Explorar a expressão. O que é ter talento? Você acha que o talento é específico para uma modalidade esportiva?
- Quem você diria que é talentoso na esgrima? Por quê?
- Qual a expectativa de detecção de talentos? Se mobilizam para isso?
- Existem alguns testes construídos por pesquisas direcionadas à identificação de talentos (PROESP; Estratégia Z). Quais são os testes na esgrima?
- De todos os que entram, quantos chegam ao alto rendimento?
- Se fosse olhar para as turmas, quem você diria que chegará ao alto rendimento? Por quê? Onde 'aperta' o gargalo?
- Tem algum aluno das equipes mais novas você definiria como talentoso ou talentosa? Explorar uma narrativa sobre essa pessoa.
- Explorar o Thomas, 'treina pouco' e incomoda 'muito' nos campeonatos.
- Explorar Henrique e Laís como destaques do Clube, como os novos que estão avançando.
- Explorar um narrativa sobre o Guilherme Toldo e o que ele significa para o Clube.
- Quais são talentosos na 'esgrima'? Explorar narrativas desses perfis.

6. ASSOCEPE

- Como começou a parceria com a Asasepode?
- O que significou o treinamento com os cadeirantes?
- Vínculos com o comitê paralímpico?
- Participação como treinador da seleção brasileira? Vínculo de patrocínio?
- Atletas tem bolsa ou apoio governamental?
- Como foi o tramite para vincular ao GNU? O que significou em resultado de competição?

APÊNDICE F

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM HENRIQUE | GNU

1. TRAJETÓRIA NO ESPORTE

- Quando começa na esgrima?
- Qual a experiência com outras modalidades? O que te fez ficar na esgrima?
- Como você avalia a trajetória desse ano? Qual o melhor ano?
- Como foi a rotina da escola com a rotina de treinamentos? Como é agora com a faculdade?
- Quando passou da escolinha para a pré-equipe? O que mudou? Qual a diferença entre a pré-equipe e a equipe?
- Se pensares na tua trajetória, quais são os pontos de inflexão (chaves)?
- Quais e como foram os estágios em outros centros de esgrima? Como você decidiu e conseguiu ir para outros lugares treinar? O que você aprendeu lá que não teria aqui? Onde morou?
- Quem são as pessoas que hoje estão envolvidas com tua carreira?
- Como a tua família e amigos estão colocados nessa tua carreira na esgrima?
- Narrativas de momentos positivos; narrativas de momentos negativos.

2. ROTINA DE TREINAMENTO

- Como é a tua rotina de treinamentos? Explorar grupo; individual com o Antônio; sozinho; fisioterapia; psicóloga; nutrição; medicamentos.
- Como são divididos os treinos? você pode faltar aos treinos? Existe algum critério para isso?
- Como você enxerga o sistema de brasões?
- Como narraria o processo de aprendizagem da Esgrima? Quais passos do que você foi aprendendo a fazer?
- Como você me explicaria que “esgrima é igual xadrez”?
- Quais e como você escolhe os materiais para utilizar?
- Recurso tecnológico na tua preparação? Imagem/vídeo? Exames laboratoriais?
- Como você analisa a mudança de sala em relação ao treinamento?
- Alguma vez já pensou em desistir?
- O que te faz ter vontade de treinar? E de competir? O que é um bom treino? O que é uma boa competição?
- O que mais ajuda em uma competição? O que mais atrapalha? O que faz ganhar? O que faz perder? Explorar uma narrativa de competições.
- Quais alterações você faria no seu treinamento? Por quê?
- Quem são as pessoas que você prefere jogar durante os treinos? Por quê?
- Como você avalia o ‘ranking’ na sua semana de treinamento?
- Você acompanha a trajetória de outros jogadores? Campeonatos?
- Você estuda táticas e estratégias da esgrima? Estuda adversários? Como você faz isso e com quem? Inclusive fora do treino? Por exemplo, assistir a outros jogadores ou jogadoras.
- Quem são tuas referências na esgrima? Por quê?
- Você já tem um ‘estilo de jogo’? Qual é e por quê?

3. EQUIPE GNU E INSTITUIÇÕES

- Quanto tempo você está na equipe? Qual a relação (vínculos) com a equipe extra treino?
- Em uma competição estadual ouvi uma definição do quadro da poule como ‘esquizofrênico’. O que isso queria dizer?
- Quem você acha que é o melhor jogador hoje? E jogadora? Por que a diferença?
- No ranking nacional absoluto você é o nono (atrás somente do Toldo, do Renan e do Pierre) e no juvenil és o terceiro (atrás do Thomas e do Rodrigo). Por que essa diferença?

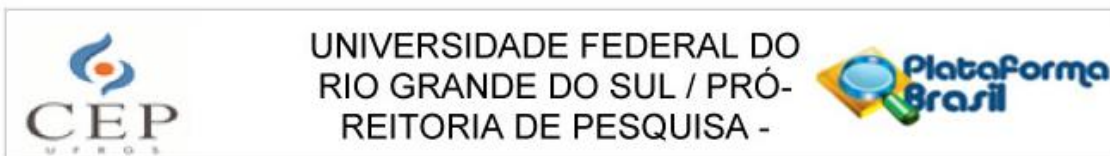
- Quem são as pessoas mais próximas de você na equipe?
- Achas que a classificação do Toldo e o resultado mudou algo na esgrima no Clube? E na equipe?
- Você recebe algum auxílio financeiro para treinar? E para viajar? Quem paga as tuas viagens e materiais?
- Como você vê a federação e a confederação na sua carreira?
- Você iria treinar em outro local se recebesse um convite? Já aconteceu alguma proposta de contrato? Os contratos são comuns na esgrima?
- Quem são tuas referências aqui no Brasil? Por quê?
- Como foi assistir e participar dos Jogos Olímpicos? Foi voluntário?
- Qual teu vínculo/ranking com a Federação Internacional?

4. PROJETOS

- quais são teus projetos na Esgrima? Como você vem trabalhando nele?
- enxerga a Esgrima como carreira profissional?
- como você enxerga sua ida para a Europa? Como chegou nesta ideia? O que você espera de lá?

ANEXOS

ANEXO A



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O 'talento esportivo' dentre arrajos cotidianos: a formação de um objeto para além de polarizações

Pesquisador: Marco Paulo Stigger

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 51276215.0.0000.5347

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.397.016

Apresentação do Projeto:

Retorno. Trata-se de pesquisa de doutorado desenvolvida por Ariane Corrêa Pacheco, sob orientação do professor Marco Paulo Stigger, do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/UFRGS). A pesquisa busca investigar o modo como a noção de "talento" é construída e aplicada na prática de esportes de alto rendimento. Para tanto, além de pesquisa bibliográfica e documental, é proposto um estudo etnográfico e entrevistas com atletas de alto rendimento de um clube esportivo da cidade de Porto Alegre. Serão selecionados 25 atletas da modalidade de esgrima do clube Grêmio Náutico União que participam de competições em nível nacional e que, pelas performances historicamente apresentadas, são considerados merecedores de investimentos por parte do clube, de patrocinadores e do governo federal. A análise de dados será elaborada por meio da triangulação de informações produzidas em observações participantes, obtidas através de narrativas produzidas em entrevistas e informações contidas em documentos levantados durante a pesquisa de campo. A partir desse cruzamento de informações serão construídas categorias de análise destinadas a mostrar processos de criação e sustentação da noção de talento esportivo em meio à prática do esporte de alto rendimento.

Objetivo da Pesquisa:

Como objetivo principal, a pesquisa busca "compreender como os arranjos cotidianos estabilizam

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 1.397,016

e sustentam uma noção de talento esportivo dentre os objetos da Educação Física." Como objetivos secundários, procura identificar como se sustenta o conceito de talento ligado às ciências biológicas e sociais; entender quais referências são utilizadas para a identificação de atletas talentosos; bem como compreender o modo como a noção de talento perpassa o cotidiano de atletas de alto rendimento.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa menciona risco mínimo ligado a "possíveis constrangimentos relativos à realização do estudo, especialmente no que se refere às entrevistas que se pretende realizar". Para sua minimização, o TCLE assegura plena voluntariedade do participante e a possibilidade de interromper a entrevista sem qualquer constrangimento. Não existem riscos físicos associados. Não há qualquer ganho financeiro ou benefício direto aos participantes. As contribuições teóricas são bem justificadas.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Sem comentários.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

As três versões do TCLE, destinadas a atletas, treinador e coordenador da equipe de esgrima, são reapresentadas com a devida correção das inadequações apontadas anteriormente, relativas sobretudo à não indicação de risco aos participantes e informações relativas à resolução 466/2012.

Em relação ao parecer da Compesq é apresentada apenas uma capturação de imagem de tela ("screenshot") da página da Compesq. Sugere-se ao pesquisador que, em encaminhamentos de seus próximos projetos ao CEP-UFRGS seja incluído parecer consubstanciado completo da COMPESQ.

Recomendações:

Sem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sugere-se aprovação do projeto.

Em relação ao parecer da Compesq é apresentada apenas uma capturação de imagem de tela ("screenshot") da página da Compesq. Sugere-se ao pesquisador que, em encaminhamentos de seus próximos projetos ao CEP-UFRGS seja incluído parecer consubstanciado completo da COMPESQ devidamente assinado.

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br



Continuação do Parecer: 1.397.016

Considerações Finais a critério do CEP:

Aprovado.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_554906.pdf	13/01/2016 10:58:06		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CORRECAO_13_01_TCLE_PARA_TREINADORES.pdf	13/01/2016 10:56:32	Marco Paulo Stigger	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CORRECAO_13_01_TCLE_PARA_ATELETAS.pdf	13/01/2016 10:55:57	Marco Paulo Stigger	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	CORRECAO_13_01_TCLE_PARA_COORDENADOR_DA_ESGRIMA_DO_CLUBE_GREMIO_NAUTICO_UNIAO.pdf	13/01/2016 10:55:17	Marco Paulo Stigger	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO_STIGGER.pdf	25/11/2015 09:53:14	Marco Paulo Stigger	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_AUTORIZACAO_CLUBE.pdf	25/11/2015 09:51:45	Marco Paulo Stigger	Aceito
Outros	PARECER_COMPESQ_ESEF.jpg	24/11/2015 09:17:08	Marco Paulo Stigger	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_QUALIFICACAO_DETALHADO.pdf	23/11/2015 22:24:04	Marco Paulo Stigger	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	23/11/2015 22:13:42	Marco Paulo Stigger	Aceito
Outros	QUALIFICACAO_APROVADO.pdf	23/11/2015 08:36:03	Marco Paulo Stigger	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha CEP: 90.040-060
UF: RS Município: PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 Fax: (51)3308-4085 E-mail: etica@propesq.ufrgs.br

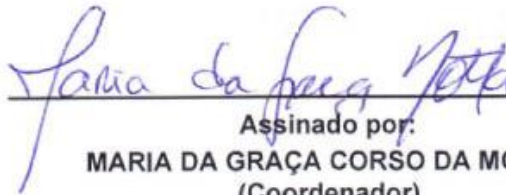


UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO GRANDE DO SUL / PRÓ-
REITORIA DE PESQUISA -



Continuação do Parecer: 1.397.016

PORTO ALEGRE, 28 de Janeiro de 2016



Assinado por:

MARIA DA GRAÇA CORSO DA MOTTA
(Coordenador)

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - Sala 317 do Prédio Anexo 1 da Reitoria - Campus Centro
Bairro: Farroupilha **CEP:** 90.040-060
UF: RS **Município:** PORTO ALEGRE
Telefone: (51)3308-3738 **Fax:** (51)3308-4085 **E-mail:** etica@propesq.ufrgs.br

ANEXO B



O CELAFISCS Medalha de Ouro no Congresso Pré Olímpico Barcelona 1992 com a Estratégia Z CELAFISCS.

Programa do curso de Detecção de Talentos

Início 09h00min às 09h30min	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Detecção de Talentos –"Histórico e Conceitos" <p>Palestrante: Dr. Victor Matsudo</p>
Avaliação Física pra Detecção de Talentos	
09h30min às 10h10min	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Sistematização da avaliação física para coleta de dados para detecção de talentos esportivos ✓ Composição da bateria de testes considerando a especificidade de cada modalidade esportiva <p>Palestrante: Prof. Ms. Luis Carlos de Oliveira</p>
10h10min às 10h30min - Intervalo da Manhã	
10h30min às 12h00min	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Uso da Auto Avaliação da Maturação Sexual para evitar equívocos de interpretação, resultados irreais identificações de talentos esportivos. <p>Palestrante: Prof. Ms. Luis Carlos de Oliveira</p>
12h00min às 13h30min Almoço -Estratégia Z CELAFISCS	
Retorno 13h30min às 14h30min	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Aplicação de estatística "Score Z" na Detecção de Talentos Esportivos ✓ Apresentação da revolucionaria: teórica, estratégia Z – "CELAFISCS na Detecção do talento esportivo". ✓ Apresentação de Aptidograma de atletas Olímpicos <p>Palestrante: Dr. Victor Matsudo</p>
14h30min às 14:50 -Intervalo da Tarde	
14h50min às 17h00min	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Detecção de talentos em Crianças e Adolescentes ✓ Exercícios práticos na Detecção de Talentos, uso dos valores normativos da população e das diferentes modalidades esportivas na aplicação dos conceitos de detecção de talentos. <p>Palestrante: Timóteo Leandro Araujo</p>
17h00min às 17h30min- Encerramento Colóquio com a Equipe CELAFISCS	

08 de Agosto – Das 8h30 às 17h30

Rua Heloisa Pamplona 269 São Caetano do Sul, Bairro Fundação.

Fone: 4229-8980 celafiscs@celafiscs.org.br